UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES

ANDRÉ BORTOLAZZO CORRER

Identidade tirolesa em Santa Olímpia (Piracicaba/SP): festas, tradições e memória.

São Paulo

2014

ANDRÉ BORTOLAZZO CORRER

Identidade tirolesa em Santa Olímpia (Piracicaba/SP): festas, tradições e memória.

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Filosofia do programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais.

Versão corrigida contendo as alterações solicitadas pela comissão julgadora em 26 de novembro de 2013. A versão original encontra-se em acervo reservado na Biblioteca da EACH/USP e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP (BDTD), de acordo com a Resolução CoPGr 6018, de 13 de outubro de 2011.

Orientadora:
Prof. Dr[a]. Valéria Barbosa de Magalhães.

São Paulo

2014

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO
Biblioteca
Escola de Artes, Ciências e Humanidades da
Universidade de São Paulo

Correr, André Bortolazzo
Identidade tirolesa em Santa Olímpia (Piracicaba/SP) : festas, tradições e memória / André Bortolazzo Correr ; orientadora, Valéria Barbosa de Magalhães. – São Paulo, 2014.
212 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, em 2013.
Versão corrigida.

1. Festas populares - Piracicaba, SP. 2. Imigração italiana – Piracicaba, SP. 3. Tirol. 4. Imigrantes italianos - História - Piracicaba, SP. 5. Identidade cultural. I. Magalhães, Valéria Barbosa de, orient. II. Título.

CDD 22.ed. – 398.0981

CORRER, André Bortolazzo.

Identidade tirolesa em Santa Olímpia (Piracicaba/SP): festas, tradições e memória.

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Filosofia do programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais.

Aprovado em: 26 / 11 / 2013

Banca examinadora:

Prof.ª Dr.ª Célia Regina Pereira de Toledo Lucena

Instituição: CERU/USP

Prof.ª Dr.ª Soraia Ansara

Instituição: EACH/USP

Prof.ª Dr.ª Valéria Barbosa de Magalhães - Orientadora

Instituição: EACH/USP

Dedico este trabalho e a pesquisa realizada aos meus avós, que fizeram parte da construção social e histórica desse país, descendentes de tiroleses e italianos, pela herança recebida, o respeito ensinado e a vida.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é uma arte! Muitas vezes bela, admirável e agradável. Outras vezes, não tão livre, não tão solta, não sem regras.
Por isso saber agradecer é ser artista da própria vida, reconhecendo nela os traços que mais dão vida a essa arte, as notas que mais alegram essa canção.
Agradeço a todos aqueles que compõem esse mosaico musical que é minha vida...
Em primeiro lugar, aqueles que começaram a primeira canção da minha vida, meus pais, Eliseu e Vera; e com eles, meus avós Mario, Josephina, Américo e Adelina, por comporem junto essa melodia. Aos meus irmãos, cunhados e sobrinhos, parceiros na execução dessa música que venho tocando ao longo dos meus dias.
Os amigos são os que entram na canção quando menos se espera e dão um brilho especial com os mais variados instrumentos. Os amigos da vida, da escola, da igreja e do trabalho. A todos vocês, obrigado pela música que tocamos juntos diariamente.
Agradeço também aos colegas de mestrado pelas trocas de experiência, de teoria, de desabafos ou simplesmente por terem entrado na partitura por algum tempo.
Sem uma pauta organizada, a música não acontece, por isso agradeço aos funcionários da EACH, em especial da Pós, que ajudaram a manter a música.
Aos mestres da EACH e de fora dela, que foram colocando acessórios, bases e vida a esse mestrado, em especial, José Carlos Vaz, Wagner Iglecias, Vivian Urquidi, Cristina Pompa, José Renato Campos Araújo e todos os demais, da Graduação e da Pós, que concorreram para que a canção não saísse de sua linha melódica.
Em especial, agradeço a Valéria, minha orientadora, incentivadora e paciente arranjadora dessa melodia. Obrigado por me ajudar a não sair da pauta, a escrevê-la com mais competência, rigor e fundamentação.
No entanto, essa canção seria desfalcada se não fossem as vozes dos descendentes de tiroleses e moradores do bairro de Santa Olímpia, que deram o tom de destaque e preencheram a música que aqui lhes apresento. Meu respeito, admiração e simpatia pela história, pela cultura e pelo "ser tirolês" que vocês constroem a cada dia.
Finalmente, ao grande maestro, aquele que mais que ninguém conhece a melodia, conhece as notas exatas e as dissonantes, que rege toda essa orquestra e torna essa vida cada dia mais melódica. Ao Deus da minha vida, meu respeito, amizade e amor!

Um popol tenace produce la terra,
Che indomiti sensi, nel cuore rinserra.
Italico cuore, Italica mente,
Italica lingua che parla la gente!

INNO AL TRENTINO.

RESUMO

CORRER, André B. **Identidade tirolesa em Santa Olímpia (Piracicaba/SP):** festas, tradições e memória. 2014. Dissertação (Mestrado) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

Este trabalho consiste de uma análise das festas e tradições dos descendentes de tiroleses do bairro de Santa Olímpia, em Piracicaba, interior de São Paulo, buscando entender seu papel na construção da identidade tirolesa em Piracicaba, por meio da história oral, da memória e da observação participante. De modo concreto, no recorte de pesquisa, cinco festas foram escolhidas: a de Nossa Senhora, em maio; a da Cuccagna, no Carnaval; a da Polenta, em julho; a da Imigração, em Novembro; e o Mercadín, em dezembro. Elas são objeto de estudo porque representam, em certa medida, a construção identitária do "ser tirolês" em Santa Olímpia. Para a compreensão da temática, além da participação nas festas, quinze descendentes foram entrevistados, a partir da lógica das redes de entrevistas. A base teórica utilizou-se das temáticas da imigração, das festas e da identidade, em uma análise crítica do processo migratório do grupo em questão, que se utiliza dos festejos para construir uma identidade tirolesa que nunca existiu, mas se faz presente nesse imaginário coletivo criado no bairro ao longo desses 120 anos de existência. Todo esse processo encontra na religiosidade uma forma de garantir certo controle e manutenção dos costumes da comunidade, em especial, por meio do poder que a igreja católica vem mantendo no bairro e na sociedade ao longo dos séculos. Como conclusões, tem-se que a imigração foi um dos incentivos para a formação de um país com diversas identidades e, ao mesmo tempo, garantiu a vocação agrária do país, até hoje discutida nas esferas macroeconômicas. Não há uma identidade tirolesa real, trazida pelos imigrantes e mantida ao longo do tempo, uma vez que esta foi sofrendo influências tanto do Brasil, quanto de outras nacionalidades, sendo que a cultura italiana é significativamente reivindicada pelos moradores de Santa Olímpia nesse contexto do "ser tirolês". Essa identidade, permeada por uma italianidade e uma religiosidade fortíssimas, é uma construção recente, com finalidades específicas de autoafirmação, incentivo ao turismo e visando a coesão do grupo. As festas, por meio de seus mais diversos elementos, aqui analisados detalhadamente, são a principal forma de se perpetuar essa identidade idealizada e fortalecer as reivindicações de descendência e pertencimento a essa categoria cultural.

Palavras-chave: Imigração, tiroleses, festa, memória, identidade, história oral.

ABSTRACT

CORRER, André. B. **Tyrolean identity in Santa Olímpia (Piracicaba/SP):** festivities, traditions and memory. 2014. Dissertação (Mestrado) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

This research consists of an analysis about festivities and lores of Tyrolean descendants from *Santa Olímpia* district, *Piracicaba/SP*. Its aim is to understand the function of festivities on construction of Tyrolean identity in *Piracicaba*, through oral history and memory, as well as observing these festivities in loco. Five festivities were chosen as research outline: Madonna, on May; *Cuccagna*, at Carnival; *Polenta*, in July; Immigration, in November; and *Mercadín*, in December. These festivities are object of studying because represent, somehow, the identity construction of "being a Tyrolean" in *Santa Olímpia*. To understand the subject, besides my participation in festivities, fifteen descendents were interviewed, based on interviews networks. As theoretical framework, it was used immigration, festivities and identities thematic, in a critical analysis of migratory process about these groups at stake who use these celebrations to construct a Tyrolean identity that never existed, but it is present in the collective imagination created in the district over these 120 years. The background of this whole process, there is religiosity in order to ensure some control and maintenance of community customs, particularly through the power of the Catholic Church has been maintaining in the district and in the society over the centuries. As conclusions, the immigration was the great promoter of the generation of a multicultural country and, at the same time, secured the agrarian vocation of the country, which is still discussed in the macroeconomic spheres. There isn't a real Tyrolean identity brought by the immigrants and maintained over the time, since this identity was influenced both from Brazil and other nationalities, and that Italian culture is meaningly claimed by residents of *Santa Olímpia* in this context "being a Tyrolean". This identity, permeated by a very strong Italianity and religiosity, it is a recent construction, with specific purposes of self-affirmation, tourism incentive and seeking group cohesion. The festivities, through its various elements analyzed here in detail, are the main way of perpetuating that identity idealized and strengthen the claims of descent and belonging to this category cultural.

Keywords: Immigration, Tyrolean, festivities, memory, identity, oral history.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Mapa Atual da Região de Trento, Itália. 17
Figura 2 - Rede de Entrevistados 34
Figura 3 – Árvore Genealógica Família Jacob Correr e Rosa Pompermayer. 45
Figura 4 – Escolas Reunidas de Sant'Anna. 89
Figura 5 - Trajes Femininos: Grupo de Danças Infanto-Juvenil. 153
Figura 6 – Trajes Femininos e Masculino: Grupo de Danças Adulto. 153
Figura 7 – Detalhe de Traje Masculino: Grupo de Danças Adulto. 155
Figura 8 – Mercadín de Nadal, 2011. 168
Figura 9 – Festa da Polenta, 2011: acesso. 170
Figura 10 – Festa da Polenta, 2011: quadros. 171
Figura 11 – Festa da Polenta, 2011: nona. 172
Figura 12 – Festa da Polenta, 2011: placa. 172
Figura 13 – Festa da Polenta, 2011: placa 2. 173

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 13
As festas e o bairro de Santa Olímpia 15
Problematizando: objetivos da pesquisa 20
1. METODOLOGIA, PROCEDIMENTOS E DESCRIÇÃO DA PESQUISA. 25
1.1. Entrevistas temáticas: ouvir o objeto 26
1.2. Coleta de dados: as entrevistas e os entrevistados. 32
1.3. A transcrição: descrever o objeto 37
1.4. Observação Participante: olhar o objeto 38
2. O TIROLÊS DE SANTA OLÍMPIA: RAÍZES, IMIGRAÇÃO E HISTÓRIA. 44
2.1. Os patriarcas Jacob Correr e Rosa Pompermayer e seus filhos 44
2.2. Teorias migratórias e os tiroleses 46
2.3. Pesquisas quantitativas: principiando a discussão 47
2.4. Teorias econômicas 49
2.5. Olhando além de questões econômicas 55
2.6. O dialeto tirolês 62
2.7. Subjetividade e imigração 68
2.8. A imigração sob a ótica das questões familiares e geracionais 71
3. SANTA OLÍMPIA: HISTÓRIA, CONTEXTO, TRADIÇÃO E DESAFIOS. 82
3.1. Piracicaba 82
3.2. Santa Olímpia e seus arredores: formação econômica e social 84
4. CULTURA, TRADIÇÃO E FESTAS NO BAIRRO DE SANTA OLÍMPIA. 96
4.1. A festa 105
4.2. As festas em Santa Olímpia: um breve descritivo 108
4.2.1. Festa de Nossa Senhora 108
4.2.2. Festa da Polenta 109
4.2.3. Mercadín de Nadal ou Mercadinho de Natal 113
4.2.4. Festa da Cuccagna e Carnaval em Santa Olímpia 114
4.2.5.Festa da Imigração: aniversário de fundação do bairro 116
4.3. Temáticas das festas e seus elementos constitutivos 117
4.3.1. Preparativos 118
4.3.2. Abertura 121
4.3.3. Envolvimento da comunidade 124
4.3.4. Público externo: turistas e visitantes 128

4.3.5. Participação/envolvimento do poder público e patrocinadores 131
4.3.6. Grupos Corais 135
4.3.7. Canções 140
4.3.8. Grupos de dança 147
4.3.9. Trajes 151
4.3.10. Teatro 156
4.3.11. Cardápio: Comidas e bebidas 160
4.3.12. Decoração 167
4.3.13. Religião e os rituais religiosos 174
4.3.14. Acontecimentos marcantes 184
4.3.15. Museu de Santa Olímpia 187
4.3.16. Mudanças significativas das festas ao longo do tempo 189
4.3.17. Curiosidades 192
4.3.18. Projeção para o futuro: o turismo cultural 193
CONCLUSÃO 196
REFERÊNCIAS 200
WEBSITES CONSULTADOS 206
APÊNDICE 1: Carta de Cessão de Entrevista 207
APÊNDICE 2: Tabelas com Dados dos Entrevistados 209

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo analisar as festas dos descendentes de tiroleses do bairro de Santa Olímpia, em Piracicaba, interior de São Paulo. Pretendo entender seu papel na construção da identidade tirolesa em Piracicaba, por meio da história oral e do uso da observação participante.

Este trabalho surgiu de minhas inquietações pessoais, um descendente de tiroleses, sobre o que significa "ser tirolês" no Brasil[1]. Entretanto, não pretendo falar de qualquer identidade tida por tirolesa, visto que há diversos modos, lugares e definições sobre o "ser tirolês" ao redor do mundo, bem como no Brasil. Desejo discutir e conhecer acerca de um sujeito social inserido em um grupo específico, que se autointitula tirolês, que vive no bairro rural de Santa Olímpia, no município de Piracicaba, interior do estado de São Paulo, e que compartilha certa identidade construída coletivamente. É esta construção identitária tirolesa, inserida em seu ambiente específico, que pauta a presente análise.

Hoje, os "tiroleses" de Santa Olímpia passam da quinta geração, não havendo mais nenhum tirolês vivo de primeira geração. Assume-se aqui a discussão de gerações adotada por Portes e Min Zhou, em que a primeira representaria os imigrantes, já a segunda, os filhos de imigrantes nascidos na terra de destino, e assim sucessivamente, conforme se lê no seguinte trecho:

> Research on the new immigration - that which arose after the passage of the 1965 Immigration Act - has been focused almost exclusively on the first generation, that is on adult men and women coming to the United States in search of work or to scape political persecution.[2]
>
> PORTES & MIN ZHOU, 1993, p.75

Diante do fato de um grupo que se autoidentifica como tirolês, em Piracicaba, baseado em uma memória coletiva, que fomentou uma ideia de "tirolesidade", surgem algumas

---

[1] O que entendo por "ser tirolês" reflete a construção identitária dos moradores do bairro de Santa Olímpia, que se autointitulam como tiroleses. Essa análise do "ser tirolês" é o pano de fundo do presente trabalho e vai perpassar toda a discussão. Não pretendo analisar o "ser" em suas características psicológicas ou sob óticas dessa natureza, apenas é utilizada a designação "ser" com o objetivo de representar uma ação, ou seja, o fato de os moradores realizarem essa reivindicação identitária.

[2] "Pesquisas sobre a nova imigração - que surgiu após a aprovação da Lei de Imigração 1965 - têm-se centrado quase exclusivamente na primeira geração, isto é, em homens e mulheres adultos vindo para os Estados Unidos em busca de trabalho ou para escapar da perseguição política." – Tradução própria.

inquietações: o que significaria esse “ser tirolês”? Quais seriam os elementos da memória coletiva que sustentariam essa identidade tirolesa em Santa Olímpia? O que é esse “ser tirolês”, sendo que o Tirol sequer existe nos dias de hoje nos mesmos moldes em que existiu no período da imigração dos antepassados desses indivíduos? Qual o papel das festas religiosas para a construção dessa identidade e quais os elementos que as festas privilegiaram como constitutivos deste “ser tirolês”? Quais os elementos de memória coletiva desse grupo que são privilegiados na construção de sua identidade? Em que medida essa identidade tirolesa em Santa Olímpia absorveu ou rejeitou ou mesclou ou reconstruiu elementos do Brasil, do Tirol Histórico e da atual configuração tirolesa na Europa (Itália e Áustria)? Para entender essas questões, serão trabalhados conceitos como identidade, assimilação e famílias na imigração.

Tais problemáticas sempre permearam minha experiência e vieram ao encontro de questões acadêmicas encontradas ao longo da formação que tive. Com relação às questões pessoais envolvidas na pesquisa, vale destacar ainda a proximidade pessoal com o objeto de pesquisa, por ser descendente de quinta geração dos tiroleses que viveram em Santa Olímpia.

Apesar de não residir no bairro estudado e de não vivenciar cotidianamente essa identidade tirolesa, as motivações por buscar maior conhecimento da minha história pessoal também impulsionam a presente pesquisa. Os meus avós paternos, Mário Correr (terceira geração) e Josephina Christofoletti Correr (terceira geração), nasceram e viveram no bairro de Santa Olímpia, até por volta da década de 1940, quando se casaram e tiveram os primeiros filhos. Pela necessidade de empregar-se fora do bairro, em virtude do grande crescimento das famílias, e em busca de melhores condições de vida, mudaram-se para a zona urbana do município de Piracicaba, onde permaneceram até a sua morte. Seus onze filhos foram criados fora do bairro, mas, atualmente, parentes residem no bairro: irmãos, sobrinhos e demais familiares deles.

Nesse sentido, a suposta proximidade com o objeto de pesquisa acabou não sendo tão “próxima” como se imagina. Nas considerações sobre metodologia, discutirei mais a fundo o fato de que, apesar de muitos dos entrevistados serem meus parentes (ainda que distantes), a maioria deles não me era conhecida antes da realização deste trabalho.

Com relação às questões acadêmicas, esta pesquisa originou-se em trabalhos anteriores, em que também analisei grupos sociais representativos da cidade de Piracicaba, tais como: o meu trabalho de iniciação científica, intitulado “Identidade, Religiosidade Popular e Políticas Culturais: o caso da Festa do Divino em Piracicaba”, tratando das festas e

da religiosidade, com aproximadamente dois séculos de história no município e o meu trabalho de conclusão de curso da graduação em Gestão de Políticas Públicas, pela Universidade de São Paulo, intitulado "Fé, política e identidade: reflexões sobre as Comunidades Eclesiais de Base", no qual trabalhei sobre a organização social e as relações sociais no Brasil nas últimas décadas, por meio do catolicismo, considerando também a questão dos tiroleses de Santa Olímpia.

O ponto em comum entre minhas pesquisas anteriores e o presente trabalho é a religiosidade como fator determinante para a compreensão da identidade do grupo estudado, além das festas realizadas pelo grupo e a mobilização social e cultural dos grupos envolvidos.

O estudo que aqui se apresenta não esgota as possibilidades analíticas e nem todos os ângulos do complexo objeto que se propõe estudar. Dentro dos limites deste projeto, procuro, entretanto, proceder a um trabalho profundo e rigoroso sobre as festas da comunidade[3] tirolesa de Santa Olímpia.

Destacam-se também as fontes de pesquisa utilizadas: pesquisa bibliográfica e documental; entrevistas temáticas com relatos de descendentes de tiroleses escolhidos a partir de critérios pré-estabelecidos pela história oral (utilizando-se a dinâmica das redes na definição dos entrevistados); e observação participante das festas que ocorrem no bairro, selecionadas a partir de alguns elementos específicos, conforme destacarei a seguir.

As festas e o bairro de Santa Olímpia

O objeto de estudo deste trabalho constitui-se das festas realizadas, anualmente, na Colônia Tirolesa de Piracicaba, mais especificamente no bairro de Santa Olímpia, município de Piracicaba, interior do estado de São Paulo.

No recorte do objeto, escolhi cinco festas: a de Nossa Senhora, em maio; a da Cuccagna, no Carnaval; a da Polenta, em julho; a da Imigração, em Novembro; e o Mercadín, em dezembro. Estas festas caracterizam-se como objeto de estudo porque acredito que sejam as responsáveis, em certa medida, pela construção de uma identidade daquele grupo que se

---

[3] O termo "comunidade" será assumido, neste trabalho, conforme o uso que o próprio grupo pesquisado faz do mesmo. Não ignoro que há na Antropologia e em outras áreas do conhecimento uma extensa discussão a esse respeito, porém para os propostos, o termo comunidade terá denotação de bairro, lugar onde se vive junto, local onde se compartilham determinados modos de viver, conforme os entrevistados deram a ver.

compreende enquanto tirolês no contexto local. O tema das festas é constante na literatura antropológica e sociológica, em especial, nos estudos de comunidades específicas. Na prática, as festas encontram repercussão em todos os grupos sociais, das pequenas comunidades locais aos grandes centros urbanos.

O bairro de Santa Olímpia possui atualmente mais de oitocentos (800) moradores[4], sendo eles, em sua maioria, descendentes de tiroleses, das diversas gerações. Dentre os não descendentes, conhecidos no bairro como os "de fora"[5], há os que são casados com descendentes de tiroleses e algumas poucas famílias que se mudaram para o bairro nas últimas décadas[6]. A religião católica é predominante no bairro, que possui uma única igreja, não havendo templos de outras denominações religiosas.

Segundo Grosselli (1986, apud LEOPOLDINO, 2009)[7], emigraram para a América vinte e três mil, oitocentos e quarenta e seis (23.846) tiroleses trentinos entre 1870 e 1889, o que representava quase 7% da população da Província Autônoma de Trento, sendo o Brasil o país que mais recebeu esses imigrantes. Outro dado do mesmo autor indica ainda que cerca de trinta mil (30.000) tiroleses vieram para o Brasil entre os anos de 1870 e 1940.

A primeira destas famílias do núcleo tirolês de Santa Olímpia a chegar ao Brasil foi a de nome Stênico, provinda do Distrito de Romagnano, em 1877. Após sua partida da Europa, acabou também por motivar outras famílias e, no final do ano de 1881, deixaram o Tirol as famílias Correr, Forti, Brunelli e Pompermayer, também do distrito de Romagnano; Degaspari, do distrito de Sardagna; e Christofoletti, do distrito de Cortezano (LEOPOLDINO, 2009, p.87-88). Todos esses distritos compunham o Trentino e hoje fazem parte da Província Autônoma de Trento. Aqui pode ser visto um exemplo da teoria das redes na imigração que será discutida, neste trabalho, sob a ótica de Boyd (1989) e Tilly (1990), ou seja, a motivação para imigrar ocorre, além de outros fatores, pelo fato de haver relações com um grupo que já

---

[4] IBGE, 2010. Sinopse do Censo 2010 por setores. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopseporsetores/>. Último acesso em 16 nov 2012.

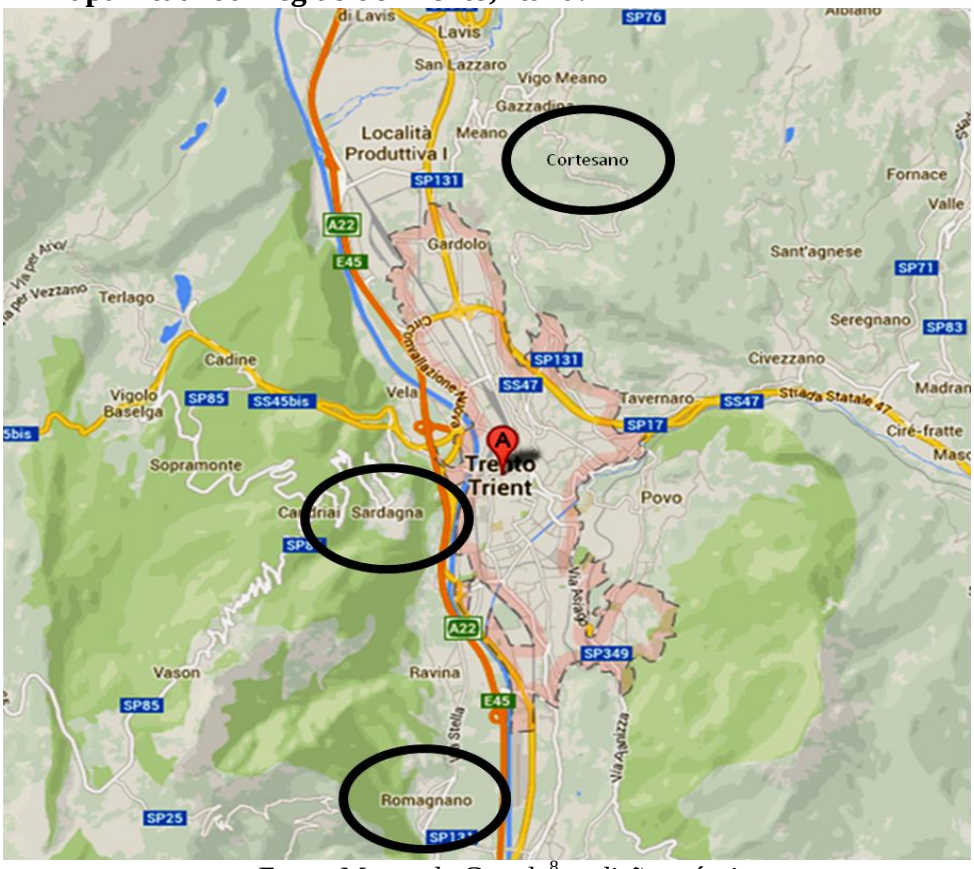
[5] Esse termo é usado para caracterizar os não descendentes, como no exemplo a seguir, retirado da entrevista de Ivan Correr: "E hoje quando as famílias vêm a gente fica com um pé atrás mesmo, então, por exemplo, a minha esposa vai levar a sina que ela é de fora para o resto da vida, porque a gente não consegue falar que ela é de fora, tem essa relação próxima com ela com a minha esposa, mas não adianta que ela, ela é de fora, mas ela envolve e trabalha com isso..."

[6] Ao longo do trabalho, será discutida a situação dos não descendentes de tiroleses no bairro, a aceitação e as relações com a comunidade.

[7] Neste caso, utilizo fonte secundária, devido à dificuldade em encontrar a obra de Grosselli, bem como a limitação da leitura, uma vez que a obra original não possui tradução do italiano.

fez o percurso anteriormente e que ligam país de origem e destino.

Figura 1- Mapa Atual da Região de Trento, Itália.



Fonte: Mapas do Google[8] - edição própria.

Essas seis grandes famílias aportaram com o navio alemão Frankfurt em 24 de dezembro de 1881, no Rio de Janeiro, e desembarcaram definitivamente na cidade de Santos-SP no dia 29 de dezembro do mesmo ano. Da cidade de Santos, seguiram diretamente para Campinas, interior de São Paulo, onde já haviam firmado contrato de trabalho na Fazenda Sete Quedas, de propriedade de Joaquim Bonifácio do Amaral (o chamado Visconde de Indaiatuba). O contrato de trabalho foi de colonato, sob regime de parceria na produção.

Após algum tempo, em 1886, os contratos de trabalho na Fazenda Sete Quedas encerraram-se e os colonos acabaram por se estabelecer na região de Piracicaba, também interior de São Paulo, encontrando trabalho na fazenda Monte Alegre (LEME, 2001, p. 54).

---

[8] Disponível em <https://maps.google.com.br/maps?q=cortesano+trento&ie=UTF-8&hq=&hnear=0x478270a631bb7133:0xa070989ae9c2680,Cortesano+TN,+Rep%C3%BAblica+Italiana&gl=br&ei=BTc-UrL5B4S88ATfhoGQDQ&ved=0CHUQtgMwCg>. Acesso em 21 set 2013.

Passados mais quatro anos, em 1892, com o dinheiro economizado, essas famílias que viviam na Fazenda Sete Quedas, e, posteriormente, na Fazenda Monte Alegre, uniram suas economias e compraram a Fazenda Santa Olímpia, no mesmo município de Piracicaba. Iniciou-se, assim, naquele ano, a fundação daquele que se tornaria o bairro rural de Santa Olímpia. Seus principais núcleos familiares eram formados por dez grandes famílias advindas da região do Trentino, a saber: Correr, Pompermayer, Stênico, Christofoletti, Brunelli, Degaspari, Forti, Veneri, Negri e Zotelli (LEOPOLDINO, 2008). Destas famílias, inúmeros descendentes ainda vivem no bairro, outros foram para a cidade, como a minha família, porém todas elas ainda possuem representantes na comunidade.

Com relação à economia, inicialmente os colonos trabalharam em Santa Olímpia com o café, pois o elevado preço obtido na exportação ainda fazia com que seu cultivo fosse rentável, até início do século XX. Com a crise do café e, posteriormente, a quebra da bolsa de Nova Iorque, em 1929, teve início o cultivo de algodão e, em seguida, o de cana de açúcar. Em menor escala, principalmente, nas economias domésticas, eram cultivados arroz, milho, feijão e hortaliças, além da criação de animais. Uma das tradições contadas pelos moradores é a produção, em núcleos familiares, do vinho caseiro. O cultivo da cana-de-açúcar, por sua vez, ainda é mantido por algumas famílias locais, mas, hoje, em larga escala para comercialização e não para o consumo interno (LEOPOLDINO, 2008).

A infraestrutura urbana da região (água encanada, pavimentação, rede de esgoto, energia elétrica, telefone etc.) era muito pequena, em especial pela distância da zona urbana da cidade: ali havia apenas uma serralheria e a luz elétrica veio em meados da década de 1950. Só então, algum progresso chegou ao bairro.

Com relação à cultura, tenho a hipótese de que a distância entre o bairro e o centro urbano de Piracicaba contribuiu para a manutenção de certos hábitos tiroleses, como as celebrações religiosas, algumas festas e o dialeto, mantidos muito mais pelo sentido de preservação da tradição, do que pela vivência interna do grupo.

Mais recentemente, os moradores de Santa Olímpia passaram a buscar, juntamente com outros grupos de descendentes de tiroleses no Brasil e em outros países da América, a dupla cidadania (brasileira/italiana). Na última década, a Itália abriu a possibilidade de descendentes de tiroleses solicitarem a cidadania italiana, já que o território de origem (trentino) atualmente pertence a esse país. Suponho que, mais do que uma aproximação cultural, essa cidadania italiana é uma possibilidade da aquisição do passaporte europeu, facilitando a entrada desses descendentes no continente para estudos e negócios.

Nesse contexto, uma relevante discussão sobre a estratégia de uso da identidade para determinados fins pode ser pensada, ou o que se poderia chamar de negociação identitária. Os moradores de Santa Olímpia ora invocam a identidade tirolesa para atender a alguns objetivos, ora invocam a identidade brasileira para outros e ora invocam a identidade italiana, como nesse caso da dupla cidadania. Nesse sentido, surgem alguns questionamentos: como as diferentes identidades – a italiana, a brasileira ou a tirolesa – são evocadas, e para que fins, dentro do bairro de Santa Olímpia? O que significa um descendente de tirolês afirmar, em certo momento de sua vida, que é italiano, a fim de alcançar um documento? Qual a relação estabelecida pelos moradores entre o "ser tirolês" e o "ser italiano" hoje? A ideia dessa reivindicação motivada de uma ou mais identidades será desenvolvida nos capítulos a seguir.

Ao longo do ano, a Associação de Moradores de Santa Olímpia e a igreja católica organizam diversas festas, que, segundo seus organizadores, dentre outras finalidades, visam: apresentar aos visitantes um pouco da cultura local, inspirada na região de origem de seus antepassados, o "Tirol Histórico"; manter a união e a coesão do grupo; e cultuar os antepassados. O discurso oficial da igreja católica com relação às festas traduz-se sempre na liturgia, ou seja, no culto à Virgem Maria nas festas a ela dedicadas e na celebração da eucaristia, principal momento celebrativo do cristianismo.

Assumo, neste trabalho, o termo "típico" como algo que caracteriza a identidade tirolesa em Santa Olímpia. Ao longo do texto tratarei de temáticas como dança, cantos, comida, sempre seguidas deste termo, significando aquilo que é característico do "ser tirolês". É uma nomenclatura utilizada pelos próprios descendentes quando querem se referir a algo que simbolize essa reivindicação identitária. O curioso é que esse termo pode se referir tanto ao que é realmente tirolês quanto às marcas incorporadas do italiano.

Diante do recorte do objeto, esta pesquisa pretende articular as festas com outras temáticas de grande relevância nos estudos culturais, como a imigração e a identidade. Inserido na linha de pesquisa "Cultura, Política e Identidades" do programa de mestrado em Estudos Culturais, o trabalho trata também da conceituação e das correntes de pensamento centrais acerca da cultura, identidade, memória, tradições, festas, dentre outras.

A imigração foi responsável pela complexa convivência cultural ocorrida entre os diversos povos no Brasil e em outros países, em especial no final do século XIX e início do século XX. Por esse motivo, ela teve um papel essencial nos estudos culturais, levando-se em conta tanto as sociedades de origem quanto as de destino, as mudanças demográficas, o sentido da imigração, os desdobramentos e a realidade atual dos grupos migrantes,

especialmente, do ponto de vista da identidade.

A identidade não se esgota em definições estanques e pontuais. Ela é uma das expressões mais fortes da cultura de um povo, quer na identificação das tradições e costumes (que também são mutáveis no tempo e espaço), quer na transmissão de valores e crenças religiosas. Por esse motivo, a intenção é realizar uma análise identitária a partir das festas, em especial as festas religiosas, característica do objeto de estudo que se repete em muitos dos grupos de imigrantes europeus contemporâneos ao grupo em questão. O conceito de identidade, amparado nas bases teóricas dos estudos culturais[9], também será trabalhado.

Estudar os tiroleses de Piracicaba não é novidade. Alguns pesquisadores dedicaram a eles suas teses de mestrado e doutorado, bem como seus projetos de pesquisa[10]. Por outro lado, considero relativamente pequena a quantidade de estudos específicos sobre os imigrantes tiroleses, o que revela uma lacuna de pesquisa a ser preenchida no rol de estudos sobre a composição da imigração para o estado de São Paulo e para o Brasil. Além disso, cada abordagem centra-se em uma parte desse mosaico cultural e social que representa a colônia tirolesa de Piracicaba, abrindo muitas outras questões e caminhos para a investigação. Leopoldino (2011) e Leme (2001) estudaram especificamente as populações de Santa Olímpia e do bairro vizinho Santana, porém com viés para as questões linguísticas.

O presente trabalho, portanto, é específico no sentido em que discute a identidade tirolesa de Santa Olímpia sob a ótica das festas.

Problematizando: objetivos da pesquisa

A vida pacata no pequeno bairro rural de Santa Olímpia talvez engane, à primeira vista, aqueles que pensam que a colônia tirolesa é um ambiente neutro de tensões e conflitos. O embate entre tradição e modernização, abertura e afirmação identitária, coesão e multiplicidade de visões, diferenças entre gerações, é uma constante na vida cotidiana do bairro habitado majoritariamente por descendentes de tiroleses e agregados.

Dentre as principais diferenças internas e conflitos, destaco a saída diária de parte dos indivíduos das gerações mais jovens do bairro (quarta e quinta gerações) com o objetivo de

---

[9] Discussão fundamentada em Agier (2001), Hall (2006) e Woodward (2000).
[10] Dentre os autores, destaco Leopoldino (2009) e Leme (2001).

cursar uma universidade ou em busca de empregos, fenômeno que se acentuou após a década de 1980, quando as condições de transporte público e privado melhoraram para os moradores. Esse movimento pendular de saída durante o dia e retorno para a casa no período noturno é responsável por intensas trocas culturais com os "de fora" e por questionamentos por parte dos próprios descendentes de tiroleses sobre sua identidade. Há indícios de que a comunidade tenha se aberto ainda mais com o advento da internet e outros meios de comunicação, que favoreceram a entrada de outros elementos culturais, como canções e danças, no bairro.

Em relação às festas, algumas questões motivaram esta pesquisa, primeiramente com relação ao papel destas e sua relação com esses complicadores da identidade tirolesa. O problema de pesquisa, portanto, constitui-se em verificar de que maneira as festas realizadas na colônia refletem interesses pelos quais determinados sujeitos marcam sua existência por meio da identidade tirolesa e a projetam para os demais moradores do bairro.

Além disso, pretendo verificar qual o sentido assumido pelas festas em relação ao cotidiano dos tiroleses em Santa Olímpia, ou seja, à vida social e ao trabalho. Assim, a hipótese a ser verificada é de que as festas pretendem ser um modo de se identificar perante os "de fora", especificamente no cotidiano, que é muitas vezes de enfrentamento cultural, bem como possibilitar um ambiente seguro para a autoafirmação tirolesa em Piracicaba.

Diante desta última afirmação, o problema de pesquisa enfatiza a tensão entre identidade e diferença, responsável por caracterizar uma necessidade de afirmação dos tiroleses enquanto grupo dentro da cidade, sendo que as festas podem estar ligadas à luta por reconhecimento social e cultural. Para tanto, estabeleci também a hipótese de que as festas são planejadas e executadas a fim de conceder visibilidade e reconhecimento à população que compartilha a identidade tirolesa e às suas tradições, reduzindo os estereótipos negativos e buscando uma maior afirmação frente ao outro, isto é, o não tirolês.

Tendo em vista toda essa discussão, os objetivos específicos do trabalho são:

a. Descrever o contexto histórico-social que levou ao incentivo para a imigração de europeus, a partir do século XIX para o Brasil, no qual se inserem os imigrantes tiroleses;
b. Verificar se o modo de vida dos descendentes de tiroleses apresenta elementos que indiquem uma tentativa de assemelhar-se a práticas culturais dos antepassados, que viviam no Tirol, especialmente no modo de festejar e de se viver em comunidade;
c. Verificar se as festas favorecem um sentimento coletivo de pertencimento a determinada categoria cultural, aqui compreendida como a descendência tirolesa

em Santa Olímpia;

d. Verificar como a identidade religiosa e cultural tirolesa em Santa Olímpia se manifesta nos festejos locais e na vida cotidiana dos descendentes dos tiroleses;
e. Buscar compreender se o papel da igreja católica, ao longo da história do bairro, tem relação com o modo de vida dos moradores e as festividades ao longo do tempo e com a constituição de uma identidade tirolesa na cidade.

Diante dos objetivos apresentados, a presente pesquisa é importante pela relevância do grupo estudado no contexto da cidade de Piracicaba e do interior de São Paulo como um todo.

No panorama municipal, esse grupo que compõe o bairro de Santa Olímpia apresenta grande expressividade em diversas áreas, seja na cultural propriamente dita (pois as festas e suas manifestações atraem ao bairro uma quantidade de visitantes dez vezes superior à população ali residente), seja na política (representatividade junto à Prefeitura Municipal e à Câmara de Vereadores), seja ainda na educacional (sendo que a escola pública estadual do bairro apresentou em 2012 os melhores resultados em avaliação externa no Ensino Médio do Estado de São Paulo[11]). Com relação à economia local, a produção de cana de açúcar acabou ficando nas mãos de poucos latifundiários descendentes de tiroleses, enquanto a produção local de vinho vem ganhando força nos últimos anos com a criação da Cooperativa dos Produtores de Vinho dos bairros de Santana e Santa Olímpia. No entanto, grande parte dos moradores possui hoje profissão fora do bairro, trabalhando nas indústrias de base dos municípios de Piracicaba e Charqueada.

Finalmente, a estrutura deste trabalho está dividida em quatro partes, a saber: a discussão metodológica, dos procedimentos e descrição da pesquisa; as questões migratórias e o estudo do grupo; o contexto do município de Piracicaba e a formação do bairro, a identidade nos estudos culturais e a questão das festas e identidade tirolesas.

Na discussão metodológica, este trabalho está amparado pelo método da história oral e pela técnica da observação participante. Serão discutidas as principais questões teóricas sobre a metodologia empregada no trabalho de campo, os procedimentos metodológicos utilizados e a descrição da pesquisa, bem como a indicação do processo de análise dos dados coletados.

O segundo capítulo levanta questões sobre a teoria da imigração e suas diferentes fundamentações, passando pelas teorias macroestruturais, microeconômicas, culturais, sociais,

---

[11] Fonte: Idesp, 2012. Disponível em: <http://idesp.edunet.sp.gov.br/boletim_escola.asp?ano=2012>.

comunitárias, individuais e subjetivas, visando apontar a pertinência dessas abordagens a este trabalho. A partir dessa discussão, busco entender o contexto da imigração tirolesa para o Brasil, em especial para o interior de São Paulo, caracterizando o grupo em questão, sua organização histórica e social. Nesse contexto ainda, analiso a imigração tirolesa sob a ótica das problemáticas familiares, geracionais e linguísticas.

Em seguida, no terceiro capítulo, discorro sobre o contexto geográfico, histórico, econômico e social da colônia tirolesa de Santa Olímpia, aprofundando dados e informações sobre o município de Piracicaba, o bairro e seus arredores.

Ainda nesse mesmo âmbito, discuto, na última seção, pelo viés dos estudos culturais, a identidade do grupo pesquisado, relacionando essa identidade com a imigração, a partir da análise dos dados da pesquisa, em especial do aprofundamento das entrevistas das histórias pessoais dos entrevistados e da observação participante das festas, abordando questões teóricas sobre cultura e identidade, com vistas a compreender o significado atribuído pelo grupo às festas e à caracterização do “ser tirolês” em Santa Olímpia.

CAPÍTULO 1:

METODOLOGIA, PROCEDIMENTOS E DESCRIÇÃO DA PESQUISA.

1. METODOLOGIA, PROCEDIMENTOS E DESCRIÇÃO DA PESQUISA.

As Ciências Humanas possibilitam ao seu investigador o uso de uma gama de métodos e práticas de pesquisa. Por esse motivo, torna-se indispensável a escolha consciente da metodologia a ser utilizada, em especial nos trabalhos de campo que demandam o contato direto com o objeto de pesquisa.

Neste trabalho, a pesquisa bibliográfica versou sobre temas relacionados às imigrações, vinculando os temas mais gerais com a imigração tirolesa para o Brasil. Outras questões relativas ao tema também foram utilizadas para compreender o contexto histórico e cultural dos tiroleses em Santa Olímpia. As festas, sua essência, o papel da cultura e outras temáticas relativas a isto também se constituíram como base teórica.

Aliada às questões teóricas, optei por realizar uma pesquisa documental, com vistas a complementar informações colhidas nas entrevistas. Para tanto, utilizei documentos civis (certidões de nascimento, casamento, óbito) e fotografias de acervo pessoal, herdadas de meu avô paterno Mario Correr, que arquivou muito da documentação de seu ramo familiar e cópias de documentos de seus antepassados. Além disso, os moradores também forneceram cópias de documentos históricos arquivados no bairro.

Dentre as fontes documentais mais significativas, destaco: o testamento civil e o testamento "espiritual"[12] de Maria Correr Stênico, a Zia Maria. Filha de Jacob Correr e Rosa Pompermayer, Zia Maria foi uma das maiores lideranças do bairro no início do século XX, sendo considerada por muitos a mão de ferro da preservação religiosa e cultural do bairro. Seus testamentos trazem muitos elementos da história da imigração e da vida no bairro nas primeiras décadas e são muito considerados pelos moradores, por esse motivo serviram de fonte a este trabalho.

Além da pesquisa bibliográfica e documental, escolhi a história oral como método principal de pesquisa, tendo como técnicas as entrevistas temáticas e a observação participante. Estas duas técnicas possibilitaram-me ampliar a compreensão das festas e da vivência em comunidade, bem como do "ser tirolês" em Santa Olímpia, para a compreensão

---

[12] Testamento espiritual é o nome dado à carta deixada por Zia Maria para seus familiares antes de sua morte, no qual deixa as diretrizes para seus descendentes não se afastarem da fé católica que ela defendeu durante sua vida.

do objeto de pesquisa e para alcançar os objetivos pretendidos.

A história oral permitiu, através das entrevistas com os descendentes de tiroleses de Santa Olímpia, entender como a sua identidade é elaborada individual e coletivamente, na vivência no bairro, em especial na participação nas festas. Já a observação participante nas festas, permitiu um registro detalhado e, ao mesmo tempo, um olhar crítico sobre as formas de organização social e identitária que delas emergem.

A seguir, comentarei as entrevistas temáticas e a observação participante dentro de seus arcabouços teóricos e metodológicos (história oral e etnografia), enquanto práticas de pesquisa para o desenvolvimento do trabalho, e justificarei seu uso. Também descreverei a realização da pesquisa de campo, a escolha das festas a serem observadas, a seleção dos entrevistados e outros detalhes das técnicas de pesquisa.

1.1.Entrevistas temáticas: ouvir o objeto

A história oral começou a ser utilizada como metodologia de pesquisa, a partir da década de 1950, com a popularização do gravador. Somente na década de 1970 é que ela chegou de fato ao Brasil. No entanto, foi a partir de 1990 que historiadores, cientistas sociais, antropólogos e outros pesquisadores brasileiros passaram a utiliza-la com mais intensidade como uma das possibilidades metodológicas para construção do conhecimento.

Segundo Lang, a origem dessa metodologia na pesquisa de campo brasileira se dá por meio de duas vertentes: a moderna história oral americana e a história de vida com base nos estudos franceses e italianos. Desde meados da década de 1950, Bastide introduziu a técnica das histórias de vida nas pesquisas realizadas na Universidade de São Paulo (USP). Desse trabalho inicial, ainda arcaico, com técnicas de registro por meio de anotação (o uso de gravador ainda não estava difundido), iniciou-se uma tradição do uso da pesquisa qualitativa que levou à criação do CERU – Centro de Estudos Rurais e Urbanos na USP, em 1964 (LANG, 2011, p.125-126).

A vertente americana, desenvolvida na Universidade de Colúmbia, em meados da década de 1940, só chegou ao Brasil em 1975, através de um curso na Fundação Getúlio Vargas que levou à criação do CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (LANG, 2011, p.126).

Essas duas vertentes (americana e francesa) continuam presentes nas discussões atuais sobre história oral no Brasil e no mundo, sendo que os centros criados, nesse período, permanecem até os dias atuais como produtores e multiplicadores da reflexão sobre essa metodologia.

Para servir a esses objetivos, independentemente da vertente seguida, a história oral utiliza diversas técnicas de pesquisa, tais como: depoimentos, testemunhos e interpretações sobre os fatos históricos passados, observados sob o olhar do presente, principalmente sobre a chamada história recente. Desse modo, a entrevista de história oral não se constitui como a história em si, mas em um depoimento sobre a história vivida (DELGADO, 2006, p.17). Mais do que uma reconstrução fotográfica do passado, a história oral é composta de forma significativa por interpretações, conscientes ou inconscientes, de um passado, que pode ser real, vivido, imaginado, projetado ou simplesmente desejado.

A história oral é, portanto, um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si para registrar depoimentos sobre a experiência humana, com base na memória e em outros fatores subjetivos. Portanto é, ao mesmo tempo, método e fonte na produção do conhecimento (FREITAS, 2006, p.18). Tem como objetivo gerar modos diversos de registrar a vida social e de desvelar aspectos não aparentes e não conscientes para os atores envolvidos (CARDOSO, 1986, p.102-103).

Atualmente, há uma disseminação da história oral para áreas como Antropologia, Sociologia, Ciência Política e História. Isso se explica pelo fato de que a história oral, ao contrário de um *survey*, deixa o entrevistado mais livre para falar, aprofundando a construção de uma narrativa do “eu”, sem se fechar em questões pontuais (DEBERT, 1986, p.141).

Nos trabalhos sobre imigração, esse fato se repete, utilizando a história oral como fonte complementar na construção de conhecimento, pois ela auxilia a revelar a combinação dos fatores que levaram o indivíduo a migrar; e reduz, portanto, o risco de observar a imigração como fenômeno monocausal, possibilitando a combinação das macroteorias com as microteorias explicativas (THOMSON, 2002, p.344).

McCleary (2011, p.105) destaca que a história oral tem como propósito “trazer de volta para a História (e a história acadêmica) as muitas vozes que ficaram de fora dos documentos, e deixá-las falarem por si”. Assim, é uma alternativa e ao mesmo um tempo um

complemento à base documental de uma pesquisa.

Com relação às entrevistas em si, Cándida-Smith[13] destaca a importância da permanência do entrevistador com o entrevistado para aprofundar os laços e estabelecer relações mais profundas. Levando-se em conta que sempre se aprende mais com a entrevista do que é necessário para o objetivo proposto da pesquisa, deve-se sempre ir mais além ao se apresentar a fala do entrevistado, evitando minimalismos e vazios narrativos (CÁNDIDA-SMITH, 2011, p.155). Um exemplo disso, nessa pesquisa, foi a relação estabelecida com Maria Cecília Stênico[14], o primeiro contato de pesquisa em Santa Olímpia. Por diversas vezes, antes de realizar a gravação da entrevista, fui até sua casa, sentei-me na varanda com ela, sua família e amigos e "bati bons papos". Essa intimidade ou proximidade com o entrevistado favorece o entendimento de certas lógicas do indivíduo e do grupo, possibilitando uma melhor análise do que é narrado ou contado.

Ainda, segundo Cándida-Smith, a entrevista gera uma situação em que passado distante e passado recente fundem-se, mesclam-se e confrontam-se no gravador, não havendo um sequencial cronológico na narrativa. Além disso, as entrevistas permitem a identificação de histórias individuais e coletivas, mas quem fala é um indivíduo, não uma comunidade, e sempre é necessário apresentar o contexto em que foi produzida e o contexto histórico e social da história contada.

Com relação às estratégias analíticas para que as entrevistas falem ao público, em primeiro lugar, Cándida-Smith (2011, p.157) destaca que a história oral, para além dos aspectos psicológicos individuais, tem sempre uma perspectiva social e um problema histórico, refletidos nas histórias de vida e nas vivências coletivas. Ela olha para o passado e projeta um futuro e isso deve estar claro para o autor e também deve aparecer ao leitor, na medida em que os projetos de história oral exploram temas importantes para os debates históricos, como é o caso do presente trabalho.

Na medida em que olha para o passado, sendo a história oral calcada na construção do

---

[13] CÁNDIDA-SMITH, Richard. Curso "Fontes Orais: Arquivos e Interpretação". FFLCH: USP, agosto de 2011. Registro Próprio

[14] Maria Cecília Stênico Correr, 73 anos, dona de casa e proprietária de uma loja de materiais para construção no bairro, cursou apenas o antigo primário. É casada com Orlando Correr, descendente de tiroleses e teve oito filhos, sendo que cinco moram em Santa Olímpia. É descendente de 3ª geração dos imigrantes e atua em vários grupos dentro da igreja e na organização das festas, sendo responsável pela barraca das lembranças e por buscar patrocínios para as festas.

relato, a memória passa a ser um tema importante para qualquer trabalho que utilize esse método. Passerini[15] destaca que a memória como temática de pesquisa emerge no pós-colonialismo, momento histórico em que os países europeus passam a reconhecer a independência de suas colônias, em especial os países africanos. Esse período, segundo a autora, caracteriza-se por uma abertura para a imigração que gerou grandes questões étnicas e religiosas, que, décadas depois, continuam no centro do debate. Diante desse contexto pós-colonial, com quebras das barreiras nacionais e com a construção das sociedades transnacionais e transculturais, duas grandes questões emergem para os estudos de história e da cultura: a memória e a utopia.

A memória refere-se a uma construção subjetiva do passado, por parte daquele que conta a história (PASSERINI, 2011, p.7). Na história oral, a memória é fator essencial e tema recorrente nas discussões desse método de pesquisa. A utopia, por sua vez, é a prospecção do futuro, ou seja, uma meta, nem sempre alcançável, ou um desejo de onde se pretende chegar. Fala-se, vale ressaltar, de uma memória histórica, não da memória fisiológica.

A relação entre memória e utopia é uma relação entre passado e futuro colocados no presente. Isso significa que a memória e a utopia também são componentes do tempo presente. Ao se trabalhar com história oral, deve-se levar em conta essa relação e o seu significado na produção do depoimento e da narrativa do entrevistado[16].

A memória é o subsídio da história oral, que por sua vez é um dos caminhos para a produção do conhecimento histórico. Essa memória muitas vezes pode assumir um papel para além do individual, tornando-se social (DELGADO, 2006, p.16). Isso significa que as experiências gravadas na memória e citadas na entrevista podem não ter sido vivenciadas pela própria pessoa, mas por um antepassado ou pelo seu grupo social, mas que se tornaram tão fortes e significativas que o indivíduo transforma-as em sua própria memória. O cuidado do entrevistador está em desvelar essas linhas que dividem o vivido do recebido como tradição. A ideia de memória exige também a atenção não apenas para o passado, mas para a relação passado/presente (DEBERT, 1986, p.142).

Halbwachs (2004, p. 51) apresenta o conceito de memória coletiva, ou seja, as

---

[15] PASSERINI, Luisa. IX Encontro Regional Sudeste de História Oral: Diversidade e Diálogo. São Paulo: USP, agosto de 2011. Registro próprio.

[16] IDEM.

lembranças de vários indivíduos, membros de um mesmo grupo dão o suporte para uma massa de lembranças comuns. Assim, “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”, o que gera no presente trabalho uma necessidade de olhar para essa memória mais ampla, construída coletivamente e sustentada não por um indivíduo, mas por uma estrutura criada a partir das lembranças individuais. Nesse ponto a história oral atua como base metodológica para compreender esse “ser tirolês” de Santa Olímpia.

Kotre (1997, p.34-35), em sua obra “Luvas Brancas”, relativiza a fisiologia da memória, de sua formação e de seu uso. A memória e seu arquivamento no cérebro humano são problemas discutidos pelo autor que transcendem algo meramente biológico. Para ele, a memória é construída e reconstruída em todos os instantes por meio de conexões e desligamentos das células nervosas cerebrais e de vivências diárias, por esse motivo as lembranças não são totalmente verdadeiras, mas também não são falsas, são apenas recriadas no presente. Por outro lado, Kotre considera a memória biográfica como algo que carrega um poder autobiográfico. Ela é a fonte para a construção biográfica do indivíduo e é aí que se encontra sua força.

Bosi (1994, p.39) discorre sobre o tema da memória em seu livro “Memória e Sociedade”, em que utiliza da história oral para construir sua obra baseada em “lembranças de velhos”. Bosi compreende a memória como um espaço infinito, no qual só alguns fragmentos conseguem se manifestar; muitas vezes, o despertar da memória é lento e penoso, exige muitas horas de conversa, muitos dias, em alguns casos, e nem sempre os fatos afloram no momento da entrevista. Por esse motivo, estudos com base na memória são trabalhos de garimpo, que exigem paciência, compreensão, sensibilidade e domínio do tema por parte do pesquisador.

Delgado (2006, p.17) atenta para o fato de que, durante as entrevistas, alguns sinais externos tornam-se estímulos para trazer à tona lembranças individuais e favorecer a memória, como álbuns de fotografias, canções, cartazes ou quaisquer objetos que guardem um diálogo do presente com o passado. Além disso, o entrevistado pode utilizar de relações históricas para se lembrar de fatos marcantes, utilizando expressões pontuais que devem ser compreendidas pelo interlocutor, como, por exemplo, “na época dos meus avós”, “quando surgiu a televisão”, “durante a ditadura”, entre outras.

Entre as principais potencialidades da metodologia qualitativa da história oral, destacam-se: revelar novos temas para pesquisa; fomentar o desenvolvimento de memórias locais, de grupos sociais, étnicos e religiosos; e encontrar informações a respeito de

acontecimentos não registrados ou indisponíveis (DELGADO, 2006, p.19). Além disso, notei, com o desenvolvimento do trabalho de campo, que a história oral revela não somente uma memória individual, mas um discurso construído coletivamente dentro da comunidade em questão. Nesse sentido, Portelli (1997, p.18) afirma que, como arte do indivíduo, a história oral "leva ao reconhecimento não só da diferença, como também da igualdade".

A história oral engloba as técnicas de pesquisa que trabalham com a oralidade, com destaque para algumas modalidades já consolidadas: de um lado as histórias de vida e as biografias e de outro as entrevistas temáticas e abertas (MAGALHÃES, 2009, p.231). As histórias de vida em geral são depoimentos aprofundados e prolongados, visando reconstituir a trajetória de vida do sujeito, desde a infância até o presente. Pode ser um depoimento biográfico único (um só entrevistado), uma pesquisa biográfica múltipla (várias histórias cruzadas posteriormente no momento da análise) ou uma pesquisa biográfica complementar (que não é o centro da pesquisa, mas auxilia no fornecimento de algumas informações).

A outra modalidade são as entrevistas temáticas, que se referem a experiências específicas vividas pelos entrevistados, com relação a um determinado evento ou fato, que em geral se constitui como foco do projeto de pesquisa (DELGADO, 2006, p.21-22). Como já afirmado anteriormente, utilizei da técnica das entrevistas temáticas, por considerar como a melhor forma de favorecer o alcance dos objetivos propostos.

A quantidade de entrevistados em um trabalho varia de acordo com o recorte de pesquisa. Por ser esta uma pesquisa de mestrado, com limitação de tempo para realização das entrevistas e principalmente para as transcrições e análise dos dados, estabeleci o número de quinze entrevistas.

O momento da entrevista é um momento rico, de produção de conhecimento e de abertura do campo de análise do entrevistador, como bem elucida Cardoso (1986, p.101-102)

> A coleta de material não é apenas um momento de acumulação de informações... Nestas investigações, o pesquisador é o mediador entre a análise e a produção de informação, não apenas como transmissor, porque não são fases sucessivas, mas como elo necessário... Uma entrevista, enquanto está sendo realizada, é uma forma de comunicação entre duas pessoas que estão procurando entendimento. Ambos aprendem, se aborrecem, se divertem e o discurso é modulado por tudo isso.

Portelli (1997, p. 22) sugere que o entrevistador deve se mostrar aberto, interessado, respondendo a perguntas que forem feitas pelo próprio entrevistado: "as perguntas feitas por nossas 'fontes'... são tão necessárias à entrevista quanto aquelas que nós mesmos formulamos".

Uma ideia ingênua com relação à história oral é considerar que a história é, literalmente, o que o entrevistado conta em seu sentido puro; pelo contrário, a interpretação do pesquisador, as condições sociais, o uso das teorias e outros meios de análise, são fundamentais para a própria construção histórica (CÁNDIDA-SMITH, 2011, p.158).

Patai (2011, p.176) afirma que uma das belezas da história oral é não ser uma disciplina que dita os fins, mas um método para se chegar a esses fins, por isso é contra a ideia de construção de manuais. História oral "é uma metodologia que pode existir em qualquer disciplina" e não a disciplina em si.

1.2.Coleta de dados: as entrevistas e os entrevistados.

Ancorado na perspectiva da história oral, estabeleci critérios para escolher os entrevistados, sendo eles:

- Morar no bairro de Santa Olímpia atualmente;
- Ser descendente de tiroleses;
- Participar ativamente como organizador ou ter participado por muitos anos das festas do bairro;
- Ser indicado por, no mínimo, um outro entrevistado.

Tendo como pano de fundo esses pressupostos, optei por selecionar os entrevistados pela lógica da rede ou teia, o que significa que cada entrevistado indicaria um ou mais moradores para serem entrevistados posteriormente, e assim sucessivamente.

Deste modo, foi estabelecido um contato com a Sra. Cecília Stênico, uma das líderes do bairro, que foi denominada "ponto zero", conceito cunhado por Meihy (2000, p.84) para definir o sujeito que conheça a história do grupo, ou com quem se deseja fazer a primeira entrevista. Essa escolha foi baseada nas observações realizadas nas primeiras festas que frequentei. Realizei uma pré-entrevista com essa moradora do bairro, ainda sem os equipamentos de gravação para que pudesse familiarizar-me com o bairro e com seus

moradores. Desse contato, foram indicados os senhores Geraldo Stênico[17] e José Estevan Forti[18]. O primeiro, em entrevista realizada no dia trinta e um de março de dois mil e doze (31/03/2012), indicou como possíveis entrevistados Leonardo Degasperi[19] e Ivan Correr[20]. O segundo, entrevistado na mesma data, indicou também Ivan Correr e Eduardo Forti[21]. E assim sucessivamente.

O único indicado que não foi entrevistado, o senhor Francisco Caetano Degasperi – descendente de segunda geração (riscado com um X), que infelizmente faleceu ao longo da pesquisa. A senhora Clementina Christofoletti Degasperi[22] também faleceu alguns meses após conceder a entrevista.

Além disso, duas entrevistas foram realizadas com mais de uma pessoa a pedido dos entrevistados. A primeira delas foi a de Jacob[23] e Clementina Degasperi que apenas aceitaram falar se estivessem juntos. A outra entrevista, prevista para ser realizada separadamente, acabou por ser realizada em trio devido à interferência de um entrevistado na fala do outro, foi a de Estephânia[24] e Olésia Pompermayer[25]. A participação de Francisco Pompermayer[26] deu-

---

[17] Geraldo Stênico, 77 anos, trabalhador rural aposentado, estudou até a quarta série do fundamental - antigo primário. É casado com uma descendente de tiroleses, possui oito filhos, sendo que todos moram em Santa Olímpia. É descendente de terceira geração e atualmente não atua diretamente em nenhum trabalho do bairro.

[18] José Estevan Forti, 63 anos, possui curso superior completo e é casado com Claudete Christofoletti, também descendente de tiroleses, com quem possui três filhos. É descendente de quarta geração e sua atuação se resume em participar dos corais adulto e masculino.

[19] Leonardo Degasperi, o mais jovem dos entrevistados, possui 21 anos, estudante do curso superior em Biologia, solteiro. É descendente de quinta geração, professor de dialeto trentino no bairro, membro da Diretoria do Círcolo Trentino e do grupo de danças, atua na organização das festas.

[20] Ivan Correr, 32 anos, professor e engenheiro, é dono do Café Tirol, existente no bairro. Descendente de quarta geração, é casado com uma não descendente de tiroleses. Foi presidente do Círcolo Trentino e faz parte da Diretoria atual novamente, participando do grupo de danças adulto. Ivan é um dos principais líderes do bairro atualmente.

[21] Eduardo Forti, 71 anos, pedreiro e agricultor, estudou até a 3ª série do fundamental - antigo primário. Casado com Inês Stênico, também descendente, teve sete filhos, sendo que apenas um deles não mora em Santa Olímpia. É descendente de quarta geração dos imigrantes, foi Presidente da Igreja por aproximadamente uma década, é membro do Coral Stella Alpina e do Coro Càneva.

[22] Clementina Christofoletti Degaspari, contava na data da entrevista com 81 anos, dona de casa, estudou até a quarta série do fundamental - antigo primário. Era casada com Jacob Degaspari, com quem teve treze filhos, sendo descendente de terceira geração dos imigrantes. A entrevista faleceu alguns meses após conceder a entrevista, vítima de complicações respiratórias.

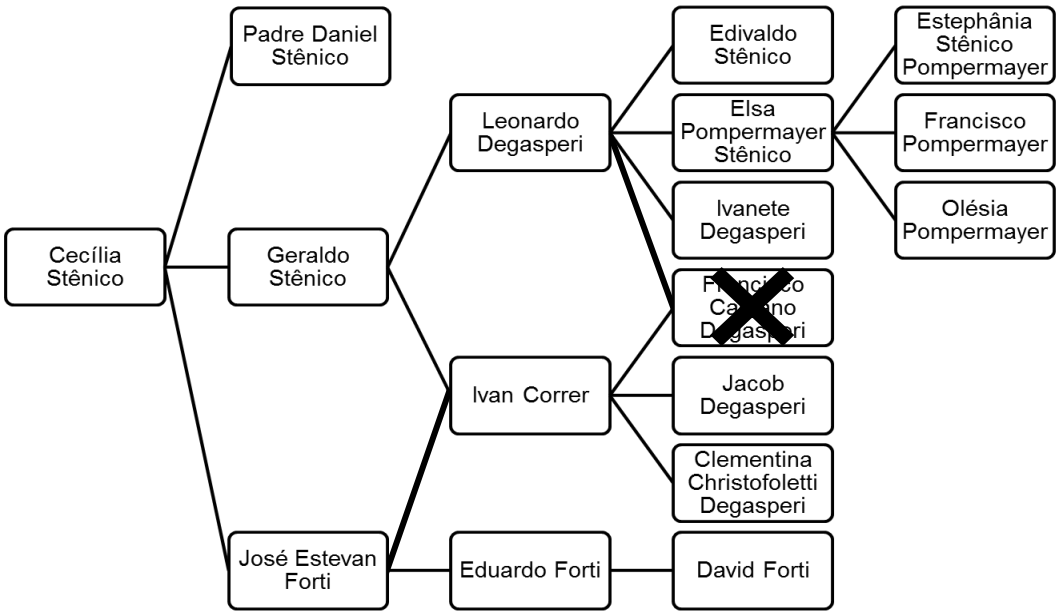
[23] Jacob Degaspari, 90 anos, trabalhador rural e pedreiro aposentado, estudou o Ensino Fundamental completo - até o quarto ano no bairro e depois o Ginásio no seminário. Viúvo de Clementina Christofoletti Degaspari, pai de treze filhos, sete ainda vivos. É descendente de terceira geração dos tiroleses e não desenvolve nenhum trabalho no bairro atualmente, pelo avançar da idade.

[24] Estephânia Stênico Pompermayer, 87 anos, dona de casa, estudou até a 4ª série do fundamental - antigo primário. Casada com Francisco Pompermayer, é mãe de treze filhos e descendente de terceira geração dos tiroleses. Não desenvolve nenhum trabalho no bairro atualmente, pelo avançar da idade.

[25] Olésia Pompermayer, 45 anos, professora de história na escola do bairro, com curso superior completo nessa

se em poucos momentos dessa entrevista, portanto ele entrou como 16º entrevistado, uma vez que não participou de entrevista completa. Apresento, a seguir, um esquema da rede de entrevistados e seus indicados, que também foram entrevistados ou que não foram:

Figura 2 - Rede de Entrevistados



Há significativas diferenças entre entrevista individual e a com mais de uma pessoa. A primeira, considero uma desvantagem: é a grande quantidade de interrupções que ocorrem nas falas quando se entrevista mais de uma pessoa ao mesmo tempo, uma vez que um entrevistado fala em cima da fala do outro, gerando cortes na linha de raciocínio. Nesse sentido, o trabalho é mais difícil, pois tive que retomar temas e conduzir a entrevista, "garantindo" que todos participem de maneira equilibrada. Outra desvantagem são os

---

área. É Solteira, descendente de quarta geração dos imigrantes, faz parte da Diretoria do Círcolo Trentino e sua função nas festas é a de organizar e cuidar do museu provisório.

[26] Francisco Pompermayer, 91 anos, trabalhador rural aposentado, estudou até a 4ª série do fundamental - antigo primário. É casado com Estephânia Stênico Pompermayer, com quem teve treze filhos, e é descendente de terceira geração dos tiroleses. Não desenvolve nenhum trabalho no bairro atualmente, pelo avançar da idade.

eventuais constrangimentos que a presença de um conhecido pode causar aos entrevistados, ao tratarem de temas conflituosos ou não consensuais.

Por outro lado, uma diferença interessante e favorável das entrevistas coletivas, em especial, no caso de entrevistados idosos, é que estes parecem sentir-se mais à vontade para falar quando acompanhados de alguém próximo, que lhes inspire confiança, pois há uma proximidade nas falas, como no caso de Jacob e Clementina, que completaram a fala um do outro durante a entrevista. Isso pode acontecer pela grande ligação entre ambos, que possuíam mais de 60 anos de casados, na data da entrevista.

Optei por apresentar os nomes completos dos entrevistados, bem como os demais dados de identificação, pois eles aceitaram a divulgação e assinaram a carta de cessão da entrevista (ver modelo no Apêndice 1), sendo que nenhum apresentou restrição ao uso de seu nome no trabalho.

Todas as entrevistas foram realizadas por mim, com auxílio de um gravador digital de voz, de câmera fotográfica e de caderno de campo. As entrevistas, conforme contato prévio com cada um, foram realizadas em locais pré-determinados, a critério dos entrevistados, em ambientes pouco ruidosos.

É importante explicitar que a realização de entrevistas com o gravador, como é o caso da história oral, torna o processo de convencimento para cessão da entrevista um pouco mais difícil, já que muitos dos entrevistados são pessoas idosas que possuem receios com relação ao uso da tecnologia e a registros, sejam de áudio, fotográficos ou outros. Por outro lado, essas barreiras são reduzidas, a partir do momento que entrevistador e entrevistado alcançam um grau de intimidade maior, o que demanda tempo e investimento por parte do entrevistador. Nesse caso, as resistências foram quebradas pelo diálogo estabelecido antes da gravação.

Para caracterizar o grupo de entrevistados, elaborei uma ficha resumo de cada um, com informações básicas pessoais colhidas antes ou durante a entrevista, que foram compiladas e estão apresentadas em um quadro no Apêndice 2. As fichas completas, com dados pessoais dos entrevistados, foram por mim arquivadas.

Finalmente, destaco o fato de eu ter realizado pessoalmente todas as entrevistas e que o fator que mais colaborou na sua realização, e que vai se repetir na discussão sobre a etnografia das festas, é o meu parentesco com os membros da comunidade. Por ser descendente de tirolês e possuir inúmeros parentes no bairro, a minha aceitação foi facilitada. Em vários momentos das entrevistas, o parentesco foi revisitado pelos entrevistados,

buscando essa aproximação ou procurando facilitar o meu entendimento por meio das relações familiares. No entanto, nunca vivi na comunidade, nem meus pais, apenas meus avós há mais de 60 anos, portanto essa aproximação, ainda que seja um facilitador, não foi tão simples.

Além disso, apesar de possuir esse parentesco, eu não conhecia a maioria dos entrevistados antes do início desta pesquisa, pois nunca tive a prática de frequentar o bairro. Dos 15 entrevistados, conhecia pessoalmente apenas Jacob Degasperi e Clementina Christofoletti Degasperi (meus tios-avós), seu neto Leonardo Degasperi, e Eduardo Forti (primo do meu pai). Todos os demais me foram apresentados no decorrer da pesquisa.

A proximidade com o nativo tem suas vantagens e desvantagens e a relação do pesquisador com seu objeto precisa ser explorada. Neste caso, a proximidade de parentesco com os pesquisados pode facilitar uma aproximação e uma abordagem do pesquisador, uma vez que os vínculos familiares foram significativos para a penetração no bairro e para iniciar um diálogo que muitas vezes poderia ter sido mais resistente quando da distância com o objeto de pesquisa. Além disso, há uma facilidade no entendimento de algumas lógicas internas ao grupo, como o conceito de família, a religiosidade que permaneceu mesmo nos que foram para a cidade, pois, apesar de não viver no bairro, a própria família reproduz em certa medida alguns modelos de comportamento encontrados nos entrevistados e nas festas.

Muitos fatos, segundo Peirano (1992), acabam não sendo percebidos pelo pesquisador apenas no momento da observação. Por esse motivo, aproximar-me do grupo de Santa Olímpia, de seus moradores, conhecer as famílias, as casas, conviver com eles nas festas, em suma, conviver com os nativos, facilitou que outros olhares pudessem surgir do embate entre os relatos dos tiroleses e o meu olhar teórico:

> Ao fim de um século de pesquisa de campo, parece haver hoje certo consenso de que os dados de pesquisa não são apenas "observados". Eles oferecem a possibilidade de que se possa revelar, não ao pesquisador, mas no pesquisador, aquele "resíduo" incompreensível, mas potencialmente significativo, entre as categorias nativas apresentadas pelos informantes e a observação do etnógrafo, inexperiente na cultura estudada e apenas familiarizado com a literatura teórico-etnográfica da disciplina.
>
> PEIRANO, 1992, p.7

Por outro lado, a proximidade pode gerar o risco de um olhar insuficientemente crítico e distanciado por parte do pesquisador, facilitando o encantamento com o objeto, que reduz a capacidade em desvelar aspectos escondidos das entrevistas e das festas, sejam eles sociais, simbólicos ou culturais:

> Uma dedução possível, entre muitas outras, é a de que, em Antropologia, é preciso recuperar esse lado extraordinário das relações pesquisador/nativo. Se este é o lado

> menos rotineiro e o mais difícil de ser apanhado da situação antropológica, é certamente porque ele se constitui no aspecto mais humano da nossa rotina.
>
> DAMATTA, 1978, p.35

Há, nesse sentido, a "familiarização do olhar", que implica em desatenção a aquilo que é familiar para o pesquisador, reduzindo elementos significativos da constituição do objeto a fenômenos sem importância para a pesquisa. Para diminuir o impacto desse fator, busquei mesclar o olhar "de perto e de dentro" (MAGNANI, 2002) com o olhar de fora, distanciando-me do objeto sempre que possível e necessário para a compreensão e a criticidade. Busquei também um distanciamento "construído" em relação ao objeto, que facilitasse a percepção daquilo que poderia ser passado despercebido na pesquisa, visando o estranhamento em relação ao familiar.

No entanto, a proximidade trouxe algumas complicações. Uma delas foi a dificuldade de distanciamento que exigiu cuidados redobrados na análise do material colhido. Um exemplo foi a presença da religiosidade nas entrevistas e na vida do bairro, que, aos olhos do pesquisador "de dentro", pareceu natural, mas que, de fato, tem significados importantes na composição identitária do grupo, como apresento no capítulo quatro.

O pesquisador deve sempre se colocar com um olhar de curiosidade, sabendo que não se tornará um "nativo". Por esse motivo, durante toda a pesquisa, a crítica foi valorizada a fim de se evitar uma análise míope dessa construção identitária tirolesa.

1.3.A transcrição: descrever o objeto

O uso do método da história oral, independentemente da técnica de entrevista utilizada, sempre demanda uma reflexão sobre a análise da gravação. Uma vez que, em geral, as entrevistas são feitas com gravador de áudio, como no caso dessa pesquisa, a transcrição, ou seja, a transformação do oral para o escrito, tem sido tema de estudo e discussão nos livros e manuais de história oral, bem como nos eventos que objetivam discutir o método. Apesar de um de seus objetivos ser a facilidade de análise, a transcrição também pode servir a outros fins, como, por exemplo, a disponibilização pública do arquivo, uma vez que o texto escrito pode ter mais facilidade de acesso que o áudio.

Há diversas formas de transcrição dentro da história oral. Uma delas é a que pressupõe a tradução mais próxima do literal, se é que isso é possível, da linguagem oral para a

linguagem textual, incluindo sinais específicos que destacam as pausas, interrupções, ações do indivíduo, em busca de uma maior proximidade do texto escrito com o texto falado.

Essa discussão é atual e vem sendo uma das questões mais tratadas em grupos de pesquisa e encontros da área de história oral. Isso porque o documento final das entrevistas não possui um formato único e predefinido, mas pode variar de acordo com o pesquisador e com os objetivos da pesquisa. Para McCleary (2011, p. 105), para as transcrições se tornarem mais próximas do leitor, são inviáveis em seu formato bruto, sendo que o texto pode ser trabalhado, editado e interpretado até chegar à versão final.

Assim, a opção do pesquisador deve levar em conta os objetivos da pesquisa, o leitor alvo, as necessidades de cada trabalho de campo. Para o presente trabalho, as entrevistas totalizaram aproximadamente quinze horas de gravação e foram feitas por mim, assim como as transcrições realizadas em sua totalidade. Os textos completos estão arquivados, bem como as gravações de áudio. A transcrição utilizada buscou preservar as peculiaridades da fala dos entrevistados, uma vez que o sotaque, alguns vícios de linguagem e a forma de se expressar são características exclusivas de alguns moradores do bairro. Não houve etapa de edição, apenas a seleção de trechos para serem utilizados no trabalho, após as análises temáticas.

Decidi não disponibilizar, neste texto, as transcrições na íntegra, pelo grande número de laudas que isso acarretaria, mas selecionei, a partir da análise de dados, trechos significativos de todas as entrevistas que serão apresentados *a posteriori*, valorizando a fala e o ponto de vista de cada um, suas crenças, anseios e reflexões sobre a vida no bairro de Santa Olímpia e o “ser tirolês”.

1.4.Observação Participante: olhar o objeto

Em complemento às entrevistas temáticas e à análise documental, foi utilizada a técnica da observação participante, uma pesquisa de campo embasada na etnografia. Amplamente difundida por antropólogos, a etnografia é um método complexo, que pressupõe a imersão do pesquisador em uma determinada comunidade de estudo, por longo período. Por esse motivo, a observação participante vem complementar as outras técnicas de levantamento de dados.

Vale, no entanto, destacar alguns elementos da etnografia que são significativos, sem

os quais não seria possível a realização de uma pesquisa de campo rigorosa. Voltando para a origem desse método, encontrei as pesquisas de Malinowski (considerado o pai da etnografia e da técnica da observação participante) com os Trobriandeses, na década de 1920. Entretanto, as reflexões sobre o método foram constantemente repensadas por outros autores, como Geertz e Lévi-Strauss.

Para Malinowski, a etnografia é o estudo da totalidade de uma sociedade, para, a partir de um objeto ou de um costume, reconstruir a sua cultura. É uma produção sempre contemporânea, que não se refere à história, mas a fenômenos cotidianos, representações e manifestações de tal sociedade. Essa coleta de dados, no caso comportamentos e atitudes, deve ser realizada de forma minuciosa e detalhada, sendo necessário, para tanto, o contato íntimo com a vida nativa (MALINOWSKI, 1973). Nesse sentido, a observação participante, por ser uma técnica da etnografia, também se caracteriza por uma descrição do cotidiano da sociedade analisada, ainda que tenha sido adaptada à realidade das sociedades complexas.

A etnografia revela a interação entre o indivíduo e o grupo, por meio da observação de pequenos grupos e até mesmo por meio de canções, organizações rituais, espetáculos, reuniões decisivas, conversas de rua, entrevista entre pesquisador e pesquisado ou em qualquer outro ambiente. Essa relação entre quem "fala" e quem escuta ou observa é o ponto chave da pesquisa de campo e também da observação participante, sendo importante o seu registro formal (por meio de gravações, filmagens, fotografias etc.), análise e entendimento, para, a partir daí, realizar a discussão crítica a respeito do tema (ZALUAR, 1986).

Na observação das festas em Santa Olímpia, produzi um material significativo de fotografias, que acabou não sendo disponibilizado neste texto, tanto pela falta de tempo, quanto pela ausência de um preparo técnico para o trabalho de edição de imagens. Utilizei apenas algumas para ilustrar itens específicos, como a decoração e as vestimentas (cap.4).

Na observação participante, há necessidade de explicar os dados obtidos: por um lado a partir das observações diretas e das exposições e interpretações do próprio grupo analisado; por outro lado, baseado na capacidade do pesquisador em deduzir certos elementos. Esta diferença entre observação e dedução deve sempre estar explícita para que o leitor possa compreender precisamente a relação do pesquisador com os fatos e grupos estudados. Há também na etnografia uma grande distância entre o material bruto colhido pelo investigador, como gravações, fotografias, entrevistas, e o resultado final apresentado ao leitor. O fato de existir esta distância deve ser levado em conta pelo pesquisador para que se possa reduzir ao máximo as imprecisões entre a coleta de material e o resultado escrito da pesquisa

(MALINOWSKI, 1973, p.21-22).

Para evitar problemas de viés na análise dos dados, a combinação de outras técnicas de pesquisa é fundamental, garantindo ao leitor a possibilidade de identificar outros possíveis olhares que não apenas aquele definido pelo pesquisador no campo.

Na pesquisa de campo, é também essencial que o pesquisador possua uma base teórica suficiente para poder compreender os fatos, o que não significa estar carregado de ideias pré-concebidas, mas saber onde e em qual momento estar presente e ter um conhecimento prévio do grupo que está estudando. Não basta apenas ir a campo, deve-se conhecê-lo, ter hipóteses e objetivos para que o trabalho etnográfico traga resultados positivos (MALINOWSKI, 1973, p. 26). Nesse sentido, os primeiros contatos com o grupo de tiroleses e o conhecimento prévio do bairro e das festas foram elementos fundamentais, antes de ir a campo.

Por outro lado, o desejo de pesquisar, ou seja, a motivação também é fundamental. Não se realiza uma investigação aprofundada com um objeto que não agrade, pois a empatia com o grupo e a curiosidade também são parte da vontade de saber. Peirano (1992, p.7-8) chega a afirmar, quando se refere à etnografia (e aqui podemos trazer também para a observação participante), que as impressões de campo não são "apenas recebidas pelo intelecto, mas exercem um verdadeiro impacto na personalidade total do etnógrafo".

Com relação à observação participante no bairro de Santa Olímpia, enfatizei as festas. No entanto, o contato esporádico com o bairro em dias não festivos não pode deixar de ser contemplado na análise dos dados, uma vez que trouxe elementos significativos para compor a pesquisa. O foco, porém, exigiu um recorte, uma vez que o bairro realiza diversas delas ao longo do ano, com os mais diferentes objetivos. Estabeleci alguns critérios para a escolha, sendo que aquelas que atendessem dois ou mais critérios seriam selecionadas:

- Antiguidade, ou seja, ser realizada desde a fundação do bairro, ou há mais de duas décadas;
- Ser conhecida fora do bairro, com participação de visitantes e turistas;
- Movimentar o bairro e mudar a rotina da comunidade;
- Estar ligada na temática à identidade tirolesa.

Além desses fatores, outros fatores de menor representatividade foram considerados para seleção. O projeto inicial de pesquisa trazia como recorte a realização da observação participante de três festas: Nossa Senhora, Cuccagna e Polenta. No entanto, as pesquisas revelaram a necessidade de ampliar esse número para cinco, uma vez que foi observado que outras (Mercadín e Imigração) também possuíam significados especiais para a cultura e as

tradições tirolesas. Abaixo, faço uma breve descrição das festas selecionadas:

✓ Nossa Senhora: segundo a tradição católica, maio é o mês consagrado aos festejos da mãe de Jesus. Essas celebrações ocorrem no bairro desde sua fundação, já que as primeiras festas eram essencialmente religiosas, ocorrendo em maio e no início de dezembro. Para este trabalho, acompanhei a de maio, que sofreu significativas mudanças nos últimos anos;

✓ Cuccagna: ocorre todos os anos na terça-feira de carnaval, portanto entre os meses de fevereiro e março. Essa análise ampliou-se para os demais festejos do carnaval no bairro, que compreendem o desfile das escolas de samba locais, mas mantive o nome da Cuccagna, ao invés de Carnaval, pois esse é o ponto central e mais significativo. É uma das mais antigas do bairro, remontando ao início do século passado;

✓ Polenta: é a maior e mais conhecida festa do bairro, atraindo muitos visitantes que buscam contato com as comidas "típicas" e com a cultura local. Ocorre sempre no penúltimo final de semana do mês de julho e é essencialmente cultural, com aspectos significativos nas apresentações artísticas (dança, coral), na culinária, na decoração do bairro e outros fatores;

✓ Fundação do bairro ou Festa da Imigração: surgida com o intuito de celebrar a fundação da colônia tirolesa em Piracicaba e de render culto aos antepassados, revalorizando a cultura e os valores morais recebidos dos imigrantes pelos seus descendentes. É realizada sempre no mês de novembro de cada ano, comemorando o dia da chegada à Fazenda Santa Olímpia – 20 de novembro de 1892;

✓ Mercadín de Nadal: é a representação do natal tirolês, com a exposição de artesanatos locais produzidos pelos membros da comunidade, danças "típicas" e representações natalinas. O Mercadín é a festa mais recente do bairro e foi criada com o intuito de unir as duas comunidades tirolesas de Piracicaba, que vivem nos bairros de Santa Olímpia e Santana, uma vez que em geral as comunidades são separadas. É realizado sempre dentro do mês em que ocorre o Natal, variando na data.

A pesquisa de campo, no ano de 2011, centrou-se em três festas: a de Nossa Senhora, a da Polenta e a do Natal, com o uso de diário de campo, gravador de voz e máquina fotográfica. A Cuccagna e a Imigração foram apenas acompanhadas para conhecimento inicial, sem uso dos instrumentos de pesquisa. No ano de 2012, realizei os registros (gravação, fotografia e anotações) destas duas últimas, enquanto as demais foram novamente acompanhadas para aprofundamento em outras questões. Acompanhei a Festa da Imigração apenas em 2012, a partir de sugestões dos próprios moradores, pois, neste ano, a comunidade celebrou os 120 anos da fundação da colônia de Santa Olímpia, sendo que os festejos foram

mais ampliados devido a esse fato.

No capítulo quatro, aprofundarei essa discussão, as peculiaridades, as formas de festejar, suas motivações, principais embates gerados dentro da comunidade e outras questões levantadas, com base nos registros efetuados no decorrer da pesquisa.

Na parte que segue, discorro sobre as características do grupo estudado: o tirolês de Santa Olímpia.

CAPÍTULO 2:

O TIROLÊS DE SANTA OLÍMPIA: RAÍZES, IMIGRAÇÃO E HISTÓRIA.

2. O TIROLÊS DE SANTA OLÍMPIA: RAÍZES, IMIGRAÇÃO E HISTÓRIA.

A discussão aqui pretendida acerca dos descendentes de tiroleses de Santa Olímpia perpassa desde elementos individuais até a história do grupo específico, e as de ordem mais geral, como: a história da imigração, da terra de origem e da chegada ao Brasil; as teorias migratórias e as temáticas sobre a imigração. Inicio, com os patriarcas.

2.1. Os patriarcas Jacob Correr e Rosa Pompermayer e seus filhos

A história do bairro de Santa Olímpia tem início em 18 de outubro de 1831, com o nascimento de Giacomo Correr, na cidade de Romagnano, porção do Trentino-Alto Ádige. Em 29 de novembro de 1853, com então 22 anos de idade, Giacomo casa-se com a jovem Rosa Pompermayer, de 19 anos, nascida em 28 de outubro de 1834, na mesma cidade[27].

De família de camponeses lavradores, Giacomo Correr viveu em Romagnano até 1881, momento em que as frequentes guerras de disputa pelo território levaram as vilas do Tirol a uma pobreza intensa, forçando milhares de tiroleses à emigração. Entre 1853 e 1881, ano da partida para o Brasil, o casal teve onze filhos, que imigraram juntamente com os pais e, posteriormente, casaram-se, constituindo alguns dos núcleos familiares que deram origem a Santa Olímpia. No Brasil, Giacomo adotou o nome de Jacob Correr.

A seguir, apresento a árvore genealógica principal da família (primeira geração), com os pais, os filhos e filhas e respectivos cônjuges, elaborada com base no livro de contos do padre Lino José Correr (1999). Vale destacar que apenas o mais velho dos onze filhos veio para o Brasil já casado, enquanto todos os demais casaram-se no Brasil, porém com tiroleses natos. A árvore apresentada não chega até os descendentes atuais (entrevistados nessa pesquisa), pois estes pertencem à terceira, quarta e quinta gerações.

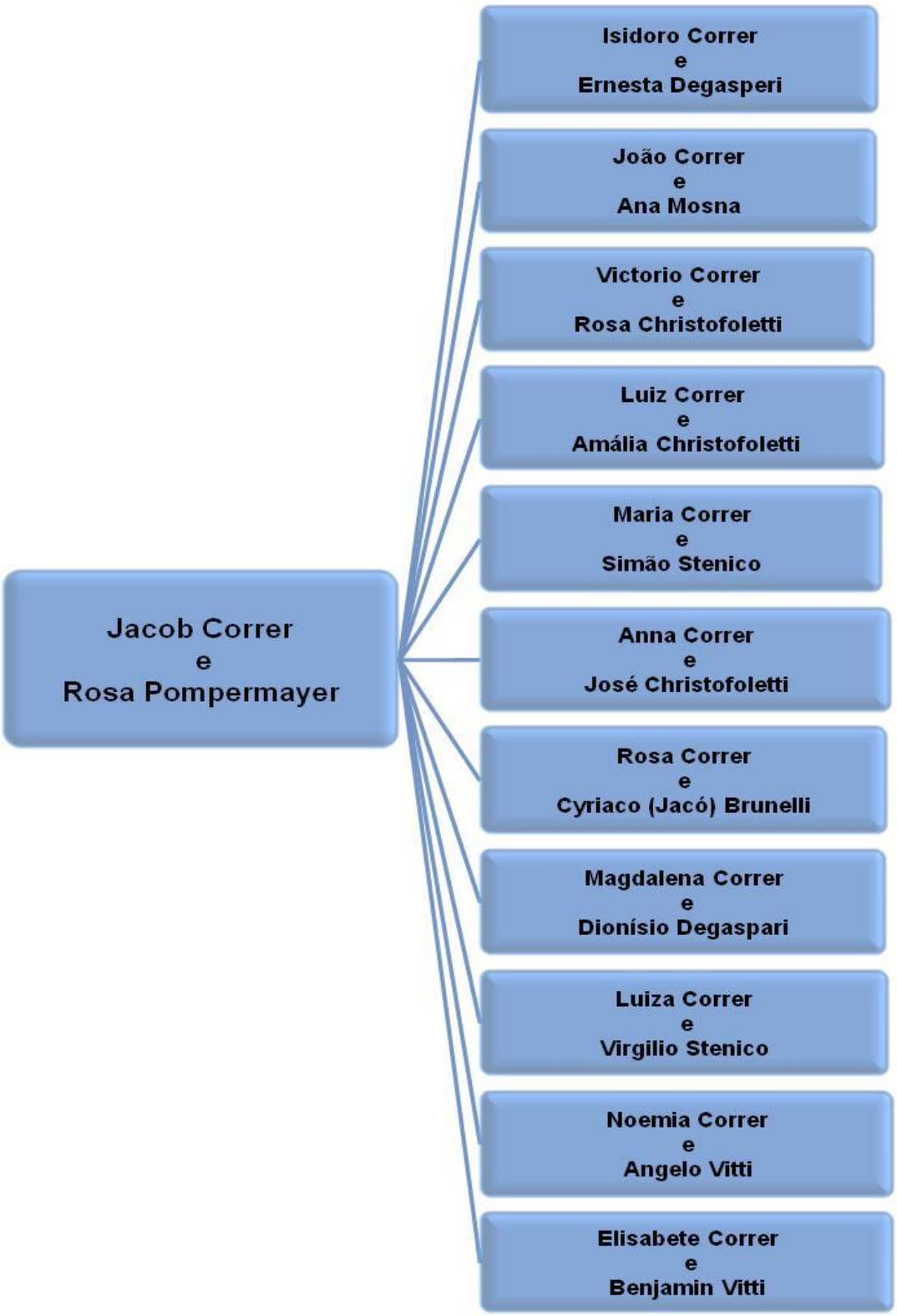
A grande quantidade de casamentos interfamiliares (entre primos, principalmente),

---

[27] Fonte: Documentos históricos pertencentes à Associação de Moradores de Santa Olímpia – certidões de nascimento e casamento – fotocopiados e analisados pelo autor e documentos do acervo familiar.

inviabiliza a montagem da árvore completa, uma vez que os cruzamentos tornam a árvore fechada na terceira e na quarta gerações.

Figura 3 – Árvore Genealógica Família Jacob Correr e Rosa Pompermayer.



2.2. Teorias migratórias e os tiroleses

Entender as principais teorias que buscam compreender o fenômeno migratório, em especial para o período destacado nessa pesquisa (segunda metade do século XIX), é essencial para a compreensão da colônia tirolesa de Santa Olímpia e sua organização social, econômica e cultural atual.

Na virada do século XIX para o século XX, o mundo vive um momento especial do desenvolvimento do capitalismo industrial. A Revolução Industrial, iniciada um século antes, alastra-se pela Europa, consolidando-se, enquanto a sociedade paulatinamente ingressa no período da Modernidade. O Brasil, acompanhando as evoluções do processo produtivo no mundo todo e em face dos movimentos sociais que começavam a tomar forma, é obrigado a realizar uma mudança estrutural nas relações de produção, passando do trabalho escravo para o trabalho livre e assalariado (FAUSTO, 1991).

Essa mudança nos moldes de produção ocorreu no Brasil em um momento em que o país estava despreparado para assumir a responsabilidade de incluir os escravos libertos como assalariados nos meios de produção. Surge então um debate nacional sobre qual seria o futuro do país, se continuaria agrário ou se industrializaria, e sobre qual trabalho as pessoas iriam realizar a partir de então. O que se defende, no entanto, é a manutenção da vocação agrária do país (BOLIVAR, 2006).

A partir da década de 1870, inicia-se um fluxo migratório para o campo da Europa para o Brasil, mais intenso que o anterior, já que a imigração para os centros urbanos veio posteriormente e com menor intensidade. A concentração do fluxo migratório deu-se entre 1870 e 1910, com italianos, portugueses e espanhóis representando 80% do total de imigrantes da época. Esses países não passaram pela Revolução Industrial da mesma maneira que os demais do centro e do norte europeus e, portanto, possuíam ainda uma população muito concentrada no campo (FAUSTO, 1991).

Após 1910, sírios, libaneses, espanhóis e outros começam a chegar ao Brasil, direcionando um novo rumo para o perfil da imigração. Eles dirigiram-se às cidades, estabelecendo-se como comerciantes. A grande semelhança é que praticamente todos os imigrantes, independentemente da origem, eram advindos de regiões rurais dos seus países (ORTIZ, 1985).

Economicamente, o objetivo era de que esses imigrantes trouxessem o espírito do trabalho livre e modernas técnicas de trabalho para os latifúndios monocultores do Brasil. No entanto, eles não tinham esse perfil, pois desde sua origem nunca haviam trabalhado em fazendas tão grandes quanto as que aqui encontravam. A escassez de terra na Europa exigia outros tipos de técnicas de plantio, a cultura familiar, além da variação no clima e nas demais condições ambientais. (PRADO JR., 1994).

Além da problemática econômica, dentro da discussão sobre a abertura de fronteiras no Brasil para receber os imigrantes, há os fatores sociais, como a tese do branqueamento da população, defendida por diversos autores e nas próprias instâncias políticas da época. Essa teoria defende que os grandes latifundiários, em vista de limpar os resquícios da escravidão (sendo a raça negra considerada como inferior naquele período), visavam branquear a população, povoando o Brasil com europeus. Como ressalta Ortiz (1985), toda essa discussão tem por pano de fundo a formação do povo brasileiro: como ele se caracteriza, qual sua concepção, como modernizar, por quais meios? O objetivo da elite era, sem dúvida, mudar a composição étnico-racial da população eliminando o negro e o mestiço da nossa sociedade. Foi esse o contexto da vinda dos tiroleses para o Brasil.

A imigração também trouxe outras contribuições, em especial na grande diversidade que originou o povo brasileiro, no encontro de culturas que convivem dentro de um mesmo território. O grande exemplo disso foi a cidade de São Paulo, que recebeu comunidades de imigrantes de diversas nacionalidades, compondo um grande mosaico de tradições e costumes, por exemplo, nos cantos, na dança e na gastronomia.

A temática da imigração, dependendo do viés adotado, insere-se nos Estudos Culturais por levantar a discussão de diversos elementos que fazem parte de seu arcabouço teórico, tais como a identidade, as questões familiares, trabalhistas e sociais.

2.3. Pesquisas quantitativas: principiando a discussão

Primeiramente, as pesquisas quantitativas foram uma das formas de discutir a imigração que se destacaram ao longo de décadas. Olhar a imigração desse ponto de vista consiste em analisar a movimentação de pessoas no espaço, de indivíduos entre países e localidades, por meio dos registros estatísticos (oficiais ou não) dos países de origem e

destino e outros meios de análise, como levantamentos populacionais, dados de etnia, credo, religião, entre outros. Essa análise, baseada em dados quantitativos, não elimina de seu escopo a necessidade de pesquisas qualitativas que busquem compreender as causas da imigração, suas justificativas e seus desdobramentos, ou seja, o contexto social, histórico e cultural. Dentre as contribuições das análises quantitativas, a principal delas é o potencial de indicar como os fluxos migratórios têm se organizado ao longo do tempo, quer seja com relação aos aspectos geográficos, quer seja no que diz respeito a outros aspectos.

Na imigração tirolesa para o Brasil, há um bom número de análises quantitativas, porém relativamente instáveis. Isso se dá porque os dados de tiroleses nem sempre são confiáveis, visto que não podem ser identificados números exatos da dimensão de imigrantes que chegaram ao Brasil e aos demais países da América neste período, devido a outros fatores que vão desde a imigração por meios extraoficiais até o número de imigrantes que partiam com outra nacionalidade, deturpando os dados estatísticos (SÁNCHEZ-ALBORNOZ, 2009, p.182). Nesse sentido, Trento (1988) afirma que o sistema de controle de emigração não era baseado em listas de embarque, mas em declarações do próprio interessado para obter o nada-consta das prefeituras, obrigatório para a obtenção do passaporte:

> Não é surpreendente, portanto, que um sistema tão pouco confiável como esse, baseado em declarações do interessado, subestime continuamente as cifras relativas à emigração. De fato, o emigrante podia até mentir: 1) porque tinha interesse em esconder seu verdadeiro destino; 2) porque pensava ser mais fácil obter o nada-consta declarando que ia temporariamente para um país europeu; 3) porque estava na idade de fazer o serviço militar; 4) devido à demora com que eram expedidos os passaportes; 5) devido à dificuldade de obedecer à norma que obrigava a demonstrar a posse de meios para retornar.
>
> (TRENTO, 1988, p. 35)

O autor demonstra esta inexatidão ao destacar que entraram no Brasil, entre 1836 e 1902, segundo estatísticas brasileiras, 1.129.265 imigrantes italianos. Já segundo os dados italianos do mesmo período, apresentados por Trento, esse número cai para 936.981, ou seja, uma diferença de quase cem mil para menos (TRENTO, 1988, p.34). O que cabe destacar é que o número de imigrantes que chegaram ao Brasil entre 1870 e 1930 foi tão significativo que conseguiu transformar as bases sociais dos países a que estes chegaram.

A antiga Hospedaria dos Imigrantes paulistana, atual Museu da Imigração, possui registros das entradas de imigrantes no Estado de São Paulo desde meados do século XIX até a década de 1950. No entanto, esses dados nunca foram sistematizados, mas estima-se que nessa década a cidade de São Paulo contava com aproximadamente 40% de imigrantes numa população de 579.033 pessoas, segundo o Censo de 1920. Destes aproximadamente 230.000

indivíduos, 91.544 eram italianos, o que correspondia a 40% da população imigrante (ARAÚJO, 2000, p.9-11).

Os imigrantes italianos que chegaram ao Brasil não se reconheciam como "italianos" no sentido de Nação Italiana. A política da reunificação, aliada à fragilidade econômica de baixa industrialização, levou à grande expulsão de italianos do país. Trento (1988, p. 31), nesse sentido, destaca que "foi sobretudo a impossibilidade, para os camponeses, de conseguirem dinheiro vivo, o qual lhes era cada vez mais necessário e, até, indispensável, que impulsionou massas inteiras a atravessar o oceano".

No final da década 1880 e início de 1890, a imigração europeia atingiu seu ponto culminante, com a maior quantidade de entradas nos países da América. E é nesse mesmo período que chegam ao Brasil os imigrantes advindos da província de Trento. Estima-se que deixaram a Itália nessa fase dez milhões de emigrantes, que se dirigiram, principalmente, e, em primeiro lugar, para os Estados Unidos, que passava pela industrialização nesse período, seguido da Argentina, Brasil e Canadá (TRENTO, 1988, p. 36).

Faço referência aos imigrantes tiroleses dentro do contingente de imigrantes italianos, pois os dados estatísticos não apresentam essa diferenciação. Para sair da Europa, alguns tiroleses acabavam embarcando em navios de outras nacionalidades e com passaportes de outros países, o que dificultou a precisão das estatísticas com relação à imigração desse povo (LEOPOLDINO, 2009, p.71).

Discutirei a seguir, dentro das teorias macroeconômicas, a imigração tirolesa no contexto da unificação italiana, para melhor compreender essa problemática.

2.4. Teorias econômicas

As informações quantitativas ou demográficas devem ser analisadas em complemento a outras formas de análise. Levantei anteriormente os fatores propulsores da imigração tirolesa para o Brasil, que também podem ser abordados por um enfoque macroeconômico. Segundo uma dessas abordagens, que tem como base a teoria marxista, a imigração é tida como um serviço ao próprio capital, uma vez que toda imigração tem por base uma motivação laboral, ou seja, o imigrante sai de seu território e se dirige a outro território basicamente para trabalhar, em busca de trabalho, melhores condições de vida e de remuneração, ou por falta de

trabalho no território de origem (SAYAD, 1998, p.46).

Essa ideia de Sayad pode ser acolhida dentro da presente análise, uma vez que a imigração tirolesa, como assinalado, tinha como fator marcante a falta de condições econômicas de sobrevivência para os imigrantes em seu território de origem. Por esse motivo, apoio-me em abordagens macroeconômicas como um dos pilares explicativos da imigração tirolesa.

Nos relatos colhidos, o fator econômico permeia o imaginário coletivo sobre a imigração em Santa Olímpia, mesmo passadas algumas gerações. É o que pode-se ver neste trecho de entrevista:

> Pelo que a gente houve nos relatos dos mais idosos, o motivo de eles terem vindo pra cá, pro Brasil, é a dificuldade que eles estavam passando lá, em termos de, tava tendo um desemprego muito grande em função da guerra, da guerra mundial, e ao mesmo tempo o governo brasileiro dava, tava dando muito incentivo para que imigrantes viessem trabalhar na lavoura, na cultura do café, né. Então foi uma oportunidade que apareceu pra eles e eles, com certeza, sem nenhuma ideia do que iam encontrar aqui, do que era o Brasil, mas arriscaram né. Quando a gente tá numa situação difícil, a gente arrisca pra melhorar.

José Estevan Forti

Além das razões econômicas, as causas da imigração podem ser melhor compreendidas ao se conhecerem as condições sociais, políticas e econômicas do território de origem, no período da saída dos grupos imigrantes, bem como as condições do país receptor. Para tanto, discorrerei brevemente sobre a formação política do Tirol antes de 1900, visto que o principal período de imigração dos tiroleses ocorreu entre as décadas de setenta e oitenta.

A Europa enfrentou uma grande crise econômica na segunda metade do século XIX. Ao lado disso, as guerras de conquista de território, a dominação dos grandes impérios e as lutas separatistas haviam enfraquecido politicamente diversas nações europeias desde o início desse mesmo século. As crises econômicas e políticas desencadearam uma grave crise social, em especial, no que diz respeito à falta de trabalho para os camponeses.

Nesse período, todo o Tirol, composto pelo Nordtirol e Osttirol (hoje na Áustria), Südtirol – Alto Ádige (hoje Província Autônoma de Bolzano, Itália) e pelo Trentino (ou Welschtirol – Tirolo Italiano, atual Província Autônoma de Trento), estava sob o domínio da Áustria.

As guerras de reunificação italiana intensificaram-se no século XIX, em especial contra o então imperador austríaco, que mantinha inúmeras cidades sob seu domínio, buscando maior facilidade de acesso aos mares. Em 1867, é instituído o Império Austro-

Húngaro, sendo o Tirol a região fronteiriça, palco de grandes disputas pela dominação, entre Itália, Áustria e Alemanha (LEOPOLDINO, 2009, p.54).

Enfraquecida pela dominação napoleônica, desde 1850, a região tentava se reerguer da grave crise em que estava imersa. A baixa qualificação dos camponeses e a falta de perfil para atuar nas novas indústrias que surgiam impossibilitavam a ascensão social camponesa. Os camponeses, que trabalhavam no sistema de agricultura familiar, não possuíam qualificação para o trabalho industrial e não foram englobados por esse novo mercado industrial. Os problemas agrícolas, as pragas nas plantações, a falta de tecnologia e a divisão injusta de terras aprofundaram ainda mais a crise, levando à fome e mortalidade de famílias inteiras, em especial os mais idosos e as crianças. (LEOPOLDINO, 2009, p. 63).

Nesse contexto, as companhias de imigração lançaram campanhas de prosperidade no Novo Mundo – o Continente Americano - criando expectativa e grande esperança entre as famílias assoladas pela crise. A partir da década 1860, acentuando-se em 1875, os tiroleses começaram a emigrar de suas terras em busca de trabalho e melhores condições de vida (LEOPOLDINO, 2009, p.66).

Os dados demonstram que muitos trentinos deixaram seu território de origem:

> Segundo a estatística da imigração americana de Lourenzo Guetti, nos anos de 1870 a 1886, quase vinte e quatro mil trentinos imigraram para o Continente Americano. Representava cerca de 7% da população total, mas a porcentagem aumenta se levarmos em conta os imigrantes da Oceania e aqueles que peregrinavam por toda a Europa, em busca de uma nova residência definitiva. Em poucos anos, 20 a 30% da população emigrou em busca de emprego e de alimento.
>
> GROSSELI, 1987, p.63, apud LEME, 2001, p.50.

Os tiroleses que vieram para Santa Olímpia eram austríacos (pertenciam naquele momento ao Império Austro-Húngaro – região de Trento), porém com língua italiana, pois o dialeto trentino era influenciado fortemente por este (LEOPOLDINO, 2009, p.70).

A emigração, ou seja, a saída do território de origem, também foi carregada de dificuldades políticas, uma vez que o Império Austro-Húngaro, em diversos momentos, proibiu a saída de seus súditos do país, devido às notícias que corriam pela Europa no período de que os colonos alemães enfrentavam péssimas condições de vida em terras americanas. Trento relata o surgimento do relatório Rossi, derivado de uma ação do Comissariado Geral da Emigração (CGE) para vistoriar as condições de vida dos imigrantes, devido às inúmeras denúncias na imprensa:

> Com base no relatório Rossi, a Itália promulga, com extrema solicitude... com data de 26 de março de 1902, o chamado decreto Prinetti... Esse decreto proibia a emigração subsidiada para o Brasil de grupos coletivos, a não ser com base em

> contratos aprovados pelo CGE.
>
> TRENTO, 1988, p.53.

Trento discute ainda o papel dos agenciadores como responsáveis pelo convencimento desses indivíduos a emigrarem:

> ...passando pelas aldeias nos dias de feira ou mercado, pintam o Brasil e, sobretudo, São Paulo, como o país das maravilhas, em que o ganho é assegurado e a propriedade da terra está ao alcance da mão. É contra eles que boa parte da imprensa da época dispara seus dardos, não hesitando a compará-los com os traficantes de escravos.
>
> TRENTO, 1988, p. 29

Com relação à questão religiosa, o Tirol é lembrado pela Igreja Católica como berço da Contra Reforma. O Concílio de Trento, realizado no século XVI, ao longo de 18 anos, foi a resposta desta Igreja ao avanço do protestantismo na Europa, em especial na Inglaterra. Dessa forma, a região trentina acabou por se apegar cada vez mais à religião oficial e ao cumprimento das leis eclesiásticas. Por esse motivo, as famílias imigrantes sempre tiveram como principal obrigação o cumprimento dos deveres católicos, como afirma Zia Maria no trecho a seguir, retirado de seu testamento:

> Meus defuntos e santos pais, logo que chegaram, pensaram já de introduzir na colônia o belo costume, de toda tarde, recitar a terça parte do Rosário, que todos aceitaram com grande prazer.

E em outro trecho, quando afirma:

> Logo que chegamos aqui numa sala da casa da fazenda Santa Olímpia, nós introduzimos o pio costume de recitar como sempre, de tarde, o santo rosário (terço).

A religião será discutida em outro momento, mas cabe adiantar o apego à fé, que impulsionaram os imigrantes a seguirem para a nova terra, uma vez que a fé concedia certa segurança pela crença na Providência Divina, que prepararia uma vida melhor alhures.

No novo continente, os imigrantes tiroleses estabeleceram-se em diversos países, tais como Brasil, Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, México, Paraguai, Peru, Uruguai, Venezuela, Canadá e Estados Unidos. Atualmente, os descendentes de trentino-tiroleses são representados mundialmente pela "Associazione Trentini nel Mondo"[28], que se regionaliza a partir dos "Circoli" (Círculos Trentinos). O Brasil é o país com maior número dessas

---

[28] Fonte: Site da Associazione Trentini nel Mondo <http://www.trentininelmondo.it/> Acesso em 13 de junho de 2013.

associações, existem 60 Círcoli espalhados em especial nos estados das regiões Sul e Sudeste, seguido da Argentina (57), Estados Unidos (21), México (11) e dos demais países, com no máximo dez cada[29]. Somente em Piracicaba, existem dois Círcoli Trentinos, um localizado no bairro de Santana e o de Santa Olímpia.

Questões linguísticas limitaram uma análise mais aprofundada da bibliografia sobre a história da imigração tirolesa do ponto de vista do território de origem, pois não tenho compreensão profunda da língua italiana, o que restringiu a pesquisa a fontes bibliográficas em português e inglês ou a fontes secundárias. Vale destacar, no entanto, que a região do tirolo-trentino foi uma região muito afetada por fatores político-econômico-sociais, gerando um fluxo migratório significativo na segunda metade do século XIX.

Essa análise dos fatores de expulsão, a partir do contexto do Tirol, deve ser complementada com a discussão sobre os fatores de atração do país de destino. Nesse sentido, cabe uma análise mais aprofundada para as condições do Brasil no período da imigração tirolesa.

A história do povoamento do Brasil poderia ser dividida em fases, dependendo da ótica a ser estabelecida. Para esse trabalho, essa história está dividida em alguns macroperíodos: um deles inclui a história dos povos pré-colombianos, ou seja, aqueles que habitavam o continente antes da chegada dos europeus até o final do século XV; o seguinte refere-se à colonização e dominação europeia, a partir do século XVI, que desencadeou inúmeras outras histórias; aquele momento para a qual volta-se o olhar desse trabalho, porém, é a história que se inicia com o fim da escravidão no continente e, principalmente, no Brasil, em meados do século XIX.

A partir da proibição do comércio de escravos entre continentes, em 1850, e com a baixa taxa de natalidade dos negros nos países da América, o comércio de escravos entre províncias foi o único capaz de suprir algumas necessidades para a crescente demanda da nova economia cafeeira no Brasil. Esse problema da mão de obra é, para Furtado (2007, p.179), a chave para todo o sistema econômico americano, um dos mais graves do período.

Cuba, que proibiu o tráfico negreiro em 1865, trouxe, para suprir essa escassez, entre as décadas de 1850 e 1870, grande quantidade de chineses que também foram levados ao

---

[29] Fonte: Site da Associazione Trentini nel Mondo – página dedicada aos Circoli <http://www.trentininelmondo.it/i-circoli/circoli-nel-mondo.html> Acesso em 13 de junho de 2013.

Peru, para as lavouras de cana-de-açúcar, à Colômbia, para a construção de estradas de ferro, ao Chile, para as minas e posteriormente à América Central, para a construção do Canal do Panamá (SÁNCHEZ-ALBORNOZ, 2009, p.181-182).

A CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe) identifica esse momento como a primeira fase da globalização territorial (1870-1920), em que os fluxos migratórios aumentam significativamente, ao lado da expansão do comércio e da mobilidade de capitais. Em geral, estende-se esse período de 1870 até 1930, o que se convencionou chamar de "A Grande Imigração". A América recebeu um considerável contingente de imigrantes, em especial da Europa, a partir da década de 1870, quando as nações recém-independentes abriram suas fronteiras para a entrada de estrangeiros, devido ao fim da escravidão. É o caso de Brasil, Argentina, Canadá, Estados Unidos, entre outros, que estimularam a imigração para aumentar a mão de obra disponível e a ocupação dos territórios, a fim de garantir a expansão econômica (CEPAL, 2002, p.73).

Alguns países das Américas incentivaram a imigração de mão de obra que atenderia à necessidade dos grandes fazendeiros, mas também desenvolveram projetos de colonização agrícola, atraindo colonos suíços, alemães, galeses, italianos e outras centenas de milhares advindos da Europa. No entanto, muitos deles também se fixaram nas regiões urbanas, em especial nas capitais, como é o caso de Buenos Aires, na Argentina, e Montevidéu, no Uruguai (SÁNCHEZ-ALBORNOZ, 2009, p.180).

No Brasil, por sua vez, com a grande demanda internacional por café, os imigrantes instalaram-se majoritariamente nos grandes latifúndios agrícolas pelo interior dos estados, em especial do Sul e Sudeste do país. Essa constatação confirma-se com os tiroleses de Santa Olímpia, que se instalaram primeiramente na região de Campinas e, posteriormente, em Piracicaba, ambos municípios do interior de São Paulo.

Em 1852, Senador Vergueiro, grande latifundiário do café, decidiu contratar e trazer por conta própria imigrantes alemães para sua fazenda de café no interior de São Paulo. A partir de então, com subsídios do governo para as passagens de navio, essa prática foi se expandindo até ganhar grande proporção no início da década de 1860 (FURTADO, 2007, p.184-185).

Quando a família de Giacomo Correr e Rosa Pompermayer deixou Romagnano em 05 de dezembro de 1881, com destino à Fazenda Sete Quedas, lá já se encontrava um grupo de tiroleses provindos do mesmo município, trabalhando no cultivo do café. Segundo trecho do testamento de Maria Correr Stênico (fornecido a mim) a Zia Maria, filha dos patriarcas, que

na época da imigração tinha 16 anos, a partida da terra natal foi prestigiada por muitos habitantes da região:

> Foi assim que no dia 05 de Dezembro de 1881 saímos de Romagnano, depois de ter assistido a Santa Missa e de ter recebido a Santa Comunhão, e fomos acompanhados de muitíssimas pessoas, parentes e amigos, pois os meus pais eram tidos em grande estima por quantos os conheciam. [...] Como disse saímos de Romagnano às 9 horas, tomamos o trem na estação de Mattarelo às 10 horas e chegamos a Verona, onde paramos até às 2 horas. Depois passamos por Cremona e fomos até Genova onde paramos 24 horas, e daí embarcamos no vapor Vienense Frankfurt. A viagem foi felicíssima, sem nenhum acidente. Chegamos ao Rio de Janeiro no dia 24 de tarde, véspera do Santo Natal. Ficamos 3 dias e no dia 28 saímos para chegar no dia 29 em Santos. No alto da serra tomamos café com pão, pois éramos muitos que nem passageiros (como nós, pois naquele tempo o governo austríaco não deixava os súbditos dele viajar como emigrantes, mas sim com passageiros). Ficamos em São Paulo até no dia 31 de manhã e chegamos em Campinas às 2 horas da tarde.

A chegada à Fazenda Sete Quedas foi de reencontros, pois ali havia alguns parentes que tinham imigrado para o Brasil em 1877. Como relata Zia Maria no testamento, o grupo foi bem recebido no destino:

> Nós fomos levados naquela mesma tarde, de carroção, puxado de 6 burros guiados por um bom preto, na colônia Saltinho (Fazenda Sete Quedas, propriedade do Ilmo. Visconde de Indaiatuba, alma boa para com os colonos).

Em suma, os fatores de atração para o Brasil são resumidos pela grande demanda por mão de obra, enquanto os fatores de expulsão da Europa explicam-se a partir da situação de verdadeira miséria em que se encontravam os camponeses e da guerra pela disputa de território estabelecida entre Itália e Império Austro-Húngaro (TRENTO, 1988, p.30).

Essa discussão pode ser complementada com diversas outras correntes que entram no debate sobre a imigração, compondo com as teorias econômicas um mosaico teórico. No entanto, muitas das imigrações mais antigas (século XIX e início do século XX), como é o caso dos tiroleses, ainda têm como principal explicação as teorias econômicas de mão de obra como mercadoria de troca global.

2.5. Olhando além de questões econômicas

Ao lado das vertentes econômicas que embasam, em grande medida, a imigração tirolesa aqui estudada, observo outros fatores que devem ser levados em conta.

Nesse sentido, encontro em Magalhães (2011, p. 17) a afirmação de que o problema da imigração vai além do mercado de trabalho internacional e que, por esse motivo, não pode ser limitado a ele. A autora defende que há uma combinação complexa de fatores que levam o imigrante a sair de seu país.

Tendo por base essa problemática, alguns autores histórico-estruturalistas incorporam à definição de imigração, além da economia, a importância das relações entre os países de origem e de destino. Portes (1997, p.817) trata dos sistemas de Estado, ou seja, sobre o papel deste na construção da legislação sobre imigração e sobre o imigrante, nas medidas administrativas de incentivo à imigração ou de sua proibição e das forças que atuam no país para que esses fatores ocorram.

A legislação justifica as imigrações ocorridas por acordos bilaterais, como é o caso de algumas das imigrações do século XIX e primeira metade do século XX para o Brasil e outros países do continente americano. Nesse sentido, há o papel dos governos no incentivo à imigração, inclusive subsidiando as passagens para que os fazendeiros contratassem colonos europeus para atuarem no cultivo do café.

Trento (1988, p.19) destaca o papel primordial da Sociedade Promotora de Imigração, que celebrou contratos com o governo de São Paulo para a introdução de imigrantes nas fazendas de café: "A província de São Paulo, por exemplo, decidiu, em 1835, providenciar por si mesma a introdução de imigrantes e, em 1852, estabeleceu um prêmio em dinheiro para os particulares que fizessem vir colonos".

Ou ainda no trecho a seguir: "O Estado de São Paulo pagava 75.000 réis por adulto, a metade pelos meninos de 7 a 12 anos e ¼ pelas crianças de 3 a 7. A mesma quantia podia ser conseguida por quem chegasse sem a viagem paga..." (TRENTO, 1988, p. 110).

Em outro trecho, aparece o papel interventor do governo no processo de destinação dos imigrantes para as fazendas do interior: "Concluído o acordo com cada fazendeiro, os colonos eram levados de trem, à custa do governo de São Paulo, até as respectivas fazendas..." (TRENTO, 1988, p. 111).

Esses exemplos ilustram o papel que as relações entre governos – ou mesmo que a política de um governo no estabelecimento de leis pró ou anti-imigração – desempenham na motivação para imigrar ou receber imigrantes.

Há outros fatores também político-econômicos, segundo Sales (1999, p.24-33), que justificam as imigrações e que devem ser levados em conta nos estudos de grupos migrantes, em especial os momentos de repressão política, as ditaduras, as crises econômicas internas, a

busca pela ascensão social e pela melhoria nos padrões de vida, as disputas por terra, a intensa urbanização dos grandes centros e a redução da qualidade de vida, entre outros. Todos esses fatores podem acabar por incentivar os indivíduos a deixarem seus países, seja em busca de melhores condições financeiras, seja em busca de maior liberdade.

A temática social pode ser aplicada em quase todos os tipos e períodos de imigração estudados. Os fatores sociais podem determinar uma mudança no padrão migratório e, atualmente, buscam explicar grande parte do movimento e sua continuação por longos anos.

Dentre esses fatores, está a temática das redes sociais no processo migratório, central para compreender como, mesmo com a escassez de trabalho e com o fim dos acordos bilaterais entre Estados, os fluxos permanecem contínuos por muitos anos, sendo, muitas vezes, quase impossível cessá-los, mesmo com restrições legais (MAGALHÃES, 2011, p.18). Essas redes ligam pessoas nos países de destino e de origem, constituindo-se em pontos de apoio para o imigrante.

Apesar de ter se tornado mais popular nos últimos tempos, a discussão sobre redes não é recente. Sua conceituação pelos teóricos deu-se pela mudança nos fluxos a partir da década de 1970 e 1980, que estimulou as pesquisas sobre imigração, identificando questões estruturais nas causas desse movimento, dentre elas, os acordos bilaterais entre países, mudanças nas economias locais, e distinção entre políticas de estabelecimento e de integração dos indivíduos (BOYD, 1989, p.639).

A partir da década de 1980, diversos estudos passaram a abordar as causas, a composição, a direção e a persistência dos fluxos migratórios, bem como a organização dessa população no território de destino. Abordagens estruturais destacam que os links entre as sociedades são fundamentais para compreender esses fluxos. Compreender o fenômeno como um sistema, segundo Boyd (1989, p.641), engloba as correntes e as redes entre as pessoas, bem como as relações políticas e econômicas entre os países ou áreas.

As vantagens da compreensão da imigração enquanto sistemas sociais estão no fato de sair de uma concepção estática da imigração, como um evento único de mudança de um lugar para outro, e na ênfase na interdependência e na reciprocidade. Além disso, destaca que as redes de indivíduos também são influenciadas pelas redes de mercadorias, serviços e informações (BOYD, 1989, p.641).

Tilly trabalha com o conceito de redes e o fluxo migratório, destacando que estas podem existir em todos os tipos de imigração e estão presentes tanto no país de origem quanto no país de destino, dependendo de algumas variáveis específicas para determinar sua

existência. Essa conceituação pode ser entendida como a existência de contatos e sistemas de apoio e informação nos países de origem e de destino, entre os imigrantes ou entre eles e os seus contatos que vivem no país de origem (TILLY, 1990, p.79-83).

As redes podem ser de diversos tipos: étnicas, institucionais, religiosas, familiares, entre dois indivíduos ou entre muitos indivíduos. Dentre os tiroleses estudados, à primeira vista, aparece uma estritamente familiar. Ao analisar com mais cuidado, no entanto, percebi que existem outras que funcionam nesse contexto específico do grupo de Santa Olímpia. Quando a família de Rosa Pompermayer e Jacob Correr partiu para o Brasil, outros tiroleses parentes destes já haviam emigrado e se dirigido para a mesma fazenda à qual se destinavam os novos imigrantes. Do testamento de Zia Maria, pode-se extrair o seguinte trecho:

> Os parentes que nos vieram encontrar, eram vindos no Brasil chamados pelo dito Sr. Visconde, 4 anos e meio antes de nós. Naquela ocasião vieram várias [famílias] de Matarello e de Sardanha, mas só os de Romagnano, 4 ou 5 famílias, e algumas de Cortezano que ficaram aí, os outros seguiram para Amparo. De nossos parentes, tinha vindo junto uma família dos Forti, 7 irmãos e uma só irmã. Os Forti eram meus primos maternos....
>
> Testamento de Maria Correr Stênico, 1939.

Ainda nesse sentido, Zia Maria destaca que o momento da chegada foi de grande alegria para a matriarca, que reencontrou ali sua irmã Domingas Pompermayer Forti, demonstrando o papel das redes na reunificação familiar:

> Enfim, como Deus quis, chegamos de tarde entre os parentes que fizeram para nós muito mais do que merecíamos. O primeiro dia do ano (1882), o passamos muito feliz, pois imagine, depois dos 4 anos e meio acharam-se juntas a minha querida mãe e a mãe do dito Jose Forti, irmãs que tanto se queriam, os primos também e os outros, embora não conhecidos, todos fizeram festa com grande alegria.
>
> Testamento de Maria Correr Stênico, 1939.

Nas entrevistas realizadas com os membros da comunidade, essa dinâmica das redes familiares também aparece ao longo dos relatos, como no trecho que segue sobre o parentesco entre Rosa e sua irmã Domingas:

> ...aqui [Santa Olímpia] com [os moradores de] Santana são quase tudo parente. Por causa que quando vieram de lá, os da Santana vieram uns quatro anos antes, os velhos de lá; os nossos, vieram quatro anos depois. Se encontraram ali na Sete Quedas, na Fazenda Sete Quedas, ali pra Campinas, pra adiante de Campinas um pouco ali. E justo veio uma velha [Domingas Forti] da turma, era parente daquela outra véia [Rosa Pompermayer], a outra véia que veio aqui.

David Forti[30]

David identifica essa rede familiar ao relatar o encontro das duas irmãs, que imigraram em períodos diferentes.

Por outro lado, muitas vezes essas redes também são atemporais. Isso significa que podem surgir durante a imigração ou posteriormente ao período migratório, por meio dos descendentes (TILLY, 1990, p.86-87). No presente caso, há o exemplo dos Círcoli Trentinos espalhados pelo mundo e os intercâmbios culturais estabelecidos entre o território de origem e o atual. No caso dos tiroleses de Piracicaba, a promoção do intercâmbio começou a surgir aproximadamente um século após a imigração, por volta da década de 1980:

> Foi depois que eu voltei da viagem pra Itália. Bom, deixa eu falar dessa parte aí que... Bom, eu fiz parte do Círcolo Trentino, eu fui uma das fundadoras do primeiro Círcolo Trentino lá de Piracicaba. Eu fui secretária na época. E Trento, a Província Trentina, ela mandava, porque a gente era ligado com – você sabe como funciona – aí eles mandavam na época quatro passagens anuais. Então era assim, era duas pra Santana e duas pra Santa Olímpia, sempre. Então como eu trabalhava, como, assim, a gente escolhia pessoas que participavam da comunidade mesmo, em festas, que mais? Principalmente em festas, na igreja, aquela pessoa que se destacava. E eu já tava no Círcolo Trentino, né, consideravam uma pessoa que se destacava, e eu ganhei uma passagem [...] Um mês, foi maravilhoso, a gente conheceu lá Trento, a parte cultural, política, econômica, geográfica, tudo, assim, não gastamos nada, absolutamente nada.

Ivanete Stênico[31]

Ivanete relata o intercâmbio que realizou, patrocinado pela Província Autônoma de Trento, que forneceu passagem e hospedagem gratuita a descendentes – principalmente estudantes – para se aproximarem do território de origem. Na época, os dois bairros recebiam duas passagens cada por ano; atualmente, é necessário fazer uma inscrição, apresentando projeto e interesse para concorrer com outras pessoas do Brasil e de outros países da América.

Outra forma de rede recém estabelecida é por meio dos grupos de dança, que trocam informações tanto entre o Brasil e a Província de Trento, quanto entre os diversos grupos

---

[30] David Forti, 83 anos, é proprietário de um bar no bairro. Atualmente aposentado, trabalhou na roça, plantando cana e eucalipto, e também trabalhou em olaria, tendo estudado apenas até a terceira série do fundamental - antigo primário. Casado com uma descendente de espanhóis, teve oito filhos, sendo que todos moram em Santa Olímpia. É descendente de 3ª geração dos imigrantes e atualmente não trabalha nas festas.

[31] Ivanete Degasperi, 47 anos, Assistente Social no município de Charqueada, possui curso superior completo em Serviço Social. Solteira, é descendente de 4ª geração dos imigrantes, cantava no coral, já foi da presidência da Associação de Moradores, porém atualmente está desligada dos trabalhos.

espalhados pelo país:

> Então uma vez por ano vai um casal, do grupo [de dança] daqui, do grupo de Santa Olímpia, vai pra Gramado [RS] pra aprender as novas danças...

Leonardo Degasperi

Esse intercâmbio da dança é um outro tipo de rede estabelecida, que visa a construção identitária e cultural do bairro. Essa ida de um casal por ano para outra região de imigração fortalece os vínculos entre os descendentes, mesmo que de família e cidades diferentes na origem.

O papel das redes é conectar pessoas nos países de origem e de destino, sendo responsáveis pelas trocas de informação e suporte financeiro entre famílias, amigos e grupos sociais, não limitadas no tempo, nem unidirecionais ou permanentes (BOYD, 1989, p.641). Podem estar dispersas, ou ocorrer em cadeias. São elas que determinam para onde o indivíduo vai emigrar, ou seja, limitam geograficamente as possibilidades de deslocamento e por isso são determinantes em todos os processos migratórios (TILLY, 1990).

Com relação às redes que mais auxiliaram os imigrantes tiroleses na chegada ao Brasil, analiso três segmentos: a familiar, a econômico-imigratória e a religiosa.

A rede familiar já foi abordada quando tratei da chegada dos tiroleses no Brasil, uma vez que outros parentes já haviam chegado ao Brasil alguns anos antes e receberam os novos imigrantes na mesma fazenda onde trabalhavam no cultivo do café. Não tenho registro de contatos anteriores de Jacob e Rosa com seus parentes que estavam antes no Brasil, porém acredito que os imigrantes anteriores comunicaram-se por carta com os familiares que permaneceram no território de origem, contando sobre a realidade encontrada aqui.

Há outro tipo de rede, chamada de econômico-imigratória, ou seja, aquela responsável pelo estabelecimento dos contratos de trabalho entre imigrantes e proprietários de terras, que incentivou a partida para o Brasil e direcionou os imigrantes para a Fazenda do Visconde de Indaiatuba. Nesse sentido, esta talvez seja a que mais contribuiu para a operacionalização da imigração, seja na aquisição de passagens de navio, seja no direcionamento dos imigrantes, no recebimento quando da chegada ao Brasil e no transporte até o destino. No trecho a seguir, retirado de uma das entrevistas, demonstro como ocorreu no caso dos tiroleses:

> Eles vieram, eles desembarcaram no porto de Santos e lá já tinha um pessoal da Fazenda do Visconde de Indaiatuba que foi esperá-los. Eles já foram com destino pra trabalhar na Fazenda do Visconde de Indaiatuba na cultura do café, né. Aí ficaram um tempo lá, e depois eles transferiram pro Bairro Monte Alegre e do bairro Monte Alegre acabaram vindo comprar a fazenda aqui, né, Fazenda Santa Olímpia.

José Estevan Forti

Finalmente, a rede religiosa talvez tenha sido a principal responsável da inserção social dos imigrantes e do estabelecimento em Piracicaba. Os padres ainda hoje representam para a comunidade o elo com o país de origem, uma vez que os rituais católicos eram muito semelhantes nos dois países. O papel do padre, como representante de uma instituição consolidada mundialmente, era o de dar segurança e garantir a manutenção da religião no grupo de imigrantes, que somente se dirigia à cidade para os eventos religiosos – casamentos, batizados, missas solenes. No testamento de Zia Maria, há destaque para o papel dos padres no estabelecimento dos imigrantes:

> Me esquecia de lhe dizer que embora longe da cidade, cada 3 meses, todos íamos na cidade cumprir os deveres de cristão. Um domingo uma turma, outro domingo outra. Saíamos às 3 horas da manhã, a pé, e íamos confessar-nos na Igreja da Boa Morte em Campinas com o Reverendíssimo Padre Francisco. Francês mas que falava o italiano como nós [...] É bom lembrar que no mês de Abril de 1889, não me lembro bem o dia, mas me lembro que foi no domingo de Ramos, que pela primeira vez aqui no Brasil, vimos com grande alegria o Reverendíssimo Padre Frei Feliz, e o Reverendíssimo Padre Frei Ludovico (ou Frei Luiz como o chamavam). Ah! Para nós foi uma alegria... Daí em diante, sempre tínhamos a visita dos Reverendíssimos Padres (os já nomeados) e também do Irmão Frei Caetano. Quanto esses Reverendíssimos Padres capuchinhos fizeram para nós, só o bom Deus o sabe, e os pode recompensar. Logo, continuaram a chegar os Padres, e também aqui, embora naqueles tempos tão desastrosos. Eles com grande sacrifício, ou de cavalo, ou de carrinho ou mesmo de carroça e muitas vezes a pé vinham de Santa Elidia até aqui, para confessar, batizar, casar.
>
> Testamento de Maria Correr Stênico, 1939.

Os padres eram, portanto, ponto de apoio da comunidade e a ligação com o mundo externo à fazenda de Santa Olímpia, sendo, por isso, respeitados e até idolatrados. Considero, no entanto, que a religião não é uma rede exclusiva dos tiroleses, mas existe em grande parte dos contextos imigratórios, seja nas imigrações mais antigas ou nas recentes. Seu papel pode se dar em diversas esferas, inserindo o imigrante no grupo estabelecido, auxiliando os imigrantes com subsídios para sobrevivência (comida, moradia etc.), apoiando aqueles que não possuem documentação na busca de sua regularização, entre outros papéis.

Por todos esses motivos, a temática das redes aplica-se a muitas correntes de imigração conhecidas e estudadas, inclusive à imigração tirolesa.

2.6. O dialeto tirolês

Surgida com base no pensamento da Escola de Chicago, entre as décadas de 1920 e 1930, a teoria da assimilação foi largamente utilizada até a década de 1980. Nesse período, os estudos sociológicos fixavam-se nessa discussão, tendo como pressuposto básico o fato de, ao longo do tempo, os imigrantes acabarem assumindo a cultura da sociedade de destino como própria, perdendo suas características culturais ao se integrarem à sociedade.

Sayad (1998) define a assimilação como a absorção da cultura do imigrante até que ela desapareça totalmente. Para o autor, o assimilacionismo funda-se no que segue: quando o imigrante se tornará igual ou com as mesmas características dos sujeitos da sociedade de destino?

Nas últimas décadas, a teoria da assimilação acabou por ser intensamente criticada e até rechaçada por algumas correntes teóricas que demonstraram que os processos de construção, manutenção ou resistência identitárias são complexos e que variam de grupo para grupo. Por outro lado, penso que há certo grau de assimilação que pode ser encontrado em todos os grupos de imigrantes, como pude notar nos tiroleses estudados.

Essa assimilação parcial que aqui defendo é chamada por Portes (et al, 2008, p.14-15) de segmentada, a partir dos estudos realizados com filhos de imigrantes nos Estados Unidos na década de 1990. Para Portes, ela depende de três fatores determinantes: capital humano, composição familiar e modalidade de incorporação. Nesse sentido, Portes mostra que o conceito depende de características específicas do grupo ou indivíduo.

A opção do presente trabalho por adotar tal conceito relativizado deve-se ao fato de que não foi encontrado no grupo de Santa Olímpia uma assimilação total. Muitos aspectos foram mantidos e compõem a identidade tirolesa atual do grupo, porém não acredito ser possível a manutenção total das características originais anteriores à imigração, uma vez que o contato e interação com a cultura aqui encontrada também trouxe mudanças no modo de vida.

No caso dos tiroleses de Santa Olímpia, os maiores traços dessa assimilação parcial podem ser analisados pela questão linguística, uma vez que após as duas primeiras gerações, grande parte dos descentes abandonou o dialeto trentino e passou a falar apenas o português. Dentre os mais jovens, há alguns representantes que compreendem e falam o dialeto, porém

não utilizam no cotidiano:

> Lá em casa... meus filhos mesmo conversam pouco. Algumas palavras... a mais velha, a Célia... o resto não... porque nós deixamos de conversar.

Eduardo Forti

Há diversos estudos que se debruçam sobre a língua na colônia tirolesa de Piracicaba, uma vez que o dialeto trentino é utilizado cotidianamente por alguns indivíduos, em especial, os mais velhos. Em sua dissertação de mestrado, Leopoldino (2009) discute desde questões linguísticas até os aspectos mais individuais do uso do dialeto nos bairros de Santana e Santa Olímpia.

Para o autor, o contexto linguístico da comunidade caracteriza-se pelo encontro de duas línguas: as variantes dialetais trentinas que foram trazidas na imigração e o português encontrado no Brasil (LEOPOLDINO, 2009, p. 122). A primeira geração chegou ao Brasil sem falar o português, comunicando-se em dialeto, sendo que do português só se aprendeu o essencial para o estabelecimento de negócio (comércio de alimentos, inicialmente).

Esse uso do dialeto trentino no ambiente doméstico e nas lavouras perpetuou a língua trazida na imigração ao longo de algumas décadas, guardadas suas devidas especificidades, uma vez que o contato com o português também foi transformando a língua originária. Essa questão pode ser tratada como um dos elementos de resistência frente aos avanços da comunidade. Em alguns núcleos familiares, no entanto, o uso do dialeto estendeu-se ao longo da primeira metade do século XX, como pude também observar nos trechos das entrevistas:

> Entrevistador: O dialeto, a senhora fala?
> Estephânia: Eu com meu marido, tudo.
> Entrevistador: Vocês falam só em dialeto entre os dois?
> Estephânia: Nós fala entre nós, eles falam um pouco em tirolês, um pouco. Mas eu com meu marido, nós fala tudo em dialeto.
> Entrevistador: Sempre falaram?
> Estephânia: Sempre. Meus filhos aprenderam porque minha sogra não falava nenhuma palavra em português.
> Olésia: É, e ela não respondia se você falasse em português.
> Estephânia: Ela falava tudo em tirolês, então eles tinham que aprender. Meus filhos todos falam e tudo entende.

> Entrevistador: E o dialeto, o senhor fala tudo? Entende tudo?
> David: Ah, eu converso bastante, se é com um que é da minha língua, eu falo...
> Entrevistador: Em casa o senhor não fala?
> David: Ah, na minha casa ali? Se tiver as minhas duas irmãs aí, as duas irmãs que tá viva e esse irmão aí, nós conversa só em tirolês, agora com meus filhos já a gente não conversa em tirolês. Alguma coisa eles falam. Mas se pega da nossa idade, eu, Geraldo, Sílvio, aí nós só conversa em tirolês.

> Jacob: Eu fui no seminário, falava português lá, mas chegava em casa, não continuava, falava em tirolês. Meu irmão Egidio, ele foi também no seminário, ele voltou pra casa, ele continuou falando português, queria falar em português.
> Entrevistador: Mas os pais de vocês não falavam nada de português?
> Jacob: Não, não falava.
> Entrevistador: Os pais, só falavam tirolês?
> Clementina: Tudo tirolês.
> Jacob: É.
> Clementina: Ma eles sabiam falar, né, porque o meu pai falava...
> Jacob: Eles conversavam, precisando eles falavam...
> Clementina: Ma conversando entre a gente, assim, tudo em tirolês.

No entanto, ao longo dos 130 anos de imigração, nem sempre o bilinguismo ou mesmo o uso da língua nativa no ambiente doméstico foi bem aceito. Esse uso acabou por entrar em choque com as instâncias legais, com a proibição das escolas bilíngues.

O Decreto lei nº 868, de 18 de novembro de 1938, que criou, no Ministério da Educação e Saúde, a Comissão Nacional de Ensino Primário, previa na alínea b do artigo 2º que dentre as competências dessa Comissão estava "definir a ação a ser exercida pelo Governo Federal e pelos governos estaduais e municipais para o fim de nacionalizar integralmente o ensino primário de todos os núcleos de população de origem estrangeira"[32]. Ainda, o Decreto-Lei nº 1.006, de 30 de dezembro de 1938, que estabelecia normas sobre o uso de livros didáticos, previa em seu texto, no artigo 22: "Não se concederá autorização, para uso no ensino primário, de livros didáticos que não estejam escritos na língua nacional"[33].

Em 1941, o governo brasileiro endureceu ainda mais os ideais nacionalistas dentro da

---

[32] Fonte: Site da Câmara dos Deputados da República Federativa do Brasil. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-868-18-novembro-1938-350829-publicacaooriginal-1-pe.html> Acesso em 13 de junho de 2013.

[33] Fonte: Site da Câmara dos Deputados da República Federativa do Brasil. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-1006-30-dezembro-1938-350741-publicacaooriginal-1-pe.html> Acesso em 03 de setembro de 2013.

escola, quando proíbe a importação de livros em língua estrangeira para o ensino primário, pelo Decreto-Lei nº 3.580, de 03 de Setembro de 1941, no artigo 4º: "Fica proibida a importação de livros didáticos, escritos total, ou parcialmente em língua estrangeira, se destinados ao uso de alunos do ensino primário, bem como a sua produção no território nacional."[34]

No período da II Guerra Mundial (1937-1945), com o apoio do Brasil aos Aliados (França, Reino Unido, EUA), que lutavam contra os países do Eixo (liderados por Alemanha, Itália e Japão), os imigrantes das nacionalidades do Eixo passaram a sofrer também o preconceito. A intimidação ao uso da língua nos ambientes sociais tornou-se ainda mais forte, com a proibição em território brasileiro de demonstração pública de qualquer ligação com Alemanha, Itália, Japão e Áustria (LEOPOLDINO, 2009, p.124). Esse foi o golpe mais duro contra a identidade dos grupos de descendentes de imigrantes.

As primeiras gerações insistiam no uso doméstico da língua, enquanto a quarta geração passou a renegar suas origens, após a Guerra, recusando a se identificar com os seus patriarcas por longos anos, como pode ser visto no trecho da entrevista de Clementina transcrito adiante.

Nesse sentido, há uma abordagem teórica que discute o uso nativo no território de destino. Fishman (1972, apud MOTA, 2004) destaca que há mais chance da língua materna sobreviver se houver "complementaridade linguística", ou seja, usar em um ambiente social específico. Mota aborda em sua pesquisa cinco ambientes para analisar o uso da materna e da oficial no país de destino, sendo eles a casa, a igreja, a escola, o trabalho e o lazer (MOTA, 2004, p.150). Essa abordagem reflete a realidade de Santa Olímpia, em que muitos utilizavam o dialeto no ambiente doméstico, enquanto aprendiam o português na escola.

Porém, com o passar dos anos essa complementaridade foi sendo deixada de lado. Leopoldino destaca que, com a abertura da comunidade, nas décadas de 1950 e 1960, quando os moradores começaram a sair em maior quantidade do bairro para trabalhar na cidade, e com as mudanças na escola local, o grupo de tiroleses vivenciou a proibição do dialeto pela imposição escolar, que privilegiava o uso do português. Por um lado, aqueles que utilizavam

---

[34] Fonte: Site da Câmara dos Deputados da República Federativa do Brasil. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3580-3-setembro-1941-413560-publicacaooriginal-1-pe.html> Acesso em 03 de setembro de 2013.

o dialeto fora da comunidade eram vítimas de preconceito e discriminação, enquanto por outro, os que insistiam em dialogar com os filhos no dialeto eram repreendidos pelas professoras, que diziam que os alunos não aprenderiam as lições se não falassem o português em casa (LEOPOLDINO, 2009, p.124). Nos trechos a seguir, essas limitações aparecem:

> Clementina: É, tinha pais aqui que não queria nem saber que os filhos falassem tirolês, porque era desprezada a língua tirolesa. Eles tiravam sarro da gente, quando a gente ia na cidade [risos], eles falavam 'Capiau do sítio', quando usava o dialeto, falava em tirolês, né.
> Entrevistador: Ah, tinha preconceito.
> Clementina: É.
> Entrevistador: Mas teve a época da guerra, que não podia falar...
> Clementina: Por isso que todo mundo falou o português, porque não tinha valor o tirolês.
> Entrevistador: Na época da guerra, o governo não queria que falasse, nem italiano, nem tirolês?
> Jacob: Na Guerra Mundial, é.

> Entrevistador: E em casa o senhor fala o dialeto ou não?
> Geraldo: De vez em quando, mas depois foi proibido na escola, foi proibido de falar dialeto, então apagou bastante.
> Entrevistador: Mas na sua época, não?
> Geraldo: Na minha época não deixava mais falar, tinha que falar só o português.
> Entrevistador: Quando era criança já não podia?
> Geraldo: É. Que foi só falou "Agora chega dialeto, agora". Não podiam mais falar o dialeto.
> Entrevistador: Foi na época da guerra?
> Geraldo: Não, foi um pouquinho depois. Mas não deixou mais falar: "Chega de dialeto".

O papel da escola ao ensinar exclusivamente o português, bem como ao recomendar que não se falasse o tirolês com as crianças, foi preponderante no processo. Leonardo, que hoje ministra aulas de dialeto no bairro, mostra o papel da tradição oral na sobrevivência da língua e as variações com a língua de hoje utilizada na região de origem:

> O dialeto é uma coisa oral, né, uma tradição oral, então, na verdade, a escrita da região, do dialeto hoje de Trento é um pouco diferente da nossa, assim o dialeto em si, porque o nosso dialeto é daquela época, né, então é de 1881, que é quando o pessoal veio de lá.

Leonardo Degasperi

Dentre os exemplos de como o dialeto trentino permanece na fala da comunidade, o caso de Jacob e Clementina é bem característico. Durante a entrevista, em certo momento, ambos se esqueceram de que estavam sendo entrevistados e começaram a falar entre si em

tirolês.

Além desse fato, muitas palavras acabaram sendo incorporadas no léxico da comunidade, e são utilizadas pelos moradores, inclusive os mais jovens, quando se fala o português, como é o caso de: *brut* (coisa feia, ruim), *ghèto* (bagunça, confusão), *làica* (preguiça), *barèa* ou *bàci* (nojo), *poréto* (pobre, coitado), *scomaràr* (falar muito, como comadres), *ma si* (até parece), *ciacerón* (conversador), *paciòcia* (barro, lama), *nóna* e *nóno* (avó e avô), e tantas outras (LEOPOLDINO, 2009, p. 224-226). Esse fato aparece na entrevista de Edivaldo Stênico[35]:

> Que tem gente que chega aqui, namora ou um tirolês ou uma tirolesa daqui, e daí 3 ou 4 meses tão falando "barèa", tão falando "che brut", tão falando "bàci", algumas expressões que todo mundo fala, eles acabam adotando também.

Edivaldo Stênico

Saindo da questão linguística, há a discussão sobre o mito do eterno retorno. Apesar de não poder afirmar que houvesse intenção de retorno ao Tirol na 1ª geração, atualmente os descendentes acabam estabelecendo uma rota de turismo significativa para o Tirol, incluindo intercâmbios de moradores. Essas viagens constituem-se como uma oportunidade de contato com a cultura de origem. Há o caso de Elsa[36] Pompermayer Stênico, que ao ser questionada se já viajou para o Tirol, afirmou que não, mas que tinha a intenção de fazê-lo em breve:

> Entrevistador: Você já foi viajar pra lá?
> Elsa: Não, pretendo ir ano que vem.

Outra entrevistada, Ivanete, relatou a sua viagem ao Tirol e a sensação que teve, demonstrando um imaginário coletivo sobre a terra de origem:

---

[35] José Edivaldo Stênico, 54 anos, funcionário da empresa de ônibus do bairro - Viação Stênico, atua na área administrativa. É casado com uma descendente de tiroleses, com quem tem três filhos, sendo descendente de imigrantes de quarta geração. Atualmente, é responsável pelo Grupo de Danças modalidade adulto e atua na cozinha das festas.

[36] Elsa Pompermayer Stênico, 48 anos, é funcionária pública municipal e é graduada em Licenciatura em Matemática. Casada com descendente de tiroleses, mãe de três filhos, é descendente de 4ª geração dos imigrantes. Foi presidente da Associação de Moradores. Atualmente é presidente do Círcolo Trentino e trabalha na organização das festas.

> Enfim, foi maravilhoso. O que eu senti quando eu cheguei lá? Eu senti, não sei... eu falava, 'Meu, eu to na terra onde os meus bisavós nasceram, onde o meu bisavô nasceu', meus bisavós, né, 'não to acreditando'. Eu conheci Sardagna, quando eu cheguei em Sardagna, que tava assim, as ruas lá de Sardgana tavam 'não sei o que Degasperi', 'não sei o que Degasperi', porque é tudo Degasperi, né, Sardagna é o, vamos dizer, um país zero, né, eles falam, dos Degasperi. E eu conheci Romagnano, eu conheci Trento, é, quer dizer, conheci Meano, Vigo Meano, da onde vieram os Correr, os Forti, acho que os Forti vieram de Romagnano. Também Romagnano, né? Eu e a Lídia nós fomos lá, depois nós fomos em Sardagna, que é a terra dos Degasperi, e eu fui lá ver o batistério do meu bisavô, tava lá, ele foi batizado naquela igreja, onde eu fui. Maravilhoso, né?
>
> Ivanete Degasperi

Com relação ao pertencimento à cultura tirolesa, questionei, nas entrevistas, como os próprios descendentes enxergavam outros grupos semelhantes a eles no Brasil, bem como aqueles que vivem no Tirol hoje. A hipótese de que há características em comum, porém, com traços específicos para cada grupo de tiroleses no Brasil devido à distância geográfica, ao tempo de separação e ao diferente choque entre culturas, foi confirmada em algumas entrevistas ao longo do texto.

2.7. Subjetividade[37] e imigração

Sem a pretensão de esgotar as discussões teóricas sobre imigração, finalizarei esse apanhado de teorias com uma breve discussão sobre o papel da subjetividade. Não se pode estudar imigração sem levar em conta as questões pessoais e subjetivas que a impulsionam. Em geral, elas são o ponto determinante na vida do indivíduo para a decisão de emigrar. Ao lado de todas as demais explicações, a subjetividade também impulsiona o indivíduo a decidir por deixar seu local de origem para viver em um novo local, muitas vezes desconhecido e inóspito.

Magalhães discute essa abordagem na obra "O Brasil no Sul da Flórida", considerando que a subjetividade é fator determinante para que a imigração ocorra e para entender seus

---

[37] O conceito de subjetividade aqui utilizado refere-se à construção do sujeito em sua totalidade: individual, social, histórica e discursiva. Portanto, a subjetividade é a construção das inúmeras identidades de um sujeito e sua síntese.

motivos e causas. No entanto, destaca que esses elementos são sempre encobertos "pelas motivações de ordem coletiva". Estudar as subjetividades revela uma complexidade de situações que levam o imigrante a sair de seu país ou de sua região e a se estabelecer no local de destino, sem previsão ou intenção de retorno (MAGALHÃES, 2011, p.122-123).

Todo sujeito tem sua individualidade, mas também é uma construção social, histórica e discursiva; ele é, portanto, uma confluência de identidades e de situações coletivas. A importância de se estudar as motivações das imigrações está no fato de que cada um tem sua experiência específica e diferenciada que carrega em si elementos da coletividade (MAGALHÃES, 2011, p. 22).

Analiso como essas motivações são trabalhadas pela memória das novas gerações, ao entrevistar descendentes, a partir da terceira geração, ou seja, netos de imigrantes, por considerar que um estudo que utilize a história oral permite agregar a análise macroestrutural às micro-histórias individuais. Trata-se de entender como a "memória coletiva" (HALBWACHS, 2004) narrada pelos descendentes constrói um discurso próprio sobre a imigração. O que se torna relevante na presente pesquisa, nesse ínterim, é compreender como as gerações atuais elaboram, de modo próprio e único, a experiência migratória da família e de todo o grupo, ou seja, o que é significativo para ele e o que sua experiência diz desta coletividade.

Dentro desse conceito, uma vez que além das motivações de ordem coletiva há as questões subjetivas que caracterizam essa atual elaboração do "ser tirolês" em Santa Olímpia, procurei em praticamente todas as entrevistas solicitar ao entrevistado que descrevesse o que era o tirolês em sua opinião. Algumas respostas estão transcritas abaixo, na íntegra, para possibilitar a presença da voz dos entrevistados no texto:

> E falar tirolesa pra mim, por exemplo, era o mesmo que me chamar pelo nome. Assim, não tinha, parecia que tava dentro de mim já aquilo lá, não era uma coisa forçada, tipo 'Ai tão me falando tirolesa, não sou bem tirolesa.' Pra mim eu era tirolesa, eu sou tirolesa até hoje e vou ser.

Ivanete Degasperi

> Ah, eu acho que é só orgulho, eu acho que a gente tem que ter orgulho. Eu falo pra eles, eu moro no Brasil, eu sou super patriota, super, mas eu acho que a gente não pode perder isso daí. Você falar uma outra língua, você ter uma outra raiz, eu acho que você tem que se orgulhar disso... Um povo sem história não é um povo, né. Você concorda comigo? E se nós tiver vergonha da nossa história, que sentido tem? Então eu acho que ser tirolês é isso daí, você tem que se orgulhar de tudo que os nonos passaram pra deixar tudo isso pra gente, um bairro bonito, cheio de gente alegre, que se conhece, que se gosta, que se briga, que se xinga, mas tá sempre junto, é acontecer uma desgraça pra você ver a união de todo mundo, então eu acho que ser tirolês é isso mesmo!

Elsa Pompermayer Stênico

> Ah, um tirolês é alguém que tem características próprias, que ama o seu jeito, o seu modo de ser, que tem uma origem específica e que, no momento, trabalha, luta, defende esse título. Não, não é, não é alguém indiferente às suas origens, ao seu modo de ser. Um tirolês também, ele, ele, ele é tido como alguém teimoso - aquela coisa que você sabe né [risos] – cabeçudo – não é cabeçudo, não, é... cabeça-dura, é, tem uma visão própria de ser, mas o tirolês é muito fraterno e solidário e muito acolhedor e muito alegre e muito feliz. [risos]

Padre Daniel Stênico[38]

> Acho assim: essa questão do ser tirolês, eu acho que tá bem, pelo menos pra quem nasceu, viveu sempre aqui, tá bem, uma coisa bem intrínseca, né. Porque a gente sempre ouviu desde criancinha, desde pequeno, então, acho que é meio indissociável, né, esse negócio de ser brasileiro, ser tirolês, pra gente que nasceu aqui, acho que é uma coisa que anda junto. Porque a gente sempre ouviu desde pequeno, por exemplo 'Ah, a gente, nós somos tirolês, os velhos, a gente fala tirolês, veio do Tirol, nossos antepassados vieram do Tirol', então a gente sempre foi muito presente, né, porque desde pequenininho a gente sempre conviveu com isso, então sempre ouviu.

Leonardo Degasperi

Diante dos relatos, destaco como ponto central o sentido de pertença a essa categoria socialmente criada: o "ser tirolês". Esse indivíduo social é algo presente no imaginário coletivo dos moradores, que se dizem, reconhecem-se, apresentam-se e reivindicam essa identidade tirolesa cotidianamente, em diversos ambiente sociais e, principalmente, no contexto familiar.

Em seguida, detalharei mais algumas temáticas significantes para as pesquisas sobre imigração, que podem ser discutidas à luz das teorias aqui apresentadas.

---

[38] Padre Daniel Stênico, 74 anos, estudou Filosofia e Teologia no seminário. É descendente de terceira geração dos imigrantes e atualmente exerce as funções de pároco da Quase-Paróquia Imaculada Conceição e Santana, localizada no bairro.

2.8. A imigração sob a ótica das questões familiares e geracionais

Na discussão acerca das teorias sobre imigração, algumas temáticas específicas foram levantadas brevemente, que acabam por se reproduzir nos mais diversos grupos e por esse motivo são aqui discutidas, pois são variáveis que interferem e determinam esse processo.

Em uma vertente mais sociológica do tema, as famílias e suas reunificações emergem como uma das explicações do fenômeno imigratório, que pode iniciar-se como um projeto familiar, pois os membros de um mesmo núcleo podem partir juntos ou individualmente, para depois levar (ou não) os demais. No século XIX e início do século XX, momento da chegada dos tiroleses de Santa Olímpia, essa temática possuía centralidade.

Boyd (1989, p.642) destaca que a unidade doméstica é um importante fator nas imigrações baseadas em redes sociais. A partir de estudos focados na composição familiar, capacidade financeira, quantidade de filhos, origem social, composição de gênero, entre outros, a autora afirma que se pode definir um perfil comum de famílias imigrantes.

As famílias determinam também regras morais e comportamentos que influenciam na decisão ou não de migrar; além disso, constituem um grupo social disperso geograficamente, o que facilita a criação de redes de parentesco, e podem se estabelecer em diversos lugares, gerando possibilidades múltiplas para seus membros (BOYD, 1989, p.643).

Para o grupo de Santa Olímpia, atualmente o conceito de família abrange irmãos, tios, primos e outros agregados, o que se nota quando se fala da relação de parentesco no bairro. É corriqueiro escutar alguém dizendo ‘Aqui é tudo parente’.

> Não, a Rosa Pompermayer é a minha nona pro lado da minha mãe, né, e da mãe do meu pai. E o José Pompermayer, ele veio depois que o pessoal 12 anos pra cá. E todo mundo falava que ele não era daqui, que ele não era parente. Ele era só primo, ele não era parente. Imagine se fosse, né. Só que eles acham parente só pai, mãe e filho, e os irmãos. Não achavam que os primos...

Olésia Pompermayer

Atrelada à questão das famílias, também se encontra a discussão de gênero na imigração. No caso específico de Santa Olímpia, com uma imigração familiar, a matriarca assume um papel preponderante na definição da organização do bairro. Noto em alguns discursos que, apesar da sociedade machista da época, Rosa Pompermayer possuía um poder

de decisão central, como pode ser inferido no trecho abaixo, que trata da escolha das terras para formar a colônia tirolesa, após o cumprimento dos contratos iniciais de trabalho no Brasil:

> É, na verdade a nona quis aqui porque era longe do centro, né, ela quis pra ficar sozinha. Foi a Rosa Pompermayer que decidiu, porque eles tavam entre esse terreno e o da ESALQ. A ESALQ vendeu uma parte pro Luiz de Queiroz, pra fazer escola, aí ela viu que ia fazer escola, que ia... ela queria um lugar mais afastado, e aí veio nessa fazenda. Foi ela que decidiu que queria pra cá mais afastado. E bota afastado nisso.

Olésia Pompermayer

Esse poderio de decisão foi passando de geração em geração entre as mulheres da família. Maria Stênico, ou Zia Maria, filha de Rosa, foi quem conduziu o bairro nas décadas seguintes, sendo que até hoje é lembrada como ponto de referência:

> Elsa: Mas eu admiro ela, eu acho que eu peguei um pouco dela. Tanto que eles falam que eu sou a Zia Maria III. A tia Cecília é a Zia Maria II.
> Entrevistador: A Cecília eu já ouvi falar.
> Elsa: É e eu sou a Zia Maria III. Eu tô na próxima da...
> Entrevistador: Na linhagem, na descendência.
> Elsa: Na linhagem.

A imigração familiar traz consigo uma configuração específica, ou seja, a vivência doméstica em torno de seu próprio núcleo[39]. Nesse sentido, com o estabelecimento no território de destino, os imigrantes acabam por se reproduzir entre si, gerando descendentes de segunda, terceira, quarta gerações que possuem características físicas peculiares, como disfunções genéticas – surdez, mutismo, cegueira, Síndrome de Down e outras.

Já sinalizei anteriormente que há muitos casamentos intrafamiliares na comunidade tirolesa de Piracicaba, nas quatro primeiras gerações, o que comprova essa vivência doméstica dos grupos imigrantes. Em Santa Olímpia, os casamentos eram arranjados pelos patriarcas, com objetivos específicos, como pode ser notado no seguinte trecho de entrevista:

---

[39] Essa conformação se dá especialmente nas imigrações mais antigas, como as do século XIX, quando a questão do casamento era ainda mais tradicionalista, sem a abertura para a dissolução dessa instituição.

> Dide: E com isso foram casando entre eles, porque de lá veio 11 filho, já o mais velho tinha 21 anos, da nossa família, e eles também tinha, então se casaram, começaram se casar já, casaram quase tudo junto, primo com primo, quase tudo parente, meio parentaiada, casaram tudo aí. Então ficou tudo parente, Santana e Banco é parente, tudo, ficou muito parente.
> Entrevistador: Foi juntando as famílias.
> Dide: É, se casaram junto. Até começar esparramar a família, não esparramava, tudo tinha que casar, e quem arrumava era os velho, as velha, os velho que arrumava os casamento naquela época.
> Entrevistador: Eles arrumavam?
> Dide: É, eles que falavam 'Você vai casar com aquele ali. Você que vai casar com aquele lá.' Eles entrava no meio. Então se casava entre parente, não queria deixar entrar caboclo, preto. Agora, depois, abriu tudo, então agora casaram com preto, com amarelo, misturou tudo. Agora misturou, mas naquela época até uma certa altura era só as duas famílias.

> Estephânia: Antigamente, antes, no meu tempo, quando era solteira, eles não queriam que casasse com gente estranha.
> Olésia: Porque na verdade eles falava, aqui a preocupação deles era a alma, tudo ia perder a alma, então eles achavam que a pessoa que não fosse tirolesa, não frequentava a igreja, como se fosse só eles, sabe aquelas coisas bem...[...]
> Estephânia: Era tudo uma mistura só, vieram de lá já parente.
> Olésia: É, vieram, porque, na verdade, era uma proteção que eles tinham entre eles, né. Porque lá era aquela época do movimento, das guerras e tudo mais, então eles tinham que manter e o Vaticano I incentivava isso. E como eles eram religiosos ao extremo, eles seguiam à risca.
> Entrevistador: Pra manter a religião também.
> Olésia: E o Vaticano I, ele fala que pra manter a religião, manter a fé, tinha que manter a família. E de preferência a mesma família. Mais loucura são os Christofoletti, eles mudavam, eles variavam o sobrenome, pra continuar a mesma família, tem vários sobrenomes diferentes, mas que é da mesma família, é primo casando com primo.

De acordo com as entrevistas, os casamentos intrafamiliares eram não só incentivados, como arranjados pelos pais, com o objetivo de manutenção de certa "moral inviolável", a moral cristã. Os imigrantes traziam uma mentalidade de que a religião era algo a ser guardado, como um bem de família, uma herança, que passava de pai para filho e o casamento com indivíduos de fora poderia quebrar essa tradição religiosa e distanciar a comunidade da fé cristã.

Nesse sentido, o conceito de família torna-se central para entender a organização do bairro de Santa Olímpia, uma vez que este foi originado de uma raiz e sempre manteve essa mentalidade. A própria terra da fazenda foi dividida entre os parentes, que, posteriormente, foram dividindo entre seus descendentes, porém tudo ocorria na base da confiança, sem

documentação. Vejamos o trecho a seguir:

> Aqui como foi, tá tudo meio enroscado, sabe aqui? Tudo meio dividido malemá, tudo sem medida. Porque acontece, por exemplo, que nem meu pai, tinha a parte dele aqui que recebeu dos velho, foi dividida a fazenda, dividiram pros 10, e depois ele comprou por boca assim mais um pedaço do outro aí que foi embora, sem escrever nada. Agora dá diferença. A escritura é o que era, agora aumentou esse daí, na medida que nós fizemos pra dividir entre nós irmão deu muito mais. Então tá aquela diferença aí. Tá duro de dividir, fazer IPTU, por causa dessa, dessa coisa que os velho foram comprando a boca, assim, repartindo [...] Assim foi a história nossa aí. E agora tamo aqui dividido entre os filho já, tudo, né. Mas tudo meio, como eu falei, tudo meio diferente de medida, por causa que os véio trocava por boca, comprava e não fizeram escritura. Agora tá duro de fazer o IPTU aqui. Não bate os terrenos, sabe?
>
> David Forti

Os núcleos familiares nunca se preocuparam muito em registrar oficialmente as medidas administrativas tomadas na fazenda, uma vez que os primeiros proprietários eram irmãos e cunhados entre si. Quando tratar da história do bairro, será apresentado o processo de compra da fazenda Santa Olímpia, que também foi problemático, devido à falta de documentação comprobatória.

Dentro das discussões sobre migrações familiares, também cabe destaque à temática das gerações e seu desenvolvimento ao longo do tempo de permanência no país de destino, em especial com relação aos conflitos intergeracionais. Veremos na análise das festas como esses embates se dão em Santa Olímpia, pois, com o passar do tempo, os valores se modificam e a adaptação ao Brasil também.

Deste modo, os tiroleses de Santa Olímpia de hoje já chegam, em alguns núcleos familiares, à sétima geração, uma vez que a imigração completa 132 anos, em 2013. Neste sentido, cabe destacar que muitas mudanças ocorreram no bairro em relação ao modo de se organizar, aos valores, aos costumes, à cultura como um todo. No Apêndice 2 deste trabalho, é apresentada a tabela resumo do perfil dos entrevistados, com destaque para a descendência em que estão inseridos esses moradores, sempre com referência a mais antiga, uma vez que um mesmo entrevistado pode pertencer a um grau por parte de pai e outro por parte de mãe.

O que mais salta aos olhos nessa discussão é a língua, uma vez que a apropriação do dialeto trentino pelas gerações mais recentes não se deu da mesma forma como nas anteriores, o que já demonstrei ao tratar sobre a perda de espaço para a língua oficial – o português.

Com vistas a uma retomada dessa tradição linguística no bairro, há uma certa demanda coletiva por aulas de dialeto trentino para as gerações mais recentes. Apoiados pelos mais

velhos, Erotides Pompermayer e Leonardo Degasperi montaram as primeiras turmas para lecionar formalmente a quem se interessasse, bastando ser morador. Leonardo relata o surgimento desse fato na entrevista realizada, conforme segue:

> Então, essa parte do dialeto começou mais assim... que fizeram pro centenário, em 92, quando comemorou o centenário, fizeram um vídeo, um teatro "Em busca de novos horizontes", que era um vídeo em dialeto. Contava a história da imigração e era feito em tirolês, só fala em tirolês no teatro. E aí, de uns tempos pra cá, o Erotides Pompermayer, é o nome dele, junto com o padre Daniel, eles começaram a fazer uns teatrinhos com as crianças. Então eles faziam os textos e filmavam com as crianças, o teatrinho em tirolês. Aí o Tide começou dar aula, começou dar aula de tirolês, aí depois ele parou e eu comecei, comecei no ano passado, no começo do ano passado. Aí eu comecei, assim, é independente, né, faço de forma independente, né, não é ligado nem à Associação, nem ao Círcolo.

Leonardo Degasperi

Para a realização das aulas, Leonardo e o linguista Everton Leopoldino prepararam as apostilas, pois até então tudo que se tinha do dialeto havia sido passado oralmente, sem registros escritos:

> Eu e o meu amigo Everton Altmayer [Leopoldino], ele é professor, ele é linguista, né, e aí a gente fez uma apostila. Eu e ele, a gente se juntou, fez uma apostila, porque, assim, tanto como ele tá fazendo um trabalho com o dialeto, então a gente conversando com os velhos assim... Porque, assim, eu aprendi o dialeto ouvindo meus avós, né, e o pessoal mais velho [...] a gente sempre ouviu, né, os mais velhos falar em tirolês, e depois que comecei estudar o italiano, aí eu comecei a prestar mais atenção, como eu já era envolvido com essa parte da dança, do coral, então eu comecei a prestar mais atenção, sabe, nos velhos conversando, então eu vinha, ficava ouvindo meu vô e minha vó conversar, é, ficava perto dos mais velhos.

Leonardo Degasperi

Nesse sentido, há que se discutir a passagem dessa linguagem oral entre as gerações. Em Piracicaba, o dialeto trentino sofreu influências do português, como o próprio Leopoldino (2009) discute em seus trabalhos. Por sua vez, na região da Província Autônoma de Trento, as vilas que ainda utilizam o mesmo vernáculo também foram afetadas pelo italiano após a reunificação da Itália e a subjugação do território trentino por parte do império italiano. Pode-se inferir que o dialeto utilizado em Santa Olímpia se aproxima do dialeto atualmente utilizado nas vilas de Trento, mas possui distinções significativas. Com relação às mudanças históricas ocorridas na fala dos tiroleses de Piracicaba, tem-se que:

> Os imigrantes vieram com duas variedades do dialeto trentino: a de Cortesano e Meano e a de Romagnano. Aqui, começaram a aprender o português apenas como uma língua "estrangeira", para contato com a comunidade externa. Com o tempo, as crianças passaram a ser bilíngues: falavam o dialeto trentino e o português. A partir

> de então, começa a se formar uma variedade de português a que chamamos de 'misturada', formada basicamente pelo português com influência do dialeto trentino (sobretudo do léxico e de alguns traços fonológicos). Finalmente, com a escolaridade, surge na comunidade o uso de uma outra variedade de português, representada pela norma culta-padrão da região (dialeto paulista atual).
>
> LEME, 2001, p. 137

O próprio Leonardo afirma que as variações ocorridas se dão em grande medida pelo fato de o dialeto ter sido transmitido por meio de uma tradição oral:

> ...algumas vezes o pessoal lá do Tirol manda uns livros que tem uns provérbios, assim, em tirolês. Na verdade, assim, o dialeto é uma coisa oral, né, uma tradição oral, então, na verdade, a escrita da região, do dialeto hoje de Trento é um pouco diferente da nossa, assim o dialeto em si, porque o nosso dialeto é daquela época, né, então é de 1881, que é quando o pessoal veio de lá... [O nosso dialeto] teve influência do português, como o pessoal de lá teve influência do italiano, então já varia um pouco o nosso dialeto.
>
> Leonardo Degasperi

Além do dialeto, a escolaridade dos descendentes, que em grande parte dos casos acaba sendo maior que a de seus pais e avós, também gera mudanças no padrão social do grupo ao longo das gerações e pode levar a conflitos. Isso se dá pelo fato de que esse maior acesso à educação e à língua portuguesa facilitou a integração social e econômica do grupo, proporcionando negócios e trocas importantes para a sobrevivência da comunidade.

Geraldo Stênico, ícone no bairro no que diz respeito ao incentivo à educação formal, relata como se deu o processo de escolarização dos descendentes e as mudanças de uma geração para a outra com relação aos estudos:

> Porque a nossa vida, né, foi apertada. Com 7, 8 anos, escuita bem, andava lá em cima que é mais de um quilômetro e pouco, buscar as vacas, às seis horas da manhã, descalço, com frio, ia buscar as vacas, trazia aqui, pras mulher tirava o leite. Depois tocava tocar as vacas pra cima, descer e às oito horas estar no grupo, senão [pausa] o chicote cantava. Oito horas tinha que estar no grupo já, a nossa vida de criança... É, depois o nosso diploma, o nosso diploma de 4ª série era enxada e facão pra cortar cana. Pronto, o nosso diploma. [pausa] Mas eu sempre incentivei pra todo mundo: estudo, estudo, estudo. Eu sempre incentivei. Nosso tempo não tinha, não tinha oportunidade. Mas quando vi que meus filhos passaram, saíram do ginásio aí, então arrumei um ônibus a noite pra eles poderem estudar. Não só meus filhos, todo mundo né. Arrumei. Falou: "Ó, me arrume 20 pessoas que eu vou", o motorista, o Eugênio Correr, que também é parente também, né, o Eugênio Correr. Falou: "Me arrume 20..." Mas arrumei só 18. Mas como ele queria estudar, então foi com essas pessoas. Começou com 18. Depois, fiquei sabendo que a prefeitura pagava a viagem, ah! corri lá no mesmo dia, arrumei então... aí "entopetou" o ônibus, não cabia mais ninguém. Tinha assim umas 40, 50, todo mundo foi estudar. Mas deu pra dar um incentivo, né.
>
> Geraldo Stênico

Diante dessa fala, vários elementos podem ser extraídos para análise. O primeiro deles é a mudança de paradigma. Nas primeiras gerações, cursava-se o Ensino Primário, atualmente chamado de Anos Iniciais do Ensino Fundamental, dentro do bairro. Antes e depois das aulas, as crianças tinham atribuições específicas com relação aos cuidados com animais e na própria roça, ou seja, as aulas e o trabalho dividiam o tempo das crianças com as brincadeiras na rua.

Posteriormente, a possibilidade de ir para o centro da cidade estudar, com a implantação da linha de ônibus, mudou o modelo de organização do bairro. Quem saía para estudar visava uma carreira diferente da dos pais, exclusivamente na roça, pois buscava qualificação profissional, principalmente nos cursos técnicos de mecânica (homens), para atuar nas indústrias, e enfermagem (mulheres), nos hospitais.

Todas essas mudanças também interferiram na relação entre as gerações, passando de um respeito absoluto para com os mais velhos para uma relação mais dialógica. Atualmente, a veneração aos idosos ainda pode ser vista em alguns momentos nas atitudes dos mais jovens:

> Então a gente fez uma homenagem pros idosos acima de 80 anos. A gente entregou uma lembrancinha, então chamou o nome deles na igreja, né, assim, homenageamos eles que são a base, né.

Leonardo Degasperi

Mas o distanciamento também se torna cada vez mais real, seja na religião, seja na tecnologia, ou na vivência cotidiana. Antigamente, o tempo livre era gasto na praça, na convivência, atualmente isso se modificou:

> É, é, não tinha [muito o que fazer], então ficava aí. A gente fica também agora na frente da Igreja, uma coisa, ou outra, mas naquele tempo ficava nove, dez horas, porque não tinha, ia fazer o que? Então ficavam ali, PA PA PA PA PA [caricaturizando uma conversa]. E nós brincava de brincadeira de correr no meio do mato assim que tava acostumado com a noite, que enxergava nem que era [fosse] noite. Ficava correndo no meio do mato aqui, não ficava parado, ficava brincando com nossos brinquedos. E quando fiquei mocinho a gente pegava, ia pra Igreja aí.

Geraldo Stênico

> Os jovens, eles, nós, por exemplo, eu como jovem, não saía daqui. Então o que eu tinha era o que eu via aqui só. Eles não, né. Agora 17, 18 anos tão fazendo faculdade, em outras cidades, então a influência de fora é grande. Nós temos bastante jovens que não vão mais à missa hoje aqui. Mas isso não quer dizer que o bairro se esqueceu deles, porque tudo que vai fazer envolve todo mundo, né. Mas eu acho que a gente se perdeu muito, perdeu muito nessa parte, sabe? Assim, da fé deles, não sei se a fé é diferente, mas parece que eles rezavam mais. Eu acho que a gente hoje reza menos. Mas, assim, união, a parte disso daí, a igreja precisou, o bairro todo acorre.

Elsa Pompermayer Stênico

Hoje, os jovens têm acesso à tecnologia, à educação, a outros ambientes de convivência, que estão muito distantes da visão de mundo dos velhos do bairro. As festas acabam por tentar unir gerações em prol de um mesmo objetivo, a afirmação dessa identidade tirolesa em Santa Olímpia, porém seus conflitos nem sempre possibilitam esse fato.

Há também, dentro dessa discussão geracional e das festas, outro fator que não pode ser desconsiderado: a religião. E esse pode ser considerado um dos pontos delicados para a comunidade tirolesa de Piracicaba nos dias atuais. O catolicismo sempre foi tido como ponto central da vivência dos tiroleses que chegaram a Piracicaba, como no trecho retirado do testamento de Zia Maria sobre a reza do rosário, mas perdeu espaço nos últimos anos para diversas outras ocupações, pela facilidade de acesso a outras regiões da cidade, a bens culturais, tecnologia, entre outros.

Deste modo, os relatos colhidos indicam uma preocupação dos mais velhos em atrair os jovens para a religião. A discussão sobre catolicismo será retomada no capítulo quatro, mas é importante ressaltar os embates geracionais que se tornaram frequentes nos últimos anos.

O padre do bairro destaca que os jovens acabaram por se dispersar, pois a igreja tem certa dificuldade em acompanhar a rápida evolução do mundo moderno, reduzindo o diálogo. E isso não ocorre apenas em Santa Olímpia, mas pode ser encontrado em outros lugares, como destaca padre Daniel:

> Então, considerando a juventude, a gente considera, deve considerar uma transição. Antigamente, demorava cem anos pra que houvesse uma transição. Hoje, em um ano, existem muitas transições, muitas mudanças, muitas ideias novas. E dentro desse mundo, com essa evolução, que, que, que quase é difícil de acompanhar, o jovem se sente perdido. E a igreja também. Porque muita evolução, muita evolução, você não consegue acompanhar. É difícil acompanhar, fazer proposta. Você faz uma proposta hoje, já tá superada. É tipo assim, é, em todo, em todos os campos, em todos os sentidos. Você compra um computador, amanhã você quer comprar outro, tá superado, você não consegue a evolução. Carros, você compra um hoje, amanhã sai outro, você quer comprar outro. Então, essa violência de tantas propostas, de tantas, assim, imposições, assim, da mídia, comunicação e tudo mais, os que são mais atingidos são os jovens, e os jovens são os que têm menos estrutura, uma estrutura formada. Por isso, entender os jovens é uma coisa que é necessário entender. Como conduzi-los? Quem sabe? Não existe, não existem normas, regras que se encaixam dentro de uma educação pra conduzir a juventude. Por isso que há essa dispersão.

Padre Daniel Stênico

Essa união da comunidade é atribuída por diversos entrevistados ao fator religioso,

portanto, apesar de a religião ter perdido um pouco de sua centralidade, os moradores ainda atribuem a ela o papel de elo, afirmação que pretendo problematizar na presente pesquisa. Ao mesmo tempo, as festas também possuem esse mesmo potencial:

> É, ainda nossa maior festa, a Festa da Polenta, ainda é quase que 100% voluntariado, então todas as pessoas estão aí disponível, vamos fazer de tudo pra continuar isso, com certeza por influência da igreja, da religião, do chamado à vida comunitária, vida fraterna, com certeza a igreja ajudou muito nisso. O vigário nosso, ele também é tirolês, ele tem essa preocupação. Então eu acho que ele foi muito sábio em se utilizar da festa pra implantar a vida comunitária, a vida fraterna, a busca do bem comum, entendeu?

Edivaldo Stênico

Há outros fatores, além da religião e da língua, que influenciam os embates geracionais, a saber: valores morais, a bagagem cultural, vestimentas, casamentos interparentais, padrões éticos e tantos outros que podem ser verificados como conflituosos na imigração. Cabe um destaque ao fato de que a discussão das gerações também debate com a identidade do imigrante, que vai se perdendo ao longo do tempo. No último capítulo, voltarei a discutir esses fatores ao tratar das festas e das relações entre os moradores do bairro.

Finalmente, mas não esgotando as temáticas que se inserem nos estudos migratórios, é importante se ater aos conflitos identitários e étnicos, como núcleo dos muitos problemas enfrentados no país de destino. Em geral, a sociedade brasileira deparou-se com o choque cultural já no primeiro momento da chegada do tirolês, olhando-o como inferior. Isso acontece, conforme discutem Elias e Scotson, porque há um embate simbólico entre os dois grupos (os antigos e os novos), um estabelecimento de hierarquias de status com base no tempo de chegada (ELIAS & SCOTSON, 2000).

A alteridade, ou seja, o olhar para o outro como diferente, pressupõe um acirramento das identidades, ou seja, o fortalecimento de uma leva ao agravamento da hostilidade para as demais. A convivência entre grupos diversos é sempre complexa e permeada de violências dos mais diversos tipos, que na imigração se reproduzem com mais potencialidade. Os grupos imigrantes muitas vezes são tratados como indivíduos de segunda classe, por representarem ameaça à cultura posta na sociedade de destino.

Esses embates podem ocorrer em diversas situações, mas na fala dos entrevistados aparecem sempre com relação ao dialeto, que parece ter sido o mais forte indicador da discriminação sofrida pelos tiroleses e que ficou marcado na memória coletiva:

> Quando que eu era criança e até jovem, era motivo de chacota, você ir na cidade e você falar o dialeto, era pejorativo, 'você é ignorante'.

Procurei levantar as principais temáticas que dizem respeito à imigração, suas causas e consequências, com base em variadas teorias. Além disso, introduzi alguns elementos de identificação dos tiroleses, para entender a atual conjuntura do bairro de Santa Olímpia.

Como conclusão prévia, destaco o fato de que a imigração desse grupo, por ser do século XIX, assim como outros grupos europeus do mesmo período, possui aspectos marcantes, como a vinda de grandes famílias em busca de trabalho braçal nas fazendas e a formação posterior de colônia afastada dos centros urbanos.

No próximo capítulo, discutirei sobre o bairro, os costumes e as características dos moradores, a partir de relatos dos entrevistados e da observação da rotina de Santa Olímpia, nas visitas realizadas por ocasião da presente pesquisa.

CAPÍTULO 3:

SANTA OLÍMPIA: HISTÓRIA, CONTEXTO, TRADIÇÃO E DESAFIOS.

3. SANTA OLÍMPIA: HISTÓRIA, CONTEXTO, TRADIÇÃO E DESAFIOS.

No capítulo anterior, discuti sobre a imigração tirolesa e a chegada desses imigrantes no Brasil, perpassando a base teórica, bem como as situações peculiares do grupo estudado.

A partir de agora, analisarei mais a fundo o contexto atual do bairro Santa Olímpia, em Piracicaba, interior de São Paulo, através de depoimentos, dos registros efetuados quando da realização das visitas ao bairro e da observação participante.

Partindo de uma análise geográfica da região, além da econômica e social, pretendo finalizar esta seção com a abordagem cultural mais específica. A partir daí, enfocarei as festas realizadas pela colônia tirolesa de Piracicaba, buscando relacionar os elementos específicos da cultura tirolesa e identificar outros traços culturais adquiridos pela comunidade no Brasil.

Abordarei também as tensões vividas pela comunidade ao longo destes 120 anos de existência do bairro, no que se refere à manutenção de hábitos e modos de vida face à modernização do bairro rural de Santa Olímpia.

3.1. Piracicaba

Os tiroleses de Santa Olímpia chegaram ao Brasil com destino à Fazenda do Visconde de Indaiatuba, nas imediações de Campinas, interior de São Paulo. Após cinco anos de trabalho, em 1886, findo o contrato estabelecido inicialmente, os colonos deixaram a referida fazenda e partiram para diversos municípios da região de Campinas. Jacob e Rosa Correr, com seus filhos, genros e noras, dirigiram-se a Piracicaba, interior de São Paulo, estabelecendo novo contrato de trabalho na Fazenda Monte Alegre, fundada em 1804.

Piracicaba é um município do interior do Estado de São Paulo, fundado em 1º de agosto de 1767, pelo bandeirante Antônio Corrêa Barbosa, a mando do Capitão-General da Capitania de São Paulo, Luís Botelho de Souza Mourão. Inicialmente, a ordem foi de que o município estivesse na foz do Rio Piracicaba que ocorre na represa de Barra Bonita, junto ao Rio Tietê, próximo ao atual município de Santa Maria da Serra, com o objetivo de ser ponto de parada das rotas bandeirantes rumo ao território que hoje compõe o Estado de Mato Grosso. Porém, por desobediência, Antônio Corrêa Barbosa acabou escolhendo um local a

aproximadamente 70 quilômetros rio acima, à beira do salto do Piracicaba. Em 1774, é elevada à freguesia do município de Itu, tornando-se entre 1821 e 1822 a Vila Nova Constituição, em homenagem à Constituição Portuguesa, promulgada nesse ano. Apenas em 1877, por meio de uma petição do ex-vereador Prudente de Morais, então Presidente da República Brasileira, seu nome tornou a ser o mais antigo e popular – Piracicaba, que na língua tupi significa "lugar onde o peixe para", recebido do povo indígena Paiaguá, que habitava a região do salto antes da fundação[40].

Grandes eventos culturais de repercussão nacional e internacional são sediados no município, em especial próximos ao Rio Piracicaba, como, por exemplo, o Salão Internacional de Humor, que realiza sua 40ª edição em 2013, a Virada Cultural Paulista, que, dentre outros municípios, também acontece em Piracicaba, o Festival Internacional de Música Erudita. Além disso, diversas festas tradicionais movimentam o calendário cultural de Piracicaba, como a Festa de São João em Tupi, a Festa do Milho Verde em Tanquinho, a Festa das Nações no Engenho Central, a Festa do Divino na Rua do Porto e as festas da Colônia Tirolesa em Santana e Santa Olímpia[41].

Abrindo um parêntese, destaco a Festa do Divino Espírito Santo de Piracicaba, estudada em meus trabalhos anteriores. Iniciada em 1826, está em sua 187ª edição em 2013, reunindo (ao longo de 10 dias no início de julho de todos os anos) religiosidade popular, cultura caipira, música, dança e fé. Seu público chega a atingir 50 mil pessoas nos dias de sua realização.

Ainda na área cultural, cabe destaque à fama de caipira do piracicabano, representada pelo modo peculiar de falar, pela música sertaneja de raiz, pelo jeito pacato de ser. Em pesquisa realizada em 2009, Leopoldino destaca o perfil linguístico dos tiroleses de Piracicaba e a junção do dialeto trentino com o dialeto caipira da região, gerando um novo jeito de falar, muito peculiar e divertido.

Piracicaba também recebeu imigrantes de outras nacionalidades, como japoneses, italianos, alemães, espanhóis, portugueses, sírios, libaneses, entre outros, porém nenhum

---

[40] Fonte: Página do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba. Disponível em: <http://www.ihgp.org.br/novo/historia-de-piracicaba/> Último acesso em 09 jul 2013.

[41] Fonte: Site da Secretaria Municipal de Ação Cultural, disponível em: <http://semac.piracicaba.sp.gov.br/website/?page_id=202> Último acesso em 15 jun 2013.

desses grupos formou colônia no município como os tiroleses, apesar de possuírem associações culturais na cidade.

É nesse ambiente de efervescência cultural e miscigenação social que o município representa um objeto de análise importante e fundamental para a imigração tirolesa. Dentro desse recorte e dado esse contexto, optei por enfocar a análise no bairro de Santa Olímpia, que possui a maior colônia de imigrantes da região, apesar de o município possuir outras centenas de descendentes de tiroleses morando em outros bairros da área urbana.

O recorte por Santa Olímpia deu-se pela abrangência da pesquisa e por sua especificidade, pois acredito que uma análise que englobasse também o bairro de Santana necessitaria de um número praticamente dobrado de entrevistas e de festas a serem observadas, o que inviabilizaria o desenvolvimento da pesquisa. Porém, na análise, não deixo de lado a relação entre os vizinhos, uma vez que ambos ocupam a mesma porção territorial do município e as trocas são constantes, seja de ordem cultural, religiosa ou familiar.

3.2. Santa Olímpia e seus arredores: formação econômica e social

Para apresentar o bairro de Santa Olímpia, parti de dados colhidos nas entrevistas, mas principalmente da análise cotidiana do bairro, seja nos dias de festa, seja em dias comuns. Das conversas informais com moradores, pude extrair significativos elementos que desenham esse ambiente peculiar.

Distante aproximadamente 22 km do centro da cidade, com acesso pela SP-308 – Rodovia Hermínio Petrin, que liga o município de Piracicaba à vizinha Charqueada -, está o bairro rural de Santa Olímpia, ladeado pelos também aglomerados tiroleses, a Fazenda Negri e o bairro de Santana, além de algumas fazendas particulares.

Em 1892, as famílias tirolesas, que então viviam na Fazenda Monte Alegre, em Piracicaba, reuniram suas economias de dez anos de trabalho no Brasil, e adquiriram a Fazenda Santa Olímpia, com 580 hectares[42], hoje bairro Santa Olímpia. Já citei que a escolha

---

[42] Após as hipotecas e golpes recebidos, como mais adiante será apontado, restaram 310 hectares, dos 580 iniciais.

por esta terra foi feita pela matriarca Rosa Pompermayer Correr, que optou por um local mais afastado do centro da cidade, tendo em vista um isolamento que garantisse a manutenção da tradição religiosa trazida do Tirol.

Um ano depois, em 1893, os imigrantes Bortolo Vitti e Francesco Forti, chegados ao Brasil anteriormente com suas famílias também tirolesas, sabendo da existência de outra porção de terra disponível para compra ao lado da primeira, adquiriram a Fazenda Sant'Anna, atual bairro de Santana, com 726 hectares à época. A Fazenda Negri, que hoje pertence ao bairro de Santa Olímpia, compreende as terras que fazem fronteira com este e Santana e foi adquirida em meados de 1900 por Luigi Negri (LEOPOLDINO, 2009, p. 93-95).

O início da vida dos tiroleses em Santa Olímpia foi difícil e recheado de sofrimentos, como aconteceu com diversos outros grupos de imigrantes. Conta a tradição oral que as terras tiveram que ser compradas por diversas vezes, pois os imigrantes acabaram sendo enganados no contrato. Provavelmente, a dificuldade com o idioma português deve ter sido o fato decisivo para que isso ocorresse.

Tendo adquirido a fazenda em 1892, de João Baptista Pinto de Almeida, o patriarca foi obrigado a hipotecá-la. Em 1895, o antigo proprietário veio a falecer e, em não havendo contrato de compra e venda registrados, seus herdeiros reivindicaram a propriedade, que teve que ser novamente paga. David Forti relata em sua entrevista esse fato:

> Então aqui já o nosso bisnono, a primeira hipoteca, ele fez ele, daqui da fazenda, a primeira hipoteca fez ele. Mas como ele resolveu voltar pra Itália já [o financiador], ele quis o dinheiro, né. Eles não tinha começado só, era mata virgem aqui a maior parte, emprestaram de um outro tal de Cícero, de um de São Paulo, conhecido, né, ele falou 'Pago eu pra ele, depois vocês ficam devendo pra mim', 'Tá bom', pagou, esse Romano Forti foi pra Itália, levou o dinheiro embora. Aí foi indo, foi indo, esse Cícero Bastos aí, que falava, ele adoeceu e os véio tinham conseguido pagar a fazenda, né. Aí foram lá em São Paulo, parece que foi até frade junto também e ele tava nas últimas. Diz que ele fazia sinal que queria – não tinha assinado, né – aí falaram 'Ah, vá, deixa que ele morra em paz, não precisa que ele assine, né', e ele morreu. A mulher não reconheceu, precisou pagar de novo.

David Forti

Essa história contada por David é repetida por diversos moradores do bairro, porém a história que se segue é a mais conhecida de todos e foi a que originou o apelido pejorativo do bairro, que até hoje é chamado de "Banco". Para pagar novamente a dívida para a família do antigo financiador, tiveram que hipotecá-la novamente, porém em uma instituição financeira:

> Aí hipotecaram no banco, por isso que a Fazenda fala "Banco" aqui, o banco pegou a hipoteca, entende? O banco pagou a véia lá, ficou com hipoteca. Aí os homens aqui foram trabaiando, trabaiando, trabaiando, aí tinha uma, uma colheita de café muito boa, falou 'Se quiser, fica pago, dá a colheita de café e fica pago a fazenda', só o grãozinho, só o grãozinho, eles arrumavam tudo. Aí reuniram lá, uma véia falou 'Ah, não. Vai dar pra pagar e sobra dinheiro'. E de fato o café deu mesmo.

David Forti

Somente em meados de 1912, novo contrato foi firmado e a dívida foi paga nos anos subsequentes, com a produção do café, quando, definitivamente a fazenda passou para as famílias tirolesas (LEOPOLDINO, 2009, p. 93-95).

A fazenda Santa Olímpia, ou o Banco, portanto, teve uma história conturbada desde o seu início e talvez este seja um dos motivos que levaram os moradores a se tornarem cada vez mais unidos, como uma grande família ampliada, vivendo em casas diferentes, mas compartilhando o mesmo ambiente, a mesma terra. Esse é um dos problemas ainda não resolvidos no bairro: a propriedade das terras. Há uma divisão clara para os moradores, porém a regularização fundiária na Prefeitura não ocorreu, conforme relato:

> Aqui como foi, tá tudo meio enroscado, sabe aqui? Tudo meio dividido malemá, tudo sem medida. Porque acontece, por exemplo, que nem meu pai, tinha a parte dele aqui que recebeu dos velhos, foi dividida a fazenda, dividiram pros 10, e depois ele comprou por boca assim mais um pedaço do outro aí que foi embora, sem escrever nada. Agora dá diferença. A escritura é o que era, agora aumentou esse daí, na medida que nós fizemos pra dividir entre nós irmãos deu muito mais. Então tá aquela diferença aí. Tá duro de dividir, fazer IPTU, por causa dessa, dessa coisa que os velhos foram comprando a boca, assim, repartindo...

David Forti

Isso permeia até os dias atuais a discussão e as relações entre os moradores. Há famílias que possuem porções maiores de terra, pois foram adquirindo de outras ao longo do tempo, em especial daquelas que se mudaram para a cidade por falta de terras para o cultivo. Porém não há registros de conflitos sobre o tema fundiário na localidade, uma vez que, pelo que se ouve contar, a divisão foi justa. O que ocorreu foi uma diferença no crescimento das famílias, que gerou o primeiro êxodo de descendentes de tiroleses em meados da década de 1940, quando famílias inteiras deixaram o bairro para a cidade, em busca de emprego:

> Eu acho que a própria dureza da vida, mas um meio que fez a turma sair daqui mesmo, que foi feito um êxodo mesmo, foi a mecanização. A terra daí ficou pouco mesmo. Porque a própria adoção da monocultura, por influência da usina, fez o povo sair fora daqui. Então a turma esparramou e perdeu, e se perdeu, entendeu.

Edivaldo Stênico

Esse crescimento exagerado, devido aos casamentos entre membros da comunidade e o grande número de filhos de cada casal (uma média de dez, como relatam alguns antigos moradores do bairro) tornaram impossível a sobrevivência de todos apenas com a produção local. Outro fator era a dificuldade de acesso ao bairro, que não possuía linha de ônibus ligando-o à cidade, o que inviabilizava a possibilidade de trabalhar na zona urbana e morar em Santa Olímpia.

> Houve uma época, houve um fato interessante no bairro. Da maneira como tava caminhando, a tendência é que o bairro fosse terminando. Por quê? A lavoura já não era suficiente pra manter as famílias. Naquela época, não tinha ônibus suficiente e horários pra que o pessoal fosse trabalhar na cidade, então quem ia na cidade acabava morando na cidade. Porque era reduzido horário de ônibus, não tinha circular. Tinha o ônibus que ia às 8h da manhã, se não me engano voltava meio dia, tinha outro que voltava às 3h30 ou 6h da tarde. Então quem começou ir pra cidade trabalhar, acabou ficando na cidade, pagava pensão e tal.

José Estevan Forti

Tudo isso levou à saída de muitos descendentes de terceira e quarta gerações. Na maioria dos casos, eles não mais voltaram a viver no bairro, mesmo depois da chegada da linha de ônibus e outras facilidades. Esse não retorno possivelmente se deu pelo estabelecimento na cidade, com a contratação em empregos fixos e a compra de imóveis.

Retomando a discussão sobre o perfil econômico local, com o passar do tempo, a cultura cafeeira acabou sendo deixada de lado, pois sua rentabilidade caiu significativamente e as famílias não podiam mais tirar o seu sustento apenas desse produto. A quebra da Bolsa de Nova Iorque em 1929, a queima do café pelo governo brasileiro, a desvalorização dos insumos agrícolas no cenário nacional, o desenvolvimento de maquinários mais modernos e a conjuntura local levaram a mudanças significativas na economia local.

Nesse contexto, a cana-de-açúcar, em significativa expansão na região, acabou por tornar-se a cultura agrícola predominante nas terras de Santa Olímpia, porém concentrada nas mãos de alguns poucos produtores em grande escala. Algumas famílias acabaram por se unir também na sua produção na tentativa de garantir rentabilidade ao bairro, ou mesmo assalariar-se, deixando de lado a produção coletiva, em troca de salários para a sobrevivência na nova conjuntura econômica:

> Aí começou a plantar, plantar cana no [19]50. E a cana começou melhorar, melhorar, melhorar, fomo embora, aí fizemos bons futuro, compremo caminhão, compremo 9 alqueires de terra dos Negri ainda, mais 2 alqueires, 3 alqueires aqui, aí melhorou a vida nossa.

David Forti

Somente após a chegada da linha de ônibus, que ocorreu na década de 1950, implantada pela família Stênico (também descendentes de tiroleses) que adquiriu os primeiros veículos que formariam a futura viação Stênico, os moradores puderam buscar oportunidades de trabalho fora, nas indústrias de Piracicaba e região, diversificando a economia local e injetando mais dinheiro no bairro. Edivaldo Stênico, funcionário da Viação Stênico e sobrinho do seu fundador, reflete sobre esse momento histórico como potencial de continuidade da existência de Santa Olímpia em seu sentido populacional:

> Eu acredito que o meu tio foi um, ele foi um estimulador desse retorno [ao bairro], fez por interesse da comunidade e dele próprio. Ele trazendo as pessoas, ele ia ter gente que ia usar os meios, o meio de transporte, o ganha pão dele, entendeu? Então ele inclusive se dedicava a ir nas metalúrgicas procurar emprego pras pessoas daqui. Porque até a década de 70, quando não havia mecanização no campo, de 60, a mecanização do campo, as terras que os meus avós deixaram precisavam de bastante braço, porque era manual. Com a mecanização, faltou, é, faltou espaço. Então necessariamente a minha geração teve que sair, por questão de sobrevivência mesmo. E também eles deixaram de ter uma economia de subsistência, eles entraram na onda da monocultura canavieira, aí mais ainda, aí tiveram que ir embora mesmo.

Edivaldo Stênico

Nesse sentido, Edivaldo indica uma nova saída, da quarta geração, após a mecanização do campo na década de 1960. Esse êxodo, porém, pode ser entendido como de trabalho, mas não se constituiu como uma partida definitiva de moradores para habitar no centro da cidade, mas sim no fato de o bairro ter vindo a se tornar uma “cidade dormitório”. Nesse período, o transporte já era mais facilitado e a possibilidade de morar ali e trabalhar na cidade já era mais real.

Aliada ao fator trabalho e renda, está a educação. Já levantei, anteriormente, o papel da escola na cultura e na língua, porém é importante mencionar como se deu a sua presença ao longo do tempo.

Segundo consta em seu acervo, nas informações disponibilizadas via internet[43], a primeira instituição de ensino foi fundada em 1923, por iniciativa de Zia Maria e José Vitti, recebendo o nome de Escolas Reunidas de Sant'Anna. Pelo decreto de 17 de março de 1932, denominada Grupo Escolar Rural de Santana, foi criada oficialmente, devido ao crescimento populacional local, inicialmente com o Primário (1ª a 4ª série), para garantir a alfabetização. A maior parte dos moradores, porém, não frequentava a escola, visto que o trabalho na roça demandava muito tempo e energia, em especial dos homens, enquanto as mulheres cuidavam das casas. Em 1944, recebeu a denominação de Dr. Samuel de Castro Neves, em homenagem ao médico que atendia as famílias tirolesas naquele período e que foi prefeito municipal de Piracicaba (1950-1953).

Posteriormente, a unidade escolar passou a atender os demais anos do Ensino Fundamental e, mais recentemente, o Ensino Médio. Atualmente, atende a Educação Básica, em todos os segmentos, recebendo alunos não só de Santana e Santa Olímpia, mas de outros bairros próximos, uma vez que a zona urbana da cidade tem cada vez mais se aproximado da região.

Abaixo, apresento uma foto antiga da única escola do bairro.

Figura 4 – Escolas Reunidas de Sant'Anna.

Fonte: Blog da EE Dr. Samuel de Castro Neves, s/d.[44]

As mudanças ocorridas, a facilidade de acesso, a abertura do bairro para visitas

[43] Fonte: Acervo da Escola Estadual Dr. Samuel de Castro Neves. Disponível no blog da unidade escolar: < http://samuelcastroneves.blogspot.com.br/> Último acesso em: 14 jul 2013.
[44] Disponível em: <http://samuelcastroneves.blogspot.com.br/>.

turísticas e para as festas têm trazido um avanço econômico significativo, como destacam as entrevistas:

> [Meus filhos estão] Tudo estabilizado, casa deles, carros embaixo da garagem, estudam, os filho estudado... E aí nós não trabaiemo.

David Forti

> Hoje, hoje nossos jovens têm tudo, têm dinheiro no bolso, têm, cada um tem seu carro, quase todos, então, vamos dizer, o bairro progrediu muito, muito em termos econômicos, né, em termos assim de poder aquisitivo. Mas, por outro lado, a gente como vivia só aqui praticamente, o povo era bem mais unido, a facilidade na criação dos filhos era muito maior, porque eles falavam a mesma linguagem [...] Então tudo tem seus prós e seus contras, né. O fato de quanto mais vai aumentando o poder aquisitivo, e quanto mais você vai conseguindo a sua independência, naturalmente, isso é natural, a pessoa começa a se fechar dentro dele mesmo, viver a sua vida, porque acha que não precisa mais dos outros. Então, quer dizer, nós temos essa preocupação e isso ocorre, a gente percebe famílias que tá vivendo a sua vida, não tá mais junto, participando, entendeu? Porque se acha autossuficiente. Isso faz parte do enriquecimento né. Por outro lado, tem todas as vantagens que o progresso trouxe, né.

José Estevan Forti

O aumento do poder aquisitivo de grande parte dos morados descendentes, em especial a partir da 4ª geração, também possibilita acesso a outros bens culturais e alguns moradores atribuem a isso a falta de participação em eventos que antes eram mais valorizados, como os campeonatos de futebol existentes:

> Outra preocupação que nós temos hoje, por exemplo: como o pessoal tem poder aquisitivo e tem muitas opções de lazer, nós não tínhamos opção. Por exemplo, quando tinha jogo de futebol, praticamente o bairro todo ia lá no campo, assistir os jogos, porque não tinha onde ir. Então era, nossa era aquela participação, aquele ânimo, você entendeu? Hoje, hoje nós temos um campo de futebol espetacular, um dos melhores da cidade, muito bem cuidado. Mas você percebe no jovem que vão jogar pra se divertir, mas se tiver, por exemplo, um jogo importante e tiver um churrasco, é capaz dele simplesmente ignorar o jogo e ir pro churrasco. Então, quer dizer, uma dificuldade deles se comprometer com o time. E isso ocorre em todos os outros aspectos também, né.

José Estevan Forti

Nesse sentido, as questões culturais relativas à tradição tirolesa também se tornam preocupação entre os moradores. Estevan continua seu relato, refletindo acerca da participação da população nos corais:

> Coral, por exemplo, coral, era pra nós termos um coral aqui de 50 pessoas adulta. É uma dificuldade. Nós começamos, no começo tinha mais de 70 o coro adulto. Hoje, quem é do bairro mesmo que canta, nós temos o que, umas 10 pessoas. Teve que vir gente da cidade pra poder continuar o coral, com tanta gente boa pra cantar aqui. [...] Eu sempre falo pra turma "Escute, você tem que pensar no bairro, no bairro. Porque pra nós também é difícil conviver com ela, porque é difícil, mas o que que é mais importante? É o bairro, nós temos que tocar isso daí, não pode perder." Nós podia ter um coro que, pelo amor de Deus, fazer estrondo aqui.

José Estevan Forti

Esse relato acerca da baixa adesão ao coral pode se refletir também no baixo número de pessoas que participam de outras atividades, como a dança, que é mais forte nas crianças, sendo que o grupo adulto é composto de poucos membros. Suponho que essa pequena quantidade seja resultado de uma imensa gama de outras opções que os moradores possuem hoje, seja com a facilidade de ir e vir para a cidade, seja dentro de casa por meio do uso da tecnologia.

Nesse sentido, as festas tornam-se centrais nessa análise, uma vez que nelas a participação de moradores se amplia consideravelmente nos trabalhos comunitários, bem como as relações interpessoais se fortalecem por meio do voluntariado e da intensa convivência nesses dias festivos. Por esse motivo, considero-as como ponto central de fortalecimento da comunidade e dessa identidade tirolesa.

Por outro lado, há problemas de ordem de segurança relativos à abertura da comunidade, que permeia as discussões locais, em especial pelo fato de que a facilidade de acesso eleva os índices de violência. A festa da Cuccagna é uma das preocupações dos moradores, pois atrai muitos jovens "de fora" e dá acesso a todas as casas ao longo de seu trajeto. Assim, a preocupação é relatada nas entrevistas:

> Então quem tá participando mesmo, absurdamente tá subindo o número de pessoas da cidade. E a gente tem uma certa preocupação. Qual a preocupação nossa? Como eles passam em todas as casas, com certeza sempre tem algum mal intencionado que fica analisando como que é o bairro: "Olha, lá tem aquela casa que é assim, tem saída pra cá, tem saída pra lá." Perigo de começar abrir uma facilidade pra pessoa querer roubar, porque eles passam em todos os locais, aí eles acabam conhecendo todos os atalhos do bairro.

José Estevan Forti

> [Durante a cuccagna,] Os que ficam na praça, ficam bebendo, entram na fonte, quer dizer, destrói patrimônio nosso que nós tamo preservando, que ninguém em Santa Olímpia até hoje entrou na fonte, ninguém, nem criança, nem adolescente, ninguém. E os de fora que vêm na cuccagna, entra. Então você percebe que todo amor que a gente tem no bairro, eles não têm. Por isso que nós pedimos encarecidamente pros jovens 'Convide os seus amigos e se responsabilize pelos seus amigos'. Por quê? Pra gente não perder o que que é nossa cuccagna. Por que o que que tá acontecendo? Nesses últimos dois anos, nós não podíamos ir na cuccagna, tínhamos que ficar de guarda na praça, pra não deixar ninguém brigar, pra não deixar ninguém roubar vasinho que tá pendurado. Então, você vê que é um stress que nós não tínhamos e que a gente tá tentando voltar.

Elsa Pompemayer Stênico

Os relatos mostram a preocupação em manter a tranquilidade, ou seja, a convivência pacífica estabelecida desde sua fundação, com baixos índices de violência, conservação do patrimônio público coletivo, entre outros fatores que são considerados essenciais para a qualidade de vida em Santa Olímpia. Muitas vezes, essas afirmações acabam até por se constituir como xenofóbicas em certa medida, uma vez que os "de fora" são indesejados em alguns momentos. Os próprios entrevistados relatam que, muitas vezes, é melhor não ter mais gente na festa para que esta seja vivida pelos moradores.

Essa manifestação contrária à abertura se dá principalmente pelas primeiras gerações, enquanto os mais jovens se mostram totalmente favoráveis à entrada de pessoas de fora, pois buscam uma ampliação do seu convívio social, por meio dos estudos e do trabalho fora de Santa Olímpia. Os moradores mais velhos são, portanto os que mais se preocupam com a possibilidade de um aumento na violência.

Além disso, há outras preocupações que estão na pauta de discussão dos moradores do bairro rotineiramente, considerando a maior abertura do bairro à sociedade em geral:

> E aí a preocupação também com droga, né. Que infelizmente também aqui nós já estamos tendo problemas com pessoas drogadas. Coisa que não tinha, mas hoje nós temos...

José Estevan Forti

Excetuando-se o aumento da violência (realidade no contexto mais amplo da cidade de Piracicaba como um todo), os moradores de Santa Olímpia destacaram que o avanço social alcançado foi extremamente benéfico. O alcance de casas de alvenaria, de vias públicas com asfaltamento e facilidade de acesso, o advento da telefonia e da internet, a consolidação de uma escola pública de qualidade, entre outros fatores, favoreceram não somente o desenvolvimento, mas a conquista de empregos para os moradores e a possibilidade de

crescimento econômico local.

Como pode ser visto, no trecho abaixo, da entrevista com Eduardo Forti, a vida era muito precária nas primeiras décadas, beirando a uma pobreza extrema:

> Eduardo: ...Porque aquele tempo nosso, meu véio não tinha nada aqui, era uma favela. Não tinha banheiro, não tinha água encanada, a água era da bica só, tinha uma bica lá que a turma usava pra tomar banho, lavar roupa, só isso. Era uma pobreza.
> Entrevistador: E morava cada um na sua casa?
> Eduardo: Cada um na sua casa. A nossa casa mesmo era de barrote, feita de taipa.
> Entrevistador: Não era de tijolo?
> Eduardo: Taipa, né? Barro batido, tinha o coiso no meio, coqueiro, e era taipa, batia massa pra cá e pra cá, depois passava um cal.
> Entrevistador: E quantos irmãos vocês são?
> Eduardo: Eu? Nós. Onze da minha mãe.

Estevan também relata com proximidade a realidade de Santa Olímpia na sua infância:

> É o bairro, ele assim em termos, vamos dizer, de progresso, ele progrediu muito, muito. No tempo que eu era criança, as casas eram precárias, eram feitas de barrote. Você sabe o que é barrote, né? Eles cortavam esses bambu, trançavam o bambu, depois enchiam com barro. Então conforme chovia demais, aquelas paredes iam até sabe se desfazendo, então se via vários buracos, porque ia caindo o barro. Eram feitas de barrote, não tinha lajota em casa nenhuma, o chão era chão pisado, batido, não tinha nem tijolo no começo. Não tinha, em termos sanitários não tinha recurso nenhum, não tinha banheiro em casa nenhuma, pra fazer as necessidades tinha que ir pro mato, sair da casa, era uma... Todas as casas tinham pinico, pra urinar, porque não tinha banheiro, era precário, era precário em termos sanitários era precário. Hoje, você vê cada casa que tem aqui que, casa enorme, bonita, moderna... Não tínhamos água encanada, não tínhamos eletricidade. Só tinha um motor que tinha energia, movimentava esse motor a óleo, né. Aí chegava essa energia uma energia fraca. É... Então era, no tempo que eu era criança, era muito miséria, a turma passou muita dificuldade, a alimentação era precária, era bem dividida a alimentação, era regulada, regulada, porque eles quase não tinham dinheiro, porque eles plantavam a cana que era pra poder ter o dinheiro pra comprar alguns mantimentos, roupas, tal. E o resto plantava arroz, feijão, milho, algodão pro gasto. Então dinheiro era a coisa mais difícil de ter era dinheiro. Então era uma miséria mesmo.

José Estevan Forti

Nos relatos aparecem as dificuldades enfrentadas pelos primeiros habitantes, a falta de saneamento básico, de condições básicas de higiene, saúde, alimentação. As famílias eram grandes, com muitos filhos, vivendo muitas vezes vários núcleos em uma mesma casa. Quando uma crescia demais, construía-se uma casa pequena ao lado para abrigar um ou mais filhos casados.

A mudança social, a melhoria na qualidade de vida e outros avanços são vistos com bons olhos pelos moradores de Santa Olímpia. No entanto, a insegurança com relação aos hábitos, ao modo de vida mantém-se constante. Aprofundarei a temática da cultura no capítulo seguinte, ao refletir sobre as festas e o cotidiano dos descendentes de tiroleses em Santa Olímpia.

Com mais de 800 habitantes e 257 domicílios particulares permanentes, segundo o Censo 2010[45], Santa Olímpia abriga hoje profissionais das mais diversas áreas, que favoreceram o crescimento econômico e os avanços sociais. São eles industriários, profissionais de saúde, educadores, pesquisadores, cientistas físicos e sociais, agrônomos, engenheiros, servidores públicos, profissionais liberais, comerciantes, agricultores e tantos outros, que compõem o quadro atual de moradores, anteriormente habitado basicamente por camponeses.

[45] Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopseporsetores/>

CAPÍTULO 4:

CULTURA, TRADIÇÃO E FESTAS NO BAIRRO DE SANTA OLÍMPIA.

4. CULTURA, TRADIÇÃO E FESTAS NO BAIRRO DE SANTA OLÍMPIA.

Nesta pesquisa, busquei compreender o conceito de cultura sob a ótica dos Estudos Culturais, partindo da lógica da intervenção social do sujeito e dos eventos festivos. As festas constituem-se como um dos campos de interesse dessa área, ao reunirem pessoas em torno de um mesmo objeto ou propósito e representar uma forma de convivência social. Muito antes do surgimento deste campo de estudo, as Ciências Humanas, mais especificamente, a Antropologia, tinham como discussão essa temática.

Mas, afinal, o que é cultura?

O termo, pela sua amplitude de significados, é usado em inúmeras situações, possui diferenciações semânticas, remetendo-se a toda forma de designação de algo, ou seja, como nomeação de determinado fato, acontecimento, situação, grupo, instituição: de massa, africana, nomeando um canal de televisão, um ministério federal ou secretarias governamentais. Nesse sentido, a cultura é substantiva, tida como uma forma de expressar um significado. O uso do termo também pode se dar por meio da declinação "cultural": evento cultural, sujeito cultural, mostra cultural, espaço cultural.

Quando aliada a termos que, no senso comum, são encarados pejorativamente, como popular, periférica, entre outros, a cultura perde esse caráter erudito e passa a representar algo vil, tosco. Essa diferenciação ainda é muito presente em concepções políticas de cultura, o que implica diversas formas de utilizar-se do termo para privilegiar ou discriminar determinadas situações, manifestações artísticas, ou mesmo grupos sociais. Essa é a ideia chave para o entendimento dos Estudos Culturais, que emergem com o objetivo de superar essa visão preconceituosa, uma vez que considera que as diversas manifestações culturais têm seu valor em cada contexto específico, nos diferentes modos de viver, emergindo dos diferentes ambientes sociais.

O mais significativo "perigo" do uso do termo como instrumento político é a sua reessencialização, por ser um possível substituto para raça, caracterizando algumas culturas como mais avançadas ou mais evoluídas que outras. Os Estudos Culturais buscam reivindicar as identidades, por isso podem constituir-se como uma nova forma de hegemonia, ao possibilitar situações como o colonialismo interno, caracterizado por Casanova (2007), ou seja, uma nova forma de dominação que passa por questões culturais e sociais dentro de um mesmo território ou nação.

Williams (2001, p.198) questiona a tentativa atual de se afirmar que tudo é cultura. Partindo da ideia de que toda generalização pode ser problematizada, talvez seja mais prudente acreditar que a definição desse conceito e sua amplitude dependem da situação e da aplicação a que se destina, podendo ser variável e moldável no decorrer do tempo, nas diferentes sociedades e correntes teóricas.

Esta definição pode dar conta das diferentes análises e conceituações do termo por renomados autores, entre eles os clássicos dos Estudos Culturais: Williams (2001), para quem o escopo da cultura comum é um modo de vida que agrega a diferentes identidades; e Thompson (1998), com o uso dos costumes. Além disso, as temáticas emergentes também fazem parte desse rol, entre as quais a formação do Estado Nação, a construção de identidades, a cultura de massas e a midiática, a imposição cultural e a subjugação imperialista, entre tantos outros temas (EAGLETON, 2005, p.182-183).

Por ser uma das palavras de definição mais difícil, quer seja pela sua amplitude, ou pela sua restrição, a cultura é tão ampla (mas não é tudo) que pode abarcar questões diversas como festas, moda, gastronomia, relações sociais e religiosas, entre tantas outras; por outro lado, pode constituir-se como um referencial diferenciador em seu sentido estético, designando um determinado modo de vida de um agrupamento humano, sendo aqui incrivelmente restrito o uso do termo (EAGLETON, 2005, p.51).

Eagleton (2005) defende a tese de que a cultura é como um pêndulo que varia incansavelmente entre esses dois extremos, o da especificidade e o da generalidade: é tudo e quase nada ao mesmo tempo. Sua proposta é ir além dessa limitação e encará-la como algo que transcende uma disciplina ou teoria, encontrando uma saída na interdisciplinaridade.

Nas últimas duas décadas, esses estudos relacionaram-se à identidade de maneira tão sólida que se tornou quase impossível pensar em uma sem tratar da outra. Isso se deu tanto na Antropologia, quanto nos Estudos Culturais e em outros campos do saber.

Essa discussão se torna central em um contexto global integrado, no qual fronteiras nacionais não mais se constituem como barreiras. Isso porque, partindo deste enfoque, identidades representam o indivíduo através de um enfoque social, nacional e cultural:

> Por identidade, entendo o processo pelo qual um ator social se reconhece e constrói significado, principalmente com base em determinado atributo cultural ou conjunto de atributos, a ponto de excluir uma referência mais ampla a outras estruturas sociais.
>
> CASTELLS, 1999, p.57-58.

No contexto da globalização e da abertura de fronteiras, as culturas cada vez mais

permeadas por influências externas e a sociedade mais fragmentada, os indivíduos sentem-se ameaçados, ocorrendo uma crise de identidade (WOODWARD, 2000). Essa crise, no entanto, é analisada por autores como Hall (2006) como o declínio daquilo que estabilizava o mundo social moderno, dando espaço para o surgimento de novas formas de entendimento, a partir da fragmentação do sujeito moderno.

Esses autores defendem que vem ocorrendo uma fragmentação ou deslocamento do sujeito, refletindo a perda de sentido, abalando a ideia que o indivíduo possui de si mesmo e de seu lugar no mundo social. Para a pós-modernidade, portanto, não há uma identidade fixa, essencial ou permanente, mas mutável. No contexto global e através das relações sociais, essas formas de se reconhecer são construídas, desconstruídas e reconstruídas de muitos modos ao longo do tempo, quer por influências externas, quer por necessidades internas (HALL, 2006).

Neste trabalho, no entanto, utilizo a concepção de Portes (et al, 2008) de que a cultura não é tão fluida quanto prega a pós-modernidade, uma vez que há elementos culturais que perduram por muitas décadas, até séculos, em alguns grupos. Paulatinamente, os costumes e tradições vão se modificando, reconstruindo, transformando, mas nem todos os seus elementos se perdem e intercambiam com outras culturas, como aconteceu em certa medida com o dialeto, as comidas e outros elementos em Santa Olímpia.

Por outro lado, nesse contexto, houve também uma passagem das identidades nacionais para as particulares – étnicas, de gênero, de grupos específicos (ORTIZ, 2004, p.125). O fortalecimento das identidades locais cria sentimentos de pertença ao grupo, o que não minimiza, no entanto, os aspectos positivos da integração global, com destaque para as trocas de informações instantâneas, gerando uma evolução do conhecimento cada vez mais acelerada, além do aumento relacional entre diferentes culturas, levando a um enriquecimento destas (AGIER, 2001; HALL, 2006). Na fala de um entrevistado, noto esses elementos presentes também no grupo de Santa Olímpia:

> Quando esses nossos velhos [imigrantes] vieram não tinham acesso à informação, não tinha como trazer tudo, passaram fome. Trouxeram pai, mãe, e dez filhos, onze filhos, desculpa, trouxeram tudo num baú. Então quantas informações históricas ficaram lá na nossa região. Então hoje com a internet eu entro em contato com o Centro Cultural lá de Trento e falo 'olha, qual que era a pintura da época?' e eles mandam tudo para nós (...) Então tem muitas coisas que a globalização ajudou de a gente resgatar coisas que tem lá, então é uma forma que a gente tem, essa parte, vamos lá, a parte do turismo, a parte da globalização, que a gente está utilizando dessa parte de mídia, do site e assim por diante.

Ivan Correr

Essa busca por elementos constitutivos da identidade trentina citada por Ivan é um dos maiores exemplos de como esse "ser tirolês" vem sendo construído por alguns indivíduos ao longo dos anos com um interesse específico: fomentar o turismo.

Vale destacar que a representação dessa identidade acontece de maneira simbólica, por meio de códigos, como, por exemplo, escrita, fala/linguagem, alimentação, cantos, dança, rituais, entre outros (WOODWARD, 2000). No caso dos tiroleses, podemos notar esses elementos de maneira acentuada, incluindo o dialeto próprio, as danças, vestimentas, comidas "típicas", entre outros elementos.

Tomo como exemplo as vestimentas. No caso de Santa Olímpia, as roupas "típicas" não são utilizadas no cotidiano, mas apenas em dias de festa e em momentos especiais. Nesses casos, diversos moradores utilizam o traje tirolês, que também é uniforme dos corais e dos grupos de dança.

> ...o traje típico mesmo é só na dança. Uma que não dá pra você usar o traje, no meu caso, na cozinha, né. Então a gente acaba vestindo o traje.

Edivaldo Stênico

Por outro lado, nas entrevistas, pudemos descobrir que as vestimentas não vieram com os imigrantes, pois não eram mais utilizadas à época da imigração; essa representação simbólica é, portanto uma construção cultural que se iniciou com as comemorações do centenário, na década de 1990, por meio de estudos realizados por membros do bairro. Os dois trechos a seguir retratam esses fatos:

> Porque os nonos mesmo quando trouxeram... o traje que a gente usa pra dançar, eles não... porque o traje já nem usavam mais... eles já vieram com calça comprida, já vieram com paletó, uma camisa de manga comprida, bastante colete, entendeu? Mas aquela calça curta... já, ninguém trouxe isso aí. Nós é que fomos através de história, do resgate e fomos atrás, entendeu? Mas o jeito de vestir dos nossos bisavós mesmo, ficou bastante... nós caracterizamos o traje com colete, já cheio de detalhe, mas a calça mesmo é antes deles, o nosso traje.

Edivaldo Stênico

> Eu sei que parece que um pessoal se organizou, acho que foi em 91, pra fazer a Festa da Polenta, a primeira Festa da Polenta acho que foi em 92, no ano do centenário. E aí começou, sabe, fizeram a primeira Festa da Polenta, aí começaram a buscar referência quanto à traje, aí tinha o padre Jacó que ensinava as músicas também, foi começando o coral, fundaram o grupo de dança, o grupo de dança foi um pouquinho antes do centenário. Aí tinha um casal, que o pessoal contava, um casal austríaco que morava em Piracicaba e eles faziam intercâmbio com o pessoal, assim, eles faziam sobre trajes, sabe, eles ajudavam o pessoal com a parte de trajes.

Leonardo Degasperi

Os trajes serão objeto de análise mais detalhada quando tratar dos elementos constitutivos da festa. O que chama a atenção é o fato de uma "tradição" totalmente construída, uma vez que nunca fez parte da história do bairro e da imigração, mas foi buscada para caracterizar uma identidade que nunca existiu nesse aspecto das vestimentas.

A identidade também é contrastiva, embasada pela diferença e pela alteridade. Por esse motivo, a perspectiva relacional se torna fundamental, por estabelecer as diferenças entre dois indivíduos ou dois grupos distintos (AGIER, 2001; WOODWARD, 2000). Isso significa que para existir e se afirmar uma, é essencial que exista outra, diferente ou oposta.

Nesse sentido, não há apenas uma identidade que tenha abrangência em toda a sociedade, bem como não se exclui uma pela afirmação de outra (CASTELLS, 1999), ou seja, ela não é única, pode ser variada, dependendo do contexto em que está inserida, e um único indivíduo pode assumir "diferentes identidades em diferentes momentos" (HALL, 2006). Já salientei o uso da cidadania italiana como uma característica do grupo de descendentes de tiroleses; essa reivindicação identitária é um dos grandes exemplos de como esses múltiplos modos de autoafirmação estão presentes em um mesmo sujeito, permeando também o imaginário coletivo do bairro e de todos os descendentes.

> Elsa: Então eu acho que a nossa, a nossa história, eu gosto de contar ela do jeito que ela é. 'De onde você é?' Sou de lá de Romagnano, que na época pertencia ao Império Austro-Húngaro, hoje à Itália, mas nem por isso eu sou cidadão italiano – no papel somos, né [...] O que nós somos hoje? Você deixou de ser trentino? Eu não. Eu não deixei de ser trentino, só que hoje tô dentro do domínio da Itália. Então pra onde que nós vamos procurar recursos? Pra Província, pra Trentini nel Mondo, porque é deles que a gente vai conseguir manter o que a gente tem aqui hoje. Mas eu sou italiana? Não, não sou, nós continuamos sendo tiroleses, como não sou austríaca, porque na época que eles vieram tava sob o domínio Austro-Húngaro. Então às vezes a gente discute nisso, sabe.
> Entrevistador: É, porque, eu vejo assim, fala-se de uma identidade tirolesa, trentina. E, ao mesmo tempo, em alguns momentos, você acaba assumindo uma identidade italiana.
> Elsa: É conveniente pra hoje.[...] Pra ver tudo que eu quero ver do que era do meu nono. É conveniente pra mim hoje. Se a Áustria me desse uma cidadania austríaca e eu tivesse todas essas regalias, com certeza nós teríamos ido pra Áustria também, entendeu? Só que como hoje o Tirol, Trento, tá dentro do domínio da Itália, como que eu vou pra Áustria?

A mescla de elementos de diferentes nacionalidades na composição do que se convencionou chamar por identidade tirolesa em Santa Olímpia também vai ao encontro dessa construção identitária, sendo o eixo norteador da reflexão sobre as festas ao embasar grande parte da discussão que será apresentada sobre os elementos constitutivos do modo de vida no bairro.

Já foi discutida, em capítulo anterior, a formação política do Tirol ao longo dos últimos dois séculos. Cabe destaque aqui ao fato de que a região de origem destes imigrantes foi dominada por décadas pelo Império Romano, estando no momento da imigração sob regência do império Austro-Húngaro. Essas mudanças de influência política trouxeram também a influência cultural desses povos, estabelecendo como característica da identidade tirolesa uma multiplicidade de culturas influentes.

Nesse sentido, há três grandes influências que se destacam para essas pessoas: a tirolesa, a italiana e a brasileira. Esta última se explica pelo fato de a imigração ter permitido o contato com a terra de destino e sua cultura que foi sendo incorporada ao longo das décadas no cotidiano do bairro. A italiana, em primeiro lugar pelo dialeto, que possui sua origem no vernáculo italiano, mas também pela grande proximidade geográfica, em que as fronteiras praticamente não existiam. A tirolesa, por sua vez, surgida do encontro entre essa tradição italiana e outras influências significativas, principalmente, a austríaca e a alemã.

Esse mosaico cultural complexo é que origina a identidade tirolesa em Santa Olímpia e deverá ser tomado como base ao longo da análise do presente capítulo nas festas como

mecanismo de construção identitária.

Dentro dessa análise das fronteiras e do encontro de culturas, há uma significativa discussão sobre o papel das cidades. Agier (2001) afirma que estas se constituem como pontos de reforço desses processos identitários e suas contradições, por meio de encontros e embates com o outro. Essas relações entrelaçam redes étnicas, culturais, religiosas e familiares de inúmeros indivíduos, que se transformam, estabelecem novas conexões, recriam as antigas e geram um produto cultural rico e inédito. Os descendentes de tiroleses, por morarem em Santa Olímpia, razoavelmente distante da zona urbana de Piracicaba, continuam vivendo essa experiência cotidianamente, no trabalho, nos estudos e no lazer.

> Porque desde, assim, que eu me conheço por gente, desde que eu fui trabalhar no centro da cidade, eu tinha 16 anos, passaram a me chamar de tirolesa. Tirolesa, tirolesa. E falar tirolesa pra mim, por exemplo, era o mesmo que me chamar pelo nome. Assim, não tinha, parecia que tava dentro de mim já aquilo lá, não era uma coisa forçada, tipo 'Ai tão me falando tirolesa, não sou bem tirolesa.' Pra mim eu era tirolesa, eu sou tirolesa até hoje e vou ser.

Ivanete Degasperi

Essa fala de Ivanete destaca o estereótipo criado pelos "de fora" aos tiroleses. Antigamente, para os moradores de Santa Olímpia, as idas à cidade eram ainda mais restritas, apenas para compras de mercadorias de subsistência e consulta médica em casos de gravidade e esse embate era ainda mais presente. Com o passar do tempo e a melhoria das condições de transporte e acesso, o fluxo pendular de indivíduos que saem todos os dias de manhã e retornam a noite se expandiu significativamente. Atualmente, grande parte dos indivíduos vai à cidade diariamente e possui inúmeras relações com os não descendentes de tiroleses. Desses encontros cotidianos, novos olhares são criados, novas atitudes aparecem, velhos embates são revividos, como no trecho narrado por um dos entrevistados:

> Porque como eles não sabia conversar, não entendia nada, os velho, ia comprar na cidade, não sabia falar. Eles queriam barbante, por exemplo, gaveta, lá fala gaveta, né. 'Eu queria gaveta', o vendeiro 'Mas que gaveta? Essa aqui?' 'Não, não, gaveta, de ligar', amarrar, quer dizer, ligar, amarrar. Mas aí ele viu, falou 'Quará', pendurada, 'Aquele é barbante', 'Qui que ser birbante, non mino', porque birbante era xingar, era na língua dele 'Você que é veiaco, não eu', achou que era veiaco, porque era barbante, eles não sabia coitado.

David Forti

Por outro lado, há novos embates e angústias que permeiam o bairro sobre esse contato com o outro, com a cidade:

> Eu comento com minha esposa, que hoje, agora a gente mora na cidade, então a gente mora na cidade e final de semana a gente volta pra cá, eu falo que a infância dos meus filhos eu quero que ele tenha a mesma infância que eu tive entendeu, essa parte de brincar, sem problema, sem preocupação.

Ivan Correr

Para Magnani (2003), a cidade é o lugar onde um projeto de vida pode ser realizado, através de emprego estável, aquisição de casa própria, acesso à educação e saúde. Mas esse sentimento não se esgota no plano da qualidade de vida, engloba também a expressão política e de pertencimento a grupos, a representação simbólica e social do indivíduo, ou seja, a cultura e a religião. Com relação à participação na vida política e social, Santa Olímpia, por meio da Associação de Moradores, possui uma intensa relação com os poderes constituídos fora do bairro, com participação política, nas eleições, por meio de concorrência em editais para verbas e na relação com os políticos locais:

> Então, quem trabalha mais diretamente com isso aí é a Associação, né, com políticos. Agora quando eles vieram mesmo na campanha, a gente, era aberto o salão, era livre, quem quisesse ir, alguns da comunidade acompanharam todos os, todos, todos os políticos, né. E agora, na cobrança, a gente cobra mais direto da Associação. Pode até expor o problema, mas tudo vai via Associação. Eu não posso chegar na Prefeitura "Ó, você venha arrumar minha estrada', tem acompanhamento da Associação.[...] Nós invadimos a prefeitura, chegamos no prefeito 'Ah mas o prefeito tá ocupado'. 'Nóis vai levar uma lembrança pra ele, avise que nóis tá subindo'. E vamo lá. E vai embora.

Cecília Stênico Correr

Na festa dos 120 anos do bairro, realizada no mês de novembro de 2012, houve intensa participação de políticos e representantes da sociedade civil nas comemorações, tanto locais, quanto da Província Autônoma de Trento, o que demonstra uma estreita relação da comunidade com esses representantes.

Deixando de lado a política e partindo para outras marcas identitárias tirolesas, cabe destaque aos seguintes fatores: a forte ligação familiar, a centralidade religiosa, a importância atribuída às refeições em volta de uma mesma mesa e o gosto pela música e pelas festas:

> O que eles [os imigrantes] trouxeram de lá? Eles eram um povo muito religioso, tinham muita devoção a Nossa Senhora, rezavam o rosário diariamente, tinham uma fé muito grande; em termos de música, eles gostavam muito de cantar, trouxeram algumas músicas de lá, e em termos de dança, segundo dizem, a única dança que trouxeram de lá foi o 'quatro passi'... Durante as festas, eles sentavam na mesa, comiam bebiam e gostavam de ficar cantando...

José Estevão Forti

Essas festas, sempre são feitas com muita comida, retratando algumas marcas

significativas da comunidade tirolesa – a fartura e o gosto pelos pratos feitos pelas *"nonas"*[46]:

> Comida típica, lá em casa de vez em quando a gente faz a famosa cuccagna, sabe? Conforme dá na telha, a gente fala 'vamos fazer cuccagna hoje?' E fala strangula preti, sabe o que é, né? É um nhoque misturado com ponta de abóbora ou almeirão, o que tem põe pra cozinhar... Depois tem o famoso canederli, que aquele tem dentro todas as coisas mais boas do mundo, põe dentro, né, põe ovos, põe linguiça, num sei que lá, frango, cozinha o frango, pega o caldo do frango, a carne, mistura, mói bem, depois mistura com o canederli... Esse domingo, se Deus quiser, lá em casa é canederli... polenta lá em casa toda semana...

Geraldo Stênico

Vale destacar o vinho de produção própria, bebida mais tradicional da comunidade, além do vinho de laranja, produção exclusiva de algumas famílias, que surgiu na comunidade e, atualmente, já atinge uma produção em larga escala para o comércio:

> [O vinho de laranja] era daqui, porque lá na Itália não tem laranja, então foi inventado aqui... Tudo que é acido dá vinho, fermenta. Chegaram a fazer... azeitona, chegaram a fazer vinho até com aquela... e com abacaxi. E agora tão fazendo de jabuticaba.

Geraldo Stênico

Jacob Degasperi destaca inclusive como era feita, inicialmente, a produção do vinho de laranja, que, segundo seu relato, foi uma iniciativa de seu pai:

> Meu pai que começou a fazer vinho de laranja. Pegava as laranjas, porque tinha aquela laranja caipira, era laranjeira alta assim, ficava assim de laranja, então apanhava aquela laranja e esmagava, fazia, cortava pelo meio e espremia e depois... tinha o coiso também de pau que amassava. Depois punha o açúcar, conforme a gente queria e deixava aí pra fermentar, deixava pra fermentar. Depois quando acabava de fermentar, pegava, punha numa cartola e aí acabava de se fazer. E às vezes saía tão bom que parecia conhaque.

Jacob Degasperi

Todas essas marcas, preservadas e resgatadas pelos descendentes, são essenciais para a compreensão do grupo, mas podem camuflar as situações de embate vividas pelos seus representantes. A identidade caracteriza-se, portanto, como uma maneira de reconhecimento pessoal, o que, pode-se dizer, é refletido nos indivíduos de determinadas regiões. É, portanto, um dos componentes essenciais da cultura comum, visto que, para Williams (2001, p.204;

---

[46] O termo "nona" é usado no bairro para caracterizar as avós ou as pessoas idosas do sexo feminino, ou mesmo os antepassados (nonos e nonas). Há, no entanto, algumas características implícitas nesse uso do termo nona, como os dotes de cozinha, o uso contínuo de avental, o jeito simples de falar, entre outras, que tornam o termo carregado de um simbolismo no contexto em que se insere.

271), esta pode englobar um sistema complexo de desenvolvimentos especializados que formarão o todo e envolver muitos indivíduos (mas não todos, o que reconhece ser impossível), a partir de sua diversidade. Esses desenvolvimentos se tornam possíveis por meio da mediação e da participação, que garantem a permanência e a existência das diversidades.

Nesse sentido, a imigração foi responsável pela grande troca cultural ocorrida entre os diversos grupos sociais, em especial, no final do século XIX e início do século XX, no Brasil e nos demais países da América. Os imigrantes e seus descendentes transferiram, para as regiões em que foram habitar, seus costumes, tradições e modos de viver, que, mesclados com a realidade do país de destino, constituíram as diversas manifestações existentes atualmente.

4.1. A festa

DaMatta (1990) caracteriza festa como a experiência do estar junto, sem levar em conta as diferenças, o que faz com que tenha o status de reconstruir o mundo nesse curto momento. Por isso, é muitas vezes justificativa de uma transcendência da realidade que nem os próprios envolvidos conseguem justificar ou compreender.

Em muitos casos, o indivíduo com maior destaque pode ser alguém com pouca representação oficial (poder político, financeiro, entre outros) na sociedade tradicional e vice-versa, seja como rei/rainha da festa, homenageado, paraninfo, entre outras denominações que invertem a ordem social corriqueira. É o sagrado da transgressão que define a dimensão sagrada da festa (PEREZ, 2002).

Del Priore (2000, p.10) afirma que, tanto no passado quanto no presente, a festa tem sido mais descrita que explicada. Talvez isso se dê pela dificuldade desta última opção, considerando a imensa gama de elementos que a compõem e a necessidade de um aprofundamento mais prolongado, o que muitas vezes é inviável na prática.

Além disso, há uma escassez de reflexões teóricas que em geral são utilizadas como um dos pontos de estudos de rituais ou de teorias sobre religião (AMARAL, 1998). De muitos modos, portanto, a festa tem sido tratada, seja como uma mera descrição de rituais, como folclore, ou até como um objeto de estudo (PEREZ, 2002).

Ao ser aceita como objeto de estudo, a festa passa a representar a manifestação coletiva e o vínculo estabelecido socialmente, a partir da experiência humana da associação

(PEREZ, 2002).

As dimensões da festa são várias, entre elas o ritual, a diversão, a celebração, o excesso. Portanto, como explica Perez (2002), observá-la a partir de apenas um destes enfoques constitui-se como reducionismo do seu caráter de ato coletivo "extraordinário, extratemporal e extralógico", elementos fundamentais que dão a condição para a sua existência. Isso se explica pelo estado de exaltação a que o grupo que festeja se eleva, pela libertação das amarras, construindo uma lógica e um tempo próprios, baseados no exagero, no gasto excessivo, não levando em conta as instituições sociais originais da sociedade; além disso, é sempre consagrada a algo ou alguém, na sua dimensão sacrifical. A festa, em resumo, é "uma outra forma de experienciar a vida social, marcada pelo lúdico, pela exaltação dos sentidos e das emoções".

A noção de exaltação é atribuída a Durkheim, que verifica a intensificação das interações sociais no período de festa, combinando as energias individuais e produzindo uma euforia geral. Aqui vale aprofundar a dimensão religiosa, pois "toda festa, mesmo que puramente laica, possui aspectos de cerimônia religiosa" (DURKHEIM, 1996). A seguir, serão exemplificados casos de como em Santa Olímpia elas nascem da própria religião, começando dentro do templo religioso e saindo para as ruas no entorno da igreja:

> Toda Festa da Polenta começa na missa. Com a benção, com início. Olha vamos dar uma benção para o início da festa e vai. E é até interessante porque, um dia o pessoal do bairro falou: 'por que que não faz a festa lá no campo, porque tem espaço?' E aí o pessoal de fora falou: 'não, vocês não vão fazer a festa lá, a festa sua é boa desse jeito porque vocês estão aqui na frente da igreja. Vocês não percebem isso, mas tem uma proteção.' E eles falam: 'se chegar uma pessoa mal intencionada para fazer alguma coisa aqui por sinal de respeito na frente de uma igreja não vai fazer...' E parece que o ambiente fica mais acolhedor e tem essa parte do respeito... Igreja, religiosidade, comunidade, cultura porque tudo aqui fica envolvido nisso.

Ivan Correr

Há excessos e transgressões tanto na festa, quanto nas cerimônias religiosas; em ambas, o homem é levado para fora de si, os indivíduos se aproximam, há um estado de efervescência e, no extremo, de delírio (DURKHEIM, 1996). Apesar dessa dimensão, a festa como paradoxo acaba por mesclar com a religiosidade o seu caráter profano, não sendo simples cerimônia (ISAMBERT, apud PEREZ, 2002). A festa oscila, portanto, entre cerimônia – forma regular de culto – e festividade – alegria e regozijo. Para a comunidade de santa Olímpia, como se pode perceber nas entrevistas, essa mescla entre sagrado e profano vem sendo retaliada pela própria igreja:

> Aqui existe também uma grande diferença de outras paróquias. Outras paróquias fazem, a igreja promove festas, quermesse para a própria manutenção; aqui, nós chegamos num ponto da caminhada em que a igreja, as festas que ela promove, só tem o aspecto religioso, não tem o aspecto promocional, né, de angariar meios e fundos pra própria sobrevivência. É diferente, essa é a grande diferença. Como ela sobrevive do dízimo, então as festas da, festas tradicionais da padroeira, como de outras datas, elas são simplesmente e unicamente de cunho religioso. O lado profano que existia ficou atribuído pra Associação e outras entidades.

Padre Daniel Stênico

Para além de religioso, a festa é também fato simbólico. A função social de partilhar sentimentos coletivos e conhecimentos comunitários se dá pelas danças, cantos, celebrações, que não se reduzem apenas ao período de realização, mas se estendem no decorrer dos dias, permitindo que os indivíduos suportem o cotidiano, seja ele qual for (DEL PRIORE, 2000). Uma das entrevistadas relata como a preparação se prolonga durante todo o ano:

> As festas de antigamente, tinha aquele preparo, festa e acabou. E a Festa da Polenta, ela te prende o ano todo. O ano todo, por quê? Quando ela começou surgir, ela foi pegando aquela, assim, aumentando, pegando a dimensão que hoje ela tem. Aí começa envolver a parte, já que vai ter uma festa, vamos ter a parte cultural. Aí já tem a dança, já entra o coral, já entra... aí começou a se pensar nas comidas mais "típicas" pra poder reforçar essa festa. Além da parte positiva, assim, relacionada ao dinheiro também, porque começou, começou crescer a festa, além dessa parte festa e esse dinheiro é aproveitado na própria comunidade - na cultura, na saúde e outras coisas.

Cecília Stênico Correr

Em Santa Olímpia, as festas com temática da imigração tirolesa passaram a ser enfatizadas e a focar no público externo apenas após as comemorações do centenário. Antes da década de 1990, eram, em sua maioria, essencialmente religiosas e voltadas internamente à comunidade. A descoberta de um potencial turístico pode ter fortalecido essa mudança, no intuito de divulgar a cultura local aos visitantes e também trazer melhorias ao bairro com a arrecadação de recursos financeiros:

> A Festa da Polenta hoje, a gente trouxe uma forma que todo recurso é aplicado no bairro, então a gente trabalha, todo mundo foca na cultura, porque todo aquele recurso angariado é revertido na praça, é revertido nos grupos, é revertido na associação...

Ivan Correr

Esse trabalho da Associação de Moradores em organizar e promover a divulgação tem trazido um resultado positivo no que diz respeito às conquistas físicas demandas pelos moradores, como, por exemplo, a manutenção contínua dos acessos viários, em especial com

relação ao recapeamento periódico da estrada local (antes precária), a construção da praça de Santa Olímpia em estilo europeu, para representar o território de origem, a construção do salão com dois andares, capaz de abrigar mais de mil pessoas, a dos banheiros públicos, do Centro de Pastoral, utilizado pela igreja e para reuniões da comunidade, a manutenção da sede da Associação de Moradores (futuro museu permanente do bairro), entre outros avanços.

Após levantada essa discussão em sua perspectiva teórica, ainda que resumidamente, passarei, a seguir, a apresentar e discutir alguns elementos das festas no bairro de Santa Olímpia.

4.2. As festas em Santa Olímpia: um breve descritivo

Iniciarei com um breve relato de cada uma das cinco festas escolhidas para esse trabalho e do período em que ocorreram, bem como o ano em que foram analisadas, seu contexto e principais acontecimentos.

Ao longo da descrição e a partir das análises realizadas, poderá ser percebido que a imigração tirolesa original, a cultura e identidade reivindicadas pela população de descendentes que vive em Santa Olímpia, só existem na memória coletiva desses moradores, como construção identitária, uma vez que significativos traços e marcas de outras nacionalidades, em especial da brasileira, estão presentes no cotidiano do bairro e na vida dessas pessoas.

4.2.1. Festa de Nossa Senhora

Uma das mais antigas realizadas na comunidade, a comemoração de maio é estreitamente ligada à religiosidade católica trazida pelos imigrantes da terra de origem, juntamente com os festejos do Dias das Mães, que ocorre no segundo domingo desse mês todos os anos. Por muitas décadas, os únicos festejos da comunidade estiveram ligados exclusivamente às celebrações litúrgicas. O catolicismo celebra a mãe de Jesus, chamada Nossa Senhora, como sinal de culto e devoção durante todo esse mês, que, na Europa, coincide com a primavera, época do florescimento das plantas, símbolo da fecundidade.

Todo esse simbolismo levou os tiroleses e seus descendentes em Piracicaba a

celebrarem essa festa todos os anos como sinal de devoção e fé na mãe de Jesus:

> Normalmente eles [os antigos] faziam duas festas religiosas, que era maio e dezembro. Que era Dia das Mães e Dia de Nossa Senhora, oito de dezembro. E aí era exatamente para se fazer uma confraternização entre eles e uma oportunidade de conseguirem um pouco de dinheiro pra poder manter a igreja.

José Estevão Forti

Por esse motivo, essa festa tem como ponto central as celebrações eucarísticas e a reza do rosário, devoção mariana.

A observação participante foi realizada nos dias 07 e 08 de maio de 2011. No primeiro dia, sábado, a programação ocorreu apenas no período noturno, iniciando-se com procissão, terço e missa e seguindo para a quermesse até meia noite. No domingo, iniciou-se com outra celebração eucarística, às 9 horas, como em todos os domingos, mas nessa semana com a procissão, conforme no sábado. Segundo os membros da comunidade, no mês de maio todas as celebrações litúrgicas se iniciam com procissão e reza do terço. Após a missa, iniciou-se novamente a quermesse com almoço, danças e música.

A partir de 2012, a Festa de Nossa Senhora teve uma significativa alteração. A quermesse deixou de acontecer, bem como o almoço no salão, sendo que apenas um café da manhã é servido pela Associação de Moradores a todas as mães, uma vez que ocorre na mesma data. Isso porque com a capacidade de a igreja se manter por meio do dízimo e a vontade do padre de separar radicalmente as comemorações religiosas das profanas, entendeu-se que as religiosas teriam exclusivamente suas celebrações litúrgicas.

Optei, no entanto, por manter a análise realizada em 2011 e compará-la à atual conjuntura da festa para configurar esse processo de retorno ao seu enfoque religioso.

4.2.2. Festa da Polenta

A Festa da Polenta possui uma estrutura montada para receber um grande número de visitantes, pois é a mais conhecida e frequentada do bairro. Chegando a receber 15 mil pessoas nos três dias de sua realização, ocorrendo sempre no penúltimo final de semana do mês de julho de cada ano, para lembrar o clima frio da região de origem.

A primeira vez que foi realizada, em 1991, ocorreu por ocasião do centenário de fundação do bairro, comemorado em novembro de 1992, e a ideia de resgatar a história e as tradições culturais esteve presente desde a sua concepção:

> E aí quando, acho que foi em 1991, que já surgiu a Festa da Polenta, né. Agora a Festa da Polenta, ela foi assim mais, surgiu de um grupo, de uma roda de amigos 'vamos fazer uma Festa da Polenta? Vamos fazer!'. No começo, se pensou em fazer uma festa pra arrecadar um pouco de fundos e depois ela foi pegando a proporção que hoje ela tem. A Festa da Polenta, ela é importante pra comunidade por quê? Não porque as festas antigamente não tivessem importância...

Cecília Stênico Correr

Para essa pesquisa, realizei a observação participante em 2011, de 22 a 24 de julho. Não pude acompanhar a fundo a preparação, pois esta ocorre ao longo do ano, nas casas dos moradores, em reuniões na sede da associação e no salão de festas do bairro, em outros momentos específicos, dos quais não tive conhecimento ou condições de estar presente.

A festa iniciou na sexta-feira no período noturno, com a missa, seguida da abertura oficial, por parte do presidente do Círcolo Trentino de Santa Olímpia, Ivan Correr. Sua continuidade se deu com apresentação das rainhas e princesas, corais e grupos de dança. Tanto na sexta, quanto no sábado à noite, contou com a presença de uma banda contratada para animar os presentes.

No sábado, a programação se estendeu durante todo o dia, desde o almoço até por volta de meia noite, quando encerrou a apresentação da banda. Ao longo do dia, também ocorreram danças, apresentações de corais e venda de comidas. Já no domingo, começou com a missa e seguiu com almoço, também houve apresentações de corais e danças, depois houve o show de uma banda local, encerrando-se às 19 horas com uma queima de fogos.

Uma das principais características da Festa da Polenta é a exclusividade de manifestações culturais consideradas pelos moradores como "típicas", ou seja, danças, bandas, corais, culinária, tudo é voltado às tradições tirolesas. Esse modelo chamado de "festa típica" reflete um fato importante, que permeou toda essa pesquisa: não há consenso do que seja o "típico", um "ser tirolês" em Piracicaba único, mas sim uma heterogeneidade interna na comunidade, múltiplas formas de entender-se enquanto tirolês de Santa Olímpia, ou ao que se atribui como tradição tirolesa.

No entanto, para a Associação de Moradores e o Círcolo Trentino, o "típico" se refere a tudo que remete à identidade tirolesa que aqui analisamos enquanto manifestação do grupo. O trecho a seguir relata as mudanças ocorridas e a opção feita:

> Acho que nós tivemos uma coisa importante que nós fizemos dentro da comunidade foi transformar a Festa da Polenta em festa típica, né. Fui eu com o Ivan que batemos o pé e decidimos e pusemos na cabeça da maioria que era importante. Eu acho que hoje a gente vê que fomos pro caminho certo, né André? Porque se continuasse do jeito que tava, o que levou a gente a tomar assim, a pensar nisso, a tomar esse rumo, foi uma Festa da Polenta que nós olhamos lá no palco e tinha dois cavalos atrás, dois cavalos. A banda que veio tocar, me colocou dois desenhos de, sabe cavalo de baile de coiso lá... Country. Eu olhei aquilo, as nossas crianças dançando tudo vestido típico na frente daquilo. Eu fui lá, falei 'Ivan, nós tá louco, devemos tá tudo louco, porque olhe isso.' Ele falou 'Elsa de Deus, o que que é isso?' Eu falei 'Não, eu vou enfartar, eu vou embora'.

Elsa Pompermayer Stênico

Essa decisão em transformar o perfil da Festa da Polenta, que deixou de tocar músicas de qualquer ritmo para focar em canções tirolesas e italianas, voltadas à afirmação da identidade tirolesa, além das comidas – acabou sendo acatada pelos moradores do bairro, mesmo que a contragosto no início, principalmente, por parte dos jovens.

> E a Festa da Polenta ela começou de um jeito para mostrar a cultura, só que a gente não utilizava bem desses argumentos da cultura. Então a gente fazia a Festa da Polenta e tinha só polenta que era típico, porque depois trazia banda de rock, banda disso, tudo banda que não tinha nada a ver. Por quê? Porque para nós era normal escutar música típica tirolesa. Então a gente queria também fazer um pouco para nós. Espera um pouco, quem que vem de São Paulo, vem numa Festa da Polenta, vai querer escutar música típica, porque banda de rock lá tem as melhores, sertanejo também. Então nós começamos a mudar. Pessoal, a festa típica, a Festa da Polenta só pode ser típica, banda típica, música típica.

Ivan Correr

Talvez este tenha sido o maior embate interno recente verificado nesta pesquisa. A coerção por parte do grupo que lidera teve êxito para os interessados em transformar a festa de seu perfil anterior para esse modelo voltado à manutenção da identidade tirolesa construída, porém a conscientização para essa necessidade de apresentar ao público visitante um pouco da tradição tirolesa foi acontecendo aos poucos, nem sempre de maneira tranquila e natural, muitas vezes com conflitos significativos:

> Nossa, um quebra-pau que saiu aqui no bairro. Por quê? A gente escuta todo dia 'Olha pessoal, se a gente trás bandas normais, banda de baile mesmo, o que acontece, nosso bairro não tem tamanho. Aí vai vir um monte de gente que vai lotar, a gente vai ter quantidade e não vai ter qualidade' (...) E aí o que acontece, se a gente coloca uma musica típica, banda típica e assim por diante, a pessoa que não está querendo participar de uma festa típica ela vem e fala: Nossa, o que que é isso? Vou vir aqui para escutar isso? Pego e dou meia volta. Só que a família que trás o pai, mãe, neto, avô, vem e fala: nossa aqui é meu lugar. Então, hoje mudou muito isso, brigamos muito aqui, nossa... que eles queriam linchar eu e mais umas três pessoas. Não, só banda típica! Ah, não! Primeiro ano xingaram, segundo ano xingaram, terceiro ano ficaram quieto, quarto ano todo mundo gostou e aí a gente estava na Associação. E ai o que acontece? E aí, se a gente sair da associação e entrar uma outra pessoa e acabar com isso, ele pode. E aí nós fizemos, chamamos toda a comunidade na igreja depois de uma missa e fizemos um estatuto que era o seguinte: a Festa da Polenta é uma festa cultural, é um patrimônio de Santa Olímpia. E a Festa da Polenta deve seguir sempre esses requisitos: banda típica, música típica, culinária típica, tal... tal... tal...para não perder esta características, para não se desvencilhar, para não perder o foco. Todo mundo aceita? Votação aí. Cem por cento da população de Santa Olímpia aceitou. Aí todo mundo assinou, entrou como lei. Então qualquer presidente da associação que entrar ela deve seguir essas regras.

Ivan Correr

O trecho anterior destaca ainda a capacidade de mobilização das lideranças do bairro em torno de questões consideradas importantes para a essa construção identitária, mesmo que para isso seja necessário um convencimento nem sempre natural e democrático.

Hoje, a Festa da Polenta possui essas características – canções tirolesas e italianas, danças e coral folclóricos, comidas "típicas" – e está inclusive aprovada em estatuto a definição do que pode e do que não pode ocorrer. Isso se dá porque as próprias lideranças se mobilizaram para garantir a permanência dessa uniformidade à frente desses grupos, como destacado por Elsa:

> Aí naquele dia nós tomamos a decisão, falei 'Ivan, você e eu vamos concorrer à Associação, quem ganhar, nós vamos fazer isso, é o nosso projeto'. Aí tanto que eu montei uma chapa, o Ivan montou outra, nós disputamos, eu e ele. Aí minha chapa ganhou e o Ivan entrou junto, daí como, a chapa dele, nós nos unimos na verdade. E foi o ano que a gente fez a mudança.

Elsa Pompermayer Stênico

A aprovação em estatuto das mudanças encerrou momentaneamente as discussões. Até o momento, parece que os moradores estão satisfeitos com a forma de realização da festa:

> Mas daí pra se prevenir já, como já tava toda aquela mudança, todo mundo tinha gostado, tal, daí nós fizemos essa assembleia, convoquei toda a comunidade, e hoje ninguém, quem quer que seja que entre na diretoria da Associação, não pode fazer outra festa a não ser típica. Isso tá já em estatuto, registrado e tudo. Eu acho que foi mais um ganho pra comunidade, né. Porque daqui dez anos vai saber quem tá aí, né. Vai que entre uma pessoa que... porque no nosso, desde que seja morador do bairro, pode se candidatar e ganhar. Se é uma pessoa que não tem essa visão?

Elsa Pompermayer Stênico

Não tive a oportunidade de entrevistar pessoas contrárias às mudanças da festa, devido à metodologia aplicada e à construção da gama de entrevistados por meio da rede, porém acredito que se isso ocorresse poderia encontrar essa visão presente na comunidade, em especial entre os mais jovens.

Outra tensão significativa, que já foi abordada anteriormente, é o fato de o vinho servido na Festa da Polenta em 2011 não ter sido produzido no bairro, mas ter sido comprado de outros produtores.

Todas essas tensões refletem que Santa Olímpia, apesar de ser formada por descendentes de uma mesma família e que busca manter suas tradições, não está livre dos embates sociais que permeiam todos os agrupamentos de pessoas. Esses conflitos, no entanto, são trabalhados para evitar contrariedades e favorecer o predomínio das ideias defendidas pela Associação de Moradores, que se apresenta como a principal voz defensora do bairro. Esse grupo que lidera as discussões é eleito por todos os moradores (descendentes e não descendentes). Apesar disso, a Associação possui o interesse de garantir um potencial turístico para a festa, que nem sempre é revelado, mas pode constituir-se como pano de fundo dos conflitos, que sempre são ganhos pelo grupo que lidera. É possível que as gerações mais novas e os “de fora” que vivem ali não sejam tão favoráveis a essas propostas, que acabam sendo impostas muitas vezes. A identidade tirolesa costuma ser invocada para defender alguns ideais que muitas vezes passam por caminhos conflituosos.

4.2.3. Mercadín de Nadal ou Mercadinho de Natal

O Mercadín é uma das festas mais recentes do bairro, com menos participação de visitantes e com objetivos diferenciados da Festa da Polenta. Ele surgiu em 2009, com o objetivo de unir os vizinhos – Santana e Santa Olímpia, que até então não possuíam nenhuma comemoração em conjunto:

> O Mercadín também foi uma forma do quê? Unir Santana e Santa Olímpia. Porque Santana e Santa Olímpia sempre tinha uma rivalidade, é... por ser tirolês, vir da mesma região, não tinha sentido e foi uma rivalidade que surgiu que hoje não existe mais, que a gente pelo Mercadín nós conseguimos abafar. O Mercadín foi uma forma de a gente fazer uma festa natalina, porque natal já tem um clima de paz. Bom, é agora ou nunca que a gente vai juntar tudo mundo, e no Mercadín é uma festa que nós regatamos o que os velhos não faziam, que vinha da parte da globalização, criar um outro evento para manter mais a nossa cultura.

Ivan Correr

Ivan Correr e Everton Altmayer Leopoldino sugeriram a então diretora da Associação de moradores a criação dessa festa no bairro, uma vez que tiveram contato com algo muito parecido na Província de Trento, na qual os moradores expõem seus produtos, em especial doces e artes manuais, em uma espécie de mercado artesanal:

> O Mercadín também surgiu no ano que eu assumi, que o Ivan trouxe essa proposta, o Ivan com o Everton... desse intercâmbio também. Eles trouxeram: 'Gente, vamos reformar a praça?' 'Vamos.' 'Vamos fazer isso?' 'Vamos.' 'É importante?' 'É' 'É importante pra nossa cultura?' 'É' 'Pro resgate?' 'É' 'É da nossa região?' 'É'.

Elsa Pompermayer Stênico

A observação participante dessa festa se deu também no ano de 2011, nos dias 26 e 27 de novembro. No sábado, as barracas já montadas começaram a vender artesanatos logo após o almoço e permaneceram até a noite, quando começou a quermesse e as apresentações de corais, com canções natalinas. No domingo, durante todo o dia, os artesanatos foram comercializados até o final da tarde.

A organização foi realizada pela Associação de Moradores, que convidou os expositores e elaborou a programação. A igreja, pelo que foi verificado ao longo da pesquisa, não teve participação nem na idealização, nem na sua organização.

O Mercadín ainda é uma festa mais modesta do que as demais analisadas nessa pesquisa, talvez por ter sido recentemente criada e ter pouca participação externa. Além do objetivo de unir os dois bairros, o comércio de produtos locais é muito incentivado.

4.2.4. Festa da Cuccagna e Carnaval em Santa Olímpia

A Cuccagna é a comemoração não religiosa mais antiga do bairro, sendo que os relatos dos moradores afirmam que ela "sempre existiu". Ela ocorre todos os anos na terça-

feira de carnaval e por esse motivo agreguei na análise os demais festejos carnavalescos de Santa Olímpia, que acabaram por se misturar ao longo do tempo.

O termo tirolês “cuccagna”, que pode ser traduzido para o português como “fartura” é utilizado para designar um prato “típico”, bem como esta festa. Com relação à comida, sua preparação envolve grande número de ingredientes, como linguiça, ovo, tomate, cebola, queijo, entre outros, o que representa o esbanjamento de comida, a ausência de fome. Com relação à festa, seu objetivo, além de celebrar o carnaval, é o de unir a comunidade, por meio da partilha dos alimentos. Dentre as atividades da cuccagna, uma das mais valorizadas pelos moradores é a chamada “catança” ou o “catar a cuccagna”, momento em que passam em todas as casas do bairro, exceto nas que não tem ninguém no momento, cantando e dançando para recolher os ingredientes que serão utilizados para a preparação da fritada, que é servida com polenta.

A cuccagna iniciou-se como uma brincadeira infanto-juvenil e, com o passar do tempo (não se sabe precisar em que década), tornou-se uma festa no bairro. Inicialmente, era uma forma de celebrar a colheita, partilhar o que se possui de comida para homenagear o “deus” em que se crê.

A presença ou influência da igreja não foi percebida na “catança” da cuccagna. Por outro lado, um elemento muito significativo desta festa é a possível relação com o carnaval, profano e próprio da cultura brasileira. Não foi possível levantar nas entrevistas, por falta de conhecimento dos próprios entrevistados, o porquê de essa comemoração acontecer juntamente com o carnaval, apenas verifiquei que há muitas décadas é realizada na terça-feira, e tem sua continuidade com o baile, que também ocorre há mais de cinco décadas.

Essa correlação entre os modos de vida tirolês e brasileiro por meio de uma festa tão marcante é fato a ser notado e valorizado. Diante da hipótese de que se busca entender certa construção identitária tirolesa em Santa Olímpia, essa mescla entre tradição e incremento dos modos brasileiros de festejar o carnaval acaba se tornando central para compreender esse sujeito socialmente construído.

Para o presente trabalho, realizei a observação participante em 2011 e 2012, sendo que os registros utilizados aqui se referem à festa de 2012, que ocorreu no dia 21 de fevereiro. Seu início se deu pela manhã, na praça, quando moradores e visitantes reuniram-se para a abertura, seguida das orientações sobre o itinerário e então saíram para “catar a cuccagna”. O percurso todo foi muito animado, com canções “típicas”, carnavalescas e populares, acompanhadas dos batuqueiros do bairro.

Os jovens são os maiores frequentadores da festa e se organizam em blocos para pular o carnaval. A “catança” percorre todo o bairro, de casa em casa, saudando os moradores. Além disso, todos se pintam e se sujam de lama ao longo do trajeto, pois o objetivo maior e ficar o mais sujo possível.

Além da cuccagna, há alguns anos vem acontecendo o desfile da escola de samba, no sábado de carnaval, organizado também pelos moradores, que compõem o samba enredo e organizam as alas, de acordo com o tema definido pela Associação. Em 2012, por ocasião dos 120 anos de fundação do bairro, este foi o tema do desfile. A escola é dividida em dois grupos, sendo que cada um elabora suas fantasias e carro alegórico a partir de uma divisão previamente acordada, porém a música é a mesma e ambos os grupos desfilam juntos. Há uma competição por querer fazer as melhores fantasias e o melhor carro alegórico, o que torna o desfile muito atrativo a moradores e visitantes. Ao final do desfile, há o baile de carnaval na praça, com uma banda animando moradores e visitantes que estão presentes.

Esse desfile nada tem de tirolês. Com exceção desse ano, em que a temática foi a imigração, em geral, o tema escolhido é variado e não se refere à terra de origem. Os elementos presentes no carnaval, como alegorias, fantasias, bateria, alas, entre outros, são emprestados da cultura brasileira e incorporados na identidade do bairro.

Parece ser contraditório o fato de se buscar, por meio das festas, a afirmação de uma identidade tirolesa e ao mesmo tempo fortalecer de maneira tão significativa uma celebração essencialmente brasileira. A partir da análise do presente trabalho, supõe-se que essa foi uma das maneiras de garantir a presença e participação das gerações mais recentes no bairro e nos seus eventos, uma vez que há, por parte desse grupo, uma busca significativa de opções de cultura e lazer também fora de Santa Olímpia.

4.2.5.Festa da Imigração: aniversário de fundação do bairro

O dia 20 de novembro é considerado o dia da fundação de Santa Olímpia, pois foi neste dia, em 1892, segundo registros históricos, que os imigrantes e seus familiares chegaram pela primeira vez na então Fazenda Santa Olímpia. Por esse motivo, a Festa da Imigração ocorre sempre nesse mês de cada ano.

A primeira vez em que se comemorou essa data foi em 1992, por ocasião dos 100 anos. Em seguida, em 2002, nos 110 anos, e, mais recentemente, nos últimos cinco anos, as festas passaram a ocorrer todos os anos:

> Ela começou, na verdade, essa festa de novembro, quando a igreja começou querer parar com a Festa de Maio, então ela falou 'Não quero mais que use o nome da Nossa Senhora', então nós tínhamos que transferir essa festa pra alguma coisa, porque é uma festa que a comunidade gosta demais. Imagine 100 anos tendo festa 'Não, porque o padre Jacó cantava, porque...', então o padre muito inteligentemente começou por ela no dia 20 de novembro, porque daí tinha sentido. Não era festa em louvor à Nossa Senhora, era uma festa em prol da imigração, de aniversário de fundação do bairro, porque ela faz justamente no dia que o bairro foi comprado...

Elsa Pompermayer Stênico

Aqui cabe uma reflexão sobre os diferentes interesses entre a igreja e a comunidade. O fim de uma festa, por decisão do padre foi a oportunidade para dar início com mais força à outra comemoração, por iniciativa da Associação e do Círcolo Trentino. Essa estratégia de conciliação é parte do processo de mediação de conflitos ocorrido no bairro para garantir a presença católica e sua influência, bem como o fortalecimento dessa identidade tirolesa que vem sendo construída em Santa Olímpia.

Por ocasião dos 120 anos, em 2012, algum evento especial em preparação à festa de novembro foi realizado todos os meses no bairro, com visitantes do Tirol, de outras regiões do Brasil, apresentações culturais, exposições, gastronomia, entre outros eventos.

Mais especificamente, no dia 20 de novembro, a comunidade organizou uma procissão e um momento de oração na igreja, para fazer memória dos antepassados, em especial os imigrantes. Nos dias 23 a 25 (sexta a domingo), diversas atividades foram realizadas, além da quermesse, em comemoração aos 120 anos da fundação do bairro, iniciando pela sessão solene na sexta-feira, seguida da inauguração do Campanário Maria Imaculada e as apresentações culturais e artísticas do bairro, contando inclusive com a presença de autoridades políticas e religiosas do município de Piracicaba, do Estado de São Paulo e da Província Autônoma de Trento. A presença dos políticos e sua relação com o bairro, levando ao uso das festas para fins políticos, serão assuntos de um dos tópicos a seguir.

4.3. Temáticas das festas e seus elementos constitutivos

Passarei a apresentar e discutir a seguir os elementos constitutivos de cada uma dessas festas a partir de minha observação participante, dos registros em caderno de campo e das

informações colhidas nas entrevistas com os moradores do bairro. Pretendo abordar, sob esses múltiplos olhares (do pesquisador e do pesquisado), acontecimentos e eventos significativos.

4.3.1. Preparativos

A organização de uma festa demanda um significativo tempo, dependendo de sua proporção e de seus objetivos, desde a idealização, concepção, definição de objetivos, até a execução dos trabalhos.

Optei por tratar os preparativos das festas como um elemento significativo, pois, dependendo da sua amplitude, demandam um tempo maior anteriormente. Como destaquei antes, não pude acompanhar de perto a preparação, pois a distância geográfica impossibilitava a minha presença em todos os momentos e reuniões, mas tomei os depoimentos colhidos como fonte de informações.

Dentre os envolvidos na organização, há três grupos que se inter-relacionam e dividem tarefas, a Associação de Moradores, o Círcolo Trentino e a Quase-Paróquia[47] Imaculada Conceição e Santana, que engloba os dois bairros tiroleses. Nos últimos anos, com a criação do Círcolo, algumas tarefas foram realocadas, ficando este quase que exclusivamente responsável pela parte cultural:

> Três entidades que trabalham juntas pro mesmo povo, só que com caminhos diferentes: igreja só se preocupa com quem é católico, Círcolo só se preocupa com quem é sócio... e descendente, e a Associação se preocupa com todos – católico, não católico, descendente ou não descendente. Então, eu acho que é importante essa junção dos três, porque senão você fica batendo de frente um com o outro, sendo que eu sou moradora de Santa Olímpia, sou da Igreja, sou da Associação e sou do Círcolo, você concorda?

Elsa Pompermayer Stênico

Essa fala parece revelar que há uma divisão em três grupos. Os católicos, os descendentes de tiroleses e os moradores de modo geral. Talvez essa última categoria englobe grande parte das pessoas, mas ainda assim parece ser uma classificação um pouco excludente. Isso porque, apesar de a Associação ser eleita por todos os moradores, nos últimos anos a sua

---

[47] O Código de Direito Canônico prevê a criação de quase-paróquia onde circunstâncias peculiares não permitiram a criação de uma paróquia, porém ambas se aproximam na estrutura e nas funções dentro da Diocese. (Cân. 516). Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf>. Acesso em 23 set. 2013.

diretoria tem sido composta quase que exclusivamente de descendentes de tiroleses, o que revela um domínio de certos grupos. A igreja católica, por sua vez, possui grande influência e foca seu trabalho naqueles que a professam e seguem sua fé, o que acaba por não atingir a totalidade do bairro. As festas e a inclusão de eventos religiosos nas demais podem representar uma também outra forma de exclusão.

Nesse sentido, cada festa tem o envolvimento dos três segmentos também em seus preparativos, mas não é tão simples assim, há conflitos. Aquelas antigas, em louvor a Nossa Senhora, de maio e dezembro, focavam-se na igreja como principal organizadora, sendo que o Presidente da Igreja, função que hoje foi extinta, concentrava as responsabilidades da parte social, enquanto o padre coordenava as comemorações litúrgicas:

> Eu fiquei dez anos de presidente da igreja nas festas, trabalhava aí, fazia leilão, rifa pra poder manter a igreja, né. Porque aquele tempo a igreja não tinha dízimo, não tinha nada. Então vivia com aquilo que as festas, arrecadava com as festas.

Eduardo Forti

Com a mudança de perfil, a Associação passou a responder pela organização de modo geral, porém sempre em consenso com a igreja e o Círcolo nas decisões. A entrevista com o pároco do bairro, padre Daniel, assim esclareceu:

> Esse papel da igreja, que era central, era absoluto, ele, falando assim de uma forma mais tranquila, ele foi partilhado, na medida em que foram nascendo as entidades, por questão de necessidade, porque o bairro foi crescendo, então foi-se partilhando os papéis, as atribuições. A igreja, naturalmente, o papel dela é formação e educação religiosa, solidária e fraterna, enquanto que, o que ela fazia antes, como esporte, como festa, como também assistência também à saúde, surgindo as entidades, foi partilhando, cada entidade assumindo seu papel próprio – festas, sociais, né, que eram atribuição da igreja, passaram a ser de responsabilidade da Associação, cultura passou a ser atribuição do Círcolo Trentino, saúde, na questão física, não religiosa, também foi abraçada pela Associação. Agora, embora as entidades tenham suas atribuições, cada uma específica, contudo o trabalho é feito em comum. Nas festas, a presença da igreja, a presença religiosa, as celebrações fazem parte das programações das festas. Assim como o estímulo, o estímulo para que as tradições sejam mantidas, respeitadas, a igreja tem o seu papel específico, mas forte. Assim, para que não se prejudique tradições, a questão moral, valores, a própria estrutura da comunidade, os costumes, modo de ser específico, aquilo que distingue um tirolês dos demais. Isso daí a igreja também contribui, a igreja também participa.

Padre Daniel Stênico

A Festa de Maio, como descrevi, tem seu ponto central na liturgia, ou seja, celebrar a mãe de Jesus, através de procissões, terços e missas. A organização desse aspecto é de

responsabilidade dos grupos da igreja, em conjunto com o pároco, padre Daniel. Em 2011, após as celebrações, foram realizadas quermesses, organizadas pela Associação, contando com o voluntariado dos moradores do bairro, porém por ter menor proporção, os preparativos são realizados apenas nas semanas que a antecedem.

A Festa da Polenta, por sua vez, demanda um tempo maior nos preparativos, bem como um envolvimento maior dos seus organizadores, uma vez que recebe muitos visitantes nos seus três dias de realização. Desde a busca por patrocínios, a escolha da rainha e princesas, a compra de todo o material necessário, a decoração, a contratação de bandas, e tantos outros detalhes que são divididos entre a diretoria da Associação e do Círcolo e os demais membros da comunidade. A moradora Cecilia, ao contar sobre sua participação, destaca que os preparativos ocorrem ao longo de todo o ano:

> E, nas festas, geralmente eu fico com a barraca das lembranças. E esse você tem que pensar durante o ano tudo que vai acontecer. Se preparar praquilo, né, o que que vai comprar? O que que vai vender? O que é melhor que saia, né? Se compra chapéu, se compra enfeite, se compra miniatura, coisas, chaveiro, lembranças, camiseta... Essa parte fica sempre pra mim. Carnaval também, fica pra mim comprar. Correr atrás de quem faz o desenho, encomendar camiseta, essa parte fica minha.

Cecilia Stênico Correr

Dentro dessa reflexão sobre os preparativos, também há que se destacar o pós festa, pois esta não termina com o encerramento oficial, mas se prolonga por semanas até o fechamento da prestação de contas, retirada da decoração, entre outras atribuições. Além disso, a comunidade preza muito pela gratidão aos colaboradores e apoiadores:

> E os patrocinadores, os que patrocinam, assim, de modo, né... a gente costuma levar uma lembrancinha, nem que for uma garrafinha de vinho. A gente vai com a rainha, com a princesa, vai, vai com elas vestida até o local, entrega pessoalmente sabe? Eu acho uma coisa bonita, você reconhecer o trabalho. Quando nós fomos na Polícia Militar entregar pra eles, nossa, eles ficaram tão feliz, então até nós falamos 'Graças a vocês, nós não tivemos nem briga de namorado, né, festa tranquila graças a vocês, porque vocês tando lá, vocês dão apoio'. Eu acho que isso é importante.

Cecilia Stênico Correr

Desse modo, percebi que os trabalhos de organização, principalmente a Festa da Polenta, se prolongam ao longo de praticamente todo o ano. Por outro lado, as menores, como é o caso do Mercadín, não demandam tanto tempo, uma vez que recebem menos visitantes e cada expositor apresenta os seus produtos. Nesse caso, a Associação de Moradores do bairro em parceria com a Associação de Moradores de Santana promovem o evento.

Na festa da Cuccagna, os preparativos ocorrem especialmente no dia da realização, para elaboração do prato e dos lanches servidos aos participantes. No entanto, o carnaval, de maneira especial o desfile, também exige uma intensa preparação na confecção das fantasias, dos carros alegóricos, na composição e ensaio do samba enredo:

> E agora já tão preparando o samba-enredo pro ano que vem. Já escutei os, os... hoje, fazendo alguma coisa... porque eu falei 'Agora vocês têm que acelerar o processo'. O ano passado sabia que era sobre a história, então foi mais, foi mais... mas em setembro tava pronto, em setembro já tava pronto o samba-enredo.

Cecilia Stênico Correr

Na Cuccagna, a organização se dá pela Associação de Moradores, principalmente, com apoio do Círcolo Trentino. No entanto, para o desfile do carnaval, o bairro é dividido em dois grupos principais, que são baseados numa antiga divisão em quatro cores, realizada pela igreja, com vista a caracterizar os setores missionários. Essa separação, que não previa uma hierarquização dos grupos, tinha por objetivo organizar setorialmente a comunidade católica a fim de realizar um trabalho de evangelização e acabou se perpetuando para outros eventos. É curioso notar que uma festa que não tem nada a ver com a religião siga uma divisão feita pelo padre. Pode ser apenas uma coincidência, mas pode ser também reflexo da grande influência do catolicismo no cotidiano de Santa Olímpia.

A festa da Imigração, no ano de 2012, exigiu uma intensa organização, uma vez que foram realizados eventos ao longo do ano, em preparação à festa de novembro. A Associação foi responsável por todas as comemorações, bem como pela interlocução com os políticos que prestigiaram as celebrações dos 120 anos do bairro e também com os patrocinadores do Campanário Maria Imaculada, cuja inauguração fez parte do aniversário de Santa Olímpia.

4.3.2. Abertura

Dos preparativos partimos para a festa propriamente dita, ou seja, o momento em que ela se inicia oficialmente. Em Santa Olímpia, via de regra, há dois momentos de abertura: a missa dentro da igreja seguida da abertura oficial, na praça, pela Associação. Essa hierarquização (primeiro a igreja, depois as demais comemorações) é sintomática do papel do catolicismo e dos representantes oficiais da identidade tirolesa no bairro.

"As festas sempre se iniciam com a missa". Essa foi uma das frases mais ouvidas tanto quando conversei com moradores do bairro, quanto nas entrevistas gravadas. E essa tradição vem de muito tempo, desde as primeiras comemorações religiosas de maio e dezembro.

Reproduzo a seguir algumas falas a respeito desse assunto:

> Isso eu acho que é mais por causa do que vem desde os nonos, né André. Porque a religião aqui – todo lugar tá meio capengando – mas aqui ainda a gente tenta manter isso, tanto que a Festa da Polenta a gente para a festa – não sei se você já viu – no sábado, a gente para a festa por causa da missa, literalmente. Para a festa seis horas da tarde e volta depois. Fica vendendo algumas coisinhas assim pra quem chega, mas, assim, não tem banda, não tem som, não tem nada. É a missa. Porque a gente acha que se perder essa parte, que cultura que nós vamos preservar, se a gente perder o que os nonos deixaram de maior que é a religião? Que sentido vai ter então? Como você vai falar que é uma festa típica, se você não deixar essa parte que era fortíssima neles? Por isso que tudo começa com a missa.

Elsa Pompermayer Stênico

> Tudo começa com a santa missa. Tudo. Tudo que você vai fazer começa com a santa missa. Tudo, tudo, tudo. Você vai fazer uma festa pro dias das mães, primeiro tem a missa. Então não se deixa de lado, apesar da cultura, não se deixa de lado, mesmo na Festa da Polenta, não se deixa de lado a parte religiosa. No sábado da Festa da Polenta, tem almoço, para pra missa, tudo, música, dança, tudo para, depois da missa se retoma. Porque é tudo é ligado à parte religiosa. Que vem também, né, como tradição.

Cecilia Stênico Correr

Por outro lado, também há sempre a abertura oficial, realizada em geral pelo presidente da Associação, como observado em minha pesquisa e registrado em caderno de campo. Na sexta-feira, dia 22 de julho de 2011, como de costume, aconteceu a missa, às 19h15. Logo em seguida, na praça, o presidente do Círcolo Trentino de Santa Olímpia, Ivan Correr[48], contou um pouco da história da festa, que, segundo ele, surgiu em 1992, nas comemorações do primeiro centenário, com o objetivo de "manter cada vez mais a cultura tirolesa, a cultura trentina, dos tiroleses de língua italiana". Agradeceu em seguida a presença do Secretário Municipal de Turismo, Omir Lourenço[49], e o apoio da Prefeitura Municipal de Piracicaba, na melhoria da infraestrutura da praça e do bairro. Ao tomar a palavra, Omir Lourenço, representando o prefeito municipal, cumprimentou os presentes e parabenizou a comunidade pela realização.

---

[48] Ivan é descendente de tiroleses, mas atualmente não mora no bairro, por motivo de trabalho, segundo seu relato em entrevista. Ele possui grande influência nas decisões do bairro, porém suas ideias muitas vezes se chocam com as gerações mais antigas.

[49] O então secretário municipal de turismo é um dos grandes apoiadores das festas, como apontarei ao tratar da relação do poder público com o bairro.

Em seguida, Milton Stênico, o presidente da Associação de Moradores, saudou aos presentes e agradeceu novamente o apoio da prefeitura e de todos os colaboradores que contribuem para a realização da festa. A apresentadora anunciou todos os patrocinadores e declarou aberta a 15ª Festa da Polenta de Santa Olímpia. Em seguida houve uma breve queima de fogos de artifício.

Essas lideranças, tanto da Associação, quanto do Círcolo, possuem grande influência no bairro, principalmente nas decisões coletivas, fazendo impor certo pensamento hegemônico. Como já afirmado, os entrevistados foram unânimes ao reconhecer esses indivíduos como positivos para a identidade tirolesa que se busca construir, porém, é possível que dentre os quase 900 moradores haja visões diferentes dessa representatividade, o que não pode ser captado por esta pesquisa de forma concreta. Vale ressaltar que os entrevistados são um grupo muito específico no bairro: todos são católicos e fazem ou fizeram parte, direta ou indiretamente, da organização das festas.

Essa breve solenidade repete-se em todas as festas da Polenta e com certa semelhança nas demais. Em seguida a essa abertura, há uma apresentação da rainha e das princesas, bem como das bandeiras: do Brasil, do estado de São Paulo, de Piracicaba, da Província de Trento e de Santa Olímpia. Os rapazes que levam as bandeiras usam trajes "típicos", os quais descreverei mais adiante, bem como a rainha e as princesas.

Nos 120 anos, por ser uma comemoração especial, a abertura ocorreu de maneira inédita, uma vez que houve na igreja de Santa Olímpia uma sessão solene da Câmara Municipal, contando com a presença de muitos moradores, visitantes e principalmente representantes políticos das diversas esferas de governo. A abertura oficial deu-se na sexta-feira, dia 23 de novembro de 2012, às 20 horas, com a presença de diversas autoridades locais e internacionais. A igreja estava completamente cheia, principalmente de moradores. Todos os presentes receberam um pequeno folheto com as letras das músicas a serem cantadas na solenidade. A sessão iniciou-se com a entrada pelo corredor central de idosos vestindo trajes antigos e "típicos", representando a família imigrante (Jacob Correr, Rosa Pompermayer e os onze filhos), carregando o baú, já citado anteriormente. Enquanto entravam, um violino solava *"Merica, Merica"*. Em seguida, entraram dez casais representando as primeiras famílias que formaram o bairro, carregando cada um os nomes dos fundadores.

Além desse momento, a sessão solene contou com vários discursos e homenagens, que detalharei adiante.

No carnaval não há uma abertura propriamente dita, pois começa com o desfile das

escolas de samba no sábado. Na cuccagna, na terça-feira de carnaval, às 11 horas, Ivan Correr, então presidente do Círcolo Trentino, convoca todos para explicar as regras e o itinerário a ser percorrido. Em seguida, é feita a foto oficial do evento, na escadaria da igreja, com todos os participantes. Diferentemente das outras festas, esta não é estática na praça da cidade, mas percorre quase todas as casas do bairro, pelas ruas de asfalto e terra ou por trilhas no meio de plantações e áreas verdes.

4.3.3. Envolvimento da comunidade

Outro elemento que considerei marcante nas análises foi a presença efetiva dos moradores, seja trabalhando, seja como expectador ou consumidor. Como não entrevistei os não envolvidos com as festas, também não foi possível comprovar o fato no campo, uma vez que há muitas pessoas presentes e é difícil distingui-las. Possivelmente, há alguns indivíduos que não frequentam pelos mais diversos motivos, que não foram investigados aqui, mas segundo os relatos, há uma participação intensa da comunidade:

> A maioria gosta [das festas], a maioria participa, a maioria fica meio de arredio, depois você vai lá, busca, daí eles vêm. A maioria. Bem pouca gente assim, sabe, que, assim, se diz, que não participa, bem pouca, pouquíssima mesmo.

Cecília Stênico Correr

> Então, [a festa] envolve bastante a comunidade, envolve bastante o bairro, assim, tem muito, apesar de ter bastante voluntário, sempre precisa, né, de voluntário. Então, muita gente do bairro ajuda nas festas, eu acho que é uma mobilização bem legal, assim. Quando vai chegando perto, dá aquela expectativa, então a gente sempre, agora todo ano a gente vai fazer alguma coisa na entrada da festa, alguma coisa temática, assim, na entrada. Então sempre dá uma expectativa, eu acho, eu acho que é importante, porque acho, se a gente não pode viver isso todo dia, eu acho que pelo menos nas festas desperta um pouco mais nas pessoas essa questão da cultura, de relembrar a identidade, né.

Leonardo Degasperi

Algumas festas, como já adiantei, são voltadas quase que exclusivamente para o público interno, ou seja, para moradores de Santa Olímpia, Santana, arredores e familiares. É o caso daquela de Maio. Nessa comemoração, havia uma complicação, pois as próprias cozinheiras, que também eram mães, não podiam participar da missa em homenagem a elas, o que causou certo incômodo na comunidade:

> Primeiro, as nossas mães nunca se divertiam, que era justamente no dia das mães. Quem que fazia comida? As mães. Quem que lavava as coisas? As mães. Que dia das mães que elas tinham? Nenhum.

Elsa Pompermayer Stênico

Esse mal estar também foi uma das justificativas para a mudança dessa festa e o enfoque mais religioso dado nos anos subsequentes. Por outro lado, a participação da comunidade na missa foi intensa, muitos moradores estavam presentes, bem como no almoço de confraternização, que se iniciou após o encerramento da missa.

O Mercadín tem participação da comunidade nas barracas de artesanato, comidas e bebidas, mas é uma festa com menos demanda, pois não são servidas refeições, apenas quitutes de quermesse. Nesse sentido, a exigência de participação é mais restrita a alguns envolvidos na organização, os diretores da Associação e os voluntários, que trabalham na montagem das barracas e na venda de alimentos, não sendo ampla a participação das pessoas. Por outro lado, muitos moradores visitam o Mercadín, fazem suas compras e permanecem na praça prestigiando a festa.

Com relação ao Carnaval, a comunidade participa ativamente em todos os aspectos, seja aqueles que trabalham na preparação das fantasias e alegorias, seja na composição e execução do samba enredo e principalmente no desfile, que teve um número muito grande de moradores, em torno de 400. Pela quantidade de pessoas assistindo, percebi que quem não desfila, comparece para prestigiar, inclusive os mais idosos e as crianças, que se fizeram presentes em grande quantidade nas calçadas e varandas das casas por onde o desfile passou. Enquanto as escolas se preparam, as pessoas vão se acomodando nos beirais e varandas das casas por onde o desfile vai passar ou nas calçadas; as pessoas mais idosas em geral se acomodam em cadeiras nas varandas das casas de parentes ou amigos. Nessa noite, praticamente todo o bairro está presente para assistir e há menos pessoas de fora presentes, apesar de o evento ser divulgado na cidade. Muitos jovens participam, porém os que não desfilam acabando chegando mais tarde, apenas para o baile. Como há muitas festas em outros lugares devido ao Carnaval, esse dia é prestigiado mais pelos locais.

Essa relação da festa com o Carnaval é um ponto significativo de análise e merece a atenção. Como algo tão brasileiro conseguiu inserir-se dentro da comunidade de Santa Olímpia de forma tão intensa, chegando a haver um desfile de escola de samba dentro do bairro? Será que essa identidade tirolesa que se reivindica no bairro possui ainda elementos da terra de origem ou vem sendo substituída pela presença da cultura brasileira? Essas perguntas

são a chave para entender o que chamo de "ser tirolês" em Piracicaba, visto que esses indivíduos possuem identidades tão mescladas que quase chegam a se confundir com os demais moradores da cidade, exceto por uma marca no sotaque, que está presente em praticamente todos os descendentes, independente da geração[50].

No dia da Cuccagna, também há participação dos habitantes de Santa Olímpia e de Santana, principalmente os mais jovens, o que se justifica pela origem como brincadeira infantil e por demandar muita energia (afinal, são quase sete horas de caminhada!). Alguns moradores de meia idade acabam participando da "catança", enquanto outros trabalham nos preparativos da refeição que é servida no final da tarde. No momento da comida, o número de moradores se amplia consideravelmente, pois muitos contribuem com ingredientes antecipadamente para comer ali mesmo ou levar para casa. É possível que o fato de ser mais voltada às novas gerações tenha influenciado a mescla com o carnaval brasileiro, que faz parte do contexto atual dos jovens.

Essa diferença de participação entre as gerações também é um ponto importante nessa análise. Percebi que algumas festas são mais gerais, com participação de praticamente todas as faixas etárias, como a da Polenta; outras são mais atrativas ao público mais idoso, como o Mercadín; a Cuccagna, por outro lado, tem seu foco nos jovens. Nesse sentido, o bairro vem criando mecanismos de garantir a participação de todos os segmentos em vista de uma manutenção dessa identidade construída ao longo dos anos, evitando que as novas gerações se distanciem completamente daquilo que os mais velhos consideram como a principal herança dos antepassados: fé e cultura.

A festa da imigração demandou um trabalho de organização muito grande da comunidade, como já disse anteriormente. A participação de alguns moradores se deu também de forma diferenciada, além dos trabalhos rotineiros, pois os visitantes italianos que vieram para as comemorações, seja no mês de novembro, seja nas comemorações antecipadas para os meses anteriores, ficaram hospedados nas casas das famílias, como foi o caso de um coral trentino que visitou e se apresentou em Santa Olímpia. Uma das limitações para o atrativo de turistas e pessoas de fora é a ausência de hotel no local, o que exige que os visitantes hospedem-se nas casas ou em hotéis no centro da cidade:

---

[50] Obviamente que nas gerações mais recentes, o sotaque é menos acentuado, mas ainda assim perceptível.

> Essa semana que passou foi, chegaram sábado e foram embora na terça-feira, não sei se você ficou sabendo, veio um coral da Itália aqui, em comemoração aos 120 anos. Eles ficaram hospedados na casa da gente, né?

José Estevan Forti

Também foram envolvidos na festa dos 120 anos os moradores mais idosos, que muitas vezes são apenas expectadores. Na sessão solene de abertura, eles entraram pelo corredor central representando as dez famílias fundadoras. Após a execução dos hinos, passou-se para as homenagens aos habitantes mais antigos (todos os idosos acima de 80 anos, independente da geração a que pertencem). Antes da entrega das honrarias, o apresentador realizou uma breve menção 'in memorian' aos dois membros da segunda geração falecidos naquele mês. São eles Rosa Degasperi Forti (com 99 anos) e seu irmão Francisco Caetano Degasperi (com 96 anos). Além deles, os únicos vivos pertencentes à segunda geração, ou seja, filhos de imigrantes são seus outros dois irmãos Catarina Degasperi Forti e Fidelis Degasperi, ambos com mais de 90 anos.

Essa participação dos idosos, inclusive sendo homenageados, é destacada pelos organizadores como algo importante, pois há um grande respeito aos mais velhos, em especial com aqueles que já faleceram:

> Foi assim, na sexta-feira teve sessão solene, né, em comemoração aos 120 anos. Aí teve um pessoal de Piracicaba, veio um pessoal de Trento, da Província de Trento, né. Assim, vieram pra prestigiar a festa e também pra homenagear os nossos velhos.

Leonardo Degasperi

A Festa da Polenta é a que mais exige o envolvimento no trabalho voluntário, pois a quantidade de visitantes é muito grande, bem como a variedade do cardápio que é oferecido ao público. Por isso precisa de muitos voluntários na cozinha, nas barracas, nos caixas e também na organização e no atendimento do café tirolês e do museu, que fica na casa da Associação. Para a decoração dos ambientes o salão, a praça e as ruas do entorno) também há intensa participação dos moradores, em especial dos jovens, que possuem mais disposição para esse tipo de trabalho, o que acaba por unir gerações:

> Haja vista a Festa da Polenta, né André. De 900 morador, não trabalha os velhos e as crianças, porque o resto. Pode ser jovem, que vá, que não vá, tá lá. Então eu acho que essa parte comunitária dos nonos ficou forte em nós, dessa doação um pouquinho cada um.

Elsa Pompermayer Stênico

Como percebi ao longo dos trechos das entrevistas e da observação participante, as

festas em Santa Olímpia são totalmente organizadas pelos moradores por meio de trabalho voluntário, o que, além de garantir uma maior rentabilidade, também permite uma maior união da comunidade em torno de um mesmo objetivo. Na da Polenta, por exemplo, com exceção dos velhos e das crianças, há muitos voluntários, que ou trabalham nas barracas, na limpeza, ou participam dos grupos de dança e coral, ou trabalham na cozinha. Conforme destaca um dos entrevistados, o ideal da religião cristã, que é predominante no bairro, de vida em comunidade, é refletido na organização:

> ...nossa maior festa, a Festa da Polenta, ainda é quase que 100% voluntariado, então todas as pessoas tão aí disponível, vamos fazer de tudo pra continuar isso, com certeza por influência da igreja, da religião, do chamado à vida comunitária, vida fraterna, com certeza a igreja ajudou muito nisso. O vigário nosso, ele também é tirolês, ele tem essa preocupação. Então eu acho que ele foi muito sábio em se utilizar da festa pra implantar a vida comunitária, a vida fraterna, a busca do bem comum, entendeu? Eu acho que ele, a própria festa tá sendo uma concretização do ideal do cristão.

Edivaldo Stênico

Para além da participação da comunidade nos dias das festas, há aqueles que se doam mais intensamente no dia a dia do bairro, ou seja, os membros das diretorias da Associação de Moradores e do Círcolo Trentino de Santa Olímpia, que passam o ano todo organizando os eventos, dentre eles alguns dos entrevistados, como Elsa, Ivan, Olésia, Leonardo, entre outros.

Outro ponto que chama atenção são as diferenças de participação entre público interno (moradores) e público externo (visitantes), que será objeto de análise no próximo item.

4.3.4. Público externo: turistas e visitantes

A presença de visitantes é bem diversificada dependendo da festa analisada e da data específica. Como citado anteriormente, o bairro não possui hotéis, o que exige que o visitante participe retorne à cidade, dificultando a permanência por mais de um dia no local. Apesar disso, algumas recebem grande quantidade de turistas, como é o caso da Festa da Polenta e da Imigração.

A Festa de Maio e o Mercadín receberam um público externo praticamente insignificante. O Mercadín possivelmente foi afetado pelas condições meteorológicas inviáveis, uma vez que choveu durante a sua realização. A de Maio, como já disse, por ser realizada no dia das mães, teve uma baixa adesão de pessoas de fora.

O carnaval tem seu grande contingente de visitantes na terça-feira, na “catança” da

cuccagna. Esse público é diferenciado das demais festas, uma vez que é composto em sua maioria por jovens, em geral amigos e colegas das novas gerações de Santa Olímpia. Esse diferencial acabou acarretando um problema logístico, que despertou a atenção dos organizadores e moradores.

Nos últimos anos, a participação de um número excessivo de pessoas assustou a organização. Há alguns anos, segundo relatos, o público vinha aumentando nessa festa, que antes era exclusiva dos moradores, voltada para a diversão destes. Tal fato se deve à divulgação da festa via imprensa, à propaganda de uma pessoa para outra e, principalmente, à falta de eventos públicos e gratuitos de carnaval na cidade.

Diante disso, a comunidade passou a preocupar-se com alguns problemas. O primeiro deles foi o número de pessoas em relação à quantidade de comida, que levou à adesão de uma pulseira colorida para aqueles que iriam participar da refeição. Quem colaborava com os ingredientes, recebia a pulseira e podia comer, caso contrário não; em 2012, ano de análise da festa, no entanto, optou-se por cobrar uma taxa, ao invés de receber ingredientes dos visitantes:

> ...eu fui uma das que ficou, que começou a por preocupação na "catança" da cuccagna. Tanto que foi em 2009 que nós começamos aderir à pulseira. Foi a primeira maneira que a gente pensou, não é pra excluir ninguém, mas é simplesmente pra você ter uma noção. Porque o que acontecia? Com essa enchente de gente, vamos se dizer, muitos não vinham com o propósito da cuccagna, eles vinham só pra comer. Tinha gente que chegava dez pra cinco, comia a cuccagna e ia embora... Então eu acho que essa mudança que foi tendo da cuccagna, com a divulgação, assim, vamos se dizer, irresponsável no meu ponto de ver, ninguém pensou nisso. Chegou um ano que os de Santa Olímpia ficaram sem comer. Por quê? Porque descia aquele bando de gente, entrava na fila e comia. E quem que arcava com isso? A comunidade tava acostumada a dar o tantinho que ela comia, né? A minha mãe dava o queijo, eu dava outro, e o outro. Só que de repente de 900 moradores virou 2000 pessoas. E a comida foi feita pros moradores e pra alguns visitantes. Então essa, eu achei que essa mudança foi muito péssima, sabe por quê? E pra você, daí, como que você vai contornar isso? Aí que nós começamos ver a preocupação, aí que nós coloquei a pulseirinha. Porque daí sim, nós vendemos tantas pulseirinhas, distribuímos tantas pros moradores, então é tanta comida que a gente tem que fazer, aí beleza. Que daí o dinheiro que o povo pagou. Primeiro ano até nós nem pegamos dinheiro, nós pegamos mantimento. Você trazia mantimento, ganhava pulseirinha.

Elsa Pompermayer Stênico

Além disso, outro fator de preocupação foi a perda do sentido original da Cuccagna:

> Porque quem não vive a cuccagna, não entende a cuccagna, não entende. Só quem vive ela, sabe o que, vive essa cuccagna... Porque se pretendia fazer uma cuccagna mais nossa mesmo, com descendentes que entendem o espírito da coisa, né. Aquela... que nem um tempo entrava nas casas, então, quem vinha de fora não entendia isso aí, não sabia o porquê da história, né. E quem mora aqui já tem essa visão...

Cecília Stênico Correr

Esse relato mostra algo um tanto contraditório. Enquanto se busca uma identidade tirolesa por meio dessa festa, quase em sua totalidade os elementos que a compõem são símbolos brasileiros do carnaval. O que fica claro nesse sentido é que não há no bairro uma consciência de que a identidade brasileira é tão forte, que suplanta o que se busca chamar de "ser tirolês", ou seja, esse "ser tirolês" é mais abrasileirado do que se imagina. Dos elementos tiroleses, restou apenas algumas canções, e a origem da comida, enquanto todo o resto não existe mais.

Ainda nesse sentido, tem-se a afirmação de uma essência da cuccagna, que parece ser a original, mas que é uma construção - a partilha:

> É a partilha, o espírito da cuccagna é a partilha, né. Todo mundo se divertindo, isso, aquilo, mas cada um fazendo sua parte. E chegou um momento que tinha dias que só dava pra dar polenta, porque não tinha mais cuccagna, de tanta gente que tinha vindo. Aí começamos, tivemos que pôr a pulseirinha, pra quê? Pra regularizar pelo menos isso, né, que o pessoal com a pulseirinha vai ter que pagar pra comer. Fazer o que? É uma, é uma, é um ajuste da festa tradicional diante da necessidade, né. Porque pouca gente vem por causa do tradicional, pessoal vem por causa da festa, né.

Olésia Pompermayer

Vê-se, portanto, na Festa da Cuccagna, uma postura adotada pelo bairro de restringir a quantidade de participantes externos, seja evitando a divulgação pelos canais midiáticos, seja na conscientização dos moradores, em especial os mais jovens. Essa postura acabou sendo conflituosa entre as diferentes gerações (novos e velhos):

> Então por isso que eu falei pros jovens, nesse ano nós fizemos uma reunião com os jovens, falei 'Gente, ninguém tá proibindo vocês de trazer gente, nós só tamo proibindo vocês de trazer gente que não tem a noção do que é a cuccagna'... Tanto que os jovens falaram pra nós 'Cobre 50 reais a pulseira, pra vim só quem realmente gosta'. Quem realmente gosta, André, 50 reais é de graça, pra caminhar pra comer, pra beber, pra se divertir, pra comer a cuccagna, pra dançar até a meia noite... Pense comigo, você vai numa balada aí, você paga 80 reais pra entrar, não é? Então nós falamos 'Não, porque tem bastante gente que gosta e não tem condição'. Então, mas eu acho que os nossos jovens também começaram a perceber isso.

Elsa Pompermayer Stênico

> ...inclusive a gente ia convidar eles [os jornalistas da cidade] pra vir pro desfile do carnaval, pra fotografar o desfile, nós não mandamos de medo que eles soltassem alguma coisa da cuccagna.

Cecília Stênico Correr

> Então, até a um ano atrás a gente convidava, hoje a gente não convida mais pelo jornal, nada. A gente nem convidava, a gente falava, olha, vai ter a festa disso, uma festa cultural, então vinham muitas pessoas. Hoje a gente só faz a reportagem dela depois da festa, mostrando... sem convidar.

Ivan Correr

Ao que tudo indica, esses embates geracionais se repetem sempre quando se pretende discutir a organização das festas, quando os mais velhos tentam restringir algumas mudanças que vão ocorrendo com o passar do tempo.

Por outro lado, para as festas da Polenta e da Imigração há um incentivo muito grande da participação de visitantes, com divulgação por diversos meios de comunicação da cidade. A Polenta conta inclusive com um desfile em carreata dos moradores, da rainha e princesas, uma semana antes do evento, pelas ruas de Piracicaba, para divulgação, convidando as pessoas a participarem. Em geral, os participantes dessa festa são famílias inteiras, pais, filhos, avós, gerando um ambiente familiar nos almoços e jantares.

Finalmente, a Festa da Imigração, no ano de 2012, além das famílias de visitantes, recebeu muitas autoridades municipais (secretários e vereadores), estaduais (deputados), além dos representantes da Província Autônoma de Trento (deputados) e outros cidadãos italianos e brasileiros de outros estados que foram prestigiar. Essa mescla com elementos italianos, bem como uma identificação do “ser tirolês” com o “ser italiano” saltou aos olhos durante toda a pesquisa, o que revela que não há uma consciência entre os moradores sobre a linha que divide as duas identidades. Eles se reconhecem tanto em uma como em outra nacionalidade, além da brasileira que está presente em todo o cotidiano e nas festas de Santa Olímpia.

4.3.5. Participação/envolvimento do poder público e patrocinadores

Indiquei acima a participação das autoridades na festa dos 120 anos da fundação do bairro de Santa Olímpia. Por outro lado, a Associação de Moradores e o Círcolo Trentino de Santa Olímpia possuem apoio financeiro e de infraestrutura constante da Prefeitura Municipal, por meio da Secretaria Municipal de Turismo, e do Governo do Estado, por meio

da Secretaria de Estado da Cultura:

> Depois da Festa da Polenta típica, nós entramos no turismo rural, na rota do turismo rural da Secretaria de Turismo de Piracicaba, porque eles viram que começou fluir, né. Aí ficou nós, Santa, Artemis, Tupi e Tanquinho. Tanquinho com a Festa do Milho, Artemis com a Festa da Mandioca e com o Alambique, Santana com a Festa do Vinho, Tupi com a Festa de São João. Cada um ficou com uma... Então daí a prefeitura começou a perceber que Santa Olímpia tava abraçando as coisas. Aí fizeram a reforma da praça pra nós, aí o Ivan inventou a Rota Tirolesa, aí foi casando as coisas.
> [...]
> Os trajes, quem ajudou a gente foi a Secretaria de Cultura de São Paulo, do Estado. Através do Felício, que era deputado estadual. Nós fizemos um projeto, ele levou como uma emenda parlamentar, conseguiu 40 mil reais pra nós, nós investimos exclusivamente em trajes. Todos os nossos grupos têm trajes novos.

Elsa Pompermayer Stênico

A Prefeitura de Piracicaba também financiou a reforma da praça do bairro, que foi reconstruída nos moldes do território de origem por uma demanda da própria Associação de Moradores, conforme relata o entrevistado Ivan Correr:

> Então a praça, quando foi feita a praça chamamos o padre, expliquei, usamos uma forma da gente alterar, aí os velhos chegaram e falaram: não, mas porque que vocês vão derrubar a praça, porque gastar dinheiro? Não, é o seguinte: esse recurso da prefeitura são recursos para praças, se eles não fizerem uma praça aqui vão fazer uma praça em outro lugar. Eles não vão utilizar esse recurso para ajudar para educação, esse recurso dar para saúde, dá recurso para praça. Então se a gente não quiser eles fazem outra. Mas a praça que a gente está querendo fazer é uma praça que os velhos, com certeza, gostariam de fazer. Porque é a mesma praça de lá da nossa região.

Ivan Correr

Essa relação com as instâncias administrativas oficiais é significativa, principalmente ao se analisar como as festas são usadas para viabilizar essa troca de "favores". No contexto político, a busca por votos e a criação de currais eleitorais são significativas para a manutenção do poder partidário em uma determinada cidade ou em outra esfera política. Os moradores de Santa Olímpia parecem ter uma consciência desse fato e utilizam desse mecanismo para negociar apoio físico e financeiro do poder público, tanto em esfera municipal quanto estadual. Os investimentos da Prefeitura de Piracicaba e do Estado de São Paulo no bairro, tanto em obras de acessibilidade (rodovia e estrada), quanto na infraestrutura física do bairro (praça e outros equipamentos de uso público), são exemplos de como essa negociação é presente no cotidiano local.

Um fato identificado como problemática ao longo desta pesquisa foi a ausência total

de apoio da Secretaria Municipal de Ação Cultural (Semac). Sendo as festas do bairro manifestações culturais e apoiadas pela própria Secretaria de Estado da Cultura, estranhou-se a ausência desse apoio da secretaria local. Ao ser questionada se a Associação e o Círcolo não tinham essa parceria, Elsa destacou:

> Muito pouco. Tanto que foi um questionamento meu, inclusive eu até mandei um e-mail ano passado indignada com a falta de envolvimento da Ação Cultural. A única coisa que a Ação Cultural faz é convidar nossos grupos pra dançar na Festa das Nações ou em algum evento que ela promove. Ponto. Ela, no campanário mesmo, quem abraçou a causa foi a Secretaria de Turismo. Secretaria de Cultura, eu, particularmente, fiquei meio decepcionada.

Elsa Pompermayer Stênico

Diante disso, perguntei se a entrevistada conseguiria identificar os motivos desse distanciamento, sendo que recebi a seguinte resposta:

> Não sei, ela fala que não tem verba, que não tem isso, que não sei, nunca tem nada. Tanto que na última conversa que nós tivemos, inclusive eu registrei isso num e-mail que ela me mandou uma resposta, eu registrei falando da nossa indignação até porque quantos bairros Piracicaba tem que tem tanto grupo cultural? Até hoje ninguém me respondeu

Elsa Pompermayer Stênico

Esse fato intrigou-me profundamente, porém não houve tempo hábil de questionar a própria Semac, além do que isso fugiria do escopo do trabalho. Ao aprofundar mais, descobri que, em 2013, o bairro se inscreveu para os editais dessa Secretaria, solicitando recurso para diversos fins:

> Agora nós entramos com quatro projetos, eles abriram pra projetos de todos os âmbitos. Nós entramos com quatro. Um pra divulgação do, nós tamo fazendo um livro, o Ivan acho que falou, tamo fazendo um livro de receitas tirolesas, em tirolês e em português, com as fotos das nonas tudo, e a gente quer finalizar isso na gráfica, então um projeto foi direcionado pro livro. O outro foi direcionado exclusivamente pra cultura, pros corais. Outro nós pusemos pro casarão, pra restauração, porque nós vamos fazer um museu permanente. E o outro eu acho que é pra um acervo de fotos... Nós mandamos quatro, um no nome do Círcolo, um no nome da Associação, um no nome do Ivan e um no nome nem sei, acho que meu mesmo, porque não podia mandar dois na entidade, mas tudo direcionado pro bairro mesmo. É de 4 a 8 mil que ganha, conforme o projeto. Então agora tamo aguardando pra ver se a gente consegue alguma coisa.

Elsa Pompermayer Stênico

Para levantar hipóteses sobre o fato, seria necessário buscar compreender a política municipal de fomento à cultura. No entanto, em um olhar talvez superficial, percebo que a Semac por muitos anos foi uma secretaria com poucos recursos financeiros e acabou por focar

seu trabalho em eventos organizados pela própria pasta, sem destinar investimento para patrocinar grupos externos. Há também a promoção do patrimônio material, em detrimento do imaterial, que tem sido perpetuada ao longo dos anos por parte do município, com foco na revitalização de espaços públicos voltados à cultura. Outro exemplo desse distanciamento é a Festa do Divino, já citada, que acontece desde a década de 1820 no município, mas que também verifiquei em pesquisa anterior que não recebe recursos desta secretaria.

Ainda nesse contexto de apoio do poder público, há o projeto de reforma do casarão da Associação de Moradores do bairro, que se tornará um museu permanente[51]. Para esse empreendimento, a Secretaria de Turismo já destinou recursos orçamentários para o bairro:

> ... Então já está liberado esses 120 mil, agora é só apresentar o projeto detalhado, que vai começar a reforma já do casarão. E o legal que ela falou assim que ela vai servir como ponte pra procurar diante da Secretaria de Cultura do Estado e do Governo Federal. Através da prefeitura ela vai levar o nosso projeto, então com certeza, além desses 120 outros virão.

Elsa Pompermayer Stênico

O bairro possui outros apoiadores e patrocinadores que colaboram com as festas, corais, grupos de dança e outras ações locais ao longo do ano. Entre eles, destacam-se os que investiram na aquisição e instalação do campanário (conjunto de sinos) para a torre da igreja, por ocasião da comemoração dos 120 anos do bairro.

Para a aquisição e instalação dos sinos, os patrocinadores e organizadores foram os seguintes: Mefsa – Mecânica e Fundição Santo Antonio (Brígida), Viação Stênico (Cídio, Tarcísio, Cláudio e Clóvis), Terra Plena Engenharia (Zé Luis), Stênico Viagens (Ivanete e Eraldo), Ivan Correr e Milton Stênico (Associação de Moradores), Trentini nel Mondo (Alberto Tafner), Círcolo Trentino di Piracicaba.

Também é significativo o fato de que esses apoiadores foram chamados para participar do descerramento da placa comemorativa dos 120 anos do bairro e da inauguração do Campanário Maria Imaculada. De maneira destacada, presenciaram os seguintes representantes: padre Daniel (igreja), Milton Stênico (Associação de Moradores), Morena Verti (Fondazione Opera Caduti de Rovereto), Alberto Tafner (Trentini nel Mondo).

Além disso, outros envolvidos auxiliam na manutenção dessa cultura tirolesa, como é o caso de um patrocinador dos corais, que colabora no pagamento da maestrina há mais de 20

---

[51] Detalharei essa questão no item 4.3.15.

anos:

> O patrocinador [do coral] desde o começo foi sempre ele [apontando uma foto na parede da sede do coral]: João, da Mefsa [João Fessel, dono da empresa Mefsa]. Agora é pouco, né. 1000 reais por mês, aquele tempo dava, mas agora precisa aumentar o negócio... Vinte anos que ele dá.

Eduardo Forti

As doações ajudam na manutenção e na realização das festas, principalmente, na estrutura, compra de uniformes, camisetas, alimentos e outras necessidades. Muitas das empresas que dão patrocínio a elas porém, não são do bairro e podem trazer influências externas, indo em direção contrária à identidade que se tenta reivindicar.

Os próprios moradores muitas vezes também realizam doações para diversos fins.

O bairro possui inúmeros colaboradores externos e internos, que garantem a manutenção de algumas tradições, a preservação de espaços e eventos, bem como a realização de alguns interesses coletivos de Santa Olímpia. Esses apoiadores são sempre citados e suas empresas mencionadas na festa, bem como nos cartazes de divulgação, também como forma de marketing para seus empreendimentos, havendo uma troca de favores nesse sentido.

4.3.6. Grupos Corais

Uma das marcas culturais hoje do bairro de Santa Olímpia é a presença dos grupos de canto coral "típicos", que se reúnem para ensaiar e apresentar canções tradicionais herdadas dos antepassados e outras aprendidas a partir de pesquisas específicas junto a grupos de descendentes de outras regiões do Brasil e também na Província de Trento, com a "Trentini nel Mondo". Para entender um pouco desse processo e dessa organização, entrevistei alguns moradores, descendentes de tiroleses e que são membros dos corais.

A formação dos grupos corais foi a primeira ação visando o resgate ou a reconstrução de algumas tradições no bairro. De acordo com o relato de vários entrevistados, as canções sempre estiveram presentes nas festas, mesmo as mais antigas, como nos trechos abaixo:

> Agora música mesmo eles tinham bastante, gostavam muito de cantar, principalmente em festas de igreja. Na época que eles vieram, eles tinham a festa da igreja era a festa mais importante deles era festa da igreja, né. E eles durante as festas eles sentavam nas mesas, bebiam comiam e gostavam de ficar cantando. E o pessoal que vinha também ficava tudo em volta da mesa ouvindo, gostavam muito de ouvir eles cantarem.

José Estevan Forti

> Entrevistador: E quando tinha festa, assim também, cantava as músicas tirolesas? Reunia os velhos pra cantar?
> Dide: Reunia, nós reunia, cantava lascado, tirolesa, italiana... quando tacava uns vinho, qualquer um puxava, tava num fogo desgraçado, bebia...
> Entrevistador: Aprendia em casa e...
> Dide: Ah, sim, aprendia, nossa, a gente já sabia de cor... Eu cantei muito. Nossa, música italiana, tirolesa, brasileira, eu cantei muito, desde criança. Até hoje...

> Eduardo: Aquele tempo lá as festas, a gente cantava muito em tirolês lá, né. Cantava, reunia os véios, cantava...
> Entrevistador: Não tinha apresentação, cantava todo mundo junto?
> Eduardo: Não, não, cantava assim no salão, nas mesas, assim, sentava nas mesas e cantava, tudo musica tirolês...
> Entrevistador: E era mais os homens?
> Eduardo: O nono, eu lembro do nono, seu bisnono, o nono ele era maestro, ele. É, ele batia compasso, ele. Ele tinha canivete na mão, batia compasso, ele. O nono era bravo viu. Você ia rezar o terço lá na nona, ele pegava, ele tinha uma unha torta aqui [mostrando o dedo] e pá [mostrando o sinal com os dedos] na oreia aqui, rapaiz... [risos]
> Entrevistador: [risos] Esse é o pai da sua mãe? Correr? O Ângelo?
> Eduardo: É, o nono, bisnono seu, o Ângelo. Eu lembro dele, puta vida, ele pegava o canivete, quando ele pegava o canivete aqui ele começava [fazendo o gesto de regência]. A turma cantava, rapaz. Tinha o Isac, maestro também, Stênico. Eles cantavam...
> Entrevistador: E tudo em tirolês?
> Eduardo: Tudo em tirolês.

Uma figura marcante com relação aos cantos foi o padre Jacob Stênico, mais conhecido como "Pacó", pessoa muito querida e respeitada até os dias de hoje. Aqui aparece mais uma vez a mistura entre catolicismo e identidade tirolesa. Padre Jacob, nascido em Santa Olímpia, após trabalhar em outras cidades como sacerdote, voltou a residir no bairro a partir de 1976, num quartinho nos fundos da igreja, onde permaneceu até sua morte, em julho de 1994.

> Aí no dia da festa, sábado e domingo, a gente ia servir, a gente servia, tal, quando o pessoal, acabava a comida, aí a gente sentava na mesa com o pessoal que tava cantando já lá, que geralmente era o Pacó que liderava, todo mundo cantava em tirolês...

Olésia Pompermayer

> Aí veio uma época que tinha o padre Jacó, aí mais ainda, disseminou mais ainda a cultura nessa época, das músicas. E eu era bem criança, eu tinha o que, uns oito, nove, nove, dez anos, por aí, nós começamos aprender a música, nossas músicas na escola, lá. Tinha um determinado momento que nós íamos lá no refeitório pra aprender também a cantar música tirolesa.

Ivanete Degasperi

Os trechos acima destacam o papel de Pacó na disseminação das canções tirolesas nas festas do bairro. Essa atitude deu origem aos grupos corais que hoje atuam no bairro, no sentido de resgatar e preservar canções que por muitos anos ficaram esquecidas na memória coletiva do bairro.

Foi diante desse cenário de tradição musical informal que se resolveu organizar um coral adulto, por volta do início da década de 1990, mesmo período em que se realizou a primeira Festa da Polenta. A partir de então, com a contratação de uma regente, o grupo ganhou um status mais profissional e hoje o bairro conta com dois coros adultos e um infantil:

> Hoje, no bairro, em termos de cultura, nós temos 3 corais, todos típicos. Um de criança, chama-se Vá Pensiero, são de crianças. Tem o outro coral, que foi fundado em 1990, agosto de 1990, que é o coral misto adulto, chama-se Stella Alpina. E tem um outro coral formado só de homens, também adulto, chama-se Càneva.

José Estevan Forti

> Aí passou o tempo, tal, não sei se a Janea, ela veio aqui nossa maestrina, ou alguém trouxe ela pra conhecer a gente, ela estudava na Unimep e ela ouviu falar da gente e veio conhecer. E ela fundou, ela formou o coro, o coral. Na época era, tinha umas 40, 50 vozes quando começou. E eu comecei, eu fui, assim, fundadora também. Foi em 1990, em 90 o nosso coral começou. Hoje nós estamos com vinte e poucas pessoas, mas tá bem legal, e tem mais, tem bastante gente de fora que gosta de participar do coral, tá?

Ivanete Degasperi

Os trechos acima relatam a formação dos corais em Santa Olímpia. Um fato curioso é que a regente que assumiu os grupos adultos não é descendente de tiroleses e nem mora no bairro, ou seja, ela é “de fora”. Inicialmente esse a presença externa causou certo incômodo, pois o questionamento sobre a preservação cultural com alguém externo à frente era quase impensável. Atualmente, mais de 20 anos depois, parece haver certa aceitação com relação à figura de Jânea, que se mantém na liderança.

Hoje os corais possuem uma casa sede no bairro, a 200 metros da praça, construída pelos próprios cantores em terreno arrendado por vinte anos. Os adultos já se apresentaram na Itália, na Província de Trento, em uma viagem que fizeram a convite do próprio governo provincial:

> Entrevistador: E o coral foi uma vez pra Itália?
> Eduardo: Uma vez.
> Entrevistador: E como foi?
> Eduardo: Ah, foi bem, foi bom. Fomos bem recebido, cantamos em três, quatro lugares lá.
> Entrevistador: E cada um pagou o seu?
> Eduardo: Não, foi tudo pago pela Província. A província pagou tudo, viagem hotel, comida. Não gastamos um tostão. Só gastou lá, né, porque... Mas nem as viagens que a gente ia visitar, passear, não pagou nada, tudo de graça.
> Entrevistador: Entendi. E isso foi por causa do Círcolo?
> Eduardo: Por causa da imigração. Os imigrantes quando vieram, né, fazia 120 anos. Não sei se é 120 ou... Aí convidaram o coral pra ir cantar lá. Escolheram o nosso coral, porque tinham que escolher... Santa Catarina... acharam melhor o nosso e levaram o nosso. Cantava mais músicas trentina. Porque o coral mesmo canta mais música dos Alpes lá, né. Onde que esquia lá na serra... negada vai...
> Entrevistador: E vocês foram onde lá? Só em Trento?
> Eduardo: Nós fomos só em Trento, cantemos em Trento mesmo, três ou quatro lugares lá.

Essa escolha pelo coral de Santa Olímpia para representar o Brasil, segundo o entrevistado relata no trecho anterior, deve-se ao fato de o coral ser mais "típico" que os demais, ou seja, cantar mais canções tirolesas. Isso é considerado motivo de orgulho, como pude perceber na fala deste e de outros entrevistados. Além disso, muitas apresentações foram realizadas em outros estados do Brasil e também fora do bairro, em Piracicaba e região:

> Os corais, os dois corais de adulto, né, tem feito, fez muitas apresentações na cidade de Piracicaba, em vários locais. Em termos de Estado nós já fomos cantar na Bahia, fomos cantar no... assim na Bahia que eu falo não é na capital, no interior da Bahia, uma cidade do Rio de Janeiro, nós fomos cantar em duas cidades do Rio de janeiro, nós fomos cantar em Curitiba, nós fomos cantar em Santa Catarina. E, além disso, o pessoal nosso também, os dois corais de adulto já foi se apresentar na Itália. Que houve uma ajuda lá na província, né, que acabou pagando a viagem, estadia, pros dois corais.

José Estevan Forti

Há também, como citado, o coral infantil que é liderado por uma das entrevistadas: Olésia Pompermayer. Iniciando-se na igreja, cantando as missas, mostra novamente a influência do catolicismo que se mescla com a própria cultura do tirolês em Santa Olímpia, assim como grande parte das demais manifestações identitárias. A regente conta como foi essa origem:

> E tinha um coral, que chamava Infância Missionária, que as crianças cantavam só músicas de igreja. Aí eu tava conversando com a menina que coordenava, que era a Lisete, falei 'Lisete, por que não começa cantar o italiano também? Porque tá perdendo, as crianças tão crescendo, ninguém vai mais pro Stella Alpina, tá perdendo, se perdendo as músicas, tal.' Aí a gente falou com as crianças o que elas achavam e eles gostaram. Aí em 2001 a gente fez o coral, assim com as crianças e acabou ficando. Tanto que hoje o Coral Va Pensiero, várias de nossas crianças saem e vai pro Stella Alpina e outros saem e não fazem mais nada. Mas a nossa intenção é justamente que eles aprendem as músicas, né. A gente coloca música nova, mas as tradicionais a gente sempre canta, porque é tradicional, que eles trouxeram de lá.

Olésia Pompermayer

E com relação ao estilo musical do coral, identifiquei um misto entre canções tirolesas e italianas antigas e atuais, além de outras canções que as crianças solicitam cantar, o que mostra que o "ser tirolês" em santa Olímpia foi construído com base em diversas influências:

> Então, a gente canta música tirolesa, mas a gente canta o tirolês de agora e canta italiano também, né. O que que... tem música que eles trazem, eles querem ensaiar, então a gente canta, porque também são eles que cantam, né. Mas a grande maioria, base mesmo, é o resgate da música de lá, tanto que as músicas de lá que eles trouxeram na época de guerra, é tudo soldado, guerra, uns negócio, então eu explico que era um momento que tinha, é mais resgate cultural mesmo, mas depois acaba encaixando com as outras coisas.

Olésia Pompermayer

O coral infanto-juvenil "*Va Pensiero*", que recebeu esse nome em alusão à canção cujo tema é o pensamento que vai voando até chegar à saudade de uma terra distante, é o que mais se apresenta nas festas. Em geral, em todos os dias de realização, repetiu sua apresentação dentro da igreja, com canções sacras e populares, em dialeto trentino, em italiano e também em português.

Em todas as festas, os corais se apresentam para o público, na praça ou na igreja, após as missas. Em maio de 2011, o *"Va Pensiero"*, além de sua apresentação rotineira, fez uma participação especial com a banda que animou a quermesse na praça. Após a dança "típica" e de integração, teve início a banda de jovens do bairro, que tocou rock. Assim como as novas gerações aceitam e participam das tradições (há exceções), também gostam de música popular e vivem a cultura externa à comunidade com muita naturalidade..

Os grupos adultos em geral fazem uma apresentação dentro da programação de cada festa e possuem um repertório elaborado vocalmente, com divisão de naipes e vozes. O Coro Càneva e o Coral Stella Alpina apresentam-se sempre seguidamente, uma vez que muitos dos membros de um também participam do outro.

Com relação aos nomes dos corais e os motivos de sua escolha, o entrevistado José Estevan nos esclareceu:

> Càneva significa cantina. Lugar onde o pessoal se reunia para tomar vinho e cantar, brincar, cantar... Stella Alpina é uma flor, branquinha, meio aveludada... É uma flor, branquinha, meio aveludada que ela só dá em lugares muito frio e bem alto. Nos Alpes, bem no alto dos Alpes lá. Essa é uma flor. Inclusive no nosso uniforme tem estampado a flor, você vê em muitos lugares, quando a gente passeia assim, a gente encontra, é muito conhecida.

José Estevan Forti

Todos os corais, desde o infantil até os adultos, possuem como uniforme os trajes "típicos", que também vão sendo renovados de tempos em tempos.

Finalmente, considero que a música é uma das principais manifestações culturais do bairro por estar presente na vida de praticamente todos os moradores, inclusive os mais idosos. Ela veio sendo passada oralmente de geração em geração e permaneceu até os dias de hoje com adaptações significativas, principalmente ao aceitar quase que toda a influência italiana. Atualmente, devido à facilidade de troca de informações, os corais buscam canções pela internet e por outros meios para ampliar o seu repertório.

4.3.7. Canções

A valorização dos cantos "típicos" tiroleses em Santa Olímpia e das canções religiosas no bairro salta aos olhos e aos ouvidos de quem quer que chegue às festas. Porém, um fato significativo é a mistura entre estes e os italianos. Ao longo desse estudo, vi que os moradores acabam por se referir como tradicionais, ou "típicas", como tenho chamado aqui, tanto as canções de origem tirolesa, quanto as italianas.

Essa construção do atual "ser tirolês" de Santa Olímpia, a partir das músicas e do canto coral é um tanto contraditória nesse sentido, uma vez que parece não estar claro para os próprios moradores o que é e o que não é tirolês de fato. Ao longo desta análise, percebi que hinos italianos de amor à pátria são evocados pelos moradores de Santa Olímpia como se fossem seus próprios hinos, representando uma mescla identitária.

Ao longo das entrevistas, alguns relatos foram chamando a atenção para a preservação desse gosto de cantar em algumas figuras centrais para o bairro, como o já falecido Padre Jacó e os moradores Geraldo Stênico, David Forti, entre outros. Nenhum dos dois últimos participam dos corais, mas ambos já gravaram um CD juntos com canções italianas e

tirolesas. O padre Jacó elaborou um cancioneiro com as letras das antigas canções das primeiras gerações. Essas pessoas são reconhecidas principalmente por aqueles que participam dos grupos, como fonte de informações e como "guardiões" históricos da música tirolesa/italiana.

A formação e consolidação dos corais já foi discutida em tópico anterior, portanto esse item pretende ser um descritivo das principais canções tocadas e cantadas pelos descendentes de tiroleses em Santa Olímpia, de acordo com esta pesquisa de campo.

Em seu artigo sobre música italiana e imigração, Magalhães (2012) levanta hipóteses que podem ser verificadas também neste trabalho com os tiroleses. A primeira delas é a padronização da música napolitana na memória coletiva dos imigrantes italianos no Brasil, independente da região de que provinham. Isso porque, segundo a autora, há estudos que demonstram "que comunidades imigrantes tendem a absorver alguns estereótipos que favoreçam sua aceitação na comunidade receptora" (MAGALHÃES, 2012, p.129).

Nesse sentido, o caso aqui estudado parece se assemelhar a essa análise, uma vez que a origem linguística próxima facilita a compreensão das canções italianas e a aceitação do grupo por parte da sociedade brasileira em geral. Em primeiro lugar, cabe destaque às canções napolitanas no imaginário tirolês de Santa Olímpia, sendo que uma das canções mais conhecidas e que mais agradam aos visitantes é a "Canção da Polenta" ou "La Bella Polenta". Há também outros cantos italianos, como "Funiculi Funicula", "Tarantela" e "Vivo per lei".

Estas tradicionais canções da imigração italiana se repetem como uma padronização "na memória coletiva da imigração italiana" (MAGALHÃES, 2012, p. 132). Isso leva à hipótese de que o grupo de tiroleses em Santa Olímpia, apesar de possuir um cancioneiro em seu dialeto, também se utilizou das italianas para garantir seu reconhecimento junto à sociedade receptora.

Desses ritmos mais animados, um dos mais apresentados pelos corais e tocados no bairro é o "Quel Mazzolin di Fiori", de Orietta Berti. Essa canção é também muito atrelada à imagem do bairro vizinho Santana, também tirolês, uma vez que seu é o *"Mazzolin di Fiori"*.

O coral infantil, em suas apresentações, sempre canta a *"Reginella Campagnola"*[52], que trata do tema bucólico e do amor puro, porém em um ritmo próximo ao das napolitanas:

---

[52] Site "Itália Sempre", de músicas italianas. Disponível em: <http://italiasempre.com/verpor/reginellacampagnola2.php>. Acesso em 22 ago 2013.

All'alba quando spunta il sole
là nell'Abruzzo tutto d'or,
le prosperose campagnole
discendono le valli in fior.

O campagnola bella
tu sei la reginella.
Negli occhi tuoi c'è il sole
c'è il colore delle viole
delle valli tutte in fior.

Se canti la tua voce
è un'armonia di pace
che si diffonde e dice:
"Se vuoi vivere felice
devi vivere quassù".
Quand'è la festa, dal paesello
con la sua cesta se ne va.
Trottorellando l'asinello
la porta verso la città.

Se canti la tua voce
è un'armonia di pace
che si diffonde e dice:
"Se vuoi vivere felice
devi vivere quassù".
Ma poi, la sera al tramontare,
colle sue amiche se ne va,
e tutte intente a raccontare
quel che han veduto là in città.

Se canti la tua voce
è un'armonia di pace
che si diffonde e dice:
"Se vuoi vivere felice
devi vivere quassù".
Se canti la tua voce
è un'armonia di pace
che si diffonde e dice:
"Se vuoi vivere felice
devi vivere quassù".

Na alvorada quando aparece o sol
lá no Abruzzo tudo dourado,
as vigorosas camponesas
descem os vales floridos.

Oh! camponesa bela
tu és a pequena rainha.
Nos olhos teus têm o sol
têm a cor das violetas
dos vales todos floridos.

Se cantas a tua voz
é uma harmonia de paz
que se difunde e diz:
"Se queres viver feliz
deves viver aqui em cima".
Quando é festa, do vilarejo
com a sua cesta se vai.
Trotando o burrinho
a leva na direção da cidade.

Se cantas a tua voz
é uma harmonia de paz
que se difunde e diz:
"Se queres viver feliz
deves viver aqui em cima".
Mas depois, de noite ao pôr do sol,
com suas amigas ela vai,
e todas são ocupadas a contar
aquilo que haviam vendido lá na cidade.

Se cantas a tua voz
é uma harmonia de paz
que se difunde e diz:
"Se queres viver feliz
deves viver aqui em cima".
Se cantas a tua voz
é uma harmonia de paz
que se difunde e diz:
"Se queres viver feliz
deves viver aqui em cima".

As canções napolitanas são evocadas por essa mescla identitária com os italianos que se faz presente na vida dos tiroleses de Santa Olímpia. Por outro lado, o canto coral tirolês distancia-se significativamente dessa exaltação do estilo de Nápoles, por ser bucólico e

melodicamente suave. Há certa tentativa no coro masculino, *"Càneva"*, de fortalecer essa regionalização musical com foco no Tirol:

> [O tema das canções] ...eu acho que mais sofrido, sabe? Mais saudosista, mais... o dialeto também tem a festa, um dos cantos deles eles lembram bastante a festa, a bebedeira, essas coisas aí, eles também lembram. Mas no canto eles reforçam mais, assim, o amor, assim, o amor, a paixão e o sofrimento mesmo. Entendeu? A morte, a guerra, a dureza da vida, eles cantam muito isso. E eles admiram muito a paisagem lá, né, que é muito bonita.

Edivaldo Stênico

Em Santa Olímpia, porém, os dois estilos musicais concorrem no imaginário coletivo daqueles que se autointitulam tiroleses, colocando a música como uma das expressões mais claras dessa riqueza identitária de seus moradores.

Na festa da imigração, durante a sessão solene da sexta-feira, abertura da festa, muitas canções foram executadas pelo coral, de vários estilos diferentes. A primeira delas foi "Merica Merica"[53], de Angelo Giusti, canto popular do Véneto, composto em 1875. Esse canto é quase um hino da imigração italiana para a América, mas também é evocado pelos tiroleses, demonstrando mais uma vez sua complexa identidade:

Dalla Italia noi siamo partiti Siamo partiti col nostro onore Trentasei giorni di macchina e vapore, e nella Merica noi siamo arriva'.	Da Itália nos partimos Partimos com nossa honra Trinta e seis dias de maquina e vapor, e na América chegamos.
Merica, Merica, Merica, cossa saràlo 'sta Merica? Merica, Merica, Merica, un bel mazzolino di fior.	**América, América, América, o que será esta América? América, América, América, um belo ramalhete de flores.**
E alla Merica noi siamo arrivati no' abbiam trovato nè paglia e nè fieno Abbiam dormito sul nudo terreno, come le bestie abbiam riposa'.	E na América chegamos não encontramos nem palha e nem feno Temos dormido no terreno nu, como os animais descansamos.
E la Merica l'è lunga e l'è larga, l'è circondata dai monti e dai piani, e con la industria dei nostri italiani	E a América é longa e larga, é rodeada por montes e planícies, e com a indústria dos nossos italianos

[53] Site "Itália Sempre", de músicas italianas. Disponível em: <http://italiasempre.com/verpor/merica-merica2.php>. Acesso em 22 ago 2013.

abbiam formato paesi e città.	formamos países e cidades.

Ainda durante a sessão solene, após o anúncio das autoridades, como era um evento oficial da Câmara Municipal, executou-se o Hino Nacional Brasileiro, pelo Coral Stella Alpina. Em seguida, devido à presença das autoridades da província Autônoma di Trento, foi cantado o "Inno al Trentino" (Hino ao Trentino). É importante destacar que todos os presentes receberam um folheto com as letras das canções, do qual foi retirado o "Inno al Trentino":

Si slancian nel cielo, Le guglie dentate
Discendo no dolci, Le verdi valati
Profumano paschi biancheggian olivi
Esultan le messi, Le viti sui clivi.

Oh, puro bianco de cime nevose
Soave olèzzo de vividi fior
Roseggianti su coste selvose
Dolce festa di vaghi color

Um popol tenace produce la terra
Che indomiti sensi, nel cuore rinsera
Italico cuore, Italica mente,
Italica lingua che parla la gente!

Custode fedele de Santi memorie
Che porti nel cuore sconfitte vitorie
Impavido veglia al valico Alpino
Òh gemma dell'Alpi! Òh amato Trentino!

Segundo relato de um morador, o Hino ao trentino foi alterado, pois ele se chamava originalmente "Inno al Tirolo", conforme consta em um livro[54] que não tive acesso:

> Quando a Itália tomou a região depois da I Guerra Mundial, a mulher de um traidor alterou o hino para exaltar uma italianidade que não existia no povo tirolês naquele momento, riscando a letra original e fazendo essa atual versão. Por exemplo, a parte: "Italico cuore, Italica mente, italica lingua qui parla la gente", na verdade era: "La patria nel cuore, il Tirol nella mente, fortezza e coraggio possiede la gente".

Leonardo Degasperi

Nesse trecho novamente aparece a dominação italiana como imposição cultural.

[54] Segundo o entrevistado, a referência da obra é a seguinte: TONINA, Osvaldo. **Dall'antologia di Don Livio Rosa tra gli scritti rimasti l'Inno al Tirolo. Trento**: Regione Autonoma Trentino-Südtirol, 2006.

Mesmo os tiroleses de Santa Olímpia tendo imigrado mito antes desse período, também foram afetados por essa situação no pós-guerra.

Após o Hino ao Trentino, foi cantado o Hino de Piracicaba, que é utilizado em todas as solenidades da Câmara Municipal. Aqui acontece algo de significativo, pois o hino representa o respeito a uma pátria. Nessa solenidade tivemos a execução dos hinos brasileiro, trentino e piracicabano, em uma mescla identitária que os próprios moradores não percebem, por estarem imersos nesse contexto desde seu nascimento, mas que emerge como problemática de pesquisa para o olhar externo.

Após as homenagens, o coro infantil *"Va Pensiero"* cantou o Hino do Imigrante (uma paródia em português de Aquilina Pompermayer, moradora do bairro e descendente de tiroleses), composto por ocasião dos 110 anos da imigração, em 2002, em homenagem a todos os antepassados que formaram o bairro de Santa Olímpia e a todos os descendentes. Nesse canto aparece o desejo do retorno à terra de origem (SAYAD, 1998, p.45):

De uma terra distante, longe do seu arrebol
Uma família imigrante deixa seu lindo Tirol
Com muita fé e esperança de na vida progredir
Em busca de "leite e mel" chegam na terra Brasil

Longe dos seus, viviam a recordar
Com esperanças de em Romagnano voltar
Não foi possível, o sonho realizar
Então vieram, em Santa Olímpia Morar

Já faz bem mais de cem anos, que tudo isso ocorreu
Porém nosso povo unido, da história nunca esqueceu
O exemplo de nossos velhos, não podem ficar apagados
Pois como diz o provérbio; "Não há futuro sem passado!"

Os anos foram passando, vieram seus descendentes
Nascidos em outra pátria, pensaram bem diferente
Enraizados no chão, com muito amor e brio
Hoje somos Santa Olímpia, Piracicaba, Brasil!

Finalmente, concluindo o cancioneiro dos 120 anos de fundação do bairro, o coral adulto apresentou o Hino de Santa Olímpia para o encerramento da solenidade, enquanto todos se retiravam da igreja. Composto pelo poeta piracicabano Lino Vitti (não se sabe precisar a data), com melodia de Jair Vitti, ambos descendentes de tiroleses, é sempre cantado nas festas e nas celebrações religiosas. Sua letra refere-se ao modo de vida dos descendentes de tiroleses, focando nos pilares da fé, do trabalho e da música:

Sob o amparo da Virgem Maria, Mãe excelsa, sublime mulher!
Santa Olímpia – trabalho e porfia, povo altivo que sabe o que quer.
Vocações religiosas que falam, da família reduto exemplar!
Nobre gente que os sonhos embalam, sob o lema – cantar, trabalhar.

Santa Olímpia, terra santa, cuja origem secular
Na paisagem vibra e canta, louva a Deus de par em par.

Tens no azul no teu céu a promessa de uma vida futura eternal.
Nada há que teus passos impeça, não há sombras de dor e de mal.
Prossigamos cantando este hino, ao bater do filial coração.
Eis a frente um brilhante destino, irmanando trabalho e oração.

É curioso notar que o hino do bairro foi composto em português, enquanto outros são cantados em dialeto trentino ou em italiano, o que demonstra o uso das múltiplas línguas na comunidade.

Além dos cantos "típicos" e dos hinos, voltados à tradição do bairro, há também os cantos religiosos, muito valorizados pelos moradores. À análise anterior, que englobava a mescla identitária entre elementos tiroleses, italianos e brasileiros, acrescentamos aqui a religiosidade, que se soma como fundamental na composição dessa cultura que se chama tirolesa em Santa Olímpia.

Um dos mais significativos e marcantes é o canto em homenagem à Nossa Senhora, cantado em todos os dias de festa ao final das missas. O canto "Entre os Coros Angélicos", de autor desconhecido, é um antigo canto lírico (não se sabe a autoria), em português, muito popular na comunidade, cantado a várias vozes:

Ó nome cândido, doce Maria
Paz e alegria, vens derramar...

Entre os coros angélicos és harmonia
Ave Maria, Ave Maria...

Sê virgem pura, minha consolação,
Minh'alma confia, no teu coração...

Por nós suplica, durante a vida,
Os rogos dobram na despedida...

Pode-se notar que as letras de canções que fazem parte do repertório da comunidade misturam tradições e línguas – trentina, italiana e portuguesa.

Essa ligação do bairro com a música já fez história em diversos momentos. Os corais

já gravaram diversos discos com canções tirolesas e italianas e também criaram um cancioneiro histórico em dialeto trentino e na língua italiana:

> ...o coral Stella Alpina, que é o coral misto adulto, fez um cancioneiro, com as músicas daqui, assim, que, porque assim no começo o coral cantava mais música, só música tirolesa, hoje já varia um pouco. Então, é, eu acho que muito do que o padre Jacó tinha, aí acho que eles juntaram isso e fizeram esse cancioneiro, que tem todas as músicas, assim, muita música típica, música tirolesa que o pessoal sempre cantou aqui. Agora não sei se, eu acho que algumas já deveriam ser mais antigas, porque minha avó, assim, que nunca participou de coral sabia as músicas, então várias elas cantaram, pessoal cantava algumas músicas.

Leonardo Degasperi

O entrevistado David Forti também relata a gravação de um CD à parte do coral por alguns moradores do bairro, com canções tradicionais:

> Fizemos um CD também de música italiana, fomos gravar na cidade. A maestra que tá até hoje aqui que dirige o coro do coral, ela pegou também o nosso coro, só que ela falou, não dirigiu, ela arrumou um homem lá pra gravar e veio junto só pra acompanhar, mas 'quem vai cantar é vocês, porque eu não tô de a par com isso aí'. Então ficou eu e o Geraldo aí, os dois, que nós puxava. Então no CD tem Geraldo e Davi e companhia, que era as moça e moço, que cantemo junto. Vinte e seis música nós gravemo, com o CD nosso. Mas foi bonito! Ali foi só, só italiana, italiana e tirolesa. Tem o livrinho aí. Ainda ficou o livrinho aí, o CD não sei nem mais onde que ele foi.

David Forti

Nesse sentido, vale destacar que o bairro possui uma tradição musical muito significativa e que destaca a letra das canções como fator central dessa construção sobre o que seria a terra de origem, como uma das marcas culturais mais significativas dessa identidade tirolesa, mesclada com a italiana.

Pela amplitude do tema, pela grande influência dos corais no bairro e na vida das pessoas, acredito que a temática das canções poderia ser tema de pesquisa futura, visando aprofundar nessas questões que levantei inicialmente.

4.3.8. Grupos de dança

A discussão sobre dança talvez seja a mais contraditória quando se fala em tradição. Isso se dá pelo fato de que os moradores, especialmente os entrevistados, consideram as danças "típicas" como marca cultural dessa identidade tirolesa defendida, porém afirmam que os imigrantes não as trouxeram do território de origem, com exceção de uma, o "quattro

passi”:

> Mas eu fui descobrir que nossos nonos trouxeram bastante cantos típicos, mas danças só uma. Só o quatro passi, que os alemães conhecem como, já que é uma região de fronteira, os alemães conhecem a dança como “Sieben Schritten”, que é sete passos, né, “Sieben Schritten”.

Edivaldo Stênico

Diante disso, procurei entender ao longo da pesquisa qual era o sentido da inserção das danças “típicas” na comunidade e qual o papel destas atualmente nessa identidade tirolesa, que sempre estiveram presentes nas festas, mesmo as mais antigas, porém não de modo “típico”:

> É, porque tinha baile pra ir, gente que morava aqui um pouco mais longe e era nossos parente: ‘Vamos lá que vai ter baile?’ – ‘vamos’, meu pai falava ‘Pode ir, no baile é pra dançar, não quero ficar com namorado e canto pra lá, canto pra cá’. Ele levava. Nós falava ‘Pai, vamo no baile’. Ele ia. Mas ele falava ‘Pra dançar’, ele não queria nem saber.

Estephânia Pompermayer

> Os nossos pais converteram o quattro passi em dança de salão. Então, nos forrós da vida deles, nos bailes de casamento deles, faziam o quattro passi, mas já, vamos dizer assim, mas já, é, vamos dizer, já tinha sido abrasileirado. Adaptado aos bailes aqui do Brasil. Preservaram 100% da melodia, a coreografia, parte dela, mas adaptado, feito aos bailes. É a única dança que faziam, que lembrava a história deles lá. A única dança. Agora, hoje, através de Gramado, a gente conhece da nossa região e de todos os países de língua alemã, mais de duzentas coreografias, passamos a conhecer. Mas especificamente da nossa região não é só o quattro passi, hoje tem mais ou menos umas vinte coreografias que a gente conhece.

Edivaldo Stênico

A dança como forma de resgate ou reconstrução cultural do bairro surgiu apenas por volta de 1990, a partir do contato com outros grupos imigrantes que despertaram esse interesse na comunidade, tudo isso motivado pela criação do Círcolo Trentino de Piracicaba. O grande incentivador dessa inserção foi Edivaldo Stênico, entrevistado nessa pesquisa, que relata um pouco dessa experiência:

> E então eu comecei a fazer um trabalho há mais de 25 anos atrás de resgate das tradições através de danças, né. Com o tempo nós fomos conhecer Gramado, a Associação Cultural que ela resgata, ela preserva mais danças do folclore alemão, ou dos países de língua alemã. No caso nosso seria mais especificamente a Áustria, mas nós somos abertos a todos os países, né. Tivemos algumas informações sobre danças italianas, né, umas tarantelas da vida, danças da região do trentino...

Edivaldo Stênico

Essa dança tirolesa em Santa Olímpia na verdade não é muito original. Poucos são os passos advindos do Tirol. As danças mesclam elementos dos territórios que formaram o antigo Império Austro-Húngaro – Itália, Áustria e Alemanha – em uma mistura ainda mais complexa que a das canções. Esses elementos foram percebidos ao longo da observação das festas, pois nas apresentações dos grupos, a origem dos passos e suas características iam sendo explicadas por Edivaldo ao público visitante.

Em sua fala, o entrevistado Edivaldo mostra que esse trabalho de inserção das danças na comunidade não tem sido simples. Por outro lado, há uma compreensão interessante sobre esse processo de "criação de cultura", que ele chama de folclore:

> Então eu to aí num trabalho árduo faz mais de 25 anos de preservação, de repasse, de conhecimento, de... apesar que a gente acaba não fazendo folclore, a gente acaba copiando folclore. Eu acho que aqui em Santa Olímpia, o único folclore que é nosso mesmo é a cuccagna, o resto é tudo cópia, a gente tá assim resgatando, ou seja, copiando o que existe lá hoje ou o que ficou da época em que os nossos saíram, ou o que criaram depois que vieram de lá, né.

Edivaldo Stênico

Porém, como dito no início desse tópico, elas estão muito presentes nessa identidade tirolesa e também nas festas, pois em todas há apresentações. Atualmente, há quatro grupos de Danças Folclóricas de Santa Olímpia (infantil, infanto-juvenil, juvenil e adulto), envolvendo aproximadamente oitenta pessoas, descendentes de tiroleses e não descendentes, que ensaiam semanalmente para apresentar-se dentro e fora do bairro.

> Então já assim tem um casal do adulto, o grupo adulto um casal assume o infantil, outro casal o infanto-juvenil, outro o juvenil. E o adulto a gente faz um trabalho em conjunto, né, troca de experiência, coreografias... E a gente leva esse folclore nas cidades vizinhas: Rio Claro, Limeira, Americana, Piracicaba mesmo na Festa das Nações.

Edivaldo Stênico

Essa participação de pessoas "de fora" nas danças se dá por aqueles que se casaram com moradores do bairro. Mas a maior parte dos integrantes é nascida na comunidade e descendente de tiroleses.

A ampliação considerável do número de pessoas participantes nas danças se deu pelo fato de que elas chamam a atenção das crianças, que participam por incentivo dos pais. O grupo adulto é o menor de todos, com menos de dez membros, enquanto o infantil e o infanto-juvenil têm mais de vinte integrantes cada. O interessante é que os pais acham bonito que os filhos dancem para "manter a cultura tirolesa", conforme o relato de um deles, mas não

reconhecem para si essa tradição.

Porém, com o passar do tempo, também os moradores passaram a incorporar a dança como parte da cultura do bairro e valorizar isso frente aos visitantes. Esse processo de mudança de perspectiva é interessante, pois comprova a ideia de que a cultura não é fixa, bem como a identidade, que pode ser reivindicada em determinadas situações:

> Antigamente quando a gente fazia aqui tinha muito disso do 'santo de casa não faz milagre'. Então a gente falava: "ah...vamos dançar". E aí falava: "ah... vocês vão dançar sempre aquelas músicas? Sempre 'qüela'?" Então até o pessoal do bairro não valorizava, só que aí o que acontece? Quando o pessoal começou visitar as festas da polenta, o pessoal de fora chegava e falava: "Nossa que bonito que vocês têm, vocês mantêm isso, vocês mantêm aquilo, tal, tal...". Então aquelas pessoas que criticavam, falavam: "Espera um pouco, então nós somos importantes, nós temos um diferencial, então o que nós têm aqui nós temos que manter, que todo mundo vem aqui e elogia e nos não elogiamos".

Ivan Correr

Na observação participante, notei que os próprios moradores se animam nos momentos de dança, pois em algumas festas, como a de maio, a maior parte dos presentes que foi para assistir era composta de habitantes locais que já conhecem e estão familiarizados com as apresentações, mas sempre prestigiam. Em especial dos grupos infantis, muitas pessoas tiram fotografias, já que em geral todas as famílias têm membros participando.

A festa em que há mais participação dos grupos de dança é a da Polenta, que inclusive recebe como visitante, para se apresentar no bairro, o Grupo de Danças Folclóricas de Piracicaba, que não é tirolês, mas participa desde a primeira festa e realiza intercâmbio de informações com os grupos locais, com passos originados em vários países, como Alemanha, Itália e Áustria.

O ponto alto da apresentação dos grupos de dança ocorre quando os visitantes são convidados a participar junto com os componentes. A integração, como assim é chamada, visa inserir o turista nesse ambiente festivo. Essas danças são muito simples, sem complexidade nos passos e todos são ensaiados antes do início para poderem participar. É muito interessante notar o envolvimento dessas pessoas "de fora", famílias, turistas, visitantes de modo geral (independente da idade), que se sentem valorizadas ao serem convidadas para participar.

Em um dos momentos de integração, na Festa da Polenta, eu pude participar da dança para sentir essa experiência dentro do contexto da pesquisa. Os moradores são extremamente atenciosos e explicam com detalhes como devem ser os passos, ajudando inclusive quem tem mais dificuldades. Foi muito significativa essa vivência para perceber o entrosamento da

comunidade e o perfil acolhedor dos seus membros, ao menos naquele momento.

Assim como nos corais, os uniformes dos grupos de dança são compostos de roupas chamadas “típicas”, como apresentarei a seguir, e são renovados periodicamente por meio de recursos governamentais de fomento à cultura.

Finalmente, os grupos subdividem-se por faixa etária, como já dito, porém por nível de complexidade também, já que as danças do grupo adulto são extremamente elaboradas na variação de passos.

4.3.9. Trajes

O assunto vestimenta já apareceu algumas vezes durante o texto, porém esse item foi reservado especialmente para tratar desse assunto. As peculiaridades do traje “típico” e seu uso exclusivo durante as festas concedem a elas um “transcender a realidade”, já discutido a partir dos teóricos DaMatta (1990) e Del Priore (2000).

Ao longo da pesquisa, não pude encontrar pessoas utilizando trajes “típicos” fora das comemorações, com exceção do dia do passeio turístico chamado de Rota Tirolesa. Nas festas, no entanto, muitos moradores utilizam as roupas diferenciadas, em especial, os membros dos grupos de dança e dos corais do bairro, bem como aqueles que se apresentam como as rainhas e princesas:

> Então os trajes a gente usa todos os grupos, o coral e a dança usa o traje pra se apresentar, e, assim, a gente usa às vezes a gente faz desfile, às vezes quando tem uma missa mais solene, mais importante, ou comemorando alguma coisa, a gente vai, usa o traje, quando a gente vai fazer algum, por exemplo, a gente foi desfilar, convidaram, a nossa escola foi convidada pra desfilar no desfile de 7 de setembro, então foi um grupo com o uniforme da escola e foi um grupo de traje típico, então, que nem, representando a cultura tirolesa, então a gente usou também lá no desfile de 7 de setembro.

Leonardo Degasperi

No entanto, assim como as danças, os trajes não foram passados de geração em geração, mas seu uso também é resultado de uma reconstrução da identidade tirolesa iniciada na década de 1980, quando foi comemorado o centenário da imigração. Essa reconstrução trouxe consigo elementos de diversas outras culturas, como a austríaca e a alemã, gerando uma mescla identitária significativa nessa análise, que parece não ser percebida pelos moradores:

> Alguma coisa que caracterize o nosso jeito de ser, mas o traje típico mesmo é só na dança. Uma que não dá pra você usar o traje, no meu caso, na cozinha, né. Então a gente acaba vestindo o traje. Porque os nonos mesmo quando trouxeram... o traje que a gente usa pra dançar, eles não... porque o traje já nem usavam mais... eles já vieram com calça comprida, já vieram com paletó, uma camisa de manga comprida, bastante colete, entendeu? Mas aquela calça curta... já, ninguém trouxe isso aí. Nós é que fomos através de história, do resgate e fomos atrás, entendeu? Mas o jeito de vestir dos nossos bisavós mesmo, ficou bastante... nós caracterizamos o traje com colete, já cheio de detalhe, mas a calça mesmo é antes deles, o nosso traje.

Edivaldo Stênico

> É porque hoje os trajes que nós temos, a gente pesquisa, quando nós temos.., a gente pesquisa lá na Europa para trazer as informações corretas porque cada região tem um traje [...] Traje de época da região, então de mil e setecentos, mil e oitocentos. Então, por exemplo, nosso adulto é o traje tirolês dia-a-dia, do grupo adulto feminino é o traje de Romagnano, de onde que vieram nossos antepassados. Daí, o de crianças são outro traje de Mirano. Então são trajes de regiões de onde que nós viemos, que eram os trajes da época, então tem todas as características: o tecido, a cor, o tipo de costura.

Ivan Correr

Os trajes são, portanto, uma construção do bairro. Nas festas, há a apresentação destes ao público visitante, explicando o significado de cada peça.

Para as mulheres, o traje é composto de vestido longo rodado, por cima de blusa branca de manga, coberto pelo avental, anágua (saiote), bombacha (calca amarrada na altura do tornozelo), meia longa branca de algodão, cabelo preso com um coque e arranjos de flores e sapato baixo preto, conforme se vê na Figura 5, a seguir.

Um fato curioso que todos ressaltam é a forma de amarrar o avental, que indica se a mulher é casada ou solteira: para as mulheres solteiras, o laço é feito na frente do corpo, na barriga, enquanto as que colocam nas costas são as casadas. Segundo os relatos, essa é uma tradição trazida desde a época das “nonas”, quando se costumava utilizar avental para os serviços domésticos quase o dia todo. Não se pode afirmar, no entanto, que seja uma tradição tirolesa, pois não encontrei registros desse uso antes da imigração.

Para os homens, conforme se vê na figura 6, o traje é composto de sapato preto e meia branca até os joelhos, calça preta, com detalhes coloridos bordados, suspensório, camisa branca, chapéu ornado com broches e algumas vezes pena, parecido com o alemão, indicando também a mescla que é a cultura tirolesa:

> Foi feito uma pesquisa da nossa região, qual seria o traje da nossa região, então é, o traje masculino é calça, que vai até o joelho e o suspensório, camisa de manga comprida, as meias e o sapato e o chapéu. E também o colete, né, pros homens, e também tem a "jaca", que é aquela jaqueta, aquele paletó, paletó que é típico também.

Leonardo Degasperi

Figura 5 - Trajes Femininos: Grupo de Danças Infanto-Juvenil.

Fonte: Registro próprio de pesquisa

Figura 6 – Trajes Femininos e Masculino: Grupo de Danças Adulto.

Fonte: Registro próprio de pesquisa

Sobre o uso da pena no chapéu, questionei os entrevistados, que deram definições variadas para esse símbolo, desde a representação do animal a ser caçado (no entanto o grupo de Santa Olímpia nunca foi caçador) até o indicativo da masculinidade:

> Então, pelo que o pessoal me conta, pelo que eu ouço falar, a pena, o coiso no chapéu simboliza o animal que o homem caça, né. Então, no caso, se for uma pena, ele caça ave, se for aquele penacho – o nome em alemão é gamsbart, que chama aquilo lá – então é feito da crina do gamus, que é o animal chama gamus, se não me engano é parente da camurça acho, então simboliza que ele caça esse animal.

Leonardo Degasperi

> E tem o chapéu típico, a gente costuma usar uma pena no chapéu, essa pena diz que é virilidade.

José Estevan Forti

Para a produção do traje, algumas características devem ser levadas em conta, conforme contam os entrevistados. Ivan Correr destaca as diferenças entre uma roupa qualquer e outra que é produzido após uma pesquisa sobre a origem e peculiaridades:

> A gente até brinca, um traje de dança você pode fazer do jeito que você quer, que você gaste uns cinquenta reais, pega um pano qualquer ou você faz um traje típico daquela região, com as mesmas características e informações, você paga seiscentos reais. E aí? O qual que a gente vai escolher? Um que não tem nenhum significado cultural ou aquele que tem significado que é o mesmo modelo da nossa terra, que a gente vai lá busca informação e trás. Então o pessoal tem isso. E pelo público que vem e a gente... é até interessante o reconhecimento, a gente usa um traje assim a gente explica: olha o traje nosso é um traje tirolês austríaco, tal, tal, aí aquela pessoa que viajou fala: é isso mesmo, porque quando eu fui naquela região era isso, isso que você falou.[...] Então, por exemplo, a Helena aqui, que ela costura, ela aprendeu a costurar traje com uma costureira austríaca que ela veio para cá, que ela era referência na Áustria, que ela estava aqui, conheceu e veio. Então hoje no Brasil, quando fala de traje, fala do nome dela, todo mundo reconhece, por quê? Porque ela não usa zíper, ela não usa velcro, é tudo como era antigamente, na mão. Então tem: ah.. mas podia fazer na máquina, podia, mas não é igual. Ah.. mas é igual. Não, não vai ter o valor cultural. Aí vai chegar assim mostrar o traje, nossa que traje bonito, todo bordado, então esse bordado foi feito por mim mesmo. Esse foi minha mãe que bordou, esse foi eu, tal, tal, Daí eles falam assim: ai, Meu Deus do céu até nisso eles pensaram.

Ivan Correr

Além disso, há pessoas que auxiliam na confecção dos trajes para que a costura e os bordados estejam de acordo com o pesquisado:

> E aí foi isso, a gente, através de pesquisas em livros, que tem livros lá da região, mostrando o traje de cada região, a gente fez o traje. Então é uma, tem uma senhora aqui do bairro que faz o traje, também esse casal, esse casal austríaco, que é o Adalberto e a Úrsula, essa senhora, essa Úrsula, ela ensinou essa senhora aqui de Santa Olímpia costurar, assim os modelos dos vestidos, e mais com a ajuda dessa pesquisa que a gente fez [...] Então, assim, tem essa senhora que faz, mais o das meninas que ela faz e também as camisetas dos meninos, e depois tem uma senhora de Piracicaba que também, que tava junto, que também aprendeu com esse austríaco aí, então ela faz, esse ano passado, ano retrasado acho que ela fez a calça dos meninos, e o ano passado ela fez o colete também, bordou, e o cinturão também, que tem o cinturão no traje dos meninos, ah e a gravata também, os meninos tem. E ela fez nosso cinturão ano passado.

Leonardo Degasperi

O relato de Leonardo leva a um questionamento: se há um casal austríaco que confecciona trajes tiroleses, qual a relação com os trajes da Áustria? Nesse sentido, retomo a discussão já feita anteriormente sobre a mistura de culturas no período em que o Tirol foi dominado pelo Império Austro-Húngaro, sendo que esses traços identitários acabaram mesclando-se ao longo da história dos tiroleses que vieram para o Brasil.

Em geral, os trajes são bordados com símbolos da comunidade que também são reproduzidos nas paredes externas do salão de festas. Entre eles estão a borboleta (símbolo do bairro), a águia (símbolo da Província de Trento), as flores do campo (símbolos do território dos Alpes). Na Figura 7 a seguir, pode-se notar o detalhe do traje masculino bordado com a águia e as flores.

Figura 7 – Detalhe de Traje Masculino: Grupo de Danças Adulto.

Fonte: Registro próprio de pesquisa

O uso do traje, portanto, reflete um sentido de pertencimento a esta comunidade de Santa Olímpia, ainda que mescle elementos não tiroleses, e é incentivado desde a infância, inclusive há até bebês de colo que são vestidos assim pelos pais:

> Então a gente tendo essa base, a gente até brinca: uma criança que colocou o traje de dança uma vez na vida, está bom para nós já, porque ela já sentiu isso daí.

Ivan Correr

Este trecho da entrevista de Ivan é sintomático dessa construção do "ser tirolês". Apesar da mistura identitária notada na construção histórica desse chamado traje "típico", ele carrega em si um grande valor para a comunidade, principalmente, para aqueles que militam em favor de uma identidade tirolesa, que não necessariamente coincide com o que seria a cultura da época da imigração.

Cabe destaque ao fato de os moradores possuírem a consciência que os imigrantes não usavam esses trajes de festa por não fazerem parte de sua cultura de vestimenta, mas incentivam o seu uso hoje acreditando que essa seja uma forma de preservar sua identidade. Pode-se questionar: mas qual identidade? A tirolesa? De que época histórica? De que pessoas? Onde buscaram essas informações?

A resposta talvez seja: uma identidade específica dos descendentes de tiroleses de Santa Olímpia hoje.

4.3.10. Teatro

As peças de teatro não estão presentes nas festas atualmente, por isso essa discussão não fazia parte da pesquisa originalmente. No entanto, por diversas vezes, essa temática do teatro apareceu nas entrevistas quando se falava de tradições e das opções de diversão no bairro, o que me levou a abrir esse parêntese.

Segundo as informações colhidas nas entrevistas, por muitos anos o teatro foi uma das principais formas de diversão da comunidade, envolvendo em sua organização diversos moradores. Alguns indivíduos destacam-se nesse trabalho, entre eles os já falecidos Francisco Caetano Degasperi (Tio Chico) e Maria Correr Stênico (Zia Maria), o entrevistado Jacob Degasperi e o atual pároco do bairro, padre Daniel Stênico (representando aqui novamente o envolvimento da igreja):

> O Tio Chico, você sabe, né? Ele era apaixonado por teatro, artes cênicas era com ele. E eu tenho um pouco disso também. E desde os meus- quantos anos? – a partir do momento que eu perdi a vergonha, assim, de me mostrar no palco, eu tava lá, entendeu? Eu gostava muito, muito, muito. Gosto! Inclusive, o Tio Chico, assim, eu fiz várias peças, participei de várias peças com o Padre Daniel, com o Tio Chico. E eu sempre gostei da, desse lado cultural nosso. E é bem cultural mesmo. Trouxeram de lá essa, tá, tava no sangue mesmo. Meu tio, ele ficou mais de 60 anos fazendo, trabalhando em teatro aqui com a gente. Então, ele era um apaixonado, né, de algum lugar veio.

Ivanete Degasperi

Em sua entrevista, Jacob lembra de sua função na produção das peças de teatro, que segundo sua esposa Clementina, na época eram chamadas de "drama":

> O trabalho que eu fazia na comunidade aqui era teatro. Fazia bastante teatro. Eu fazia, fazia pintura, pegava, comprava daqueles rolo de papel, depois fazia tudo que nem telão. E pintava aquilo, fazia cenário. Eu gostava de fazer, porque eu peguei o gosto de um teatro que fizeram lá em Campinas, que eu fui assistir, eu vi a pintura, o cenário que fizeram, mas achei tão bonito, que quando vim em casa, eu peguei esse encargo aí de fazer esses cenários. Agora, o Tio Chico, ele gostava também de teatro, mas aí ele que pegava a turma, pegava aquele, tinha o livro da Congregação dos Salesianos, que eles escreviam partes de drama, né, tinha tudo as parte, o Tio Chico pegava, copiava as parte e dava a parte a cada um, pra depois fazer o teatro.

Jacob Degasperi

Os teatros, antigamente, eram realizados na antiga igreja, que já havia passado a ser salão de festas com a construção do novo templo e depois foi demolida. Eram a grande atração dos sábados a noite, uma vez que não havia no bairro televisores, internet e outros atrativos. Muitos moradores compareciam para prestigiar as peças:

> Entrevistador: E apresentava onde?
> Clementina: No salão.
> Jacob: Tinha um salão de propósito.
> Clementina: Fizeram um salão na praça. Depois quando fez, tinha a igreja velha lá em cima... Tava lá em cima, era a igreja. Depois derrubaram esse salão pra fazer a igreja nova aqui e ficou o salão lá na igreja velha.
> Jacob: Fazia o teatro lá.
> Entrevistador: Mas daí não era só nas festas? O teatro era...
> Clementina: Teatro não era nas festa, era fora das festa.
> Jacob: Não, quando a gente pegava uma parte, uma peça de teatro, preparava aquela peça, a peça quando os personagens estavam bem treinados, então a gente fazia...

Ivanete, que participou muitas vezes das peças como atriz e também como auxiliar de produção, também destaca que se recorda das que assistia quando criança, e considera o teatro

como uma tradição do bairro, o que não significa que seja uma tradição tirolesa:

> E antigamente quando eles faziam os teatros, é, não peguei muito lá antigamente, mas peguei uma época que tinha o, sabe o salão velho? O salão velho, tinha um – Ah era um barato gente! Gente, o povo daqui, os mais velhos hoje, que estão com mais de 80 anos hoje, na época eles deviam ter uns sessenta e poucos anos, setenta, é, cada um, por exemplo, o Tio Cob – o seu tio, que é meu tio – a veia artística, ele tinha uma veia artística incrível, né, porque ele faz, ele molda barro, você precisava ver as, os cenários que ele e o Tigio, né, o Tarcísio Correr, que mora na frente, não sei se você lembra, seu parente também, e outros também, lógico, é que eu lembro mais deles, eles faziam um cenário, assim, que parecia verdade, gente. Eu era criança, era criança, eu tinha me lembro de doze, onze, doze anos, quase adolescente. Gente eu chorava, eu tinha medo, dependendo do que eles passavam, eu chorava, dependendo do que eles estavam passando. Era muito real. Então, isso também faz parte da nossa cultura, o teatro sempre fez parte da nossa cultura, sempre, sempre, sempre, sempre.

Ivanete Degasperi

Diante desses relatos, que demonstram uma necessidade dos entrevistados em tratar dessa temática, alguns questionamentos podem ser levantados: quem participava do teatro? Alguém era excluído ou todos podiam atuar? Qual a relação com a igreja e seu papel? Quais peças eram encenadas?

A partir desta pesquisa, alguns desses questionamentos podem ser respondidos e outros apenas inferidos. Com relação à participação, o primeiro ponto a se destacar é a língua, pois muitos dos teatros eram encenados em dialeto trentino, o que impossibilitaria alguém que não compreendesse. Isso acabou por restringir os envolvidos aos descendentes de tiroleses que conhecem o dialeto. No passado, isso talvez fosse mais fácil e mais pessoas poderiam encenar que atualmente, quando há poucos jovens e crianças que compreendem a língua. Em busca de um resgate do dialeto, encenações curtas, especialmente com crianças, que são treinadas para encenar e falar em tirolês, são gravadas em vídeo, sob direção do padre Daniel Stênico. Em geral, essas apresentações são histórias, verídicas ou não, do bairro e dos antepassados, como o caso do vídeo gravado sobre a chegada dos imigrantes ao Brasil:

> Clementina: Se você assistir 'Em busca de novos horizontes', você vê tudo. É, você pega tudo. Eles carpiam, os moço, os moço, o Vitório, o Gigi, eles carpiam uva aí, que nem tivessem carpindo, tá tudo na fita, eles carpindo, eles falam tudo em tirolês.
> Jacob: O Isidoro, o Isidoro tem um que chamava Isidoro e o tio João que era o menor, o tio João era o menor.
> Clementina: Na fita tem até quando eles tavam dormindo e os moço levantaram e fizeram xixi no penico. [risos] Gravou até eles fazendo xixi, o penico embaixo da cama.

> Dessa história, eu fui autor, passei duas vezes já, a primeira simples, assim, quando eles vieram, trouxeram o baú, a história, depois tornou a passar outra vez com o padre Daniel, que ele gravou ele, aperfeiçoou mais, como foi a partida de lá, quando o padre de lá arrumou pra eles vim pra cá, depois rezou a última missa e deu as orientação 'Vão lá, veja de não deixar de rezar o terço, todos os dias rezem o terço', né. Essa parte nós passamo aqui e eu foi, fez a parte do padre. Aí fomo em Monte Alegre ali, numa igrejinha que tem em Monte Alegre, onde eles vieram morar também, e lá fizemos de conta que rezamos a missa, eu rezei a missa na base de lá, em latim, naquele tipo quando eles viravam pra cima, eu rezei a missa como padre rezava mesmo. Batizei a mais nova, que eles batizaram antes de vir, eu também batizei aí, mostrando como que foi a missa lá, quando eles vieram pra cá, fez o sermão em austríaco, na língua deles, eu fez o sermão, porque eu sei falar, né, dei uma treinadinha, fez o sermão, também pra eles, dei a comunhão, tudo, pra eles, em latim 'Corpus domine, nostrus Jesus Christi me in vitam ætérnam. Amen.' Eu dei a comunhão pra eles nessa batida como foi lá. E depois foi indo o resto também apresentemo tudo, né, duas três vez passamo esse filme já aqui, tá gravado por ali, tá gravado, padre Daniel deve ter.

Davi Forti

Vemos a presença da igreja também no teatro. Essa influência se dá na definição de quais peças podem ou não ser encenadas e no palco. Em primeiro lugar, se o padre coordena a atividade, ele diretamente define o que é interessante ser apresentado como história do bairro ou não, demonstrando uma influência significativa. Com relação ao local das apresentações, foi relatado na entrevista que antigamente o palco ficava dentro do antigo templo (que hoje não existe mais, foi demolido após a queda de uma de suas paredes). A fortíssima tradição religiosa do bairro não permitiria que fosse encenada nesse espaço uma peça que pregasse contra a profissão de fé católica, portanto muitas das peças, se não tratassem da imigração, tratavam de temas religiosos, vidas de santos, passagens bíblicas. Mais uma vez a forte influência da religião na cultura local:

> Olésia: O drama, né, o teatro. Todos os teatros aqui tinham caráter religioso, não era um teatro assim simples. Conforme as épocas, tinha o teatro voltando praquilo e pra um período religioso, então tinha Maria Goreti, Pequeno Mártir, qual que era o outro, de Santa Catarina que a senhora fez mãe? Mãe, que teatro que a senhora fez que era...?
> Estephânia: Ah, nós fez Santa Isabel de Hungria, fizemos bastante teatro, Pequeno Mártir... era uma casa de barrote que morava os véio aí. Aí construíram a casa, arrumaram, fizeram de salão. Ah, bastante teatro teve...
> Olésia: Só que eles não falavam teatro, falavam drama.

Atualmente, o teatro está um pouco esquecido no bairro e não entrou em nenhuma das festas analisadas nessa pesquisa, mas se constitui como traço cultural marcante e também se

alinha com as demais análises pela influência da igreja, pelo uso da língua e pela participação de alguns membros da comunidade. Optei por destacar rapidamente o fato, uma vez que isso acabou fazendo parte da história e da formação da cultura local e por ter aparecido nas entrevistas.

4.3.11. Cardápio: Comidas e bebidas

Considero impossível apresentar as festas e a cultura tirolesa de Santa Olímpia sem discutir o cardápio, composto de pratos "típicos", com receitas passadas de geração em geração. Nesse sentido, criei esse tópico para apresentar, mesmo que resumidamente, um pouco desse atrativo aos visitantes do bairro.

Na festa de Nossa Senhora e na do Mercadín, por terem uma origem diferenciada e não focarem no turismo cultural, o cardápio é mesclado entre alguns pratos "típicos" e outros itens tradicionais nas quermesses de igreja, em que se pode encontrar pastel, cuscuz, frango assado, porção de leitoa assada, maionese, polenta frita e doces. No almoço, arroz, macarrão, frango assado, salada, polenta e "*crauti*", este dois últimos tiroleses.

Pode-se inferir que a comida, assim como os cantos, as danças e outros elementos estudados, são exemplos de que não há uma manutenção, mas sim uma construção de um "ser tirolês" que incorpora elementos novos: brasileiros, religiosos, italianos, interesses das novas gerações, dos não tiroleses no bairro, interesses políticos e tantos outros que talvez não são percebidos a partir da análise realizada.

Essa discussão contraria a hipótese que estabeleci no início da pesquisa, quando pensava em uma manutenção ou resgate identitário, dando espaço a essa nova forma de se pensar a identidade tirolesa em Santa Olímpia como uma construção.

Em maio, não há a montagem de barracas na praça, os comes e bebes são servidos no salão de festas do bairro e no espaço do bar da praça. Quem trabalha produzindo e vendendo os quitutes são os próprios membros da comunidade e a renda arrecadada ia para a Igreja até o momento. Com o fim dessa quermesse, por opção própria, a Igreja deixou de receber rendas de festas para se manter com o dízimo, porém não deixou de ter sua influência na organização dos eventos.

O Mercadín é um pouco diferente das demais, pois oferece menos opções de comida e mais barracas de artesanato. Como nessa festa não é servido almoço, apenas petiscos, muitas pessoas vão para suas casas almoçar e depois voltam para visitar as barracas ou apenas para

ficar na praça conversando.

A Cuccagna, por sua vez, é uma festa focada no prato de mesmo nome, composto de uma fritada de ovos, com tomates, linguiça, queijo e bacon, servido com polenta.

Na festa dos 120 anos de Santa Olímpia, na sexta-feira após a sessão solene, foi servido um jantar gratuito para todos os presentes, como forma de confraternização pela comemoração que o bairro estava vivendo, composto de "polentota", uma espécie de polenta mole com molho de tomate cozido, pão com recheio de carne cozida, refrigerante e vinho. No sábado e no almoço de domingo, a festa seguiu conforme as quermesses anteriores.

Ao falar em comida "típica", no entanto, o centro desta análise está na Festa da Polenta, a que mais oferece aos visitantes a possibilidade de degustar os pratos tiroleses[55]. São advindos da região do Tirol a polenta, o *"crauti"* (repolho fermentado), o *"strangula preti"* (engasga padre – espécie de nhoque com verduras) e o *"canederli"* (sopa com bolas de pão). Essas receitas vieram com os imigrantes (por meio das mulheres, únicas cozinheiras da época), e mantêm muitas das características originais, principalmente quando feitas em fogão a lenha.

A primeira especificidade dessa festa é a forma de adquirir as comidas e bebidas, pois o visitante se dirige aos caixas e adquire o "soldi" (que significa "dinheiro", em tirolês). O câmbio é equivalente (fictício) trocando-se 1 real por 1 soldi.

A quermesse da Festa da Polenta é a que contém maior variedade de pratos, entre eles o que é chamado de prato "típico", uma composição bem servida de polenta, frango ao molho, *crauti* e cuccagna. Além do prato "típico" principal, também se pode comprar o canederli (sopa com bolotas de massa), spaghetti (macarrão espaguete), polenta frita, polentota (polenta mole com molho), polenta brustolada (assada na chapa com queijo), cuscuz pequeno, salsichão, porção tirolesa (salsichas), cerveja, vinho, sangria, suco, refrigerante, água, doces, espeto de morango.

Cabe destaque também o papel das pessoas que trabalham na cozinha durante as festas. São pessoas respeitadas pela comunidade, tanto por moradores quanto por não moradores, pois trabalham voluntariamente e são muito elogiadas pela qualidade da comida.

No encerramento da Festa da Polenta, as "nonas" (cozinheiras, que hoje já não são

---

[55] Chamados de pratos tiroleses, no entanto, há algumas semelhanças com relação às festas de imigrantes italianos espalhadas pelo estado de São Paulo, porém com algumas peculiaridades exclusivas.

mais tão idosas, pois a responsabilidade vai passando de mãe para filha) foram até a praça. Ao final da tarde, a maioria dos visitantes já tinha ido embora e restavam principalmente os moradores locais, então as cozinheiras deixaram a cozinha com suas colheres de pau para participar das danças de integração. Os moradores circundaram as cozinheiras, festejando o final da festa que consideraram ter sido um sucesso, tanto com relação à qualidade da comida, quanto da quantidade de visitantes presentes. Além disso, esse foi o momento de agradecimento a Deus também por ter evitado que acontecesse tragédias, temporais ou outros fatores que pudessem atrapalhar a sua realização, segundo relatam alguns moradores.

Há também os homens que se envolvem no trabalho de cozinhar, uma vez que são necessárias muitas pessoas para colaborar durante todos os dias de festa. Edivaldo Stênico é um deles, que associa também a venda de comidas "típicas" com a identidade do bairro:

> E em segundo plano eu tô bastante envolvido com a turma da cozinha, preservação da comunidade mesmo.
> [...]
> Então, as festas, eles [os nonos] já faziam, mesmo... eles não praticavam muito a culinária trentina, já tinha até, já tinham até deixado de lado isso aí. Eram mais os assados, entendeu? Não tinha tanta coisa assim. Nós começamos a resgatar a culinária nas festas quando o povo de fora começou vir e nós percebemos que você mostrar um frango assado, todo mundo tem, um espeto de carne, todo mundo tem, mas um canederli ninguém tem, um strangula pretti ninguém tem, um crauti ninguém tem. Então vamos, vamos mostrar nossa cultura, entendeu?

Edivaldo Stênico

Além das festas, abrimos um parêntese para comentar um questionamento que foi levantado nas entrevistas, com relação ao consumo de comidas consideradas por eles como "típicas", no dia a dia, nas casas dos entrevistados. Em geral, grande parte dos entrevistados consome ou cozinha esses pratos rotineiramente em família, em especial nos almoços aos domingos:

> Lá em casa... a comida típica nas festas, ela pegou força, agora né, que tanto, eu falei no começo, é feita em julho a Festa da Polenta, por causa de ser tempo de frio e as comidas são muito quentes, né. Agora em casa se costuma ainda, não todo dia, mas a polenta continua, o crauti, o canederli continua. Não todo dia, né, mas ele tem com bastante frequência lá em casa. E o pão, pão caseiro, que a nona fazia, tem bastante... Eu quando faço polenta, faço no fogão de lenha, polenta. E se o canederli for um dia que vem minha família toda também faço no fogão de lenha, deixo mais assim pra quando vem todo mundo, porque pra fazer comida pra dois não vou acender o fogão de lenha. Quando vem a turma toda, aí ponho pra funcionar.

Cecilia Stênico Correr

Além de gostar das comidas "típicas", os moradores relacionam o seu consumo com

esse "ser tirolês" de Santa Olímpia. É algo também que está intrínseco a essa identidade tirolesa do bairro, segundo notei na pesquisa:

> Entrevistador: Você faz as comidas aqui na sua casa, as típicas?
> Elsa: Todas. E eles comem tudo.
> Entrevistador: Seus filhos gostam? O marido?
> Elsa: Gostam. Todo mundo, todo mundo. Cachorrinha... [risos] todo mundo. Não, a gente é bem, eu sou bem bairrista, viu André..

Eduardo Forti, por sua vez, destaca como se produz o *"crauti"*, prato muito valorizado na comunidade, sendo que ele é o responsável pela preparação antecipada do prato para algumas festas:

> Eduardo: Crauti faz, fazia, né, agora tô parando, tá muito caro o repolho, não compensa. Nas festas, na festa do Coral, no jantar do Coral, eu faço.
> Entrevistador: Ah, você faz?
> Eduardo: Todo ano eu que faço... eu faço, eu tempero ele. Quinze dias antes, eu pico repolho, depois põe na cartola, tempera com sal e pimenta, soca, faz a água subir. Aí você põe uma tampa, uma tábua, aí põe duas, três pedras em cima pra não subir, pra ela ficar embaixo. Pra água tem que ficar sempre em cima, senão estraga. Conserva né, pra conservar. Aí quando você vai cozinhar, você tira aquela água, espreme, aí põe, cozinha, aí põe os ingredientes. Põe costelinha, orelha de porco, joelho.
> Entrevistador: Quinze dias antes então tem que deixar curtindo?
> Eduardo: Quinze dias, pra ficar curtindo. Ele fica meio coisa né, o sal. Depois você cozinha. Se você acha que tem pouco sal, pimenta, põe mais. O sal e pimenta é pra conservar ele, pra segurar né.
> Entrevistador: Pra ele soltar a água também.
> Eduardo: Pra soltar a água.

Quando toquei no assunto comida com o casal Jacob e Clementina Degasperi, entrevistados em dupla, foi o momento em que eles mais se detiveram e destacaram o prazer em falar. Talvez pela pobreza que viveram na sua infância e juventude como relataram, o fato de nunca faltar comida tenha ficado muito presente em sua memória. Ambos se referiram às comidas no passado, lembrando-se do que comiam ou do que era feito em casa:

André: E as comidas?
Clementina: Comidas? A comida era... o que tinha de comida?
Jacob: A comida? A comida era arroz, feijão e a gente fazia cráuti...
Clementina: Linguiça de porco não faltava.
Jacob: Linguiça, viu...
Clementina: A gente matava o porco, tirava... fazia tudo com gordura, e tirava, dava duas latas de... aproveitava o couro, fazia linguiça de couro, fazia linguiça, mas dava, ai cada linguiça boa!
André: Fazia tudo em casa?
Clementina: Tudo em casa. Tinha ovo, tinha sempre ovo, né.
Jacob: Fazia cráuti com repolho. Picava o repolho, assim, punha sal e pimenta, punha dentro de uma cartola e socava bem, socava até sair água, pra ela... ficava, a água vinha por cima, depois punha um pano e uma pedra em cima.
Clementina: A comida, você falou? No almoço fazia arroz, feijão, é, linguiça, tinha, às vezes tinha feijão, sabe vagem, a gente plantava, né, daqueles de metro, assim, sempre tinha feijão, tinha horta, tinha repolho, bastante repolho, abafava repolho. E de tarde era sempre polenta, sopa, sopa de feijão, polenta, uma verdura, ou linguiça frita, ou queijo, assim.
André: Mas e essas comidas típicas, que nem o canederli?
Clementina: O canederli sempre fazia só na... só de vez em quando, o canederli, strangula preti, fazia nos domingos...
Jacob: É fregoloti.
Clementina: É, só nos domingos fazia, canederli, strangula preti, quase todo domingo. Ou senão fazia macarrão feito em casa, sabe? Fazia, falava foiadeti.
Jacob: Fregoloti.
Clementina: Fazia nhoque de, nhoque sem verdura, às vezes, que nem strangula preti é nhoque com verdura. Sempre nos domingos. Tinha carne de domingo, que comprava um pouco de carne no açougue de vaca, comprava carne, comprava dobradinha, eles falam, falava bucho, né, dobradinha meu sogro sempre comprava, ele gostava, comprava língua, ele comprava rabo de boi.
Jacob: Fazia rabada.
André: E fazia com polenta?
Clementina: Fazia com polenta. Com polenta, com arroz.
Jacob: Rabada. A gente comia, quando matava porco, comia até o sangue a gente...
Clementina: E torresmo? Ai que delícia!
Jacob: Sangue.
Clementina: É.
Jacob: Cozinhava o sangue. O sangue, o fígado.
Clementina: O torresmo um pouco tirava pra comer, um pouco fazia sabão. Não comprava sabão. Nem sabão, nem em pó, nem sabão em pedra não comprava, era só, fazia o sabão em casa mesmo.
Jacob: O sangue e o fígado também a gente cozinhava.
André: Usava tudo, não perdia nada.
Clementina: Você falou galinha? Galinha não faltava, matava frango...
André: Fazia frango também.
Clementina: Porque não faltava frango, ovo tinha de monte, galinha tinha bastante, porque criava tudo solta as galinha, né. Sempre tinha frango.

Esse trecho, transcrito na íntegra, levanta algumas reflexões sobre o modo de vida no

passado e atualmente. Aparece uma mudança de perspectiva com relação às posses financeiras, quando a entrevistada fala que se comprava carne apenas para o domingo, enquanto nos demais dias cozinhava-se com o que se produzia, galinha, ovos, hortaliças e outros produtos colhidos na roça. Por outro lado, atualmente, com a mudança no padrão de vida, a produção própria de alimento reduziu-se significativamente, pois a maioria dos moradores tem acesso a alimentos industrializados e condições financeiras para adquiri-los.

Na memória coletiva dos moradores percebe-se que há uma associação entre as comidas "típicas" tirolesas e o modo de alimentação rural do Brasil na primeira metade do século XX, como se fosse da cultura do Tirol. Esse fato retrata mais uma vez que essa identidade foi construída no bairro mesclando elementos trazidos na imigração com aqueles adquiridos aqui no Brasil.

Esse fato se repete também com as festas antigas em que a comida não era farta, como o exemplo a seguir, a respeito da festa da Cuccagna:

> E ficava lá na praça, era o terreiro, falava, era tudo terra naquele tempo, e aí eles davam um pedacinho assim cada um, porque o padre benzia, né, e dava um pedacinho de polenta, assim, com um pedacinho de linguiça cada um. E comia com uma devoção ainda... Dividia a polenta... É, porque era pouca gente e uma polenta dava um pedacinho cada um.

Clementina Christofoletti Degasperi

Para além da comida, vale destacar que a bebida principal, nas festas e em casa, é sempre o vinho, em geral produzido no bairro. O Tirol é conhecido pelo clima frio, que favorece a produção de vinhos das mais diversas uvas. Por esse motivo, os moradores de Santa Olímpia utilizam da produção de vinho para também reivindicar essa identidade tirolesa que aqui estamos analisando.

Como destaquei anteriormente, há uma cooperativa de produtores que envolve moradores de Santana e Santa Olímpia. O vinho "Tirolês", produzido pela cooperativa, é vendido nas festas. Neste ano de 2011, houve um significativo desentendimento entre a Associação, responsável pela organização, e um grupo de moradores do bairro, tanto os integrantes da Cooperativa quanto seus simpatizantes. Isso se deu porque o vinho para a festa foi comprado de produtores de Santa Catarina:

> Vende na festa. Tem a festa do vinho em Santana, Festa da Polenta. Esse ano aqui passado não compraram, esse ano aqui não sei se vão comprar.

Eduardo Forti

Segundo ouvi durante a festa, essa escolha se deu porque o vinho de fora estava mais

barato que o vinho produzido pela cooperativa local, portanto a opção foi, segundo essa justificativa, puramente financeira, visando maior lucro na venda.

Essa postura da Associação de Moradores despertou uma revolta no bairro. Reproduzirei a seguir a fala na íntegra de uma das entrevistadas, Ivanete, que não é da Cooperativa de Produtores e nem pertence a atual diretoria do Círcolo ou da Associação, mas participou da indignação que se formou no bairro com relação a esse fato:

> E, ai então, e o que eu queria, e o artigo que eu coloquei nesse jornal do Tirolês, além da poesia, foi falando sobre o vinho, que deu a polêmica, tal, sobre o vinho da Festa da Polenta o ano passado, que, ao invés de pegarem, comprarem o vinho da cooperativa daqui, que a cooperativa é assim, Santa Olímpia e Santana têm uma turma que faz parte da cooperativa. Então ficou aquele burburinho "Pô, não vão pegar o vinho?' Eu sou meio crítica também. Se eu entendo a questão e eu me coloco no lugar das pessoas, eu consigo falar. E eu falei sobre isso, por que que não pegaram, não compraram o vinho daqui, porque faz parte da nossa cultura, o vinho, a cooperativa é nossa, é cultural, o vinho faz parte da nossa cultura, entendeu? E os mais antigos já faziam o vinho, não em cooperativa, mas faziam sim. E, mas, é, agora ele tem uma cooperativa e tal, então os cooperados, né, as pessoas da cooperativa 'Pô, por que que não pegaram nosso vinho e tal? Pegaram do sul, não sei o que...' Enfim coisas aí da... né, não sei, enfim. Aí não pegaram, aí o meu irmão veio, meu irmão, no caso, era cooperado também, comentou comigo 'Ivanete, escreve alguma coisa, põe no jornal, da nossa indignação, você que sabe colocar, tal'. Falei "Não, eu tô indignada, não é só você, não. Agora que eu sei disso, não faz sentido o que tá acontecendo. Então eu vou realmente falar sobre isso.' E fiz. Fiz, modéstia à parte, ficou bem legal, o pessoal que tava a favor do que eu tinha escrito, a favor dos cooperados, da cooperativa, não só os que faziam parte da cooperativa, como as pessoas que estavam fora da cooperativa e que entendiam isso, que não viam sentido naquilo que tava acontecendo, e aí vieram me parabenizar; 'Ivanete, você fechou'. Sabe, eu fiquei muito feliz por isso, muito feliz por isso. Vamos ver, falei, vamos ver o ano que vem agora se eles pensam melhor, porque é cultural, gente, a cooperativa, o vinho tem tudo a ver com a nossa cultura. Eu quis dizer com isso 'vamos engrandecer sempre as pessoas do bairro, não só culturalmente, mas financeiramente'. O pessoal conhece o vinho, poxa vamos lá em Santana/Santa Olímpia comprar o vinho deles, entendeu?

Ivanete Stênico

O fragmento mostra a importância que os membros da comunidade dão para a utilização dos produtos locais, com o objetivo de apresentar aos visitantes o que é feito pela própria comunidade.

Esse conflito demonstra que muitas vezes a falta de coesão interna da comunidade emerge como problema. A cooperativa representa para alguns o potencial interno de geração de renda a partir da lavoura, como nos tempos antigos, com a distribuição dos lucros e a colaboração de muitos. A diretoria da Associação, por outro lado, parece não ter levado esse

fato em consideração, ao adquirir vinho de fora. Informalmente, soube durante a pesquisa que a causa motivadora foi que o preço do vinho de fora estava mais em conta que o da cooperativa e essa opção foi feita visando aumentar os lucros. Aqui a busca por uma coesão local, tão evocada pelos diretores da Associação e do Círcolo, parece ter dado um "escorregão" significativo que estremeceu as relações dentro da comunidade.

Infelizmente, entrevistei os membros da então diretoria da Associação antes de saber desse fato, portanto não foi possível questionar a posição oficial da diretoria pela opção pelo vinho de fora. Parece soar contraditória, frente a esse fato, a fala do então presidente do Círcolo Trentino de Santa Olímpia, Ivan Correr, ao se referir aos produtos locais:

> Então o que acontece, hoje as pessoas que estão vindo para visitar nós está criando um fluxo que as pessoas estão enxergando e estão falando ah...então o meu vinho é bom. Porque eles faziam vinho, eles falavam... para mim é normal, tomo todo dia. Então agora na cafeteria a gente pega o vinho da pessoa fala deixa que a gente vende. Imagina quem vai comprar um vinho colonial que a gente faz. Deixa aí, aí vende eles falam: Meu Deus! Então, o pessoal está tendo uma mudança de valorização do que é ser típico, do que é ser tirolês.

Ivan Correr

Em resumo, apesar desse desentendimento, o vinho é sempre a bebida mais apreciada e consumida nas festas do bairro, em especial o produzido localmente.

Há também outros moradores do bairro, descendentes de tiroleses, que produzem seu próprio vinho de maneira artesanal para consumo próprio, mas que não pertencem à cooperativa, como pude verificar no contato com alguns deles nas festas e também na entrevista com Eduardo Forti, no trecho que segue:

> Entrevistador: E quanto tempo faz que tem a cooperativa?
> Eduardo: Cinco anos, acho.
> Entrevistador: E antes você já plantava uva?
> Eduardo: Ah, tinha gente que plantava, o Teófilo já plantava.
> Entrevistador: Você não?
> Eduardo: Eu não. Eu plantei porque eu entrei na cooperativa, senão não plantava.
> Entrevistador: Mas o Teófilo faz o vinho dele?
> Eduardo: Faz vinho pra ele, pra ele beber, né. Eu também faço pra mim, o que sobra da uva minha, eu faço, pouco né.

Essa produção própria se repete em algumas famílias, que se sentem lisonjeadas em presentear visitantes com seu vinho de fabricação caseira.

4.3.12. Decoração

Santa Olímpia ainda conserva em suas construções e arquitetura algo de saudosista e antigo, no estilo brasileiro rural, porém não esconde a modernidade de suas estruturas. Ao chegar ao bairro pela estradinha repleta de curvas, pode-se avistar de longe a igreja na praça, circundada de casas antigas, o que faz lembrar, segundo moradores, os Alpes, o território de Trento, conforme ouvi em conversa informal na praça e perguntei:

> - Mas você já esteve lá?
> - Não, mas ouvi meus avós contarem...

Para fortalecer essa memória coletiva do bairro, a Associação de Moradores de Santa Olímpia realizou a reforma da praça em frente à igreja, transformando-a também em ambiente "típico"[56]. Como já destaquei anteriormente, a reforma se deu com recursos da prefeitura, a partir de um projeto apresentado pela então diretoria.

Os postes de luz e as arandelas com vasos de flor pendurados, os cestos de lixo, a fonte com a imagem de Nossa Senhora, o monumento aos fundadores, compõe as características singelas que dão ao ambiente, segundo os moradores, um ar mais acolhedor e mais próximo de uma memória do Tirol.

Figura 8 – Mercadín de Nadal, 2011.

Fonte: Registro próprio de pesquisa

[56] Conforme já tratado, "típico"no sentido utilizado pela comunidade, ou seja, que remeta à terra de origem, mesmo que isso provenha de uma construção identitária.

A figura 8 é uma fotografia da praça na festa do Mercadín, com destaque para a arandela com vasos de flor e as pinturas na parede do salão ao fundo, que também recebeu pintura com símbolos da região de origem e dessa identidade tirolesa de Santa Olímpia: a borboleta colorida e a águia, além de representações de dança e também flores do campo. É nesse espaço que a maioria das festas é celebrada.

No Mercadín, em dezembro, a praça ganha decoração natalina, com luzes pisca-pisca e o pinheirinho de Natal decorado. No centro da praça, estava montada a árvore de Natal, que foi armada durante o dia, composta por dezenas de bolas coloridas, cada uma representando uma família de moradores do bairro. Cada família escreve na sua bola o nome dos membros da casa e pendura-a árvore; cada bola representa um núcleo familiar, os frutos da comunidade, cada galho verde representa um ramo familiar (sobrenome) dos descendentes de tiroleses e a árvore como um todo, o tronco, representa a comunidade reunida em torno de uma mesma origem, como afirmou um dos moradores ao perguntarmos o significado. Após a missa, as luzes da árvore foram acesas e ali permaneceria até o Natal. O Natal não é somente uma tradição tirolesa, evidenciando mais uma vez a mistura de elementos, uma vez que o Mercadín é uma realidade no Tirol hoje, mas a decoração natalina acaba sendo parte de uma tradição mais globalizada (presente em muitas culturas contemporâneas, inclusive a brasileira).

Dentre todas, é na Festa da Polenta que os moradores de Santa Olímpia gastam seu maior tempo e recursos com a decoração. Em geral, toda a praça é enfeitada, o palco é montado com cerca e flores penduradas e há sempre um tema específico em destaque. No ano em que a pesquisa de campo foi realizada, a temática era a canção da polenta, popularizada como “La bella Polenta”, que canta as fases de produção até a degustação do prato. Trata-se de uma canção que está no encontro das culturas italiana e tirolesa e é muito valorizada nas casas dos descendentes:

> “Quando se pianta la bella polenta
> La bella polenta se pianta cosi...
> Oh! oh! oh! bella polenta così
> Cià cià pum, cià cià pum
> Cià cià pum, pum, pum, pum.
> Quando la cresce la bella polenta...
> Quando la fiore la bella polenta...

Quando se coglie la bella polenta...
Quando se smissia la bella polenta...
Quando se rabalta la bella polenta...
Quando se taglia la bella polenta...
Quando se mangia la bella polenta..."[57]

Folclore Vêneto.

Assim, em vários painéis e maquetes de tamanho real na entrada principal da festa, a canção foi representada, com a letra escrita em dialeto trentino, conforme se vê na Figura 9, o plano geral da decoração.

Figura 9 – Festa da Polenta, 2011: acesso.

Fonte: Registro próprio de pesquisa

O primeiro painel, representado por um boneco indicando o agricultor com um arado manual usado pelos antigos, trazia a inscrição "se pianta cossi", lembrando a plantação do milho; o segundo, lembrando o desenvolvimento da plantação e a florada do milho, trazia um roceiro com a enxada nas mãos e a inscrição "la cresse e sfioriz cossi"; a terceira maquete apresentava um agricultor colhendo o milho diretamente no pé e trazia a inscrição "Se goiz cossi", lembrando a colheita; o último painel era composto de um boneco em tamanho real representando a "nona", com uma moenda manual usada antigamente para amassar o milho para a fabricação do fubá, trazendo a inscrição "Se masna cossi". A Figura 10 a seguir é uma composição de todos esses painéis que formam a canção:

[57] Muitas vezes as palavras da canção não correspondem às palavras ditas em tirolês, devido à variação no dialeto.

Figura 10 – Festa da Polenta, 2011: quadros.

Fonte: Registro próprio de pesquisa

Logo em seguida aos painéis, foi montado um boneco de aproximadamente cinco metros de altura, representando a *"nona"* que cozinha a polenta, conforme se vê na Figura 11. Em sua mão havia uma colher de pau e à frente um tacho com os dizeres "Se coze cossi", lembrando que não se pode parar de mexer até "dar o ponto" do fubá. Esse tacho estava montado sobre uma representação de um fogão à lenha, que era onde a polenta era cozida no passado. As mãos da *"nona"* mexiam no sentido circular, representando os movimentos originais da cozinheira e as suas roupas eram as roupas tradicionais das mulheres antigas, com avental e lenço na cabeça. Ainda hoje, algumas pessoas conservam um fogão à lenha em casa, mesmo que utilizem o fogão a gás.

Figura 11 – Festa da Polenta, 2011: nona.

Fonte: Registro próprio de pesquisa

Finalmente, uma placa em formato de seta (Figura 12) indicando o local da festa trazia os seguintes dizeres: "Se magna cossi", lembrando que após todo o trabalho de produção e cozimento, chegou a hora de comer de fato a polenta.

Figura 12 – Festa da Polenta, 2011: placa.

Fonte: Registro próprio de pesquisa

Do outro lado da rua, a placa em tirolês e com a tradução em português (Figura 13) indicava onde o visitante poderia encontrar a praça de alimentação, os pontos turísticos, banheiros e artesanato “típico”.

Figura 13 – Festa da Polenta, 2011: placa 2.

Fonte: Registro próprio de pesquisa

Esses símbolos são uma representação do que se entende por “ser tirolês” no bairro de Santa Olímpia, em especial quando os moradores se referem aos antepassados. Essas cenas e imagens projetadas na decoração demonstram que a identidade também se constrói a partir do reforço cultural.

Todo esse trabalho de decoração é resultado de um esforço coletivo em transformar a Festa da Polenta em “típica”, como já foi debatido anteriormente, o que realmente conseguiu tornar o ambiente mais harmônico com os propósitos da comunidade e fez o visitante se sentir rodeado de uma cultura diferente da brasileira ao menos por alguns momentos. Essa sensação, mesmo que se vá com o encerramento da festa, atinge o objetivo dos moradores de manter viva na memória coletiva essa identidade tirolesa em Santa Olímpia tão retomada nas falas e nas ações da Associação de Moradores e do Círcolo Trentino.

4.3.13. Religião e os rituais religiosos

Quando perguntava aos moradores de Santa Olímpia qual a maior herança deixada pelos antepassados, a principal temática que vinha à tona era a religiosa. Sem dúvida, o apego ao catolicismo ainda é uma marca cultural muito forte na vida desses descendentes de tiroleses, que atribuem aos antepassados essa característica identitária:

> E o que eles trouxeram de lá? Eles eram um povo muito religioso, né? Tinham muita devoção a Nossa Senhora, rezavam o rosário diariamente, tinham uma fé muito grande.

José Estevan Forti

Essa fala se repetiu nos demais entrevistados e levantou alguns outros questionamentos no decorrer desta pesquisa. A identidade imigrante traz em si a marca da religiosidade e dificilmente é possível dissociar uma da outra, pois a fé católica se tornou elemento central de reivindicação dessa cultura tirolesa. Por outro lado, pode-se questionar esse fato, uma vez que o catolicismo está presente em praticamente todos os países, porém, em Santa Olímpia, tudo começa na igreja, tudo parte da igreja, não há festa, sem o aval e a presença da igreja.

O ponto chave da discussão sobre religião no bairro, portanto, é o poder da Igreja Católica na definição do que deve ou não ser feito nas festas em vista de um resgate cultural tirolês. Essa influência que se dá na figura do padre, central no bairro, ficou clara em muitos momentos ao longo da pesquisa e também na fala dos entrevistados.

O fato de não ter encontrado no bairro outro templo religioso ou profissões de fé diferenciadas da católica é um grande exemplo de como esse poder se consolidou ao longo do tempo, não abrindo espaço para que outras religiões estabelecessem seus templos e arrebanhassem pessoas. Em resposta a isso, os entrevistados foram quase que unânimes:

> Olha, se tem [pessoas de outra religião], eu não sei. Assim, nosso, de descendente, eu acho que não tem. Eu acho que tem um pouco um afastamento, não um enrolamento. Mas assim, agora, outras famílias que vieram morar aqui, que eu sei, tem duas que são de outra religião.

Elsa Pompermayer Stênico

Por outro lado, ao questionar se nunca houve uma tentativa de erguer outro templo religioso no bairro, as respostas acabaram sendo um pouco contraditórias, o que revela a dificuldade em se tratar desse tema e talvez uma procura por camuflar o fato de que há pessoas que vêm deixando o catolicismo:

> Eu ouvi uns boatos, um tempinho atrás, que tavam querendo construir uma igreja evangélica aqui perto da escola. Mas depois pararam de comentar, parece que não foi pra frente. Mas eu não sei quem foi, quem era, eu sei que aqui, tem algumas pessoas aqui que são evangélicas, que não participam da missa, mas vão fora, assim, sabe, vão pra Piracicaba... É, participam, assim, vêm pra festa, né, participam, assim, com a comunidade na festa. Mas a grande maioria é católica.

Leonardo Degasperi

> Não, que eu saiba não. Pelo menos nunca ouvi falar, de outra, de pensar... Tanto que quando começaram a construir aquela casa em frente à escola, foi um bafão, porque falaram que era uma igreja evangélica. E justo a mulher que é dona daí é minha amiga de lá de onde eu trabalho. Aí eu falei 'Povo, pelo amor de Deus, não tem nada a ver, é minha amiga que tá construindo'. [risos] Mas foi um Deus nos acuda, tinha gente até chorando – os idosos – que ia construir uma igreja evangélica lá na frente da escola.

Elsa Pompermayer Stênico

O poder da Igreja Católica no bairro é evidente, inclusive por seu papel nas festas e, de certa forma, na definição do que é o "ser tirolês". Pode-se supor que quem opte por uma religião diferente da católica seja excluído de parte do convívio social.

O padre Daniel Stênico, a frente da quase paróquia há aproximadamente vinte anos, nasceu em Santa Olímpia em 1938, mas saiu do bairro com pouco mais de 10 anos de idade para viver no seminário e realizar seus estudos em preparação ao sacerdócio. Após sua ordenação, foi morar na Bahia, onde viveu por 30 anos, conhecendo outras realidades. Em sua entrevista, ele faz uma análise das mudanças que o bairro sofreu entre a sua saída e o seu retorno, nesse período que durou quase 50 anos:

> Mudanças houve porque o progresso, ele traz benefícios e traz, também prejudica, dependendo da forma e da maneira como a pessoa caminha. Agora, é lógico que houve avanços, muitos avanços, o conforto, a comunicação, fora, porque aqui havia uma espécie de muralha... tudo isso trouxe o bem, trouxe o progresso, como também trouxe prejuízo na história. Mas contabilizando, é claro que prevalece o progresso, prevalece o bem, tudo mais. Então, houve muitas influências na questão moral, na questão dos costumes, na questão de abertura, na questão da visão, mas, como eu tava dizendo antes, o cerne religioso continua firme e intacto. Pelo que houve muitas influências, contudo a religiosidade, ela permanece viva e ativa também. É uma comunidade fraterna, uma comunidade muito solidária, uma comunidade que sabe partilhar bastante.

Padre Daniel Stênico

Em sua fala, apesar das mudanças e do que ele chama de progresso, ou seja, a melhoria nas condições de vida, saúde, saneamento básico, entre outras facilidades adquiridas; o padre destaca essencialmente que a religiosidade continua presente. Nesse

sentido, destaquei o fato percebido de que muitos adolescentes contemporâneos ao Padre Daniel ou mesmo anteriores ao seu nascimento escolhiam a vida religiosa, como se pode notar por meio das entrevistas:

> O seminário foram quase todos. Mas num ficou muito, mas ficou bastante assim mesmo, umas freiras, umas 40 freira e padre ficou 10, 12. Voltaram muitos, ia, mas voltava depois. Mas ficou bastante assim mesmo. Essa era nossa vida.

David Forti

> Eu estudei no Seminário dos Capuchinhos, estudei nove anos, entrei com onze, saí com vinte; então teve vários colegas meus aqui que nós estávamos na mesma turma, a gente saiu numa fase já preparado pra poder iniciar uma faculdade...

José Estevão Forti

> Primeiro ano entrei lá com os estigmatinos, mas fiquei pouco tempo. Depois fui em Campinas, no seminário de Campinas, que era diocesano. Eu fiz cinco anos lá.

Jacob Degaspari

> Eu tinha sete anos, aí comecei a estudar no grupo aqui. Depois fui pro Colégio [Seminário] também, fiquei um ano lá, mas estudei pouco.

Eduardo Forti

> É. Fui lá com 11 anos, depois eu vi que não era pra mim... um amigo meu, o padre Costado falou pra mim, olha: "Pra ser padre, pra ser um padre bom – escuita bem – pra ser um padre bom tem que ser isso, isso, aquilo" Aí eu falei: "Então não é pra mim". E saí... Ah! Todo mundo ia pra lá, a maioria ia pro seminário aquele tempo, porque vinha aqui os seminaristas passear, então dava aquela vontadinha de ir, né...

Geraldo Stênico

Os exemplos retirados das entrevistas mostram bem que a quantidade de adolescentes e jovens era muito significativa, muitos rapazes iam para o seminário até por volta da década de 1970, enquanto que as mulheres eram muito incentivadas a ir para um convento. Alguns relatos dão conta de que, a cada dez filhos, no mínimo cinco eram encaminhados para a vida religiosa, podendo retornar posteriormente, ou não, de acordo com cada família, uma vez que essa decisão não era apenas individual.

O testamento de Zia Maria aponta essa tendência em diversos momentos:

> Este primo José e Maria, minha cunhada, foram pais do meu sobrinho o Revmº Pe. Frei Leonardo M., capuchinho. Esposos santos que mereceram a ventura de ter dois filhos capuchinhos, o já nomeado Pe. Leonardo e o Revmº Frei Gabriel, e mais 3 filhas freiras da Congregação de S. José, Ir. Virgilina, atual superiora no Hospital São Luiz Gonzaga em Jaçanã (São Paulo). Outra Ir. Bernadete que se acha em Franca e Irmã Natalia em Campinas no

> Externato, as duas professoras.
> [...]
> No mesmo ano [1911], e isto no dia 24 de julho, saíram as primeiras jovens que iam ao Colégio de Itu para consagrar-se a Jesus. Entre estas foi a minha querida filha Maria Augusta que 6 meses depois tomou o nome de Irmã S. Paula. A outra era a Ir. M. Virgilina atual superiora do Hospital S. Luiz Gonzaga (Jaçanã S. Paulo). Outra I. Josefa. No dia 6 de agosto, uns 15 dias depois e mais 3, Ir. Fortunata, Ir. Elias e Ir. Florentina. Todas juntas fizeram a vestição aos 2 de fevereiro de 1912 e felizes entraram para o noviciado.
>
> Testamento de Maria Correr Stênico, 1939

Aqui se abre uma discussão: quanto desse catolicismo de Santa Olímpia ainda é tipicamente tirolês? Nenhum padre veio com eles do Tirol no momento da partida. Os imigrantes foram criando laços com padres já residentes no Brasil, demonstrando que a vivência religiosa em nenhum momento foi unicamente tirolesa, mas fazia parte dessa universalidade do catolicismo buscada com as cruzadas e as missões ao redor do mundo, que impuseram essa profissão de fé aos povos dominados pelos países da Europa:

> É bom lembrar que no mês de Abril de 1889 não me lembro bem o dia mas me lembro que foi no domingo de Ramos, que pela primeira vez aqui no Brasil, vimos com grande alegria o Revmº Pe Frei Feliz, e o Revmº Pe Frei Ludovico (ou Frei Luiz como o chamavam) Ah. Para nós foi uma alegria. Na paroquia Santo Antonio, o Revmº Pe Feliz, como disse, no dia de Ramos, coube-lhe a parte de Jesus, ao Revmº Pe Ludovico a parte de Pilatos e a do povo ao Revmº Pe Galbão. Dai em diante sempre tinhamos a visita dos Rmº Padres (os ja nomeados) e tambem do Irmão Frei Caetano. Quanto esses Revmos Padres capuchinhos fizeram para nos, só o bom Deus o sabe, e os pode recompensar. Logo, continuaram a chegar os Padres, e tambem aqui, embora naqueles tempos tão desastrosos.
>
> Testamento de Maria Correr Stênico, 1939

A presença dos padres de fora da comunidade permaneceu por muitas décadas. Foi apenas na década de 1980 que Padre Jacó Stênico retornou a Santa Olímpia como vigário e passou a acompanhar a comunidade nas questões religiosas. Coincidência ou não, foi nesse mesmo período que a reconstrução cultural e identitária começou a se fortalecer no bairro, sendo que Pacó é considerado um dos principais líderes do bairro na busca por uma identidade tirolesa.

> É, você tocou num ponto aí muito delicado e muito fraco, delicado e frágil. Porque quando o padre Jacó veio aqui, veio por circunstâncias outras, ele não veio pra tomar conta propriamente, veio por outras circunstâncias. Num dado momento histórico, o bispo achou por bem assumir de forma definitiva. E então, como aqui pertencia a Santa Teresinha e passou a pertencer a São Lucas, o padre, antes padre Otto entregou a responsabilidade tudo para o padre Jacó e o presidente da igreja, para que eles mesmos conduzissem a comunidade.
>
> Padre Daniel Stênico

Em seguida, como Pacó ficou doente, os padres responsáveis acabaram por assumir a

igreja, numa tentativa da diocese de incorporar o bairro ao conjunto de paróquias já existentes. Essa tentativa acabou por chocar-se com alguns costumes já consolidados, criando certo grau de insatisfação entre os moradores de Santa Olímpia:

> Depois, com a entrada dos padres, padre Zotareli e padre Eugênio, então eles acho que, numa visão moderna, sei lá, não saberia te dizer, eles começaram a querer ter uma influência forte nos costumes da comunidade, nas ideias, fechada que eles tinham, né, que a comunidade, ela faz parte de uma diocese, de uma paróquia, essas ideias eles não tinham. Começaram a fazer um trabalho muito forte, talvez passando por cima de certos costumes, certas tradições, tudo mais... Isso começou criar uma atmosfera assim de revolta, então houve uma revolta muito grande contra os padres. Depois, nossa comunidade passou a pertencer à igreja de São Lucas, paróquia de São Lucas, então lá era o padre Eugênio, então ele começou querer esclarecer ponto, que era uma comunidade só, na questão financeira, na questão de catequese e tudo mais, então ele foi mexendo em pontos, assim, delicados. E se criou uma situação delicada também, muito delicada. Teve uma certa revolta, né, assim, desentendimento, tudo mais...

Padre Daniel Stênico

Essa "revolta" destacada por padre Daniel mantém-se na memória de outros moradores, que enxergam as décadas de 1980/1990 como as mais complicadas na vivência religiosa, pelo embate ocorrido. Por outro lado, um questionamento levantado nessa pesquisa é o fato de que, se são todos de uma mesma religião, por que as diferenças? Há aí então uma forma diferenciada de viver os costumes, mesmo dentro de uma igreja única? Possivelmente, a resposta seja que sim, que há mutações nos modos de celebrar e festejar, de acordo com a necessidade da comunidade. No caso de Santa Olímpia, essa fortíssima ligação entre identidade e catolicismo acabou por construir uma cultura permeada de costumes próprios, bem como uma identidade tirolesa entrelaçada à religiosidade.

Numa tentativa de reduzir os conflitos e garantir que a religião católica continuasse como central na vida do bairro, mantendo seu poder conquistado ao longo do tempo, o então bispo de Piracicaba solicitou à Congregação Estigmatina que enviasse um padre descendente de tiroleses, nascido em Santa Olímpia, para assumir a religião na comunidade. E foi assim que chegou o Padre Daniel, que até hoje é pároco no bairro:

> Então o bispo achou por bem que pra entender a comunidade deveria ser um filho da própria comunidade, aí que ele foi pedir pro provincial pra mandar um filho daqui, né. Então, é isso que motivou a saída dos outros e a minha chegada aqui, que também foi difícil, foi complicado, muito complicado, no princípio não estavam me aceitando, um grupo específico, né. Mas depois, na caminhada, com paciência, fomos, foi se ajustando os ponteiros, né, foram se ajustando, e hoje é pacífico, é tranquilo, é tranquila a caminhada, que absorve todas as orientações da igreja, e a ideia de diocese, de uma igreja já é tranquila, mas dentro de uma realidade de comunhão, de fraternidade, existe o lado específico que é a própria identidade, que é respeitada.

Padre Daniel Stênico

Toda essa discussão demonstra que a Igreja possui sim um poder e uma forte (talvez a maior) influência na identidade dos moradores de Santa Olímpia. Voltando à grande quantidade de padres e freiras, pode-se dizer que, atualmente, houve uma significativa mudança nesse padrão, uma vez que a comunidade se abriu para outras opções de vida e trabalho e os jovens possuem inúmeras escolhas diferenciadas. Há três ou quatro décadas, só era possível sair para estudar se fosse em colégio religioso, hoje isso é quase impensável para ao jovens:

> E depois todo mundo ia no Colégio e depois voltavam, porque se não dá, Colégio é diferente. A minha filha falou, ela foi em Campinas pra se tratar, ela chegou lá, ela viu a enfermagem, ela falou 'Mãe, eu queria estudar enfermagem'. Falei 'Vai, vai, de um jeito ou de outro a gente se vira', 'Mas depois se precisar pagar?', falei 'Vai ver como que que é'. Foi lá, ele falou 'Não, não, se você vem estudar, você pode trabalhar e não paga nada'. Então ela estudou, a primeira que foi que saiu daqui pra estudar mesmo, porque as outras iam pra ir no Colégio, mas depois voltavam... O pai meu, o pai não queria não. Eu com o padre Jacó que falemo 'Não, ela vai, ela vai, precisa', ela estudou. Aí depois dela foi 5, 6 estudar. Aí depois foi outra filha minha estudar.

Estephânia Stênico Pompermayer

Estephânia considera-se uma revolucionária do bairro por ter permitido que sua filha saísse de Santa Olímpia para estudar enfermagem e não para ser freira, contradizendo inclusive seu próprio pai, que naquele tempo possuía grande autoridade.

Questionei então sobre essa mudança de perfil dos jovens, uma vez que hoje poucos partem para essa opção religiosa. A resposta do pároco de Santa Olímpia foi uma análise da conjuntura desse perfil de padres antigos e atuais:

> Ó, pela influência naturalmente religiosa, educação e formação religiosa, né, as famílias incentivavam muito, as famílias incentivavam bastante, muito. Também estava no próprio sangue esse estímulo, essa valorização da vida religiosa, da vida sacerdotal, a influência dos capuchinhos foi muito forte, a presença deles, despertou bastante. Houve um momento de muitas vocações, bastante, muito, muito grande. E houve também muita perseverança, agora, na caminhada, durante toda a história, foi-se perdendo muitos valores, foram-se perdendo, ou também tendo mais consciência, tendo mais consciência. Então a diferença de um tempo e hoje, é que hoje não é que tenha menos vocações, é que as vocações de hoje, elas são mais conscientes. Naquele tempo, eles iam por ir, como crianças motivadas por isso, por aquilo, por até por um status melhor, né, por uma vida mais tranquila, iam por ir, por isso que iam e muitos desistiam, bastante desistiam. Hoje, quem vai pro seminário, vai consciente, sabe o que quer, então eu acredito que, que hoje também dá muitos frutos, como nós temos, temos dois seminaristas, tem um na teologia, que é o meu sobrinho-neto... Rodrigo. Tem outro iniciando a Filosofia, que é o Gabriel. Quer dizer, algumas vocações aí despertando. Hoje, fazendo um balanço, eu acredito que uma vocação hoje, é, vale tanto quanto cinquenta vocações antigamente. Porque dos cinquenta, dos sessenta, se sobrava um, um era muito. Mas hoje quem vai, fica. Então, eu vejo com muita esperança e muito otimismo.

Padre Daniel Stênico

Essa análise remete também a uma tentativa de mudança no discurso acerca do perfil da igreja, que antes era vista como impositiva, em que a voz do padre era lei e os fiéis não tinham participação ativa. Hoje, há uma tendência de que o pároco seja mais acolhedor com o povo, porém como percebi nas entrevistas e na dinâmica da comunidade, em suma nas decisões. Isso significa que apesar de os moradores serem consultados, o padre acaba por ser, além de um grande influenciador nas decisões, o maior conselheiro, em especial na visão das pessoas mais velhas.

Não tive a oportunidade de entrevistar outros jovens que não participam do catolicismo e optam por outras formas de viver sua religiosidade, seja em qual profissão de fé for. No entanto, acredito que atualmente há mais um distanciamento destes das igrejas (seja de qual denominação for), do que a busca por uma nova religião, uma vez que as regras morais impostas no bairro não condizem com a atual conjuntura fora dali e isso gera uma crise identitária nas novas gerações.

Diante disso, como fica a identidade tirolesa, sendo que ela é fortemente influenciada pela religião?

Pode-se perceber que há uma reivindicação dessa identidade tirolesa quando se faz necessário em busca de algum direito ou privilégio, mas não necessariamente em todas as situações da vida. É um uso da identidade para determinados fins quee acaba por se

reproduzir também na vida dos jovens de Santa Olímpia, seja por meio da cultura ou mesmo da religião.

Essa influência do catolicismo é herança de uma sociedade não laica, fruto do período colonial brasileiro e que se perpetua até os dias de hoje em todo o Brasil. Em Santa Olímpia, por sua vez, essa interferência da igreja na vida social da comunidade parece ainda mais forte e presente, pela centralidade que a identidade concede à religião.

A divisão de papéis na comunidade retirou das mãos da igreja parte da organização das festas, porém sua presença é constante, seja pelas celebrações, seja pela determinação de horários e pelo fato de o comércio fechar e a festa ficar suspensa durante as missas.

A questão religiosa suscita muitas discussões, e é muito importante, na medida em que diz muito e que determina a cultura e as relações no bairro. Os rituais católicos nas festas, por outro lado, são extremamente significativos para compreender o sentido da religião na vida dos tiroleses de Santa Olímpia. Já afirmei que tudo começa com as missas, mas há outras celebrações presentes: as procissões, os terços, as ladainhas e as bênçãos.

Na Festa de Maio, todas as missas são precedidas de procissão, com reza do terço. Antes do início, às 19 horas, a igreja permaneceu fechada, o sino começou a badalar chamando as pessoas para a celebração, que foram chegando e se reunindo na praça. Nesse momento, aqueles que participavam eram, em sua maioria, os membros da comunidade de idade mais avançada. Poucos jovens e crianças estão presentes, pois estes costumam participar aos domingos, quando se reúnem após a missa na praça ou saem para a cidade.

Da igreja, saem a cruz de procissão, o sacerdote com um megafone e o andor de Nossa Senhora (espécie de pedestal carregado por quatro pessoas que leva sobre a sua estrutura uma imagem de Maria), que está enfeitado com flores e é carregado por jovens da comunidade. Não há um sorteio, nem uma escolha prévia para ver quem carregará a imagem, apenas aqueles que se prontificam a isso.

O padre inicia a missa na praça, fazendo a acolhida e a saudação aos presentes e todos saem em procissão cantando hinos religiosos. Na caminhada (que acontece na rua perpendicular à igreja e à praça), acontece a reza do terço de Nossa Senhora. Apesar das orações, algumas pessoas seguem conversando e se cumprimentando. O momento de reza é também de encontro entre os membros da comunidade.

A formação da procissão é composta da cruz, que vai sempre à frente, seguida do padre e dos coroinhas (auxiliares do altar); em seguida vem o andor com a imagem de Nossa Senhora das Graças e o povo em volta e atrás. Não há hierarquização de pessoas nas

procissões, como ocorria no passado:

> Nossa Senhora. Com tudo, naquela época tinha todos os uniforme. Pegando da criancinha, menina e menino, era Cruzadinho, tinha o vestidinho branco com a cruzadinha, a fitinha estreitinha. Depois ia ficando grande, passava a Filha de Maria, aí ponhava uma fita azul. E os Marianos mesma coisa, passava a Mariano, ponhava fita azul também os moço. E as velha, Coração de Jesus, vermelha. Depois os mais velho, era da Ordem Terceira. Era tudo assim, na procissão ia tudo, ia tudo em, em fileira certa, duas fileiras. No meio, os estandartes, Nossa Senhora, São Francisco, conforme as Congregação. E primeiro as criancinha, depois as mais grande, depois as mais grande, mais grande, mais grande, mais grande até... e atrás o coro que cantava... [Agora] Não tem, agora vai tudo num monte na procissão. Vai tudo numa boiada, modo de falar, numa boiada. [risos] Não é organizado mais, aquela época, tudo organizado, atrás era o coro e a banda, a banda também que tocava, a banda Santana, eles tinham aquela banda de Santana que era muito boa, quando tinha festa aqui, eles não faiava.

David Forti

Nas festas antigas, as procissões eram ainda mais centrais e os entrevistados mais velhos focam sua fala nesse sentido das festas:

> Era uma [missa] às 7 e uma às 9. Depois tocava o dia inteiro a banda. Depois, às 3 horas parava a festa, tinha a procissão, tuda vestida, vestia o vestido branco, de Filha de Maria, tudo mundo ia trocado... E fazia a procissão, a procissão, aqui tinha uma estrada, descia aqui, passava lá na, pra lá, e subia, subia lá no asfalto, e subia na igreja. Depois continuava a festa.

Clementina Christofoletti Degasperi

Essas mudanças são significativas para se entender a vivência da religiosidade. O que se pode inferir é que a participação era mais rígida, ou seja, todos eram praticamente obrigados a participar dos rituais, o que não acontece nos dias atuais, uma vez que esta presença foi forçadamente relativizada pelos conflitos com as novas gerações.

Outra festa que contou com uma procissão significativa foi a comemoração dos 120 anos do bairro. O dia 20 de novembro é considerado a data em que efetivamente os tiroleses chegaram à Fazenda Santa Olímpia. Neste dia, a comunidade reuniu-se às 17 horas para uma procissão que, diferentemente das demais, não saiu da porta da igreja, mas começou no alto do morro "perto da casa do Moacir Degasperi", como afirmou Leonardo Degasperi, ou seja, na entrada do bairro pela estrada principal. O horário escolhido foi esse, pois, segundo consta no testamento da "Zia Maria" foi próximo ao pôr do sol que os "nonos" (como são chamados os antepassados) avistaram Santa Olímpia pela primeira vez.

A procissão seguiu do morro até a igreja, cantando e rezando o terço, lembrando a chegada das famílias que ali se instalaram e chegaram caminhando, sem possuírem condução.

À frente da procissão, além do padre, dos coroinhas e do andor de Nossa Senhora, estavam os 13 representantes dos imigrantes (Jacó Correr, Rosa Pompermayer e seus onze filhos), vestidos com roupas similares às da época, carregando o baú original utilizado para trazer os pertences quando vieram para o Brasil:

> Aí a gente levou o baú, a gente foi, teve 13 pessoas que foram vestidas de nono, simbolizando o Jacó e a Rosa e os 11 filhos, a gente foi levando o baú, que eles trouxeram de lá mesmo aquele baú, simbolizando eles. Aí foi falando, sabe, nas orações lembrando dos antepassados, tudo. Chegou a procissão na igreja, aí teve a bênção, teve a bênção solene, a gente cantou a ladainha em latim, que os velhos cantavam antigamente, três músicas em latim que o coral juntou um pessoal mais velho pra ensaiar, daí teve a bênção solene, bênção do Santíssimo. Nesse dia foi só isso.

Leonardo Degasperi

Ao chegar à igreja, foi cantada em latim a Ladainha de Nossa Senhora, oração que era muito realizada pelos antigos nas casas ao cair da tarde. Além disso, os mais velhos da comunidade ensaiaram três outros cantos em latim para a oração:

> Ensaiamo e cantamo com os mais novo, aquela ladainha de seis, seis, quatro vozes. Conseguimo cantar ainda. Os mais veio deram uma forcinha e os mais novo pegaram a música e nós cantemo. Ficou muito bonita.

David Forti

Ao término da Ladainha, houve a bênção solene pelo Padre Daniel, que, em seguida, anunciou o repicar dos sinos em memória de todos os antepassados "que tanto lutaram e trabalharam para sermos hoje este bairro maravilhoso que se chama Santa Olímpia". Em seguida, todos foram para a praça para "prozear".

Esses rituais, característicos do meio rural brasileiro, revelam um apego a algumas tradições muitas vezes já deixadas de lado em outras comunidades religiosas. Nas missas do bairro, em especial naquelas que ocorrem durante as festas, a cultura local mistura-se com a religião oficial, sendo que atualmente até mesmo as roupas utilizadas pelos participantes nas missas são as "típicas", com exceção do padre. Isso foi uma conquista dos moradores:

> Até a gente comenta que, um dia teve uma celebração e nós pedimos pros leitores ir trocado típico, mas a gente não tinha comentado com o padre, né. Chegou lá, ele falou assim 'Não, não, vocês vão de ministro'. Aí quando acabou a missa, falemo assim 'Padre, por que o senhor mandou os ministros de ministro? Eles tavam de típico.' Ele falou assim: 'Mas eles tão como ministro'. Eu falei 'Só que a gente queria que o povo entendesse que o costume e a devoção dos nossos nonos trouxe o costume até eles serem ministro' 'Ah, mas desse jeito então, se tivesse me explicado, eu não tava entendendo onde é que vocês queriam chegar'. Tanto que agora, você pode ver que dia da Festa da Polenta, a rainha vai com as vestes de rainha fazer leitura, tudo elas vão trocadas. E os coroinhas, maioria deles vão tudo típico. Nos dias de festa, que nem os 120, o aniversário do bairro e a Festa da Polenta. Eles já têm isso aí, se entrosado aí.

Cecília Stênico Correr

Em resumo, a religião perdeu significativamente seu poder ao longo das décadas, porém continua com uma centralidade na vida do bairro e das pessoas em Santa Olímpia. Apesar de as festas não serem mais organizadas por ela, direta ou indiretamente atingem e dependem da igreja para serem realizadas. Desse modo, é impossível pensar a identidade tirolesa ainda nos dias de hoje sem considerar a religiosidade.

4.3.14. Acontecimentos marcantes

Ao longo dos dois anos de pesquisa em Santa Olímpia, pude vivenciar inúmeros acontecimentos considerados como marcantes para os moradores e descendentes de tiroleses e para a definição do que é o "ser tirolês". O momento mais significativo talvez tenha sido a comemoração dos 120 anos de fundação do bairro, da chegada dos antepassados à antiga Fazenda Santa Olímpia.

Essa comemoração foi celebrada com muita reverência aos imigrantes, num significativo sentimento de gratidão por parte dos descendentes aos seus antepassados, que deram início à construção do bairro. Isso ficou muito característico nas falas e homenagens realizadas ao longo das comemorações, em especial, aos moradores mais idosos, sendo que todos com mais de oitenta anos foram homenageados, não ficando de fora nenhuma família descendente de tiroleses.

Dentro dessa comemoração, a inauguração do Campanário Maria Imaculada chamou a atenção por diversos motivos. O Campanário é um conjunto de sinos no alto da torre da igreja e sua instalação foi uma iniciativa da Associação de Moradores em conjunto com o Círcolo Trentino, em vistas da adesão ao projeto internacional chamado Memorando de Paz, da

Fondazione Opera Campana dei Caduti de Rovereto – Provincia di Trento – Itália, através da Associazione Trentini nel Mondo:

> ...é um projeto lá da Campana Dei Caduti, uma organização que tá andando pelo mundo inteiro, os campanários como divulgadores, propagadores da paz, através do Maria Dolens, tal.

Elsa Pompermayer Stênico

Em primeiro lugar, houve uma tensão dentro do bairro entre aqueles que eram favoráveis e os contrários à instalação. O próprio jornal "O tirolês", que corre no bairro, teve uma edição especial voltada à crítica ao campanário. Muitos moradores adotaram essa postura, inclusive durante a pesquisa encontrei pessoas que questionavam essa instalação por dois principais motivos: o alto custo, sendo que estes diziam que o dinheiro poderia ser aplicado em outras benfeitorias mais necessárias ao bairro, e o barulho dos sinos, que passariam a soar de hora em hora.

Dentre os contrários, não havia ninguém que participasse das diretorias da Associação de Moradores e do Círcolo Trentino de Santa Olímpia, bem como dos líderes da igreja, que eram todos favoráveis. Não identifiquei uma diferença de opiniões entre as gerações, uma vez que também não entrei nesse assunto nas entrevistas.

Para cada um desses questionamentos, a Associação apresentou uma solução: em primeiro lugar, os recursos aplicados na instalação do campanário vieram de doações recebidas para esse fim; em segundo lugar, os sinos passariam a soar apenas durante o dia, até às 21h30 da noite, quando o toque da paz é realizado:

> E depois ganhamos quase 50 mil reais de doação, né, essa Viação Stênico, outras empresas, pessoas físicas também que doaram...

Elsa Pompermayer Stênico

Após dura negociação entre os moradores, discussão e forte influência da Associação de Moradores na decisão, o projeto foi aprovado e a inauguração se deu no sábado da festa dos 120 anos, dia 24 de novembro de 2012. Neste dia, as comemorações iniciaram-se com a missa, às 19h15, presidida pelo padre Daniel Stênico. A igreja estava lotada, com muitas pessoas em pé.

A missa iniciou-se como de costume. Antes do Hino de Louvor, logo no início da celebração, Padre Daniel dirigiu-se à torre, onde está instalado o campanário (anteriormente existia apenas um sino ali, sendo que nesse empreendimento outros quatro foram instalados). O Padre Daniel abençoou os sinos e destacou o pedido de paz que seu som traz, refletindo

sobre o significado disso para a comunidade de Santa Olímpia, religiosa por princípios e costumes:

> O sino também é muito importante aqui em Santa Olímpia, porque, além de chamar pra religião, assim, o pessoal sempre, por exemplo, quando morria alguém tocava o sino, então... um temporal quando era um temporal muito forte, o pessoal, a gente acredita que quando bate o sino, afasta, então tocava o sino. Também tem essa questão [histórica]... acordar pro trabalho...

Leonardo Degasperi

Após a bênção, o coral da missa iniciou o canto do Hino de Louvor e o Campanário começou a ser tocado, com todo seu potencial. O clima foi de emoção, com as pessoas cantando e comentando. Dentro da igreja, havia um telão para que todos acompanhassem a bênção do sino, com a câmera filmando de dentro da torre. Ao final do canto, deu-se continuidade à celebração.

Além da inauguração do campanário, outro momento marcante no ano comemorativo foi o desfile das escolas de samba que ocorreu no mês de fevereiro, no carnaval. Por ter sido o ano comemorativo dos 120 anos da imigração, a temática do desfile foi a imigração e a história do bairro. Talvez por esse motivo, o envolvimento dos participantes e a expectativa dos moradores que lá estavam para assistir o desfile tenham sido mais significativos.

O último carro alegórico do desfile simbolizou a praça de Santa Olímpia, com a bica e a fonte de água, o banco da praça e um painel giratório com a maquete da fachada da igreja. De um lado, estava representada a igreja velha, enquanto do outro a fachada da igreja nova com seus vitrais e a torre do sino. Os destaques foram dois idosos, que dançaram durante todo o percurso e um senhor de meia idade carregando baldes de água. Esse carro era empurrado por homens vestidos de anjos.

Essas representações concederam ao carnaval uma conotação saudosista, para além de sua característica festiva.

Finalmente, como último destaque selecionado para esse tópico, apesar de existirem muitos outros que poderiam ser citados, escolhi um momento que ocorre ao final da caminhada da Cuccagna. Todos os anos, antes de concluir o passeio e ser servida a refeição, os foliões se dirigem para a lateral da igreja, em frente à sua parede, na direção de onde ficava o quarto do Padre Jacó (o Pacó). Como ele era muito querido no bairro e grande incentivador das festas, esse momento já se tornou fixo neste dia desde a sua morte.

Alguém segura um quadro com fotos do Pacó em frente à parede da igreja e todos cantam uma versão de “Và Pensiero”, parte da ópera de “Nabucco”, de Giusepe Verdi, cuja

letra fala sobre um pensamento, que vai além, saudar a pátria perdida, então dominada:

Va', pensiero, sull'ali dorate, va', ti posa sui clivi, sui colli, ove olezzano tepide e molli l'aure dolci del suolo natal!	Vá pensamento, sobre as asas douradas, vá, pousa-te sobre as encostas e as colinas, onde perfumam mornas e macias as brisas doces do solo natal!
Del Giordano le rive saluta, di Sïonne le torri atterrate. Oh mia patria sì bella e perduta! Oh membranza sì cara e fatal!	Saúda as margens do rio Jordão, as torres derrubadas de Sião. Oh minha pátria tão bela e perdida! Oh lembrança tão cara e fatal!
Arpa d'or dei fatidici vati, perché muta dal salice pendi? Le memorie nel petto raccendi, ci favella del tempo che fu!	Harpa dourada dos fatídicos poetas, porque agora está muda? Reacenda as memórias no nosso peito, fala-nos do tempo que foi!
O simìle di Sòlima ai fati, traggi un suono di crudo lamento. Oh! T'ispiri il Signore un concento che ne infonda al patire virtù!	Lembra-nos o destino de Jerusalém traga-nos um som de triste lamentação. Que o Senhor lhe inspire uma harmonia que transforme a nossa dor em virtude!
Che ne infonda al patir, al patire virtù. Che ne infonda al patir, al patire virtù.	Que transforme a nossa dor, nossa dor em virtude. Que transforme a nossa dor, nossa dor em virtude.
Al patire virtù!	Nossa dor em virtude!

Esse fato é muito significativo, pois representa uma mescla de identidades que se confundem: a cuccagna (tirolesa), misturada com o carnaval (brasileiro), uma homenagem a um padre falecido (religião), com uma canção (italiana). Essa mistura já notada em outros momentos das festas é um exemplo desse fato.

4.3.15. Museu de Santa Olímpia

A existência do museu provisório e a construção do permanente já foi citada anteriormente, porém sem as explicações detalhadas.

A casa sede da Associação de Moradores de Santa Olímpia é a construção de alvenaria mais antiga do bairro e abrigou a família de Maria Correr Stênico, a Zia Maria, por três gerações:

> Ah, morava [muita gente na mesma casa], quando que eu morava, morava três casais, o meu pai, a família do meu pai, família do outro tio e o do outro tio, três, três. Tinha, acho que tinha 30 pessoas acho. Até tinha, porque a casa grande aí tem 5 quarto, fora a sala grande e a cozinha... O casarão aí... A primeira casa que foi construída no bairro... As casas quando eles vieram morar aqui eram tudo de barrote. Aí essa aí foi a primeira que construíram. Construíram grande, porque falou que ia ficar tudo junto a família, mas depois começaram repartir. Só quem ficou pro final, com a minha nona, foi meu pai, que ficou com a minha vó. Os outros fizeram casa depois.

Estephânia Stênico Pompermayer

Atualmente, a casa foi adquirida por compra pela Associação e passou a abrigar as reuniões do bairro, quando em menor número de pessoas (quando em maior número, as reuniões ocorrem na igreja ou no salão social). Durante a Festa da Polenta, a casa passa a sediar o museu provisório do bairro, com exposição de objetos antigo, fotografias, o memorial da Festa da Polenta, pertences dos imigrantes, entre outros símbolos que são emprestados pelas famílias para a composição do museu. Olésia é a responsável por essa montagem:

> Eu trabalho no museu... mas o maior trabalho pra mim é preparar e desmontar, porque no dia do oba oba tudo mundo ajuda, ou por um lado, ou porque acha que é interessante, porque tem bastante gente vendo. Mas você correr atrás pra montar e você desmontar e devolver, é mais cansativo a preparação mesmo.

Olésia Pompermayer

Essas exposições temporárias ao longo das festas levou a própria Associação de Moradores a idealizar a construção de um museu permanente, com vistas a garantir a guarda dos materiais históricos e a preservação documental da comunidade, uma vez que, com o passar das gerações, muita coisa pode ser perder.

Não foi identificada a participação da igreja nessa idealização do museu, mas muito do material que pode ser futuramente disponibilizado também faz parte do acervo documental desta instituição, como documentos de registros de nascimento e batismo de moradores já falecidos, livros de registro de casamentos para a construção de uma árvore genealógica do bairro, que ainda não foi elaborada, entre outros materiais, inclusive os religiosos trazidos na imigração.

A proposta de se construir um museu permanente é para que se possa receber em doação todos esses objetos e ter alguém responsável pela guarda e conservação desse material histórico, auxiliando na preservação da memória documental do bairro:

> É, isso é uma proposta que a gente tem desde quando compraram a casa da Associação, né. É interessante, mas é caro, né, então a gente tem que pegar, o quê? Uns patrocinadores. E agora nós tamos acabando com a questão do sino, que também era um projeto, agora colocado em prática. Agora quando ficar museu permanente, aí vai ficar mais tranquilo, porque aí vai ter uma pessoa responsável pelo museu, aí meu trabalho no museu acaba, né, eles que se virem. Porque a nossa preocupação aqui, é que o pessoal, os mais antigos, eles não tinham essa visão de futuro, né, tanto que quando a minha nona morreu, a minha tia que morava com ela queimou duas malas de fotos, documentos, tudo. Essas fotos antigas que nós temos, que o irmão dela, o tio Gira, foi lá e salvou do fogo. Tanto que tem algumas fotos que tão queimadas nas pontas. Passaporte, documento, certidão de nascimento, certidão de casamento, tudo, tudo pro fogo. Então é por isso que a gente começou montar um museu, porque as pessoas que têm coisas antigas, elas começaram vir oferecer pra gente, né, então quando tiver o museu permanente, tem bastante coisa pra colocar aí.

Olésia Pompermayer

Como afirmado anteriormente, a Associação de Moradores de Santa Olímpia já possui uma verba da Secretaria Municipal de Turismo para essa reforma, além de estar buscando outros recursos fora do município, pois é necessária uma reforma estrutural, adequação de acessibilidade, entre outros investimentos para a concretização do espaço como museu permanente do bairro. A meta é que esse museu seja criado até o final de 2014.

Acredito que o museu seja mais uma das formas de se perpetuar e incentivar esse orgulho do "ser tirolês" construído em Santa Olímpia, por meio dos registros históricos, da educação das novas gerações e da disponibilização do acervo para pesquisas.

4.3.16. Mudanças significativas das festas ao longo do tempo

As principais mudanças ocorridas se deram com as festas religiosas de Nossa Senhora. Já citei que o padre acabou por retirar destas a parte chamada "profana", ou seja, que não contempla os rituais religiosos, em virtude de não necessitar mais dessa arrecadação para sua manutenção. Essa atitude exemplifica o grande poder da igreja na vida da comunidade, que expressa conflitos muito sérios para a vida em Santa Olímpia.

Além disso, os próprios rituais religiosos também foram se modificando ao longo do tempo. As procissões deixaram de lado aquele caráter formal e organizado, em que os grupos se dividiam por idade, sexo e papel dentro da igreja. As ladainhas e novenas cantadas em latim deram lugar a hinos populares em português. A intensa participação de quase cem por cento dos moradores deu lugar a um pequeno número de fiéis nas procissões, sendo que a

grande participação dos católicos se dá apenas nas missas dos finais de semana.

Todas essas mudanças, esse distanciamento significativo das novas gerações pode ser reflexo de uma sociedade que se tornou mais crítica frente ao papel da igreja. Por outro lado, a religião se mantém presente no cotidiano e nas demais festas, não se separando totalmente da vida e da identidade tirolesa no bairro de Santa Olímpia, por se caracterizar como uma esfera de dominação no coletivo.

De outra perspectiva, a Festa da Cuccagna também se caracteriza por significativas mudanças em seus rituais. Talvez por ser a mais antiga do bairro, as alterações sejam mais perceptíveis, pois ocorreram lentamente. Ao olhar para essa comemoração em meados do século passado, conforme narram os entrevistados, e para a festa observada atualmente, pode-se notar significativas diferenças.

Segundo relatos dos moradores mais velhos, a festa já foi exclusivamente frequentada por moradores do bairro, em especial pelos homens, que saíam ao longo do dia para a "catança", sendo que ao final da tarde se servia o prato, a polenta com cuccagna. Dadas as dimensões atuais, em que mais de mil pessoas acabam por participar, as mudanças começam pela quantidade de comida servida:

> Ah não vinha [gente de fora], não vinha, só os, só os, era... Que nem o Carnaval, mesmo, era só os daqui, o Carnaval. Agora fica uma desordem no Carnaval. Carnaval, eles faziam uma polentinha assim, só. Ponhava no, naquele... porque era polenta com aquele fubá grosso, não punha nas assadeiras, assim, a polenta era dura mesmo, dava pra cortar com a linha. E fritava uma travessa, assim, de linguiça com ovo e cebola, só. E o Carnaval era assim.

Clementina Christofoletti Degasperi

> É, quando eu era menina, nós não jogava barro, né. E a cuccagna, ela era muito mais só nossa mesmo, não vinha ninguém de fora, era nossa.

Olésia Pompermayer

Outra diferença significativa é a de pintar o rosto ou sujar o corpo com lama, como é feito atualmente. No passado, os homens sujavam o rosto e as mãos com carvão, da lenha, e a meta era conseguir sujar as mulheres:

> A gente se pintava, a gente se pintava de preto...

Jacob Degasperi

> Então, mas sabe o que eles faziam? Era os moço que pintavam... era só uma turma de moço, eles se pintavam, eles iam com carvão, eles chegava e pintava, eles pintava as moça e as moça tudo se escondia, né, e elas corria. Isso que eles gostava, elas corria e se escondia no canavial, mas eles ficava esperando, quando elas voltavam de tarde, eles sujavam mais ainda.

Clementina Christofoletti Degasperi

> Pintava, naquela época, nós pintava com carvão. A gente ia panela, aquele tempo as muié não lavava as panela, sabe? Aqueles tijona, que se falava, né? As tigelona, aqueles caldeirão grande. Passava a mão, pretejava a mão, depois ia nas mocinha, passava, pretejava elas. Aí foi indo, acharam que não era bom fazer isso aí, porque tem algum não queria, dava meio briga, um pintava uma pessoa, sujava a roupa, aí era briga, começou dar briga. Aí largaram mão 'Não, não pode mais fazer isso, isso daí não pode'. Aí a cuccagna ficou a mesma até hoje, só que hoje faz aquelas polentinha mole, faz, não tem tanta coisa como tinha aquele época, né, de coisa boa que tinha, aquela época tinha coisa boa.

David Forti

Aos poucos os modos de brincar a cuccagna foram se modificando, inicialmente, do carvão para as tintas e depois para o barro:

> Era, a gente ia nas casas e o povo tinha costume de pintar as caras, pintavam as caras com – sabe aquelas tintas, que a gente... aquelas tintas de pó de tinta? – eles passavam nas casas e pintavam, eles se pintavam primeiro, depois eles saiam nas casas pintando. Que era um costume também de lá, que era as festividades da béstia né, que era, tinha que se esconder, se modificar o rosto pra que não fosse pego pelos ruins, pra você se camuflar, tipo assim, sabe? E aí eles trouxeram isso de pintar, primeiro era com carvão, depois na minha época era tinta e agora, na época agora, é barro.

Olésia Pompermayer

Essa mudança do carvão para a tinta e depois para a lama, em geral não agrada os mais velhos, que dizem que antigamente a festa era mais saudável:

> Agora eles vão, agora é lama e eles vão catar nas casa as coisas pra fazer a cuccagna lá. Agora ficou chato. Mas esse ano que tinha mais gente de fora, que eles fazem muita confusão, eles bebem muito agora, nossa, fica...

Clementina Christofoletti Degasperi

> Foram inventar de tacar barro... [fazendo sinal de reprovação com a cabeça]

Francisco Pompermayer

Por outro lado, os jovens dizem adorar a festa e esperam ansiosos o ano todo para a chegada da Cuccagna. Esse conflito de gerações acontece pela própria diferença de perspectiva da idade – os mais velhos não têm a mesma disposição e muitas vezes não compreendem essa necessidade de extravasar das novas gerações.

O casal Francisco e Estephânia Pompermayer, entrevistados em conjunto, narram um episódio da Festa da Cuccagna que ficou marcado em suas memórias:

> Francisco: Fazia a polenta e sempre vinha...
> Estephânia: Carregava a polenta até em cima de uma mesa.
> Francisco: Vinha com a polenta até o meio do terreiro, reunia tudo lá.
> Olésia: Trabalhava no terreiro e todo mundo comia junto. Homem, criança, velho, todo mundo.
> Francisco: [rindo muito] Uma vez foi junto os quatro, e a polenta caiu.
> Entrevistador: Foram levar em quatro e a polenta caiu no chão?
> Estephânia: É, meu Deus do céu. Levaram uma mesa e a mesa virou... [risos] Eles vinha com a mesa, aquela polenta grandona, cantando 'távola redonda...', punham lá, dava a benção e distribuíam... Então e um dia caiu fora.

Esses relatos, bem como as diferentes opiniões com relação à mudança de perfil e forma de realização das festas, acabam sempre ocorrendo, especialmente com o passar dos anos. Naquelas que já existem há mais tempo, essas diferenças são mais perceptíveis, enquanto nas mais recentes talvez ainda não tenha havido tempo hábil para se consolidar um modelo. É significativo notar que sempre há embates e um saudosismo presente na memória e na narrativa das pessoas que viveram diferentes momentos da história.

4.3.17. Curiosidades

Encontrei duas curiosidades durante minha pesquisa no bairro de Santa Olímpia, com os descendentes de tiroleses que não foram citadas em outros tópicos e não poderiam ficar de fora dessa pesquisa, uma vez que fazem parte do repertório narrativo da comunidade como marcas dessa descendência tirolesa em Santa Olímpia.

A primeira delas é a crença do poder do sino em afastar as chuvas. Existe no bairro uma tradição passada de geração para geração de que quando os temporais começam a se formar no céu, basta tocar o sino da igreja que as nuvens se dispersam. Ouvi isso pela primeira vez durante uma festa, quando começou a trovejar e, qual não foi minha surpresa, uma jovem começou a gritar: "Precisa tocar o sino! Quem vai tocar o sino da igreja?". Perguntei então para a pessoa ao meu lado, mas por que isso? Ao que me veio a resposta: "Você não sabia que quando toca o sino, o temporal vai embora?".

Esse relato traz à tona novamente a influência da religião no bairro e na identidade tirolesa local, mesmo que por meio de uma crença não oficial, ou seja, uma crença advinda da religião do povo, mas que se concretiza no elemento oficial – "o sino".

A outra curiosidade, mais em formato de lenda, é a da béstia. Esta é uma história surgida nos idos de 1950, quando os membros da comunidade diziam ver a noite um animal (parecido com um cachorro ou um bezerro) que derrubava as latas de comida no curral, fazendo barulho e assustando as pessoas. Conta a narrativa que ela comia as crianças que não se comportavam e hoje a béstia é um personagem do Natal que aparece para assustar os pequenos. São Nicolau, por sua vez, é o Papai Noel tirolês que traz presentes e doces para as crianças que se comportam bem ao longo do ano. Em geral um membro da comunidade se veste do personagem para aparecer na festa do Natal, ou na festa do Mercadín.

No contexto da identidade tirolesa em Piracicaba, a béstia retrata tudo que há de mal para o bairro, a má sorte, o mau comportamento, ou seja, aquilo que transgride as regras morais coletivas, em especial da religião. As crianças que não se comportam, não recebem o presente de São Nicolau e são perseguidas por ela, como uma forma de coerção mental.

4.3.18. Projeção para o futuro: o turismo cultural

Ao se pensar em projeto de futuro para o bairro de Santa Olímpia, não se pode deixar de lado o turismo, que vem se tornando central para o fortalecimento da identidade tirolesa presente no bairro:

> Depois da Festa da Polenta típica, nós entramos no turismo rural, na rota do turismo rural da Secretaria de Turismo de Piracicaba, porque eles viram que começou fluir, né.

Elsa Pompermayer Stênico

As festas "típicas" têm atraído pessoas de diversas cidades do país para Santa Olímpia, em especial a da Polenta, que possui um potencial turístico muito significativo:

> É uma festa grande e uma dimensão, hoje a gente recebe pessoas de Santa Catarina que fazem turismo, todo ano vem pra isso, né, então ela acabou pegando uma dimensão maior do que a gente imaginava.

Olésia Pompermayer

Muitas das críticas com relação aos atrativos do bairro referem-se à falta de um setor de hotelaria local, pois para frequentar as festas, os turistas têm de se hospedar na região central de Piracicaba, o que dificulta o acesso de quem vem de fora.

Nesse sentido, foi criada no bairro uma sistemática de visitas mensais (em um domingo por mês), fora das festas, onde o turista tem a oportunidade de conhecer Santa Olímpia, almoçar, visitar a produção do vinho e degustar a uva, a chamada Rota Tirolesa[58]:

> A gente está fazendo essa parte do trabalho de valorização da cultura através de um turismo cultural. Por exemplo: hoje nós temos o passeio turístico assim que a gente faz então a gente está fomentando essa parte. Por exemplo: eu e minha esposa, nós temos a cafeteria típica, aí nós [o bairro] temos a pizzaria Nonno Giotti também, aí a praça foi feita em estilo europeu, o alambique também. Então nos começamos a mostrar é o seguinte pessoal: não só manter o dialeto. É dialeto, a dança, assim por diante, mas as características também arquitetônicas.

Ivan Correr

Essas visitas são monitoradas. Os monitores se vestem com roupas "típicas", contam a história do bairro, realizam apresentação dos grupos de dança e permitem ao visitante conhecer um pouco de Santa Olímpia e de sua cultura. A criação dessa Rota Tirolesa vem de um ideal de gerar renda internamente, ou seja, utilizar-se do "ser tirolês" para movimentar a economia local:

> Eu acho que eu sempre bati nessa tecla, sabe, sempre falo, falo 'A gente pode viver aqui e quem sabe, por exemplo, tentar, sei lá, alguém, algumas pessoas aqui conseguirem ganhar a vida aqui. Quem sabe se a gente estruturar o turismo, fizer uma coisa estruturada, alguém, é, várias pessoas podem ganhar a vida de turismo aqui, na própria Santa Olímpia, não precisava ir embora daqui, né.

Leonardo Degasperi

> Aí a gente pensa hoje a grande maioria, hoje cem por cento das pessoas vivem da cidade, quem sabe um dia uma pessoa possa viver da cultura. Por exemplo, a pizzaria Nonno Giotti já vive disso. A pessoa pode escolher qualquer pizzaria em Piracicaba, mas por que vai vir aqui? Porque tem uma carga cultural. A gente fala: olha pessoal se não viver da cultura, que seja pelo menos parte da sua renda, e isso o que acontece? Imagina você trabalhando aqui, você pode até ganhar menos, mas um salário de dois mil lá e mil e quinhentos aqui, onde que é o melhor? Você ficar dentro da sua casa, a pessoa vindo até você, você falando da sua vida e mantendo a cultura...

Ivan Correr

O público da Rota Tirolesa, em geral é "selecionado", conforme afirmam os entrevistados, ou seja, famílias, em geral de idosos e pessoas de meia idade com crianças, que

---

[58] Maiores detalhes podem ser obtidos na página da internet, disponível em: <http://www.rotatirolesa.com.br/>, Acesso em 27 ago 2013.

buscam um ambiente tranquilo, com características simples e peculiares, como é o caso de Santa Olímpia:

> E hoje a gente percebeu isso, o foco que a gente está dando nessa parte do turismo cultural, a gente até brinca, não é nem turismo, é visitação. O público que vem aqui é um público família, é um público é, é...culto que já viajou pelo mundo inteiro. Então eles chegam aqui e falam: nossa, parece um pouco da Europa e quem não foi na Europa fala, não é Piracicaba. Então, eles vêm e agregam isso.

Ivan Correr

Em resumo, olhando para as festas e para o potencial cultural de Santa Olímpia, é difícil não vislumbrar um potencial turístico prestes a se expandir, seja com a construção de um setor hoteleiro, seja com maior incentivo às visitas.

Com relação à construção identitária, o turismo possibilita esse reforço e afirmação de muitos dos elementos discutidos, como os trajes, as danças, os cantos e a culinária, que são oferecidos aos visitantes como uma representação dessa identidade tirolesa no bairro.

Não se pode afirmar que haja consenso na abertura para o turismo. Isso não foi tratado nas entrevistas, mas possivelmente haveria uma manifestação contrária de alguns por vários motivos. Em primeiro lugar, a segurança do bairro, uma vez que a abertura traz consigo uma maior visibilidade e presença de pessoas de fora em Santa Olímpia. Além disso, a tranquilidade e o espírito de confiança (pois todos se conhecem), havendo um controle (mesmo que informal) de quem entra e sai do bairro, de quem chega e parte do bairro, que poderia ser quebrado.

Isso possivelmente dará margem a muita discussão nos próximos anos e será uma temática que emergirá como central para uma definição do novo perfil da comunidade.

Toda essa discussão acerca dos elementos constitutivos das festas compõe a presente pesquisa. Partindo do objetivo de compreender essa identidade tirolesa no bairro de Santa Olímpia, utilizei as festas como objeto de análise, uma vez que elas dizem muito do que é esse "ser tirolês" em Santa Olímpia, esse modo de vida, seus costumes, suas crenças e tradições.

Deste modo, apesar de estar longe de esgotar todas as possíveis análises das festas aqui escolhidas e das demais que ocorrem ao longo do ano no bairro, busquei desenhar o perfil desses moradores, em especial dos entrevistados, e sua relação com o modo de festejar em Santa Olímpia.

CONCLUSÃO

Ser tirolês em Santa Olímpia – "*Che ghèto"!*

Essa expressão retirada do léxico do próprio dialeto trentino é o resumo desse estudo. A expressão, que indica bagunça, baderna, confusão, é muito utilizada no vocabulário dos descendentes que ali vivem e pode expressar a conclusão do presente trabalho: a identidade tirolesa em Santa Olímpia é um verdadeiro "*ghèto*", uma confusão, uma grande mescla de elementos, não só trentinos.

Partindo da proposta inicial de analisar as festas e tradições do bairro de Santa Olímpia, busquei entender o papel destas na construção de uma identidade tirolesa. Algumas linhas de análise surgiram ao longo da pesquisa e levantaram novas hipóteses, que apresento como conclusões desta pesquisa.

Em primeiro lugar, a partir da perspectiva teórica adotada, dos documentos analisados e da narrativa dos entrevistados, tem-se que a imigração foi a incentivadora da formação de um país multicultural e, ao mesmo tempo, garantiu a vocação agrária do país, até hoje discutida nas esferas macroeconômicas. Não foi possível um estudo muito detalhado dos primeiros tiroleses que chegaram em Piracicaba, uma vez que a primeira geração está extinta no bairro e a segunda possui apenas dois representantes que não foram entrevistados. Porém, o estudo da memória dos descendentes de terceira e quarta gerações possibilitou, de certa maneira, ter acesso à experiência da primeira geração.

Dentre as principais motivações para a imigração, a questão econômica foi a que mais chamou a atenção no caso dos tiroleses de Santa Olímpia. A busca por melhores condições de vida e trabalho levou-os a aceitar o desafio de mudança para a nova terra, porém outros fatores também influenciaram nessa decisão: as condições do território de origem (pobreza e guerras) e de destino (política de incentivo ao estrangeiro e disponibilidade de vagas no campo); as redes de imigração (outros parentes e amigos que já haviam emigrado anteriormente), fatores subjetivos e de ordem familiar.

A chegada ao Brasil, no final do século XIX e a fixação no território de destino, em especial após a aquisição da Fazenda Santa Olímpia, garantiu aos imigrantes a formação de um bairro isolado, que manteve por um longo tempo algumas práticas trazidas de seu país de origem. Porém, com o passar das décadas e as significativas mudanças ocorridas na formação econômica e social do país, bem como o avanço dos meios de comunicação, transporte e

informação, a abertura da comunidade possibilitou uma mudança na cultura dos descendentes de tiroleses.

O que é então o “ser tirolês” que discuti ao longo do trabalho? Concluo que não há uma identidade tirolesa original, trazida pelos imigrantes e mantida ao longo do tempo, uma vez que esta foi sofrendo influências tanto do Brasil, quanto de outras nacionalidades, sendo que a cultura italiana é a principal a ser reivindicada e adotada pelos moradores de Santa Olímpia hoje, seja na busca pela dupla cidadania, nos cantos, nas danças, na culinária, nos trajes e, principalmente, no dialeto.

Essa identidade tirolesa que se quer "manter" em Santa Olímpia é fundamentalmente católica e mesclada com elementos italianos e brasileiros. Ela é cotidianamente lembrada pelos mais velhos e pela própria Igreja, seus grandes defensores.

Sobre as bases da memória coletiva que sustentariam essa identidade tirolesa, considero que todos os elementos presentes nas festas fazem parte dessa mescla identitária, que não é apenas tirolesa, e sim a brasileira, a italiana e outras em menor grau. Essa cultura, permeada por uma italianidade e uma religiosidade fortíssimas, é uma construção recente (suponho que das últimas três décadas), com finalidades específicas de autoafirmação, incentivo ao turismo e visando a coesão do grupo.

Essa reconstrução de uma identidade que se visualiza cotidianamente no bairro é uma questão potencial a ser aprofundada em trabalhos futuros, para melhor análise do caso.

As festas, por meio de seus mais diversos elementos, aqui analisados detalhadamente, são um dos elementos da cultura tirolesa que refletem essa construção e a principal forma de se perpetuar essa identidade idealizada e fortalecer as reivindicações de descendência e pertencimento a essa categoria cultura do “ser tirolês” em Santa Olímpia.

A hipótese levantada no projeto de pesquisa de que as festas são utilizadas pelos descendentes de tiroleses para se identificarem perante o outro na vida cotidiana, possibilitando um ambiente seguro para a autoafirmação tirolesa em Piracicaba, foi confirmada na medida em que se verificou que as falas dos entrevistados remetiam ao fato de que nelas era possível apresentar ao visitantes o que eles tinham de diferente e positivo, valorizando essa identidade construída. Isso vai de encontro à outra hipótese, que também se confirmou, de que as festas são planejadas e executadas a fim de conceder visibilidade e reconhecimento à população que compartilha a identidade tirolesa, reduzindo os estereótipos negativos e buscando uma maior afirmação frente ao outro, isto é, os “de fora”.

Dentro dessa questão, insere-se o papel das festas religiosas para a construção dessa

identidade, sendo que essa é uma das chaves para se entender esse o “ser tirolês” em Santa Olímpia. A religião e sua representante oficial, a Igreja Católica, possuem uma influência direta na vida das pessoas, no seu cotidiano, no modo de ser, incluindo seu modo de festejar. Assim, a influência da igreja permeia todas as esferas de vivência social do bairro, incluindo as decisões coletivas sobre o que pode ou não, o que deve ou não ser feito no que diz respeito às festas, tradições e outras necessidades.

Essa questão da influência da igreja e seu papel decisivo na vida do bairro pode se constituir como temática de pesquisa a ser aprofundada futuramente, uma vez que abre um imenso leque de possibilidades de discussão e análise sobre a questão identitária e religiosa.

Outras novas discussões surgiram ao longo do desenvolvimento dessa pesquisa, que indico também como possibilidades para um futuro trabalho acadêmico. O olhar para as novas gerações é algo que começou a ser verificado, porém sem condições de aprofundamento. Iniciei destacando a saída diária de parte dos indivíduos mais jovens do bairro (quarta e quinta gerações) com o objetivo de cursar uma universidade ou em busca de empregos. A hipótese estabelecida foi de que esse movimento pendular de saída durante o dia e retorno para a casa no período noturno é responsável por intensas trocas culturais com os “de fora” e por questionamentos por parte dos próprios descendentes de tiroleses sobre sua identidade. Pude verificar que esse contato com o ambiente externo, que agora se dá fortemente também pela internet, é um dos responsáveis pelas diferentes visões e embates entre as gerações, mas não o único deles. Há outros fatores, como o distanciamento da religião, que também favorece a mudança de perspectiva dos mais jovens, em relação aos mais velhos. Os conflitos com as gerações mais antigas, as diferentes visões sobre as festas, inclusive com uma pesquisa de campo que contemple aqueles jovens que não participam dos eventos no bairro e não reivindicam esse “ser tirolês”, constituem-se como uma temática de pesquisa instigante.

A festa da Cuccagna e a sua relação com o Carnaval é outra das questões que renderiam um novo trabalho de pesquisa específico. Esse estudo poderia aprofundar na verificação do momento específico em que as duas comemorações se misturaram e tornaram-se uma, bem como qual foi a motivação para esse fato e se as novas gerações têm relação com esse acontecimento. Além disso, o olhar crítico sobre como uma festa tão brasileira passou a ser reivindicada dentro dessa identidade tirolesa também é essencial.

Outra temática importante, que acabou sendo percebida aqui, porém sem detalhamentos, foi a mudança no perfil das festas. Estabeleço como hipótese, para um trabalho futuro, que há uma possível relação entre a abertura do bairro para visitantes, a

entrada de elementos externos e essa mudança a partir da comemoração do centenário do bairro, ocorrida em 1992, ou alguns anos antes disso, na década de 1980, quando foi comemorado o centenário da imigração. Essa hipótese pode justificar a idealização de comemorações cada vez mais chamadas de típicas pelos moradores. Todos esses fatores, dentro desta hipótese, acontecem sob a coordenação e tutela da Igreja Católica.

Dentre as instituições "legitimadas oficialmente" para falar em nome dos moradores e descendentes, encontram-se a Associação de Moradores, o Círcolo Trentino e a Igreja Católica. Estas três organizações, em conjunto, se encarregam de garantir a permanência dessa identidade que se quer manter/construir e de controlar sua eficácia e reconhecimento entre os moradores, seja pela coerção, pelo convencimento, ou mesmo pela imposição em alguns momentos.

Sem deixar de lado toda a trajetória do bairro na conquista de direitos sociais e políticos, seja localmente ou mesmo na questão da cidadania italiana, tão reivindicada pelos descendentes de tiroleses, posso afirmar que as entrevistas e a observação das festas forneceram um material muito rico, não explorado em toda sua extensão e potencialidade, pela falta de tempo desse mestrado. Esse material poderá ser utilizado em outros trabalhos e novos materiais poderão ser colhidos, em especial após a criação do museu do bairro, que pretende juntar documentos e registros históricos para pesquisa e estudos mais aprofundados.

Concluo afirmando que olhar para esse “ser tirolês” de Santa Olímpia é um desafio significativo. Antes, essa identidade caracteriza-se por uma colcha de retalhos cultural, que envolve elementos de várias origens, de momentos históricos diferentes, com objetivos diversos. Essa foi a maior dificuldade e também o que mais instigou ao longo da pesquisa, possibilitando um olhar crítico e, ao mesmo tempo, encantador desse objeto aqui visitado nessas páginas de reflexões e análises.

REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. **Distúrbios identitários em tempos de globalização**. Rio de Janeiro: Mana, 2001. v.7, n.2.

AMARAL, Rita de Cássia de M. P. **Festa à Brasileira:** significados do festejar, no país que "não é sério". 1998. Tese (Doutorado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

ARAÚJO, José Renato de Campos. **Imigração e Futebol:** o caso Palestra Itália. São Paulo: Sumaré/FAPESP, 2000. (Série Imigração).

BOLIVAR, Lamounier. Formação de um pensamento político autoritário na Primeira República. Uma interpretação. In: FAUSTO, Boris. **História Geral da Civilização Brasileira.** Bertrand Brasil, 2006. Vol. 9.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das letras, 1994. 3.ed.

BOYD, Monica. Family and Personal Networks in International Migration: Recent Developments and NewAgendas. In: **International Migration Review**, v.23, n.3, 1989, p.638-670.

CÁNDIDA-SMITH, Richard. História oral na historiografia: Autoria na História. In: MAGALHÃES, Valéria Barbosa; SANTHIAGO, Ricardo (orgs). **Memória e diálogo**: escutas da Zona Leste, visões sobre história oral. São Paulo: Letra e Voz / Fapesp, 2011. p.161-172.

_____. Curso "**Fontes Orais**: Arquivos e Interpretação". FFLCH: USP, agosto de 2011. Registro Próprio

CARDOSO, Ruth Correia Leite. Aventuras de Antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: _____ (org.) **A Aventura Antropológica**: Teoria e Pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p.95-105.

CASANOVA, Pablo González. **Colonialismo Interno: uma redefinição.** 2007. Disponível em: <bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/campus/marxispt/cap.%2019.doc> Acesso em

junho de 2011.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz & Terra, 1999. Prólogo: A Rede e o Ser.

CASTLES, Stephen. **Ethnicity and Globalization**: from migrant worker to transnational citizen. London: Sage Publications, 2000.

CEPAL, **Globalização e desenvolvimento**. Relatório da 29ª Sessão. Brasília, 2002. Disponível em: <http://www.eclac.org/cgi-bin/getProd.asp?xml=/publicaciones/xml/9/10029/P10029.xml&xsl=/tpl-p/p9f.xsl&base=/ddpe/tpl/top-bottomdirector.xslt>. Acesso em 20 jul 2011.

CORRER, Lino José. **Cromos:** uma história verdadeira. Ituiutaba: Gráfica Ituiutaba, 1999.

DAMATTA, Roberto. O Ofício de Etnólogo, ou como ter Anthropological Blues. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.) **A Aventura Sociológica**: Objetividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. P. 23-35.

_____. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma Sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.

DEBERT, Guita G. Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral. In: CARDOSO, Ruth Correia Leite (org.) **A Aventura Antropológica**: Teoria e Pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p.141-156.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DEL PRIORE, Mary Lucy. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: UNESP, 2005.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders:** sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FAUSTO, Boris. **Historiografia da imigração para São Paulo**. São Paulo: Sumaré / Fapesp, 1991.

FREITAS, Sonia Maria de. **História Oral**: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. 2.ed.

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 34.ed.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 11.ed.

KOTRE, John. **Luvas brancas**: como criamos a nós mesmos através da memória. São Paulo: Mandarim, 1997.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. História oral: propostas e perspectivas. In: MAGALHÃES, Valéria Barbosa; SANTHIAGO, Ricardo (orgs). **Memória e diálogo**: escutas da Zona Leste, visões sobre história oral. São Paulo: Letra e Voz / Fapesp, 2011. p.125-136.

LEME, Maria Luisa de Almeida. **Dio, che brut estudá...**: um estudo linguístico da comunidade tirolo-trentina da cidade de Piracicaba. Campinas: Unicamp, 2001.

LEOPOLDINO, Everton Altmayer. **Do que sou descendente? De tiroleses!** Pequena introdução sobre nossas origens trentinas. Associação de Moradores do Bairro Santa Olímpia. 2008. Disponível em: < http://www.santaolimpia.com.br/index.php?pagina=historia> Acesso em 17 de janeiro de 2011.

_____. **A fala dos tiroleses de Piracicaba:** um perfil linguístico dos bairros Santana e Santa Olímpia. Tese de Mestrado da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humana, da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.usp.br/gmhp/publ/LeoD.pdf>. Acesso em 20 jul. 2011.

MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. A monografia em lazer e turismo. In: LAGE, Beatriz H. G. (org.). **Lazer e turismo**: conceitos e reflexões. São Paulo: Plêiade, 2009. p.223-243.

_____. **O Brasil no Sul da Flórida**: subjetividade, identidade e memória. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

_____. Imigração em São Paulo e a memória das canções italianas. In: **Cadernos CERU.** 2012, vol. 23, n.2, p.127-140.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. In: **Revista Brasileira Ciências Sociais** [online]. 2002, vol.17, n.49, p. 11-29.

_____. **Festa no pedaço:** cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Hucitec/UNESP, 2003. 3.ed.

MALINOWSKI, Bronislaw. Introducción: objeto, método y finalidad de esta investigación. In: _____. **Los Argonautas del Pacífico Occidental**. Barcelona: Península, 1973. p.19-42.

MCCLEARY, Leland. História oral: Questões de língua e tecnologia. In: MAGALHÃES, Valéria Barbosa; SANTHIAGO, Ricardo (orgs). **Memória e diálogo**: escutas da Zona Leste, visões sobre história oral. São Paulo: Letra e Voz / Fapesp, 2011. p.93-123.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 2000.

MOTA, Kátia Santos. Aulas de português fora da escola: famílias imigrantes brasileiras, esforços de preservação da língua materna. **Cad. Cedes,** Campinas, vol.24, n.63, p.149-163, maio/ago 2004.

ORTIZ, Renato. Memória coletiva e sincretismo científico: as teorias raciais do séc. XIX. In: **Da raça à cultura**: mestiçagem e o nacional. Cultura Brasileira e Identidade Nacional. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. Estudos Culturais. In: **Tempo Social**, *São Paulo, v.16, n.1, jun 2004, p.119-*127. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702004000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 17 jun 2011.

PASSERINI, Luisa. **A memória entre a política e a emoção.** São Paulo: Letra e Voz, 2011.

_____. **IX Encontro Regional Sudeste de História Oral**: Diversidade e Diálogo. São Paulo: USP, agosto de 2011. Registro próprio.

PATAI, Daphne. Existe vida fora da história oral? In: MAGALHÃES, Valéria Barbosa; SANTHIAGO, Ricardo (orgs). **Memória e diálogo**: escutas da Zona Leste, visões sobre história oral. São Paulo: Letra e Voz / Fapesp, 2011. p.173-182.

PEIRANO, Mariza G.S. A. **favor da etnografia**. Brasília: UNB, 1992.

PEREZ, Lea Freitas. Antropologia das efervescências coletivas. In: PASSOS, Mauro (Org) **Festa na vida**: significado e imagens. Petrópolis: Vozes, 2002. p.15-58.

POMPA, Maria Cristina. **Memórias do Fim do Mundo:** o Movimento de Pau de Colher. Revista USP, v. 82, p. 68-87, 2009.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. In: **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP. São Paulo, nº15, 1997.

PORTES, Alejandro; ZHOU, Min. The New Second Generation: Segmented Assimilation and Its Variants. In: **Anais do Encontro da American Academy of Political and Social Science**, Vol. 530, nov. 1993, p. 74-96.

PORTES, Alejandro. Immigration Theory for a New Century: some problems and oportunities. In: **International Migration Review**, v. 31, n. 4, p. 799-825, 1997.

PORTES, Alejandro; HALLER, William e FERNANDEZ-KELLY, Patricia. Filhos de imigrantes nos Estados Unidos. In: **Tempo social**. 2008, vol.20, n.1, p. 13-50.

PRADO JR., Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. “Economia”, “Grande Lavoura” “Agricultura de Subsistência”. São Paulo: Brasiliense, 1994, 23.ed.

SALES, Teresa. **Brasileiros longe de casa**. São Paulo: Cortez, 1999.

SÁNCHEZ-ALBORNOZ, Nicolás. A população da América Latina. In: BETHELL, Leslie (org.). **História da América Latina, vol. IV:** de 1870 a 1930. São Paulo: Edusp: 2009.

SAYAD, Abdelmalek. A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade. São Paulo: Edusp, 1998.

SEYFERTH, Giralda. A assimilação dos imigrantes como questão nacional. In: **Maná**, Rio de Janeiro, v.3, n.1, Abr.1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131997000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 04 jun 2012.

TILLY, Charles. Transplanted Networks. In: Yans-McLaughlin, V. **Immigration reconsidered.** New York/Oxford: Oxford University Press, 1990.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMSON, Alistair. Histórias (co)movedoras: história oral e estudos de migração. In: **Revista Brasileira de História.** São Paulo, v.22, n.44, p. 341-364, 2002.

TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico:** um século de imigração italiana no Brasil. São Paulo: Nobel / Istituto Italiano di Cultura di San Paolo / Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1988.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina**: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. Tradução de Maria Lucia de Oliveira.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura y Sociedad.** 1780-1950. De Coleridge a Orwell. Buenos Aires: Nueva Visión, 2001.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p.7-72.

ZALUAR, Alba. Teoria e prática do trabalho de campo: alguns problemas. In: CARDOSO, Ruth Correia Leite (org.) **A Aventura Antropológica**: Teoria e Pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p.107-125.

WEBSITES CONSULTADOS

Associazione Trentini nel Mondo <http://www.trentininelmondo.it/> Acesso em 13 de junho de 2013.

Blog da Escola Estadual Dr. Samuel de Castro Neves. Disponível em: < http://samuelcastroneves.blogspot.com.br/> Último acesso em: 14 jul 2013.

Câmara dos Deputados da República Federativa do Brasil. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br> Acesso em 13 de junho de 2013.

Google maps. Disponível em <https://maps.google.com.br/maps?q=cortesano+trento&ie=UTF-8&hq=&hnear=0x478270a631bb7133:0xa070989ae9c2680,Cortesano+TN,+Rep%C3%BAblica+Italiana&gl=br&ei=BTc-UrL5B4S88ATfhoGQDQ&ved=0CHUQtgMwCg>. Acesso em 21 set 2013.

IBGE, 2010. Sinopse do Censo 2010 por setores. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopseporsetores/>. Último acesso em 16 nov 2012.

Idesp, 2012. Disponível em: <http://idesp.edunet.sp.gov.br/boletim_escola.asp?ano=2012>.

Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba. Disponível em: <http://www.ihgp.org.br/novo/historia-de-piracicaba/> Último acesso em 09 jul 2013.

Secretaria Municipal de Ação Cultural, disponível em: <http://semac.piracicaba.sp.gov.br/website/?page_id=202> Último acesso em 15 jun 2013.

Site “Itália Sempre”, de músicas italianas. Disponível em: <http://italiasempre.com/>. Acesso em 22 ago 2013.

Vaticano. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf>. Acesso em 23 set. 2013.

Rota tirolesa. Disponível em: <http://www.rotatirolesa.com.br/>, Acesso em 27 ago 2013.

APÊNDICE 1: Carta de Cessão de Entrevista.

Piracicaba, _____ de _____ de _____.

CARTA DE CESSÃO

Eu, _____,
autorizo que minha entrevista gravada em / / seja arquivada na Escola de Artes, Ciências e Humanidades, da USP (Universidade de São Paulo), e que uma cópia da mesma fique sob os cuidados de André Bortolazzo Correr, em formato gravado e escrito.
Autorizo também que minha entrevista seja utilizada para fins de publicação, por André Bortolazzo Correr.
Esta autorização exime meus descendentes dos direitos sobre a entrevista.

_____

Nome Completo:

RG:

APÊNDICE 2: Tabelas com Dados dos Entrevistados

	Nome usual / Apelido	Nome Completo	Sobrenome paterno	Idade na entrevista	Data de Nascimento	Imigrantes mais próximos	Parentensco com os patriarcas Jacob e Rosa	Geração	Data da Entrevista
1	Elsa	Elsa Pompermayer Stênico	Pompermayer	48	21/06/1964	Bisavós paternos: Victorio Correr e Rosa Christofoletti. / Bisavós Maternos - Simão Stênico e Maria Correr Stênico	Trineta	4ª	11/03/2013
2	Dide	David Forti	Forti	83	01/03/1930	Avós Paternos - José Forti e Maria Stênico	Bisneto	3ª	16/03/2013
3	Cecília	Maria Cecília Stênico Correr	Stênico	73	22/11/1939	Avós Paternos - Maria Correr Stênico e Simão Stênico	Bisneta	3ª	27/02/2013
4	Ivanete	Ivanete Degasperi	Degasperi	47	10/04/1965	Bisavós - Dionísio Degaspari e Magdalena Correr	Trineta	4ª	28/02/2013
5	Ivan	Ivan Correr	Correr	32	05/02/1980	Bisavós - Luiz Correr e Amália Christofoletti. Trisavós - José Christofoletti e Ana Correr.	Trineto	4ª	01/04/2012
6	Estevan	José Estevan Forti	Forti	63	04/03/1949	Bisavós - José Forti e Maria Stênico (A 1ª esposa faleceu no navio e ele casou novamente com a irmã do Simão Stênico)	Trineto	4ª	31/03/2012
7	Geraldo	Geraldo Stênico	Correr-Stênico	77	19/11/1934	Avós - Maria Correr Stênico e Simão Stênico	Bisneto	3ª	31/03/2012
8	Estephânia	Estephânia Stênico Pompermayer	Correr-Stênico	87	05/08/1925	Avós - Simão Stênico e Maria Correr Stênico	Bisneta	3ª	03/03/2013
9	Chico	Francisco Pompermayer	Pompermayer	91	05/07/1921	Avô paterno: Bepe Pompermayer. Avós maternos: Victorio Correr e Rosa Christofoletti.	Bisneto	3ª	03/03/2013
10	Olésia	Olésia Pompermayer	Pompermayer	45	29/01/1967	Bisavós paternos: Victorio Correr e Rosa Christofoletti. / Bisavós Maternos - Simão Stênico e Maria Correr Stênico	Trineta	4ª	03/03/2013
11	Cob	Jacob Degaspari	Correr-Degaspari	90	07/07/1921	Avós Paternos: Dionísio Degasperi e Magdalena Correr. / Avós maternos: Virgilio Stênico e Luiza Correr	Bisneto	3ª	30/04/2012
12	Mentina	Clementina Christofoletti Degaspari	Correr-Christofoletti	81	16/12/1930	Avós paternos: José Christofoletti e Ana Correr. Avós maternos: José Forti e Maria Stênico	Bisneta	3ª	30/04/2012
13	Leo	Leonardo Degasperi	Degasperi	21	04/02/1991	Trisavós Paternos: Dionísio Degasperi e Magdalena Correr. José Christofoletti e Ana Correr.	Tetraneto	5ª	07/01/2013
14	Padre Daniel	Daniel Stênico	Stênico	74	20/06/1938	Avós paternos	Bisneto	3ª	16/03/2013
15	Dua	Eduardo Forti	Forti	71	23/07/1941	Bisavós paternos: José Forti e Maria Stênico. Bisavós maternos: Victorio Correr e Rosa Christofoletti	Trineto	4ª	09/03/2013
16	Diva	José Edivaldo Stênico	Stênico	54	27/02/1958	Bisavós - Simão Stênico e Maria Correr Stênico	Trineto	4ª	27/02/2013

	Nome usual / Apelido	Local da Entrevista em Santa Olímpia	Quem indicou o entrevistado	Quem o entrevistado indicou	Estado civil	Cônjuge	Filhos	Local de residência	Morou fora de Santa Olímpia? Quando?	Formação
1	Elsa	Casa da entrevistada	Leonardo	Olésia	Casada	Sidnei Clovis Stênico	Três, todos moram em Santa Olímpia	Santa Olímpia	Nunca	Superior completo - Licenciatura em Matemática
2	Dide	Em frente ao bar do entrevistado	Eduardo	-	Casado	Não é descendente de tirolês	Oito, todos moram em Santa Olímpia	Santa Olímpia	Na adolescência, mas depois voltou e nunca mais saiu	3ª série do fundamental - antigo primário
3	Cecília	Sala de catequese - ao lado da igreja	Contato inicial da rede	Estevan Geraldo Padre Daniel	Casada	Orlando Correr	Oito, cinco moram em Santa Olímpia	Santa Olímpia	Nunca	Antigo primário
4	Ivanete	Sala de catequese - ao lado da igreja	Leonardo	-	Solteira	-	Nenhum	Santa Olímpia	Na juventude, para estudar	Superior Completo - Serviço Social
5	Ivan	Igreja Imaculada Conceição Santa Olímpia	Estevan	Jacob Clementina	Casado	Não é descendente de tirolês	Nenhum	Piracicaba - centro	Atualmente, para trabalhar, mas volta todo final de semana e fica no bairro.	Superior Completo - Engenharia
6	Estevan	Sala de catequese - ao lado da igreja	Cecília	Eduardo Ivan	Casado	Claudete Christofoletti	Três, todos moram em Santa Olímpia	Santa Olímpia	Só quando foi para o seminário	Superior completo
7	Geraldo	Sala de catequese - ao lado da igreja	Cecília	Leonardo	Casado	É descendente, não tenho o nome	Oito, todos moram em Santa Olímpia	Santa Olímpia	Só quando foi para o seminário	4ª série do fundamental - antigo primário
8	Estephânia	Casa da entrevistada	Elsa	-	Casada	Francisco Pompermayer	Treze, alguns moram na cidade	Santa Olímpia	Nunca	4ª série do fundamental - antigo primário
9	Chico	Casa do entrevistado	Elsa	-	Casado	Estephânia Stênico Pompermayer	Treze, alguns moram na cidade	Santa Olímpia	Nunca	4ª série do fundamental - antigo primário
10	Olésia	Casa da entrevistada que mora com os pais	Elsa	-	Solteira	-	Nenhum	Santa Olímpia	Na juventude, para estudar	Superior completo - Licenciatura em História
11	Cob	Casa do entrevistado	Ivan	-	Casado	Clementina Christofoletti Degaspari	Treze, sete vivos.	Santa Olímpia	Só quando foi para o seminário	Ensino Fundamental completo - Até o 4º ano no bairro e depois o Ginásio no seminário
12	Mentina	Casa da entrevistada	Ivan	-	Casada	Jacob Degaspari	Treze, sete vivos.	Santa Olímpia	Durante a adolescência quando o pai se mudou para outro sítio, mas depois retornou casada.	4ª série do fundamental - antigo primário
13	Leo	Casa do avô Jacob	Geraldo	Elsa Ivanete Edivaldo	Solteiro	-	Nenhum	Santa Olímpia	Nunca	Superior incompleto - cursando Biologia
14	Padre Daniel	Casa Paroquial - ao lado da praça	Cecília	-	Solteiro	-	Nenhum	Santa Olímpia	De 1948 a 1994	Superior completo - Filosofia e Teologia
15	Dua	Casa sede dos corais de Santa Olímpia	Estevan	David	Casado	Inês Stênico	Sete, apenas um não mora em Santa Olímpia	Santa Olímpia	Nunca	3ª série do fundamental - antigo primário
16	Diva	Sala de catequese - ao lado da igreja	Leonardo	-	Casado	É descendente, não tenho o nome	Três, todos moram em Santa Olímpia	Santa Olímpia	Nunca	Sem informação

	Nome usual / Apelido	Profissão	Função dentro do bairro	Ocupação nas festas	Dialeto - entende	Dialeto - sabe falar	Dialeto - usa dentro de casa	Dialeto - usa fora de casa	Dialeto - estuda
1	Elsa	Funcionária de escola municipal -	Foi presidente da Associação de Moradores. Atualmente é presidente do Círcolo Trentino.	Organização	Sim	Sim	Não	Não	Não
2	Dide	Dono de bar no bairro, aposentado, trabalhou na roça, plantando cana, eucalipto, trabalhou em olaria	Aposentado	Aposentado	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
3	Cecília	Dona de casa, dona de uma loja de materias para construção no bairro	Atua em vários grupos dentro da igreja e na organização das festas.	Barraca das lembranças, buscar patrocínios	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
4	Ivanete	Assistente Social no município de Charqueada	Canta no coral, já foi da presidência da Associação de Moradores	Atualmente está desligada dos trabalhos	Sim	Sim	Não	Não	Não
5	Ivan	Professor, Engenheiro e dono de um café no bairro	Foi presidente do Círcolo Trentino e faz parte da Diretoria atual novamente, participa do grupo de danças adulto. Possui um café no bairro	Organização e dança	Sim	Sim	Não	Não	Sim
6	Estevan	Sem informação	Canta no coral	Coral	Sim	Sim	Não	Não	Não
7	Geraldo	Trabalhador rural	Aposentado	Aposentado	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
8	Estephânia	Dona de casa	Aposentada	Aposentada	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
9	Chico	Trabalhador rural	Aposentado	Aposentado	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
10	Olésia	Professora na escola do bairro	Faz parte da Diretoria do Círcolo Trentino	Organizar e cuidar do museu	Sim	Sim	Não	Não	Não
11	Cob	Trabalhador rural e pedreiro	Aposentado	Aposentado	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
12	Mentina	Dona de casa	Aposentada	Aposentada	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
13	Leo	Estudante	Professor de dialeto trentino, membro da Diretoria do Círcolo trentino e do grupo de danças	Organização e dança	Sim	Sim	Não	Não	Sim
14	Padre Daniel	Padre	Pároco	Celebrações religiosas e organização	Sim	Sim	Não	Não	Não
15	Dua	Pedreiro	Ex Presidente da Igreja, membro do Coral Stella Alpina e do Coro Càneva	Coral	Sim	Sim	Não	Não	Não
16	Diva	Funcionário da Viação Stênico - área administrativa	Responsável pelo Grupo de Danças adulto	Dança e cozinha	Sim	Sim	Não	Sim	Não